

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

O CIBERACONTECIMENTO BREAKING NEWS
Uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes

MORENO CRUZ OSÓRIO

São Leopoldo, 2018

Moreno Cruz Osório

O CIBERACONTECIMENTO BREAKING NEWS

Uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

São Leopoldo, 2018

CIP – Catalogação na Publicação

O83c

Osório, Moreno Cruz.

O ciberacontecimento breaking news: uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes / Moreno Cruz Osório. – 2018.

215 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2018.

“Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn.”

1. Jornalismo. 2. Jornalismo eletrônico. 3. Breaking News.
I. Título.

CDU 070:004.738.5

Moreno Cruz Osório

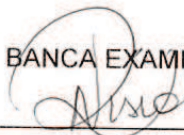
O CIBERACONTECIMENTO BREAKING NEWS

Uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

APROVADO EM 25 DE ABRIL DE 2018.

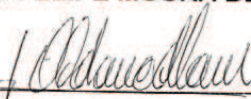
BANCA EXAMINADORA



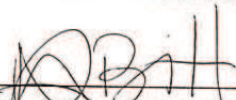
PROFA. DRA. NÍSIA MARTINS DO ROSARIO – UFRGS



PROF. DR. FELIPE MOURA DE OLIVEIRA – UEPG



PROF. DR. ALBERTO EFENDY MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE - UNISINOS



PROF A. DRA. MARIA CLARA JOBST DE AQUINO BITTENCOURT - UNISINOS



PROF. DR. RONALDO CÉSAR HENN – UNISINOS

À Marcela.

AGRADECIMENTOS

À Marcela Donini, companheira de vida, de luta, de amor. Mulher que mais admiro, mãe do Santiago, jornalista que mais respeito, parceira de angústias e sonhos.

Ao Santiago, que chegou no último ano desta jornada para transformar minha vida.

À Bernardete, minha mãe, mulher forte de uma família de mulheres fortes; avó amorosa e atenta, mãe sempre presente: parceira, confidente, meu porto seguro.

Ao Pedro Luiz, meu pai, referência para o jornalismo e para a vida; professor dedicado, avô ideal: inspiração para a minha trajetória profissional e acadêmica.

Ao Zeca, o melhor churrasqueiro do mundo.

À Bitá, por levar adiante a receita de torta de bolacha dos Silveira Osório.

À Nadia e ao Edimilson, sogros-pais sempre carinhosos e disponíveis, super avós que seguraram as pontas (e seguem segurando!) durante a (longa) reta final da tese.

Aos cunhas Lari e Leonel, pela parceria e cumplicidade; tios amorosos, sempre de alto astral, pessoas que quero sempre ter por perto.

Ao Fernando, pelas partidas de Fifa durante as pausas em um verão de muito trabalho.

À Ana Lúcia, pela revisão atenta e generosa desta tese.

Aos professores do PPG em Comunicação da Unisinos, especialmente ao Ronaldo Henn, meu orientador. E à CAPES e ao CNPq, pelos auxílios que viabilizaram esta pesquisa.

To the Media Studies Department of University of Groningen, especially to the professor Tamara Witschge for the supervision and for the kindness to me and my family.

“Acredito que poder ser, ao mesmo tempo, confiante e cético, em relação à sua experiência, é a marca do trabalhador maduro.”

C. Wright Mills

RESUMO

Esta tese dedica-se a elaborar o cibercontecimento *breaking news*, uma formulação teórico-metodológica para compreender o *breaking news* no jornalismo contemporâneo realizado em redes digitais. À expressão *breaking news* é atribuída uma intensificação da relação entre as categorias substantivas dos valores-notícia oriunda dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos e as rotinas jornalísticas como procedimento chave para a realização do trabalho jornalístico. Considerando a capacidade de impor o determinismo jornalístico aos fenômenos como uma das características que mais distingue o fazer profissional, parte do pressuposto que, atualmente, tal habilidade possui contornos intrincados. Pois sua prática é suscetível a influências de um ecossistema midiático complexo, em rede, descentralizado, acelerado, fluído, e marcado pela multiplicação do número de atores capazes de construir a realidade. Partindo do cibercontecimento, o conceito proposto de cibercontecimento *breaking news* constrói teoricamente esta intensificação, oferecendo possibilidades de abordá-la empiricamente. Esta construção é realizada por meio de dois movimentos. O primeiro desenvolve a proposta teórico-metodológica. Busca interfaces com a Teoria Ator-Rede (TAR), com o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari, com o método da cartografia e a com prática da curadoria de conteúdo. Objetiva arquitetar a anatomia e a dinâmica do processo evenemencial de um acontecimento extraordinário ao se desenvolver em rede. O segundo movimento busca, na teoria do jornalismo recente, subsídios para sustentar o cibercontecimento *breaking news*. Para isso, são analisados 75 artigos publicados em um período de dez anos (2007-2016) nos periódicos *Journalism*, *Journalism Practice* e *Digital Journalism*. Esta análise traça uma evolução da expressão “*breaking news*” na contemporaneidade observando as discussões realizadas em sua órbita. Elas nutrem e contextualizam as características do cibercontecimento *breaking news* desenvolvidas no primeiro movimento. A abordagem do *breaking news* desenvolvida nesta tese sugere um processo de dispersão e de reconcentração das práticas jornalísticas, em um movimento cuja tendência é a ampliação das fronteiras do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Cibercontecimento Breaking News. Breaking News. Jornalismo de Crise. Rotinas jornalísticas.

ABSTRACT

This doctoral thesis develops the cyberevent breaking news, a theoretical-methodological proposal that aims to understand the breaking news in contemporary Journalism performed in digital networks. The expression breaking news here is understood as an intensification of the relationship between the substantive categories of the news values originated from the events' levels of extraordinariness and the journalistic routine as a key procedure for performing the journalistic work. Knowing that the capacity to impose journalistic determinism to phenomena is one of the characteristics that distinguishes professional journalistic work, it is based on the assumption that, nowadays, this ability has intricate boundaries, since it is known that its practice is open to influences of a complex, networked, decentralized, accelerated, fluid media ecosystem that is characterized by the multiplication of the number of actors able to build the social reality. Taking the concept of cyberevent as starting point, the cyberevent breaking news builds the mentioned intensification theoretically, offering possibilities to approach it empirically. This construction is splited in two movements. The first one develops the theoretical-methodological proposal itself. It does this by creating interfaces with the Actor-Network Theory (ANT), with the Deleuze and Guattari's concept of rhizome, with the cartography method and with content curation practice. The goal is to architect the anatomy and dynamics of the evenemential process of an extraordinary event when it happens in a network. The second one quests subsidies to sustain the cyberevent breaking news in the recent journalism theory. For this, 75 articles published over a period of ten years (2007-2016) in the journals *Journalism*, *Journalism Practice* and *Digital Journalism* are analyzed. This analysis traces an evolution of the expression "breaking news" in the contemporaneity observing the discussions that appears in its orbit. Such discussions feed and contextualize the characteristics of the cyberevent breaking news developed in the first effort. The understanding of the breaking news developed in this thesis suggests a process of dispersion and reconcentration of journalistic practices, in a movement that indicates the expansion of the journalism boundaries.

KEYWORDS: Journalism. Cyberevent Breaking News. Breaking News. Crisis Journalism. Journalistic Routines.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ocorrências da expressão “breaking news” nos artigos	121
Quadro 2 – Ocorrências da expressão “breaking news” nas categorias	121
Quadro 3 – Artigos analisados de 2007 a 2009	128
Quadro 4 – Artigos analisados de 2010 a 2012	131
Quadro 5 – Artigos analisados de 2013 a 2014	137
Quadro 6 – Artigos analisados de 2015 a 2016	145

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ARQUITETURA DO <i>BREAKING NEWS</i>.....	23
2.1 <i>BREAKING NEWS</i> , UM ACONTECIMENTO EXTRAORDINÁRIO	23
2.2 O JORNALISMO E O CONTROLE DOS ACONTECIMENTOS	25
2.3 A LIMITAÇÃO DAS ROTINAS.....	28
2.4 O EXTRAORDINÁRIO ENCONTRA O IMPONDERÁVEL.....	30
2.5 <i>BREAKING NEWS</i> : DA TECNOLOGIA AO CIBERACONTECIMENTO.....	32
3 ANATOMIA DO CIBERACONTECIMENTO <i>BREAKING NEWS</i>.....	35
3.1 PENSANDO A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE.....	36
3.1.1 Ciberacontecimento <i>breaking news</i> como uma rede heterogênea	38
3.1.2 A influência do princípio da simetria	39
3.1.3 Abrindo e fechando a caixa-preta do jornalismo	42
3.2 DINÂMICA DO PROCESSO EVENEMENCIAL	46
3.2.1 Ciberacontecimento <i>breaking news</i> como rizoma	48
3.2.2 O pulsar do rizoma ciberacontecimento <i>breaking news</i>	52
3.2.2.1 Movimento 1: partículas de intensidade.....	52
3.2.2.2 Movimento 2: a formação da rede	53
3.2.2.3 Movimento 3: inteligibilidade e cristalização	55
3.2.2.4 Breve reflexão sobre os movimentos	56
4 CARTOGRAFANDO O CIBERACONTECIMENTO <i>BREAKING NEWS</i>.....	57
4.1 O AGIR CARTOGRÁFICO.....	60
4.1.1 Um lugar para a dimensão pré-individual.....	60
4.1.2 Olhar vibrátil e atenção flutuante.....	62
4.1.3 Em busca do comum	64
4.2 <i>GATEWATCHING</i> : O JORNALISMO EM MEIO AO CIBERACONTECIMENTO	65
4.2.1 Origens da transformação dos fluxos informacionais.....	65
4.2.2 <i>Gatewatching</i>: paradigma do fluxo informacional.....	68
4.3 CURADORIA: PARADIGMA DA ATUAÇÃO JORNALÍSTICA.....	76
4.3.1 Origem: cuidar, apontar caminhos e extrair sentidos.....	77

4.3.2 Agir cartográfico: da contaminação bilateral à simbiose.....	79
4.3.3 Possibilidades de automação na curadoria de <i>breaking news</i>	84
5 JORNALISMO ALÉM DO JORNALISMO.....	87
5.1 A PROPOSTA DO <i>BEYOND JOURNALISM</i>	88
5.2 “EXPLODINDO” A REDAÇÃO	95
5.3 UMA ABORDAGEM EM CAMADAS	99
5.3.1 Sistemas sociais.....	100
5.3.2 Instituições sociais.....	102
5.3.3 O nível das organizações.....	104
5.3.4 As rotinas jornalísticas	106
5.3.5 Os indivíduos jornalistas	108
5.4 JORNALISMO, UM SISTEMA SOCIAL AUTO-ORGANIZADO	109
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	112
6.1 BUSCA PELA EXPRESSÃO “ <i>BREAKING NEWS</i> ”	114
6.2 ANÁLISES PRELIMINARES	115
6.3 ANÁLISE COM O SOFTWARE MAXQDA12	116
6.4 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS	117
7 PESQUISA EMPÍRICA	119
7.1 A EXPRESSÃO “ <i>BREAKING NEWS</i> ” EM NÚMEROS.....	119
7.2 A EVOLUÇÃO DO <i>BREAKING NEWS</i> DE 2007 a 2016	122
7.2.1 Sistematização do período 2007-2009	123
7.2.2 Sistematização do período 2010-2012	129
7.2.3 Sistematização do período 2013-2014	132
7.2.4 Sistematização do período 2015-2016	138
7.3 ANÁLISE DOS SEGMENTOS.....	147
7.3.1 Linha 1, a arquitetura.....	148
7.3.2 Linha 2, a pulsação	157
7.3.3 Linha 3, a cartografia.....	167
7.3.4 Linha 4, a expansão	175
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
8.1 DAS LIMITAÇÕES.....	186

8.2 DAS CONTRIBUIÇÕES	190
8.3 PROJEÇÕES PARA O JORNALISMO.....	193
REFERÊNCIAS.....	196

1 INTRODUÇÃO

Nesta tese procuro pensar, sob o ponto de vista teórico-metodológico, a intensificação da relação entre dois conceitos cruciais para entender o jornalismo e a profissão de jornalista historicamente: as categorias substantivas dos valores-notícia (PENA, 2017; WOLF, 2006) oriunda nos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos e a rotina como procedimento chave para a realização do trabalho jornalístico (TRAQUINA, 2012; TUCHMAN, 1978).

Parto de um entendimento arraigado no imaginário da prática do jornalismo a respeito da relação diretamente proporcional entre o nível de extraordinariedade de um acontecimento e o desafio de o jornalismo abordar este mesmo acontecimento e transformá-lo em notícia. Quer dizer, quanto mais um acontecimento se destaca pela saliência de suas características substantivas, mais desafiador será às rotinas produtivas para enquadrá-lo. Sabendo-se que essas rotinas são baseadas na antecipação de realidades possíveis e prováveis, o desafio se impõe pela propriedade que um acontecimento possui de atualizar significados sociais pré-existentes, configurando, assim, o seu nível de excepcionalidade (ALSINA, 2009, p. 153).

Da fricção entre a extraordinariedade do fenômeno e a rotina que o torna inteligível, integrando-o em um sistema de pensamento (CHARAUDEAU, 2007, p. 95), resulta uma habilidade distinta da profissão de jornalista: a capacidade de reconstruir os acontecimentos do mundo de maneira constante e periódica por meio da imposição do determinismo jornalístico a esses acontecimentos (ALSINA, 2009, p. 135). Na contemporaneidade, no entanto, esta habilidade ganha contornos intrincados, pois é sabido que sua prática está suscetível a influências de um ecossistema midiático complexo, em rede, descentralizado, acelerado, fluído. Daí o caráter intenso da relação que está na origem dessa fricção.

A meu ver esta intensificação se cristaliza, atualmente, em uma expressão cujo uso vem crescendo na prática e, como procuro demonstrar, na teoria do jornalismo: “*breaking news*”. *Breaking news* pode ser definido como um acontecimento narrativo onde os três operadores da sua construção midiática – atualidade, socialidade e imprevisibilidade – (CHARAUDEAU, 2007, p. 101) aparecem, ao menos em tese, plenos e totais.

A opção pela expressão em inglês não é apreço por estrangeirismos. Ela se impõe, aqui, por dois motivos. Primeiro, pelo tipo de pesquisa realizada, cuja a atenção está voltada para um jornalismo que atua de maneira global – o que torna caminho natural o uso de um termo em inglês. Isto ficará claro adiante, quando a proposta do trabalho ficar melhor

delineada. Segundo, o significado que a expressão “*breaking news*” carrega não encontra, julgo, correspondente adequado no vocabulário jornalístico em língua portuguesa.

No dicionário *Oxford*, “*breaking news*” significa “notícias que estão chegando de eventos que recém aconteceram” (“*news that is arriving about events that have just happened*”). A expressão “*break of news*”, por sua vez, aponta para a seguinte explicação: “se uma notícia emerge, ela se torna conhecida” (“*if a piece of news break, it becomes know*”). Ambas as expressões não possibilitam a tradução direta. Primeiro e principalmente porque a tradução literal do verbo “*break*” não é viável. A “quebra de uma notícia” não faz sentido em português. Talvez a “quebra do noticiário”, mas o estranhamento permanece mesmo assim. Por outro lado, optar por uma adaptação de maneira a preservar o sentido da expressão significaria adotar “últimas notícias”, “notícia urgente”, “plantão de notícias”, “notícias de última hora”. Trata-se de locuções comuns no linguajar jornalístico em português, mas que não dão conta, creio, da citada intensificação da relação entre extraordinariedade do fenômeno e as rotinas jornalísticas que atuam no ecossistema midiático contemporâneo. Algo que está intimamente ligado a uma ideia de jornalismo global e em rede (HEINRICH, 2011).

Um dos efeitos colaterais do crescimento¹ do uso da expressão “*breaking news*” é uma tendência a esvaziá-la de sentido. Da ideia de reação jornalística a um evento capaz de desafiar o que já é conhecido, portanto, rotinizável, às vezes sobra apenas o rótulo.

Tomemos como exemplo uma experiência² realizada pelo repórter Phillip Bump, do *The Washington Post*. Durante 30 dias entre abril e maio de 2017, Bump registrou a quantidade de alertas *push*³ enviados por 12 aplicativos para dispositivos móveis (*apps*) de veículos de notícias norte-americanos. Os alertas *push* são um recurso valioso para avisar o público a respeito de uma notícia importante, como um *breaking news*. A cada notificação, ele observava se o alerta foi considerado *breaking news* pela organização que o publicou.

O resultado: em média, foram enviadas 44 notificações por dia – a maioria delas tagueadas como *breaking news*⁴. Ou seja, o indivíduo que por ventura tivesse acompanhado esses 12 veículos e tenha permitido aos respectivos aplicativos o envio de alertas *push*, teria

¹ De maneira geral, o interesse pelo termo também vem aumentando de meados dos anos 2000 para cá. Ainda que com limitações, esse interesse pode ser observado a partir de uma pesquisa na ferramenta Google Trends (<http://trends.google.com.br>) pelo termo “*breaking news*”. De 2007 a 2016, houve um considerável e gradativo aumento de interesse, por parte dos usuários do Google, por esta expressão. O gráfico deste crescimento pode ser visualizado no seguinte endereço: <https://g.co/trends/SN8rj>. Acesso em: 27 mar. 2018.

² Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/politics/wp/2017/05/18/a-month-of-breaking-news-alerts-visualized>. Acesso: 28 mar. 2018.

³ Alertas *push* (*push alerts*) são uma funcionalidade que permite aos aplicativos instalados em um *smartphone* enviar informações curtas para tela do aparelho do usuário.

⁴ Bump não determina o número exato de notificações classificadas como *breaking news*.

sido interrompido 44 vezes por uma notícia relevante, potencialmente um *breaking news*, durante um único dia. Isso em média, vale ressaltar. O dia com mais notificações teve 74 alertas. O veículo com mais notificações, o *USA Today*, enviou 263 alertas nos 30 dias, enquanto o veículo com menos notificações, o *Politico*, enviou 55 alertas.

Uma das considerações que Bump faz a respeito dos resultados é que as notificações se espalham entre os dias marcados por notícias consideradas relevantes e dias mais calmos. Isso aponta para uma falta de critérios em relação à designação do que é *breaking news*. “Os alertas *push* são um fenômeno relativamente novo para as organizações de mídia, e o fascínio de utilizá-los para chamar a atenção do leitor pode ser difícil de resistir” (BUMP, 2017). A questão é que “tal novidade, no entanto, faz com que seja difícil de determinar se a enxurrada de alertas indica momentos de uma notícia excepcional, ou não” (BUMP, 2017).

Quase três anos antes, em 12 de junho de 2014, o site *Breaking News*⁵, cuja especialidade era coberturas dessa natureza, publicou em seu canal no *YouTube* uma peça publicitária⁶ em que o alerta *push* de *breaking news* é personificado por um homem com estilo de âncora de telejornal. Tal como as notificações de um dispositivo móvel, o âncora interrompe diversas vezes as atividades diárias de uma mulher para noticiar *breaking news*. No caso, as últimas informações a respeito da vida do cantor Justin Bieber. Como resposta, ela grita, incomodada: “isto não é *breaking news*!” (“*that's not breaking news!*”).

Embora a observação de Bump tenha um caráter experimental e ilustrativo, portanto sem rigor científico, ela demonstra um potencial indicativo importante. Indica, por exemplo, que a expansão do *breaking news*, ou seja, seu uso em demasia, sugere certa banalização de um termo cujo significado imediato é determinado pela exceção, pela excepcionalidade, e não pela regra, pela rotina. Indica também certa influência da tecnologia por trás dos alertas *push* sobre essa banalização. Bump cita o fascínio que leva os veículos a utilizarem um recurso que poderia fortalecer a relação do *breaking news* com a excepcionalidade, mas que acaba por contribuir para o esvaziamento do termo. É exatamente para este vazio que o comercial do site *Breaking News* quer chamar a atenção (no caso, para reafirmar que o seu produto, ou seja, os seus alertas de *breaking news*, não são vazios).

⁵ O site *Breaking News* encerrou as atividades em 31 de dezembro de 2016. O endereço <http://breakingnews.com> não está mais no ar, mas o perfil do Twitter do site ainda está ativo: <http://www.twitter.com/breakingnews>. No fim de março de 2018, o perfil no Twitter voltou a ser alimentado pela *NBC*, rede norte-americana que detém o controle da conta. Até o momento do fechamento desta tese, não havia ficado claro se houve uma mudança editorial nessa retomada. De qualquer maneira, o *Breaking News* voltará a ser abordado ao longo do trabalho devido à sua importância para o tipo de prática jornalística que interessa a esta tese.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7qwt-QC6Axs>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Cabe ressaltar novamente que o experimento do repórter do *The Washington Post* e o comercial do *Breaking News* são ilustrações. Mostram parte da citada complexidade que caracteriza o ecossistema midiático atual, onde o número elevado de *breaking news* não parece condizer com a excepcionalidade do tipo de acontecimento ao qual a expressão é, em geral, naturalmente associada. Bump, ao sugerir a banalização da expressão “*breaking news*”, e o site *Breaking News*, ao brincar com essa banalização, revelam a ponta do iceberg. Porque, para ser banalizado, este termo precisa antes carregar sentido e significado. Precisa dizer algo sobre o jornalismo contemporâneo (especialmente a respeito da relação entre acontecimentos extraordinários e as rotinas capazes de enquadrá-lo) a ponto de ter o seu sentido esvaziado e o seu significado transformado. O esforço empreendido por esta tese está localizado em uma instância anterior, portanto, à sugerida banalização da expressão “*breaking news*”.

Outro exemplo pode ajudar a deixar mais claro o ponto de partida desta tese. Em 2011, logo após a captura e morte de Osama bin Laden, em um episódio cuja cobertura global foi marcada pelos *tweets* de Sohaib Athar, Emily Bell (2011) escreveu um artigo⁷ defendendo que, para falar “às novas audiências conectadas em rede”, as organizações jornalísticas precisariam estar ao vivo o tempo todo, de modo a não perder um *breaking news*.

Novas audiências avaliam qualidade por meio do imediatismo e da relevância. Se você falha ao *publicar uma notícia quando ela emerge*, você perde uma oportunidade. Se você não tem um observador sensível para compartilhar *reflexões imediatas* a respeito de um assunto em uma plataforma ou rede onde eu estou, você também perde. Se você não está disponível para oferecer informações confiáveis *quando coisas grandes acontecem*, não espere que a audiência retorne três dias depois para ler ou assistir o que você tem a dizer. (BELL, 2011, grifos meus).

Embora a colocação de Bell possa soar datada atualmente, ela resume o *modus operandi* que caracteriza a operação jornalística de *hard news* em rede neste começo de século 21: uma cobertura acelerada, descentralizada e global, onde o acontecimento é construído em rede, às vezes simultaneamente ao fenômeno original, com a participação de diversos tipos de atores e potencializada por plataformas cujas características catalisam a circulação, a recirculação e a apropriação de informações. Como os sites de redes sociais.

Exatamente como aconteceu com a “cobertura” de Sohaib Athar. Em maio de 2011, o consultor de TI foi um dos primeiros a tornar pública a operação em Abbottabad, no Paquistão, ao informar no Twitter que estava ouvindo helicópteros voando baixo⁸. Quase

⁷ Disponível em: <https://emilybellwether.wordpress.com/2011/05/02/real-time-all-the-time-why-every-news-organisation-has-to-be-live/>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/reallyvirtual/status/64780730286358528>. Acesso em: 28 mar. 2018.

simultaneamente à ação dos soldados norte-americanos no complexo onde estava escondido o extremista, a narrativa de Athar conectava-se às demais narrativas a respeito do acontecimento “morte de Osama Bin Laden”. Dessa conexão surgia uma rede que, ao procurar reconstituir o acontecimento original, acabava dele se apropriando, dando origem a um novo acontecimento, o acontecimento “morte de Osama bin Laden nas redes sociais digitais”. Ou, pensando a partir de Henn (2013), o ciberacontecimento morte de Osama bin Laden.

Se os exemplos de Bump e do site *Breaking News* ilustram uma realidade que aparece como a ponta do iceberg, o imperativo de atuação jornalística sugerido por Bell a partir do caso de Sohaib Athar aponta para um ecossistema em rede pulsante sob a superfície dos alertas *push* que fazem acumular *breaking news* nas telas dos usuários de dispositivos móveis.

Nesse ecossistema em rede, a atuação jornalística reconstrói o acontecimento original em associação com atores de outra natureza em tempo real. Essa mediação acontece em plataformas digitais que possibilitam que qualquer um, a qualquer momento, emergja como um nó importante para a narrativa jornalística do fenômeno. Tal realidade coloca em xeque o determinismo jornalístico sobre os acontecimentos (ALSINA, 2009, p. 135), e impõe uma revisão das rotinas e das práticas profissionais, que agora devem levar em conta múltiplas propulsões de sentidos (HENN, 2013). Como consequência, os valores-notícia sofrem abalos. O seu questionamento, por sua vez, tende a levar à flexibilização das suas características substantivas. Sem critérios, o *breaking news* tende à banalização. E o jornalismo, à dispersão. Ou à ampliação de suas fronteiras (DEUZE; WITSCHGE, 2015, 2016, 2018).

Esta tese quer dar materialidade a essa pulsação. Quer propor primeiro um entendimento, um modo de enxergar a especificidade do acontecer dos acontecimentos extraordinários nas redes. Ao mesmo tempo, quer propor uma maneira de abordar esse tipo de acontecimento, propor uma forma de explorar a parte submersa do iceberg. Daí o caráter teórico-metodológico do esforço empreendido nas próximas páginas.

Não se trata, portanto, de uma análise de *um* acontecimento *breaking news*, como originalmente o projeto que deu origem a esta pesquisa se propôs a realizar. Trata-se, sim, de uma tentativa de (re)significação do *breaking news* para o jornalismo contemporâneo. Trata-se de, por meio de um esforço teórico, oferecer a possibilidade de (re)significar o termo, diferenciando-o das apropriações que por ventura levam-no ao esvaziamento.

Assim, o **objetivo geral** desta tese é *elaborar uma proposta teórico-metodológica para compreender o breaking news no jornalismo realizado em redes digitais e construir uma (re)significação teórica para a expressão “breaking news”*. Os **objetivos específicos** são: a)

aproximar a proposta teórica ao conceito de cibercontecimento (HENN, 2013), de maneira a enquadrá-la como categoria do cibercontecimento, o cibercontecimento *breaking news*; b) estruturar a anatomia e a dinâmica do cibercontecimento *breaking news* a partir de tangenciamentos a pressupostos teóricos que privilegiam os fluxos que compõem o social; c) mapear o uso da expressão “*breaking news*” no decênio 2007-2016 pela teoria contemporânea do jornalismo, de modo a construir a sustentação da proposta teórica ao buscar pontos de conexão com a reflexão jornalística recente que tenha abordado o tema em questão; d) verificar se o cibercontecimento *breaking news* é capaz de projetar, para o jornalismo realizado em redes digitais, um processo de dispersão, ou de ampliação de suas fronteiras, tal como defende o *Beyond Journalism* (DEUZE; WITSCHGE, 2015, 2016, 2018).

Para cumprir esses objetivos, realizo dois grandes movimentos. O primeiro é construir um entendimento teórico propriamente dito a respeito do *breaking news*. Este entendimento parte de abordagens realizadas pela teoria do jornalismo a eventos extraordinários e sua respectiva apropriação pela prática jornalística até chegar ao conceito de cibercontecimento (HENN, 2013). A partir daí, diferencia-se do cibercontecimento, pois busca especificidade nas características do processo evenemencial (CHARAUDEAU, 2006, p. 99-100)⁹ de acontecimentos que mais desafiam a capacidade de o jornalismo impor o seu determinismo para reconstruí-lo narrativamente.

Nesse momento, há um mergulho na abstração. Para traçar uma anatomia do processo evenemencial do *breaking news*, realizo aproximações com a Teoria Ator-Rede (TAR), com o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2011), e com a Cartografia Sentimental, de Suely Rolnik (2014). A ideia, ao buscar pressupostos tão densos, ainda que muito próximos entre si, é construir um empreendimento teórico que seja capaz de dar sentido à complexidade do pulsar do cibercontecimento *breaking news*. Evidentemente, a ousadia é proporcional aos riscos enfrentados. Algumas limitações são, portanto, esperadas. Mas deixarei para apresentá-las e problematizá-las nas considerações finais desta tese.

O segundo grande movimento é a pesquisa empírica propriamente dita. Como observado no objetivo específico “b”, ela buscar dar sustentação à proposta teórica realizada no primeiro movimento. É uma maneira de buscar, na reflexão recente sobre jornalismo, subsídios para “colocar de pé” o cibercontecimento *breaking news*. Essa aproximação parte

⁹ Charaudeau (2006) afirma que o acontecimento em si não interessa tanto quanto à modificação que ele é capaz de gerar em determinado sistema de pensamento, ou seja, da “capacidade de o sujeito em integrar suas percepções num sistema de experiência ou de pensamento que preexistem ao surgimento do fenômeno” (2006, p. 99). Para isso, segue, é necessário três tipos de aptidão: *reconhecimento* do sistema de pensamento em questão, *percepção* do elemento novo, capaz de perturbar esse sistema, e *reintegração* do acontecimento a esse sistema. Este conceito será retomado à frente.

do pressuposto de que o cibercontecimento *breaking news* também pode ser visto como uma abstração da evolução, no começo do século 21, da cobertura de eventos extraordinários realizada em redes digitais. Em outras palavras, a evolução do *breaking news* no jornalismo contemporâneo.

Nesse sentido, o trabalho empírico demonstra como a expressão foi utilizada, ao longo de dez anos, de 2007 a 2016, em artigos publicados em três periódicos científicos que são referência internacional para os estudos de jornalismo: *Journalism*, *Journalism Practice* e *Digital Journalism*¹⁰. Essas revistas foram escolhidas não apenas por serem referência, mas também por se proporem a reunir, em língua inglesa, trabalhos que apresentam realidades de diferentes países – o que também justifica a escolha pela expressão “*breaking news*”.

No total foram analisados 75 trabalhos das três publicações (os critérios estão detalhados no capítulo 6). A análise procurou entender em que circunstâncias estava inserida a expressão *breaking news* em cada um deles, ou seja, que tipo de discussão orbitava o termo, ao longo do recorte de tempo escolhido (o decênio 2007-2016). Esse processo, que em última instância traçou a evolução do *breaking news* na teoria contemporânea do jornalismo, resultou nos subsídios que alicerçam a proposta teórica do cibercontecimento *breaking news*.

Importante salientar que o fluxo não vai da pesquisa teórica para a pesquisa empírica, onde a primeira prepara o terreno para que a segunda evidencie a hipótese defendida pelo trabalho. Aqui, é a pesquisa empírica que flui de volta à elaboração teórica, de maneira a fortificá-la, sustentá-la. Assim, os artigos analisados ajudam a desvelar uma teoria que se propõe a iluminar a realidade sobre a qual os próprios artigos se debruçaram.

A tese está dividida em oito capítulos, sendo que o primeiro é esta introdução. No segundo capítulo, início a construção do cibercontecimento *breaking news*. Sua base é composta por uma sistematização de expressões cujo significado se aproxima de uma ideia geral de *breaking news*. Busco estabelecer um diálogo entre trabalhos clássicos a respeito das rotinas jornalísticas diante do inesperado, como o de Tuchman (1973), e abordagens mais contemporâneas a eventos imponderáveis, como as realizadas por Olsson (2010) e Lawrence (2000). Esta última, especialmente, com a ideia de *event-driven news*, é fundamental para pensar a complexificação do processo evenemencial dos acontecimentos em rede diante da multiplicidade de atores emitindo sentidos que participam da sua construção.

No terceiro capítulo, desenho a anatomia do cibercontecimento *breaking news*. Ela é construída a partir de uma aproximação com a Teoria Ator-Rede (TAR). Dos pressupostos

¹⁰ Mais informações a respeito desses periódicos aparecem no capítulo 6.

teóricos defendidos especialmente por Latour (2012), elenco três para refletir sobre como os atores tecnológicos, no caso, os ambientes onde o ciberacontecimento *breaking news* ocorre, são capazes de determinar a sua natureza. Redes heterogêneas, simetria e caixa-preta ajudam a pensar a estrutura da relação entre os diversos atores que participam da construção narrativa de um acontecimento extraordinário enquanto ele acontece nas plataformas digitais. Ainda no capítulo 3, sugiro também uma maneira de enxergar a dinâmica do ciberacontecimento *breaking news*: vejo-o como um rizoma que, tal como o rizoma de Deleuze e Guattari (2011), tem sua definição associada ao movimento que flerta com o caos, com a diferença. E, por essa razão, é capaz de *afetar*, nos termos de Rolnik (2014), o jornalismo e a sua prática.

No quarto capítulo, à proposta teórica é adicionada uma proposta metodológica. É quando aciono a cartografia como possibilidade de abordagem ao ciberacontecimento *breaking news*. Aqui, a cartografia aparece como uma dupla possibilidade: como um método a ser desenvolvido para *estudar* ciberacontecimentos *breaking news*, ou como uma *prática em potencial* para a atividade jornalística que atua durante um ciberacontecimento *breaking news*. Esta segunda possibilidade justifica a revisitação feita ao paradigma *gatewatching* (BRUNS, 2003, 2005) e o tensionamento da curadoria como uma prática a ser considerada pelas narrativas jornalísticas durante um ciberacontecimento *breaking news*.

Já o quinto capítulo é basicamente uma sistematização crítica da proposta *Beyond Journalism*, desenvolvida por Mark Deuze e Tamara Witschge (2015, 2016, 2018). Procurei contextualizar a ideia, defendida pelos pesquisadores holandeses em três artigos recentes, de que é preciso rever a maneira como a teoria e a prática do jornalismo vêm sendo pensadas de modo a dar conta das complexidades contemporâneas que envolvem a profissão. Daí o nome *Beyond Journalism*: é preciso que o jornalismo vá além do jornalismo. Embora o foco de Deuze e Witschge esteja mais vinculado ao indivíduo jornalista e ao seu ambiente de trabalho, procurei ampliar o escopo da proposta para pensar um *Beyond Journalism* a partir do que pressupõe a construção narrativa de um acontecimento extraordinário atualmente. Ou seja, deslocar o *Beyond Journalism* para pensar o ciberacontecimento *breaking news*.

No sexto capítulo, detalho como construí o meu método de análise. Primeiro, demonstro quais foram os meus critérios para percorrer dez anos de publicações, período que foi dividido em quatro (dois triênios e dois biênios). Depois, explico como pincei e analisei os 75 textos dos três periódicos escolhidos (*Journalism*, *Journalism Practice* e *Digital Journalism*¹¹). Especialmente as discussões em torno da expressão “*breaking news*”, de modo

¹¹ Cabe aqui uma observação de caráter prático. Como grande parte da bibliografia utilizada nesta tese, inclusive a totalidade do corpo empírico analisado, está em inglês, optei por não utilizar o procedimento padrão de trazer o

a retirar subsídios para a construção teórica proposta entre o segundo e o quinto capítulo. É neste momento que detalho as categorias que vão guiar a análise.

O sétimo capítulo traz a pesquisa empírica propriamente dita. Depois de apresentar alguns números que ajudam a ilustrar o esforço, detenho-me aos dois momentos da análise. O primeiro faz uma sistematização da evolução das discussões que orbitam a expressão “*breaking news*” nos 75 artigos analisados. Essa sistematização é dividida em quatro partes. Cada parte corresponde aos dois triênios e aos dois biênios que cobrem o período de 2007 a 2016. O segundo momento procura, nos artigos selecionados, os subsídios para sustentar o ciberacontecimento *breaking news* como uma construção teórico-metodológica. A busca é orientada pelas categorias desenvolvidas no capítulo 6.

Por fim, no oitavo e último capítulo, traço as considerações finais. Neste momento, faço uma autocrítica, apontando algumas limitações da pesquisa, e destaco quais, no meu entendimento, são as contribuições desta tese para o jornalismo e para a comunicação.

2 ARQUITETURA DO *BREAKING NEWS*

Nesta seção, defendo que o *breaking news* é um acontecimento extraordinário. Em seguida, defino o que entendo como acontecimento extraordinário. Demonstro como o jornalismo desenvolveu formas de controlar esses acontecimentos, prática que vem sendo colocada em xeque pela atual dinâmica de negociação entre continuidade e descontinuidade. Na sequência, insiro o imponderável como uma característica possível do *breaking news*, o que traz à tona o papel dos sentidos durante este tipo de acontecimento. Por fim, sublinho a influência da tecnologia, na qual me apoio, para classificar o *breaking news* como ciberacontecimento, traçando os contornos da sua construção teórica.

2.1 *BREAKING NEWS*, UM ACONTECIMENTO EXTRAORDINÁRIO

Isto posto, parto do pressuposto inicial de que um *breaking news* é um acontecimento extraordinário. Ao mesmo tempo, é a reação inicial do jornalismo a um evento extraordinário. É fagulha que, posteriormente, transformará o evento extraordinário em narrativa jornalística. Mas o que faz um acontecimento ser extraordinário? O que diferencia um acontecimento extraordinário de um acontecimento ordinário? Qual o papel do jornalismo na determinação do nível de extraordinariedade de um acontecimento? As sociedades têm, de maneira geral, influência na definição de um acontecimento como extraordinário?

Um terremoto, por exemplo, pode ser considerado um evento extraordinário. Um terremoto é, em geral, um acontecimento com alto grau de mobilização devido à sua capacidade desordenadora. Ao experienciá-lo diretamente - estando em local afetado pelo movimento das placas tectônicas - ou indiretamente - por meio da capacidade de utilizar determinados conhecimentos prévios para enquadrá-lo -, os sujeitos compreendem que se trata de um fenômeno capaz de gerar mudanças significativas no mundo. Isso porque há um consenso tácito sobre o que significa um terremoto compreendido como um acontecimento social. Vem daí seu caráter extraordinário. Este enquadramento é distinto do mesmo acontecimento entendido como um “simples” fenômeno geológico. Para os sujeitos, as significações decorrentes da compreensão a respeito de um terremoto como evento extraordinário possuem muito mais saliência do que um terremoto visto como um fenômeno

natural, isolado em si. Uma coisa é entendê-lo como parte da constituição do planeta, outra é percebê-lo como um fenômeno capaz de destruir cidades e matar.

É o que diz Queré quando afirma que um acontecimento produz descontinuidade num fundo de continuidade (2005, p. 61). Embora até certo ponto um acontecimento seja esperado (até um terremoto o é), sua ocorrência tem a capacidade de mudar algo no mundo, fazendo emergir o novo. Esta potencial saliência, por sua vez, está diretamente ligada à compreensão que as pessoas constroem dos acontecimentos. Mais do que o fenômeno geológico em si, é isso que faz um terremoto ser percebido da maneira como em geral ele o é.

A abordagem elementar que proponho ao *breaking news*, portanto, é a da observação da construção do acontecimento (extraordinário) a partir da experiência, o que Charaudeau (2006) chama de “processo evenemencial”: a construção do acontecimento.

Para que um acontecimento possa ser apreendido, é necessário que se produza uma modificação no estado do mundo fenomenal, geradora de um estado de desequilíbrio, que essa modificação seja percebida por sujeitos (ou que estes julguem que houve modificação) num efeito de saliência, e que essa percepção se inscreva numa rede coerente de significações sociais por um efeito de “pregnância”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 99-100).

A perspectiva de Charaudeau permite pensar o *breaking news* em função do caráter “insólito” (CHARAUDEAU, 2006, p. 101) do processo evenemencial e de como esse caráter é formado, ou seja, de onde vem a percepção do que é incomum, do que é extraordinário. Charaudeau define o processo evenemencial a partir da ruptura, do desequilíbrio. Quanto mais o acontecimento é marcado pela diferença em relação ao estabelecido, maior sua carga de significação, maior será sua pregnância. Consequentemente, mais mudanças ele vai gerar, e é mais provável que os sujeitos as percebam. Essa descontinuidade está, por sua vez, diretamente vinculada ao que define a continuidade. O contínuo é a medida do descontínuo, a organização é a medida da desorganização. “Assim se explica que o silêncio constitua acontecimento quando a palavra ou o barulho são esperados; que inversamente, seja o barulho que constitua acontecimento quando é o silêncio que é esperado”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 101). Não se trata, portanto, de uma relação estática. Continuidade e ruptura têm base na compreensão que os sujeitos possuem do mundo, da experiência socialmente vivida. São os sujeitos, afinal, que definem o nível de extraordinariedade de um acontecimento, a partir do que eles entendem como continuidade. Os conceitos de ambos, continuidade e ruptura, são dinâmicos, e por isso, passíveis de mudança.

Assim, um acontecimento extraordinário é um acontecimento que possui a capacidade de desordenar o que é contínuo, sendo que a continuidade constitui algo socialmente construído. Um terremoto é um evento extraordinário porque tem a capacidade de destruir cidades e matar pessoas. Ou seja, um terremoto tem a capacidade de gerar descontinuidade, pois a continuidade, neste caso, é que as cidades permaneçam de pé e as pessoas sigam vivas.

Ao definir a condição de descontinuidade, e, em última análise, de extraordinariedade, este raciocínio oferece um ponto de partida para arquitetar um entendimento sobre o *breaking news*. Já que, segundo Charaudeau, o jornalista escolhe o acontecimento a ser construído narrativamente a partir da capacidade que ele possui de “perturbar a tranquilidade dos sistemas de expectativas do sujeito consumidor da informação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 102). Este critério é sublinhado por Berger e Tavares (2010) ao dizerem que “a perturbação em nosso quadro de vida” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 123) é “uma característica compartilhada em muitas reflexões sobre o acontecimento” (2010, p. 123). A imposição de uma ruptura, por mais breve que seja, a um determinado contexto, inicia um processo de busca pelo sentido, pela explicação (2010, p. 123). Processo que compõe o acontecimento jornalístico buscando no passado subsídios para projetar o devir.

2.2 O JORNALISMO E O CONTROLE DOS ACONTECIMENTOS

A busca por subsídios no passado significa que, historicamente, a prática jornalística criou rotinas. Dessas rotinas decorre sua habilidade de controlar os acontecimentos. Ao encaixar acontecimentos em rotinas, o jornalismo desenvolveu uma contínua e relativamente previsível capacidade de narrar o que acontece no mundo. Essa rotinização abrange os eventos planejados ou previsíveis do dia a dia, mas também diz respeito ao inesperado, uma característica dos eventos extraordinários. Em geral, ela vem sendo viabilizada a partir de tipificações classificadas por Tuchman (1973) como *events-as-news* (acontecimentos-como-notícias). Ou seja, antes do inesperado acontecer, ele já está pré-enquadrado, pois algo similar ocorreu antes.

Considerando que as notícias oriundas de eventos extraordinários fazem parte da tipificação *hard news*, Tuchman (1973) estabeleceu duas¹² subtipificações específicas para compreender como o trabalho jornalístico lida com o inesperado: *spot news* e *developing news*. Ambas lidam com contingências e muitas vezes estão relacionadas. Uma *spot news* é

¹² A terceira subtipificação de *hard news*, *continuing news*, diz respeito a eventos pré-agendados (TUCHMAN, 1973, p. 117).

considerada por Tuchman como o "*event-as-news* por excelência" (1973, p. 120) e pode ser o início de uma *developing news*, um acontecimento extraordinário cujos fatos que permitirão a sua reconstituição ainda possuem acesso limitado (1973, p. 121).

Nas duas situações, a maneira como o acontecimento acontece (processo evenemencial) já é conhecida pelo jornalismo, assim como as possíveis ramificações oriundas do evento principal. A partir de experiências anteriores e da relação com colegas, os jornalistas desenvolvem uma competência antecipatória que Berkowitz (1992, p. 83) denomina de "catálogo mental" de temas, de "possíveis enredos" e de prováveis "protagonistas-chave" da notícia que ainda não ocorreu. Ou o que Ericson et al. (1987, p. 348) definem como "vocabulário de precedentes" (*vocabulary of precedents*), recurso que "os ajuda [os jornalistas] a reconhecer, produzir e justificar suas seleções e seu tratamento para as notícias" (1987, p. 348). Essa capacidade de "prever" o que (não quando) vai acontecer e como o acontecimento vai se desenrolar viabiliza a rotinização. A partir deste ponto de vista, a queda de um avião de passageiros (*spot news*), para citar outro acontecimento considerado extraordinário, possui causas e consequências relativamente previsíveis. Os fatos do acidente podem não ter vindo à tona ainda (*developing news*), mas em geral já estão pré-enquadrados, e por isso estão relativamente sob controle da organização jornalística e/ou dos jornalistas.

As tipificações e as rotinas criadas a partir delas - especialmente a negociação e a realocação de esforços diante do inesperado (BERKOWITZ, 1992) - permitem aos jornalistas desenvolver a habilidade de reconstituir o mundo diariamente (TUCHMAN, 1973, p. 129).

As observações de Tuchman, Berkowitz e Ericson et al. fornecem importantes contribuições para a arquitetura do *breaking news* como um evento considerado extraordinário e cuja natureza coloca à prova a capacidade de rotinização jornalística. Ou seja, um evento que testa a habilidade desenvolvida historicamente pelo jornalismo de controlar os acontecimentos, enquadrando-os de acordo com experiências anteriores.

Mas também é interessante pensar o *breaking news* para além da ideia de um *event-as-news* domado pelos jornalistas a partir do seu vocabulário de precedentes. Neste sentido, Lawrence (2000) adiciona um ingrediente na reflexão sobre o tipo de *hard news* relacionado à imprevisibilidade e à extraordinariedade que pressiona a capacidade do jornalismo de antecipar a descontinuidade e, assim, rotinizar o que é contingente.

Ao problematizar a discussão pública de problemas sociais, no caso, a violência policial nos Estados Unidos, Lawrence lembra que as autoridades, devido à sua posição privilegiada em relação à obtenção e à disseminação de informações, tendem a dominar e a direcionar a construção de sentido do noticiário. O resultado é o predomínio do que ela

denomina de "notícias conduzidas institucionalmente", ou *institutionally-driven news*. Em busca de equilíbrio, ela sugere que o jornalismo preste mais atenção nas possibilidades narrativas oferecidas por "eventos acidentais" (LAWRENCE, 2000, p. 7), deixando as notícias serem guiadas pelos fatos que emergem dos eventos, ou *event-driven news*.

A questão é que, como sublinha Benetti (2010), o critério de imprevisibilidade e extraordinariedade utilizado pelo jornalismo segue, na maioria das vezes, baseado em mapas culturais dominantes. Ela chama a atenção, por exemplo, para o fato de que, se a saliência estrutura a narrativa jornalística, “grandes fenômenos sociais, cujo interesse público não poderia ser questionado sem constrangimento, geralmente não têm lugar no jornalismo porque se estabelecem, historicamente, como invariantes” (2010, p. 146). Então, a partir do momento em que há uma variedade maior de pontos de vista no processo evenemencial, este consenso sobre o que são imprevisibilidade e extraordinariedade é exposto ao escrutínio.

As *event-driven news* tensionam o modelo baseado em tipificações ao sugerirem um aumento do catálogo de temas, de possíveis enredos e de prováveis protagonistas do evento a ser noticiado. Ao se oporem ao enquadramento orientado por instituições e autoridades, as *event-driven news* destacam a pluralidade do inesperado, dificultando sua rotinização.

Event-driven news são orientadas pelo **aparecimento de eventos noticiosos dramáticos** e os **'sinais' que surgem desses eventos** para os repórteres. Os discursos guiados por eventos sobre questões públicas são mais variados e dinâmicos do que as notícias institucionalmente conduzidas, indo além do ritmo noticioso estabelecido e fazendo aparecer uma variedade maior de vozes e perspectivas. Nas notícias institucionalmente conduzidas, instituições políticas definem a agenda; em contraste, à medida que as notícias guiadas por eventos se acumulam e ganham força, autoridades e instituições tendem a responder à agenda ao invés de determiná-la. (LAWRENCE, 2000, p. 9, grifos meus).

Embora o trabalho de Lawrence tenha uma preocupação social acentuada, o que não é o nosso foco, ele fornece subsídios para a arquitetura do *breaking news*. Uma atuação jornalística mais focada nos "sinais" que emergem dos eventos pode gerar perspectivas diferentes a respeito desses mesmos eventos, pois força o jornalismo a ir além da rotinização muitas vezes baseada na institucionalização das fontes de informação. Observando a partir do ponto de vista do processo evenemencial, é como se a definição da condição de continuidade e descontinuidade de um acontecimento ganhasse novos ingredientes. Assim, as *event-driven news* transcendem o tema sobre o qual Lawrence se debruça e ajudam a pensar sobre o *breaking news* na era dos sites de redes sociais, cujo ambiente permite que os eventos sejam naturalmente moldados a partir de "sinais" oriundos de diversos tipos de atores. Emerge daí

um processo evenemencial complexo, que torna fluida a determinação do nível de extraordinariedade dos acontecimentos e dificulta a apropriação por parte do jornalismo.

2.3 A LIMITAÇÃO DAS ROTINAS

A partir daí, as rotinas começam a mostrar limitações para "controlar" eventos extraordinários, pois a diferença entre continuidade e descontinuidade tende a se mostrar mais dinâmica à medida que as próprias sociedades se apropriam mais dos acontecimentos. Isso significa que nem sempre um enquadramento pré-estabelecido será suficiente para dar conta de uma *spot news* ou de uma *developing news*. Quando se amplia o horizonte de perspectivas, a rotinização e o enquadramento, especialmente sob o ponto de vista narrativo, podem bater no teto. Pensando desta maneira, a abordagem das *event-driven news* de Lawrence acaba por evidenciar a limitação da abordagem a partir dos *event-as-news* de Tuchman. Mas ao concluir suas percepções a respeito da capacidade de o jornalismo rotinizar o inesperado, Tuchman incluiu uma subtipificação capaz de dialogar com a ideia de *event-driven news* de Lawrence, o que nos permite avançar na construção de uma delimitação de *breaking news*.

Segundo Tuchman, há situações em que os jornalistas podem ser traídos pelas suas rotinas pré-estabelecidas para dar conta dos *event-as-news*. Trata-se de acontecimentos que escapam, inclusive, do planejamento para o inesperado. Por isso, podem levar jornalistas a interpretações equivocadas, já que suas narrativas se basearam em enquadramentos pré-estabelecidos incapazes de dar conta do evento emergente. Tuchman chamou (1973, p. 125) essas situações de *What a story!*. A expressão (que poderia ser traduzida como "que grande história!") seguida de um ponto de exclamação faz referência à surpresa causada aos jornalistas ao tomarem conhecimento de um fato cuja natureza supera sua capacidade de rotinização.

Para Tuchman, um acontecimento *What a story!* faz os jornalistas perceberem que nenhum sistema de tipificação pode pretender uma abrangência total, e que, por isso, precisa de ajustes constantes (1973, p. 125). Ela usou uma notícia sobre política (o discurso no qual o então presidente dos Estados Unidos Lyndon Johnson anunciou que não concorreria à reeleição, em 1968) como exemplo de um acontecimento *What a story!*.

A consciência da limitação de qualquer sistema de tipificação aproxima os acontecimentos *What a story!* da proposição de *event-driven news*. Seria como uma adaptação do termo cunhado por Tuchman ao ambiente complexo que marca o acontecer do

acontecimento na contemporaneidade. Ao se observar os "sinais" oferecidos por uma *spot news*, é possível que as rotinas pré-estabelecidas pelos jornalistas, de maneira geral, não sejam mais capazes de dar conta do evento emergente e extraordinário, isto porque a composição do seu grau de extraordinariedade ultrapassa a capacidade dos jornalistas de buscar, no passado, subsídios para entender e controlar o que está acontecendo no presente.

Olsson (2010) tenta dar contornos a esse cenário ao sugerir uma definição para a relação do jornalismo com o processo evenemencial a partir de um ponto de vista que considera perspectivas de dentro (*inside-the-media*) e de fora das organizações jornalísticas (*outside-the-media*). Segundo ela, atualmente, para dar conta de um evento extraordinário, os jornalistas precisam estar atentos não apenas aos processos internos que os permitem "controlar" o acontecimento em questão. Precisam observar, também, como os sujeitos vão percebê-lo, e, a partir daí, moldar a sua própria abordagem àquele acontecimento.

Assim, por um lado, para o jornalismo, eventos extraordinários (ou *crisis news events*, como ela define) são aqueles que levam em consideração "as condições de surpresa, os desafios aos valores organizacionais e o curto tempo para tomadas de decisão" (OLSSON, 2010, p. 98) por parte dos jornalistas. Estes elementos dizem respeito a como os jornalistas encaram esse tipo de evento dentro das suas próprias organizações e rotinas (*inside-the-media*). Por outro, Olsson diz que (2010, p. 98) "um dos principais desafios para os responsáveis pelas tomadas de decisão em relação à produção de sentido é o de se mostrarem aptos a compreender o evento de acordo com o entendimento que a audiência possui desses mesmos eventos" (*outside-the-media*). Dizendo de outro modo, em um contexto em que o desenrolar dos acontecimentos se dá simultaneamente para jornalistas e seu público, trata-se de compreender como as pessoas estão reagindo ao acontecimento em questão. Dependendo da reação das pessoas, os jornalistas podem alterar o seu tratamento ao acontecimento.

Portanto, além da necessidade de adaptar suas práticas, o jornalismo precisa sincronizar sua abordagem não só com a maneira como as audiências compreendem os eventos extraordinários, como diz Olsson, mas também precisa basear sua atuação a partir de uma compreensão do processo de composição de extraordinariedade desses eventos. O que significa levar em conta um dinamismo que limita as rotinas jornalísticas estabelecidas.

Nesse cenário, o *breaking news* ganha contornos mais intrincados. Voltemos um pouco. Se a definição de um evento como extraordinário depende do seu processo evenemencial, tal tarefa se torna mais complexa à medida que, no momento da sua reconstrução, sejam mais considerados os "sinais" oferecidos pelo próprio evento (*event-driven news*) do que ideias previamente constituídas pelas rotinas jornalísticas sobre o

significado de determinado evento, em geral, para os sujeitos que os percebem. Para o jornalismo, o resultado é uma tendência à incerteza em relação aos eventos *What a story!*, pois o nível de extraordinariedade dos acontecimentos é flexibilizado em função de uma constante negociação entre o contínuo e o descontínuo.

Esta condição sugere um dilema duplo para o jornalismo e ajuda a arquitetar o *breaking news*. Por um lado, em função de uma negociação que dificulta a rotinização, a apropriação jornalística desses eventos extraordinários se torna mais difícil, como mencionei há pouco. Por outro, o próprio jornalismo, ao trafegar no percurso tortuoso que vai da descontinuidade à continuidade, atua de modo decisivo na definição do que é norma e do que é ruptura nos sistemas sociais, acabando por oferecer acontecimentos cheios de pregnância com uma frequência cada vez maior. Como diz Nora (1974): as sociedades, pensadas como sistemas, buscam a estabilização através da negação da novidade. No capitalismo ocidental, isso acontece por meio da redundância narrativa dos meios de comunicação. O jornalismo banaliza a novidade, fazendo dela regra, e não exceção. Só que a “redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente a novidade, alimenta uma fome de acontecimentos”, criando “acontecimentos monstros que se repetem e se repetirão com cada vez mais frequência” (NORA, 1974, p. 249). O jornalismo fabrica acontecimentos extraordinários, incessantemente, ao mesmo tempo que os esvazia. Até que a sociedade, saturada de “acontecimentos monstros”, comece a considerar norma o que era prenhe, fazendo com que o jornalismo construa acontecimentos ainda mais “monstruosos” através de uma espetacularização vazia.

2.4 O EXTRAORDINÁRIO ENCONTRA O IMPONDERÁVEL

Mais tarde, Lund e Olsson (2015) adicionam outra contribuição relevante às tipificações propostas por Tuchman (1973) e Lawrence (2000) para eventos extraordinários, ao observarem a condição dos jornalistas como sujeitos também afetados pelos eventos em questão. Levando em conta que a natureza do trabalho jornalístico é absorver esse tipo de ocasião às rotinas, tal contribuição aponta para acontecimentos com um grau de extraordinariedade elevado. Dizendo de outro modo, aponta para os "piores eventos" (2015, p. 358). São os "piores eventos - aqueles genuinamente chocantes e sem precedentes" os mais capazes de "minar imediatamente a preparação e as rotinas" jornalísticas (2015, p. 358) para o inesperado.

Ao analisarem a ação de Anders Breivik¹³, em 2011, a partir do trabalho do jornal *Verdens Gang (VG)*, Lund e Olsson (2015) classificaram este tipo de evento como *frame-breaker*. Um acontecimento cuja profunda imponderabilidade desestabiliza a capacidade de ação de uma organização. Na oportunidade, a redação do diário norueguês foi afetada pela bomba detonada pelo terrorista. O maior ataque sofrido pela Noruega desde a Segunda Guerra Mundial (LUND; OLSSON, 2015, p. 359) se mostrou também um evento sem precedentes para os jornalistas do *VG*, pois colocou em xeque sua capacidade de reação a um acontecimento cuja natureza pareceu transcender a tipificação *What a story!*.

Lund e Olsson retiraram a ideia de *frame-breaker* de um trabalho de Weick (1993). Ao estudar o colapso de organizações a partir do episódio de um incêndio florestal nos EUA, Weick utilizou a expressão "episódios cosmológicos" para definir momentos sem precedentes. Sendo a cosmologia uma ramificação da astronomia que busca entender a estrutura e a evolução do universo a partir de métodos científicos e racionais, um episódio cosmológico, segundo Weick, acontece quando o universo entra em disrupção. Considera-se que "os eventos são coerentes em relação ao tempo e ao espaço e que as mudanças acontecem de maneira ordenada" (WEICK, 1993, p. 633), até que tudo muda. Quando isso acontece,

as pessoas de uma hora para outra sentem profundamente que o universo não é mais um sistema racional, que tem uma ordem. O que faz um episódio ser tão destruidor é que tanto a ideia do que está ocorrendo e as formas para dar novamente sentido às coisas colapsam ao mesmo tempo. (WEICK, 1993, p. 633).

Incorporar, na arquitetura do *breaking news*, episódios cosmológicos da maneira como define Weick significa levar em conta como eventos dessa natureza mexem também com os sentidos de quem os percebe. E como o jornalismo tenta, durante o processo de apropriação desses eventos, não apenas reconstruir os fatos através de uma narrativa, mas também fazer aflorar sensações capazes de evidenciar ainda mais a gravidade do acontecimento. No jornalismo brasileiro, a vinheta do plantão da *TV Globo* talvez seja o elemento mais marcante em relação a este tipo de significação. Em tese dedicada à análise de vinhetas, Schiavoni (2014) diz que no conhecido áudio da emissora a

[...] a música ganha prioridade em relação à imagem e instaura abertamente um clima de tensão. Investe-se, portanto, na audibilidade da música, que é alta e em ritmo acelerado, despertando os sentidos do telespectador para o conteúdo que seguirá - geralmente temas de interesse público, de bastante gravidade ou que

¹³ Em 22 de julho de 2011, o terrorista de extrema-direita Anders Breivik causou uma explosão em Oslo e abriu fogo durante um acampamento organizado pela juventude do partido trabalhista norueguês na ilha de Utøya. Ao menos 77 pessoas morreram nas duas ações.

causam grande comoção, justificando a atmosfera de tensão evocada pelos elementos sonoros. (SCHIAVONI, 2014, p. 79).

Weick (1993) e Schiavoni (2014) adicionam à delimitação de *breaking news* um ingrediente nem sempre considerado na apropriação jornalística de fatos extraordinários: sensações. Eventos *frame-breaking*, tal como definem Lund e Olsson (2015), trazem consigo não apenas um fato novo. Eles fazem emergir uma novidade carregada de tensão, uma urgência capaz de afetar a vida de todos, com elevado interesse público e possuidor de um caráter potencialmente comovente. Por isso, capaz de mexer com os sentidos de quem é afetado por esses eventos.

E, hoje, na sociedade em rede, quando um evento *frame-breaking* emerge em qualquer lugar do mundo, o seu potencial afetar os sentidos dos sujeitos é global.

2.5 BREAKING NEWS: DA TECNOLOGIA AO CIBERACONTECIMENTO

A habilidade de o jornalismo reconstituir o acontecimento por trás de uma *spot news* ou um evento *frame-breaking* foi, desde sempre, influenciada pela tecnologia utilizada para rotinizar o inesperado. O desenvolvimento tecnológico, portanto, não só está diretamente relacionado aos processos de reconstituição do acontecimento, mas também ajuda a moldar o resultado final dessa reconstituição, ou seja, a narrativa jornalística em si.

Em suas observações, Tuchman (1973) diferenciou, por exemplo, o trabalho realizado por redações de jornais impressos e de emissoras de televisão na hora de lidar com os *event-as-news* (acontecimentos-como-notícia). Ela dá o exemplo do atentado e a consequente morte de Martin Luther King, considerada uma *developing news*, tanto por um jornal quanto por uma rede de tevê local (1973, p. 122). O jornal, à medida que recebia as atualizações do estado de saúde de King, via despachos de agências de notícias, atualizava as reportagens e reconfigurava as chamadas de capa da edição do dia seguinte. A rede de tevê, por sua vez, além de modificar a edição noturna do seu programa de notícias, levava ao ar cada nova informação por meio de boletins que interrompiam a programação normal da emissora.

Mais recentemente, a tecnologia vem influenciando a quantidade de *event-driven news*. Livingston e Bennett (2003) verificaram que o aumento na capacidade de gerar e transmitir imagens, como câmeras portáteis e transmissões via satélite, resultou em um número maior de *event-driven news* nas transmissões de tevê dos Estados Unidos, embora esse crescimento não tenha alterando significativamente as rotinas jornalísticas que se alimentam de informações oficiais/institucionais. "Quando um evento espontâneo, imprevisto,

fora do *script* recebe cobertura jornalística, o único componente previsível da cobertura é a presença de fontes oficiais". (LIVINGSTON; BENNETT, 2003, p. 376).

A constatação de Livingston e Bennett diz respeito a um contexto anterior às redes sociais digitais, mas é útil para observar a força das rotinas jornalísticas, ou seja, da maneira como o jornalismo vem operando historicamente para controlar os acontecimentos. É o que diz Darnton (2010) quando demonstra como os jornalistas moldam os acontecimentos para responder-lhes de maneira e em tempo adequados, mantendo o monopólio a respeito do que é uma notícia e qual é a melhor forma de contá-la. É o que Zelizer (2000) chama "aura de autoridade", um jeito de afastar a subjetividade, uma negação ao fato de que a realidade é construída socialmente, como sublinham Berger e Luckmann (2009). Isso pode ser explicado pela ideia de "comunidade interpretativa": ao estabelecerem "convenções que são predominantemente tácitas e negociáveis" (ZELIZER, 2000, p. 38) sobre a construção e a interpretação de suas narrativas, os jornalistas determinam como seus textos são lidos, o que influencia fortemente na construção do próprio acontecimento e a forma como esses profissionais veem a si próprios.

A questão é que, hoje, a manutenção dessa "aura de autoridade" está mais difícil em função de um avanço tecnológico que vem permitindo a participação de mais pessoas, especialmente via redes sociais digitais, no processo evenemencial dos acontecimentos extraordinários (e também dos ordinários!), complexificando, como vimos, a diferença entre continuidade e descontinuidade e, assim, a composição do seus níveis de extraordinariedade.

Esta complexificação e suas consequências para a prática jornalística culminam no que Henn (2013) entende como um novo tipo de acontecimento. Um acontecimento cujo fenômeno original pode estar dentro e/ou fora das redes sociais digitais, mas que encontra nelas um potencial infinito de propagação de sentidos, ou seja, de constante construção de si próprio: o ciberacontecimento.

Partindo de uma matriz semiótica, o autor define o ciberacontecimento como uma modalidade do acontecer cuja natureza é o ambiente de cultura digital (HENN, 2013, p. 39), caracterizada por "um conjunto de condições iniciais que dispara possíveis processos" a partir do potencial da "singularidade inaugural" (HENN, 2013, p. 35) que um acontecimento inicial carrega. Os processos disparados por essa "singularidade inaugural" são apropriados por sistemas que o interpretam e o reinterpretem de distintas formas. Nas redes sociais digitais, "lugares profícuos para a eclosão de acontecimentos" (HENN, 2013, p. 40), essas interpretações entram em contato com outras, resultando em um choque que se torna parte do

processo evenemencial, da construção do acontecimento em si, um processo em sua totalidade, incomensurável, infinito, e que se dá em todas as direções.

Há duas camadas nesse processo. Na primeira, o jornalismo perde a primazia da narrativa do mundo cotidiano na medida em que os acontecimentos desenrolam-se em plataformas que já tem naturezas narrativas e midiáticas. Na segunda, os sentidos ofertados pelo jornalismo são rapidamente confrontados com outras possibilidades de enquadramento com manifestações múltiplas de usuários das redes que abarcam fontes, usuários, especialistas, leigos, enfim, um universo complexo de atores que se interconectam. (HENN, 2013, p. 43).

Entender o *breaking news* como um ciberacontecimento permite integrar as reflexões desenvolvidas historicamente pela teoria do jornalismo sobre eventos extraordinários em um conceito que busca dar conta da lógica atual de produção dos acontecimentos.

Primeiro porque, ao sublinhar a produção do acontecimento em rede a partir de "manifestações múltiplas de usuário" (HENN, 2013, p. 43), o ciberacontecimento engloba a ideia geral por trás das *event-driven news*, deslocando-a para um contexto mais recente. Segundo, porque, pensada sob o ponto de vista de uma *spot news* ou de eventos *What a story!* ou *frame-breaking*, a proposta de Henn oferece uma nova abordagem à dificuldade encontrada pelo jornalismo para reagir a eventos extraordinários dentro do "universo complexo" citado pelo autor. Isso porque a natureza da composição dos níveis de extraordinariedade do acontecimento e, no fim das contas, a construção do acontecimento como um fenômeno (também) narrativo - ambos fazendo parte do que entende-se por conversação em rede (RECUERO, 2012) - escapam do controle dos atores jornalísticos.

Considerando a lógica das redes sociais digitais, e levando em conta a capacidade de eventos *frame-breaking* mexerem inclusive com os sentidos das pessoas, e que o número de sujeitos potencialmente afetados de alguma forma por esses eventos é diretamente proporcional ao número de usuários conectados às redes sociais, *breaking news* em rede se afirma como um ciberacontecimento e ganha contornos capazes de defini-lo, atualmente, como um dos principais desafios para a prática jornalística.

3 ANATOMIA DO CIBERACONTECIMENTO *BREAKING NEWS*

Até aqui, procurei arquitetar um entendimento que buscou na literatura do jornalismo e das teorias do acontecimento consistência teórica para o tipo de evento que entendo estar por trás da expressão “*breaking news*”. Este primeiro movimento procurou mostrar que a composição dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos na atualidade estão marcados por uma volatilidade oriunda, em grande parte, da diversidade de atores que participam do processo evenemencial em rede, especificamente nos sites de redes sociais. Também sublinhou que uma das consequências de abordar a produção dos acontecimentos dessa maneira é colocar em xeque rotinas jornalísticas estabelecidas historicamente. Este esforço culminou na demonstração da relação que se estabelece entre a ideia de *breaking news* e o conceito de ciberacontecimento.

Deste ponto em diante, proponho uma anatomia do *breaking news* em redes digitais, que vou tratar a partir de agora como o ciberacontecimento *breaking news*. Isso será feito a partir do desenvolvimento de três aspectos que considero estarem na base do conceito de ciberacontecimento elaborado por Henn (2013).

Primeiro, o ciberacontecimento tem nos sites de redes sociais digitais o seu *habitat* natural. É sabido que, em função da natureza desses suportes, as conexões estabelecidas através deles são mais intensas que as realizadas *off-line* (RECUERO et al., 2015, p. 31). Esta característica tende a potencializar o nível de extraordinariedade de um ciberacontecimento *breaking news*, complexificando ainda mais a determinação da diferença entre contínuo e descontínuo durante o processo evenemencial. Segundo, o ciberacontecimento *breaking news* é produzido por múltiplos atores que se interconectam narrativamente em uma rede heterogênea. A conversação em rede (RECUERO, 2012) joga a atividade jornalística em um processo evenemencial marcado pela incerteza, pela instabilidade e pelo acaso (SALLES, 2011). Terceiro, essa dinâmica gera novos sentidos que, quando materializados em narrativas, naturalmente questionam o fazer jornalístico, colocando em xeque sua autoridade.

Esses três aspectos serão desenvolvidos à luz de três pressupostos da Teoria Ator-Rede (TAR): redes heterogêneas, princípio da simetria e caixa-preta. A TAR enxerga o social de maneira dinâmica e heterogênea, o que sugere potencial para tensionar a complexidade dos fluxos informacionais atuais, ponto crucial para pensar um ciberacontecimento.

Não é objetivo, no entanto, discutir integralmente o paradigma sociológico que a TAR propõe. Evidentemente, para operar algumas de suas ideias, será preciso abordar outras de suas características, de modo que iniciarei fazendo uma breve recuperação de sua definição e de como seus pressupostos teóricos vêm aparecendo nos estudos de jornalismo recentemente.

3.1 PENSANDO A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE

Nos últimos anos, a Teoria Ator-Rede (TAR) vem aparecendo com frequência nos estudos de comunicação e jornalismo, com ênfase às investigações cujo contexto é o mundo digital. Muito dessa presença se deve à quantidade e a qualidade dos rastros digitais e às possibilidades para recuperá-los e analisá-los: a abundância desse tipo de dado convida à renovação de metodologias e de abordagens teórico-conceituais (BRUNO, 2012, p. 684-685) proposta pela TAR. Acessar e entender as dinâmicas sociais se transforma em um trabalho menos dedutivo e mais objetivo. Antes pensadas por meio de conjecturas teóricas com tendência à generalização e/ou com abrangência limitada, com a digitalização da vida, essas dinâmicas ganham materialidade. Com as ferramentas certas, é possível até visualizá-las.

A quantidade e a qualidade dos rastros catalisaram a abertura das ciências sociais a ideias da TAR até há pouco circunscritas à sociologia da ciência e da tecnologia¹⁴.

Ao mostrar a cara, esses dados não só tiraram o caráter virtual abstrato das relações sociais, mas também abriram a possibilidade de ampliar o número de participantes nelas envolvidos. Os movimentos das sociedades, antes analisados apenas sob o ponto de vista da ação essencialmente humana, adquirem novos ingredientes. O não humano ganha certo protagonismo. A influência das coisas nas atividades consideradas sociais é promovida a um tipo de capacidade de ação. A partir desse ponto de vista, elas deixariam o caráter unicamente instrumental para serem vistas também como atores dos processos dos quais fazem parte. Não que elas sejam capazes de conduzir completamente o processo. Há limites para a sua atuação. Mas a assimetria entre o que é humano e o que não é humano, antes algo considerado dado na composição do social, se transforma em um ponto discutível. O social ganha um caráter heterogêneo, e sua composição, dinamismo. Sua definição passa a depender de como essa diversidade de atores se relaciona, se conecta. Emerge daí a lógica da rede. Todos os fenômenos seriam seu efeito ou produto¹⁵. Para a TAR, essas redes heterogêneas sempre

¹⁴ O desejo de compreender como se dão os consensos na ciência está na origem da Teoria Ator-Rede.

¹⁵ Para John Law, um dos pais da TAR, o conhecimento não seria algo “gerado através da operação de um método científico privilegiado” (LAW, 1992, p. 381), e sim um “produto ou um efeito de uma *rede de materiais*

estiveram por aí. A questão é que, em geral, não éramos capazes de percebê-las (LAW, 1992, p. 385). Situação que vem mudando à medida que as coisas, aqui vistas como artefatos tecnológicos, estão mais salientes, perceptíveis. Isso faz com que o mundo digital ganhe um protagonismo mais evidente nas relações sociais.

Essa postura em relação aos fenômenos transformou a TAR em uma ontologia ambiciosa cujo principal pressuposto é a ressignificação do social. Considerar as relações sociais como efeito ou produto de redes geradas pelas conexões entre diversos tipos de atores levou Latour a definir o social como uma "busca de associações", um "tipo de conexão" (LATOURE, 2012, p. 23), e não apenas um adjetivo para designar algo homogêneo, como se o social "fosse uma coisa, um tipo de material" (PRIMO, 2012, p. 626). A sociologia das associações¹⁶, tal como Latour denomina a TAR, defende não tratar o social como algo dado (*taken for granted*), e sim como algo que pode ser explicado a partir das conexões realizadas em redes heterogêneas. Portanto, para Latour, o social está diretamente ligado à ação de quem (ou do que) tece e desmancha essas redes a todo o momento. Para explicar o social, bastaria seguir os rastros deixados pelos atores que participam dessa dinâmica. Essa maneira de encarar o social oferece uma proposta sedutora para desmontar fenômenos sólidos e revelar as relações que os permitiram demonstrar solidez. Daí a importância dos rastros.

No jornalismo, os pressupostos da TAR vêm sendo utilizados especialmente para renovar abordagens metodológicas da pesquisa em jornalismo e em comunicação¹⁷.

Primo e Zago (2015), por exemplo, sugerem que o jornalismo deve ser pensado não apenas por *quem* o produz, mas também pelo *que* o produz. A proposta leva ao ortodoxo campo jornalístico uma das proposições mais polêmicas da TAR, a atuação de não humanos na tessitura do social. Segundo eles, a tecnologia sempre foi considerada uma força externa ao impactar o jornalismo (PRIMO; ZAGO, 2015, p. 40), o que eles classificam como "estratégias

heterogêneas" (1992, p. 381, grifos do autor). Sendo que essas redes seriam compostas não só por pessoas, mas também por máquinas, animais, textos, dinheiro, arquitetura" etc (1992, p. 381).

¹⁶ A sociologia das associações surge em oposição ao que Latour (2012, p. 27) chama de "sociologia do social", uma versão da teoria social que se consolidou no século 20 e que tem como premissa definir o social como "uma espécie de material ou domínio" (LATOURE, 2012, p. 17) capaz de explicar ou contextualizar determinados fenômenos – em geral analisados de maneira isolada. Nesse sentido, o que a sociologia das associações propõe é explicar o que a sociologia do social considera a explicação. Essa definição questiona o isolamento dos fenômenos (e a adjetivação "social" que pretende explicá-los) ao sublinhar que o social é composto com base no movimento, nas associações realizadas pelos diversos atores participantes.

¹⁷ Esses pressupostos aparecem tanto em etnografias que buscam atualizar as dinâmicas de produção da notícia (HEMMINGWAY, 2007; WEISS; DOMINGO, 2010; ANDERSON, 2013; DOMINGO; LE CAM, 2014) quanto em etnografias interessadas na sua circulação e no seu consumo (ZAGO, 2014; D'ANDRÉA, 2015; LONGHI; SOUSA, 2012). E também em propostas para repensar a epistemologia do jornalismo (ARCE et al., 2014; DOMINGO et al., 2015; LEWIS; WESTLUND, 2015; PRIMO; ZAGO, 2015; REESE, 2016). Há ainda as contribuições para o campo da comunicação (PRIMO, 2012; BRUNO, 2012; LEMOS, 2013; LEMOS; HOLANDA, 2014; HOLANDA, 2014; BASTOS et al., 2014; ROCHA, 2015) e oriundas da psicologia (FREIRE, 2006).

binárias" que "povoam as teorias do jornalismo". No lugar dessa abordagem, os autores defendem que é preciso considerar a tecnologia como agente no fazer jornalístico, e o jornalismo como resultado da associação entre os múltiplos atores em uma rede heterogênea da qual jornalistas e artefatos tecnológicos fazem parte (PRIMO; ZAGO, 2015, p. 42).

Arce et al. (2014), por sua vez, sugerem ao jornalismo rever sua função mediadora nas relações sociais. A partir da observação de que, sob o ponto de vista da TAR, o verbo mediar deveria ser defectivo, ou seja, conjugável apenas na primeira pessoa no plural (2014, p. 498), os autores entendem que a mediação jornalística não pode se considerar superior às demais, posição sustentada pelas teorias que reforçam a sua centralidade. Segundo eles, a “mediação jornalística é apenas parte de uma espiral de mediações sobrepostas, em atravessamentos variados” (2014, p. 507). Portanto, deve incorporar o “nós mediamos” (2014, p. 508) ao seu fazer. Nessa abordagem, a Teoria Ator-Rede é operacionalizada não só para reafirmar o fato de que o jornalismo não pode se considerar externo ao fato que narra – algo já dado nas teorias do jornalismo contemporâneas, embora muitas vezes negado por organizações jornalísticas –, mas principalmente para rever a sua postura diante de outras mediações que também reconstituem os fenômenos.

Esses trabalhos fornecem leituras relevantes não apenas da Teoria Ator-Rede para o jornalismo e para a Comunicação, mas oferecem pontos de entrada para pensar a anatomia do cibercontecimento *breaking news* a partir das ideias de redes heterogêneas, simetria e caixa-preta. A ideia é trabalhar especificamente esses três pontos, considerados aqui como operadores para estudar a anatomia do cibercontecimento *breaking news*, de maneira a aprofundar os aspectos destacados do conceito delineado por Henn.

3.1.1 Cibercontecimento *breaking news* como uma rede heterogênea

Para pensar sobre as características do ambiente em que eclodem e proliferam os cibercontecimentos, Henn (2013) convoca o conceito de semiosfera (LOTMAN, 1986, 1999), definida como um "espaço de confluência e metabolização de todas as semioses, ou seja, dos processos que produzem sentido na sociedade" (HENN; OLIVEIRA, 2015, p. 81). Nesta dimensão, "a diversificação de conectividades" (HENN, 2013, p. 38) tende, na disputa por espaço, a gerar sentidos que "trazem consigo as múltiplas naturezas, inclusive técnico/midiáticas, que participam dos complexos arranjos das linguagens" (HENN, 2013, p. 38). O cibercontecimento se dá, então, a partir de uma associação dessa "diversificação de

conectividades" e suas "múltiplas naturezas" (HENN, 2013, p. 38) através da composição de uma rede heterogênea capaz de definir a própria natureza do ciberacontecimento.

O tecido dessa rede se alastra para todas as direções a partir das possibilidades de conexão proporcionadas pelos sites de redes sociais. A estrutura desse tecido, no entanto, não é equivalente à estrutura desses sites. Tal como a rede ator-rede de Latour (LEMOS, 2013, p. 53), a estrutura do tecido é virtual, composta pela associação e desassociação dos atores que da rede fazem parte em algum momento, e a intensificam, a partir de suas conversações. A rede cresce ao mesmo tempo que mingua, à medida que os atores fazem e desfazem conexões. Este movimento imprevisível e caótico se assemelha a uma pulsação. Dependendo da natureza do acontecimento que iniciou a propulsão, sua frequência pode aumentar ou diminuir. Ou se multiplicar, se transformar em outras pulsações, no momento em que o ciberacontecimento se transforma e se espalha.

Entendo que a rede tecida pelo ciberacontecimento acontece dessa forma em grande parte causada pela sua heterogeneidade. Não só porque sua natureza pulsante, caótica e imprevisível está diretamente ligada à diversidade de narrativas e de atores humanos citadas por Henn em uma abordagem à heterogeneidade mais genérica e universal que a proposta pela TAR. Mas porque ela acontece especialmente por meio de artefatos tecnológicos considerados pela TAR como atores capazes de ação, tais como os sites de redes sociais.

Por sua vez, a capacidade de ação de uma rede heterogênea não pode ser trazida à tona sem levar em consideração o princípio da simetria. Este princípio propõe que "tanto a natureza quanto a sociedade deveriam ser explicadas a partir de um quadro comum e geral de interpretação" (FREIRE, 2006, p. 49). Ou seja, para a TAR, "não há de antemão o mundo das coisas em si de um lado e o mundo dos homens entre si de outro" (FREIRE, 2006, p. 49). É a associação de atores heterogêneos que compõem, em forma de rede, o que entendemos por social.

3.1.2 A influência do princípio da simetria

Ao pressupor que o papel das coisas seja tão considerado na composição do social como a ação humana, a TAR acaba por chamar a atenção para a atuação do não humano. A polêmica envolvendo este ponto emerge porque dá margem para contra-argumentos vindos, ao menos, de duas frentes. De um lado, pela possibilidade de ignorar as relações de poder

entre os atores envolvidos na ação¹⁸. De outro, por abrir brechas para críticas por determinismo tecnológico, especialmente no caso de a ação envolver artefatos tecnológicos complexos, tais como computadores, sites de redes sociais, algoritmos, ou a própria internet.

Latour, no entanto, esclarece que "a TAR não é – repito: não é – a criação de uma absurda ‘simetria entre humanos e não humanos’" (LATOURE, 2012, p. 114). Ela defende, sim, diz ele, "não impor *a priori* uma assimetria espúria entre ação humana intencional e mundo material de relações causais" (LATOURE, 2012, p. 114). Segundo o autor, a TAR abole a divisão entre material e social que ofusca a possibilidade de estudar uma “ação que arregimenta diversos tipos de forças unidas por serem diferentes” (LATOURE, 2012, p. 112). Nessa ação, não são consideradas apenas as conexões humanas, e nem só as conexões materiais, mas um zigue-zague entre uma e outra (LATOURE, 2012, p. 113). Não se trata de alegar, "sem base, que os objetos fazem coisas ‘no lugar’ dos atores humanos” (LATOURE, 2012, p. 109), pois atores não humanos são “somente àquilo que o analista estaria preparado para acolher a fim de explicar a durabilidade e a extensão de uma interação” (2012, p. 109).

Em outras palavras, não se trata de conceder privilégios a coisas, máquinas, etc., e sim de ampliar o leque de participantes capazes de influenciar uma ação, de mediar. Mas para isso é preciso desnaturalizar a maneira como os atores não humanos são vistos.

Os objetos, pela própria natureza de seus laços com os humanos, logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários, assumindo importância ou não, independentemente de quão complicados possam ser por dentro. Eis por que alguns truques precisam ser inventados para *forçá-los a falar*, ou seja, apresentar descrições de si mesmos, produzir *roteiros* daquilo que induzem outros – humanos ou não humanos – a fazer. (LATOURE, 2012, p. 119, grifos do autor).

Um intermediário, para Latour, “é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai” (LATOURE, 2012, p. 65). Enquanto mediadores “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (2012, p. 65)¹⁹. Quando Latour sugere forçar os objetos a falar, ele ressalta a possibilidade, ao descrever os fenômenos, de sublinhar a importância que possuem determinadas instâncias quase sempre consideradas apenas um meio, um

¹⁸ Em sua tese de doutorado, André Holanda explora esta problemática, concluindo que “uma rede de associações não precisa ignorar as relações de poder” (HOLANDA, 2014, p. 68).

¹⁹ A definição e a diferenciação entre esses dois termos formam, no entanto, outro ponto sensível da Teoria Ator-Rede. Principalmente porque há certa flutuação entre os dois estados: dependendo da situação, um intermediário pode se transformar em um mediador, e vice-versa. E também porque nem sempre há consenso em relação ao significado e à diferença de transportar sem transformar e transportar modificando.

intermediário. Considerá-las importantes equivale a não ignorar a capacidade de tais instâncias induzirem outros atores a determinados tipos de ação.

Primo (2012), ao exemplificar a diferença entre mediadores e intermediários à luz das redes sociais, contribui para o entendimento do princípio da simetria. Ele sugere que um meio digital, como um blog ou um perfil no Twitter, “precisa ser interpretado como um ‘mediador’ ao fazer diferença nas associações” (PRIMO, 2012, p. 633). "Uma conversa entre dois colegas de trabalho através do e-mail seria diferente se fosse mantida via Twitter. E também não seria a mesma se ocorresse através de comentários em um blog de acesso público" (PRIMO, 2012, p. 633). Importante observar que não se trata de afirmar que esses meios *são* mediadores, mas sim que eles *podem* vir a mediar, dependendo da interpretação da sua ação no processo de associação. Trata-se, portanto, de assumir uma postura mais flexível. É não assumir que existe uma assimetria de antemão entre os atores envolvidos na associação.

O desafio, como ressalta Latour (2012, p. 119), é desnaturalizar esse processo, fazendo o não humano emergir como crucial para determinadas configurações sociais.

Para um cibercontecimento, os sites de redes sociais na internet, mais do que um lugar onde os acontecimentos eclodem, podem ser vistos como um mediador do processo evenemencial. Suas lógicas de funcionamento, muitas vezes baseadas em complexos algoritmos, como é o caso do Facebook, ou que privilegiam o dinamismo na circulação de informações, como é o caso do Twitter (ZAGO, 2011), são determinantes para estabelecer o ritmo de pulsação da rede surgida da relação entre "manifestações múltiplas de usuários" (HENN, 2013, p. 43) desses serviços. Mediando as conexões, eles tendem a elevar o nível de heterogeneidade da rede. Não só porque propiciam a participação de uma multiplicidade de atores (humanos) e narrativas, mas também porque demonstram ser um agente decisivo para a composição do cibercontecimento tal como ele foi proposto por Henn²⁰.

Em um cibercontecimento *breaking news*, essa característica tende a se intensificar, dado o seu caráter *frame-breaker*, o que entendo como a principal particularidade do seu processo evenemencial e o que o distingue das demais categorias de cibercontecimento

²⁰ A realidade é formada por sistemas abertos, tal que a conectividade entre seus subsistemas, e o transporte de informações entre eles, a partir da conectividade, gera a condição em que cada sistema é mediado ou vem a mediar outros. Vieira (1996) percebeu que essa ideia de conectividade como mediação de estruturas distintas é muito próxima da definição de signo proposta por Peirce. Para ele, o signo, além de ter uma função mediadora entre aquilo que ele entendia por mentes, também possuía uma capacidade geradora operacionalizada por essa mediação: um signo gera outro, infinitamente, na mediação entre objetos e mentes interpretantes. Ou seja, é possível pressupor, via Peirce, processos de semiose em universos não humanos, já que mente, para ele, é qualquer organismo em que haja, em algum nível, processamento de informação. A mediação, assim entendida, talvez pudesse ser incorporada em dinâmicas materiais, como as propostas, em que se identificam densidades conectivas e interfaces de diversas ordens.

(HENN, 2015). Ao perceber o nível de extraordinariedade do que está a ocorrer, o pulso da rede então se acelera. Seus múltiplos sujeitos e suas diferentes formas de reagir aos acontecimentos alimentam a semiosfera com narrativas cujo comportamento é classificado por Henn (2013, p. 38) como "máquinas de sobrevivência" - conceito emprestado de Dawkins (2010) - que operacionalizam "estratégias de ação e permanência nas fronteiras da semiosfera" (HENN, 2013, p. 38). Essas narrativas utilizam as lógicas dos sites de redes sociais para sobreviverem e se multiplicarem. A natureza extraordinária do acontecimento, por sua vez, abre espaço para a emergência dos sentidos, das sensações. O campo do sensível (HENN; SALLET, 2012) ganha protagonismo nas manifestações narrativas que constroem o acontecimento em rede, ainda que de *forma performativa*²¹. O que muitas vezes vai de encontro à atuação do jornalismo não só por apresentar uma natureza narrativa diferente, mas por flertar com a desinformação²².

É o que dizem Henn e Oliveira (2015) ao enxergar nesse desafio a materialização de uma crise sistêmica vivida pelo jornalismo. A partir da definição de sistemas de Bunge (1999) e Prigogine (2011), os autores desenvolvem uma perspectiva lógico-teórica que trata o jornalismo como um sistema aberto e complexo, e por isso vulnerável às flutuações e crises geradas pelo contato com outros sistemas. No meio digital, essas flutuações são provocadas "por novos modos de conectividade que transformam os processos" (HENN; OLIVEIRA, 2015, p. 81) narrativos, gerando "outros códigos que estabelecem-se com fluxos de semioses distintos" (HENN; OLIVEIRA, 2015, p. 82). Dizendo de outro modo, o convívio do sistema jornalismo com "novas conectividades" (2015, p. 82) que se apropriam dos acontecimentos de formas distintas das desenvolvidas historicamente pelas suas práticas profissionais, e com ele disputam espaços de sobrevivência na semiosfera dos ciberacontecimentos, acabam por colocar em xeque a sua primazia em narrar o mundo cotidiano (HENN, 2013, p. 43).

3.1.3 Abrindo e fechando a caixa-preta do jornalismo

²¹ Austin (1990) defende a ideia de que falar, mais não é do que realizar atos, desempenhos, que ao produzir desempenhos nas pessoas e no mundo têm a capacidade de transformá-los. Falar é agir e a linguagem possui essa propriedade de intervir no mundo e alterar o estado das coisas. Nesse sentido, a linguagem tem um caráter performativo.

²² Por exemplo, quando alguém ingenuamente (ou não) passa adiante uma informação (que vem a se mostrar) incorreta por querer mostrar à sua rede de contatos estar bem informado, ou por considerá-la de acordo com o seu entendimento de mundo, age de forma performativa. Esta intervenção altera o estado das coisas, é capaz de transformar o processo evenemencial, dificultando o trabalho da ação jornalística.

Sob o ponto de vista da Teoria Ator-Rede, entendo que a contestação da primazia narrativa do jornalismo pode ser considerada uma caixa-preta a ser aberta, tal como sugerido por Arce et al. (2014) e por Lemos e Holanda (2013).

O termo evoca a peça indestrutível dos aviões para criticar o desejo da sociologia do social em tentar explicar o social tratando-o como se fosse uma coisa (PRIMO, 2012, p. 626). A TAR propõe abrir as caixas-pretas sociais, em um esforço que também remete ao significado que esses equipamentos possuem para a aviação: seu conteúdo seria capaz de revelar como determinados fenômenos sociais acontece(ra)m. Esta ação se mostra de fato um esforço quando sua complexidade se evidencia. Para Latour, isso é reflexo da nossa dificuldade de enxergar a complexidade das redes que compõem o social. Law (1992) chama essa complexidade de "pontualizações", pois estamos acostumados a perceber as redes como unidades. Um aparelho de TV em funcionamento, por exemplo, dá a impressão de ser uma simples unidade. Mas quando apresenta algum defeito, e é preciso envolver um técnico, que vai repor peças danificadas, percebemos que a nossa impressão de unidade era uma máscara produzida pela rede que mantinha o aparelho funcionando (LAW, 1992, p. 384-385).

O deslocamento da ideia de "pontualizações" para as ciências sociais sugere que consensos sociais estabelecidos, tal como uma lei, um dispositivo técnico ou um partido político (LEMOS; HOLANDA, 2013, p. 15), poderiam ser considerados como caixas-pretas, para seguirmos com a terminologia sugerida por Latour, passíveis de serem abertas. É nesse sentido que o trabalho jornalístico também poderia ser encarado como tal.

Arce et al. (2014) sugerem que "a principal contribuição da TAR para a reflexão sobre a mediação jornalística é evitar que ela seja tomada como uma caixa-preta" (2014, p. 503). Para esses autores, ainda que o jornalismo contemporâneo possa propor uma narrativa plural, sua abordagem sublinha "a superioridade da mediação jornalística sobre as demais" (2014, p. 501). Esta postura estaria baseada na lógica moderna de estabilização e purificação.

A purificação é outro termo utilizado pela TAR para criticar a sociologia do social. Segundo Latour, o projeto moderno "fracassou na tentativa de separar os domínios natural e humano através do seu efeito colateral mais indesejável: a proliferação de objetos que já não podemos considerar nem totalmente naturais nem totalmente sociais" (FREIRE, 2006, p. 53), os híbridos. Não que esses objetos só tenham começado a aparecer agora. Nos termos de Freire (2006, p. 53), "nunca paramos de criar esses híbridos, apenas recusávamos assumi-los para defender um paradigma que já não se sustenta mais". Segundo Latour, o fim da modernidade abriu nossos olhos a esses objetos e à necessidade de criar um novo paradigma para abordá-los. Nesse paradigma, o entendimento das relações sociais passa,

necessariamente, por uma consciência do analista de que os objetos não só fazem parte, mas alteram o fenômeno que querem explicar. Latour denomina este movimento como tradução.

É como uma tradução, portanto, que Arce et al. enxergam a atividade jornalística. Uma operação não purificadora, coletiva e, portanto, híbrida (2014, p. 503).

Nessa acepção, nem o jornalista é exterior ao fato que relata, nem o social está dado de antemão. A mediação jornalística se torna híbrida, parte integrante e jamais autônoma do movimento coletivo de reagregar o social nas conexões intermidiáticas da contemporaneidade. (ARCE et al., 2014, p. 508).²³

Para Arce et al., o jornalismo deveria assumir o seu papel de mediador a partir da primeira pessoa do plural, nós. Isso significa renunciar à sua superioridade narrativa para conviver, no meio *on-line*, com "os processos infundáveis de tradução" que o colocam "inevitavelmente numa espiral de mediações variadas" (ARCE et al., 2014, p. 508). Essa abordagem se aproxima da de Henn e Oliveira (2015) quando dizem que a referida crise sistêmica "impõe ao jornalismo, como sistema, a necessidade de rever-se, em si, de modo a evitar a entropia total, dando a ver mais da complexidade dos acontecimentos" (2014, p. 9). O que, por sua vez, dialoga com o conceito de *event-driven news* de Lawrence (2000).

Oliveira e Henn acreditam que essa mudança de postura é necessária para que o jornalismo mantenha sua legitimidade como mediador da esfera pública.

No centro do debate, um desafio: o jornalismo precisaria superar o "modelo" calcado em preceitos como objetividade, imparcialidade, instantaneidade, etc. para manter a legitimidade social que lhe imputa a prerrogativa de mediar a esfera pública (FRANCISCATO, 2005), manter essa outorga; manter-se como sistema que produz certo tipo de conhecimento específico, que é baseado em convenções e teorizações que historicamente o constituíram, como dedica-se a compreender Meditsch (1998). E postula-se que esse seja um movimento estimulado especialmente pelo ato de assumir sua função mediadora e sua intervenção na construção social da realidade. (HENN, OLIVEIRA, 2015, p. 86).

É o que Arce et al. (2014) querem dizer quando constatarem que o jornalismo "reafirmar um papel de participante isento do jogo informacional não é suficiente para fechar a caixa-preta da mediação jornalística" (2014, p. 507).

Quando Arce et al. chamam a atenção para o *fechamento* da caixa-preta da mediação jornalística, observa-se a possibilidade de dois movimentos. Em um primeiro, a abertura da caixa-preta das práticas jornalísticas. Depois, o fechamento da caixa-preta da mediação

²³ Deslocada do seu contexto, a observação de Arce et al. pode dar a entender que a participação do jornalismo na construção do social é algo novo, ou no mínimo algo que não está dado. No trecho em destaque, não se trata de sublinhar a *inclusão* do jornalismo nas mediações que reconstruem os fenômenos, e sim sugerir um *reposicionamento* dessa mediação de maneira a também levar em conta outros tipos de mediação.

jornalística já a partir de uma nova postura, tal como aponta a mudança de comportamento sugerida por Oliveira e Henn.

Esse movimento de fechamento da caixa-preta vai ao encontro da afirmação de Latour sobre o estabelecimento de consensos nas ciências. Trata-se, ainda, do processo de tradução. Se “a atividade científica tem por natureza uma dimensão coletiva” e “um fato científico só existe se for sustentado por uma rede de atores” (FREIRE, 2006, p. 50), então as caixas-pretas são, em resumo, consensos. Cabe ao cientista não deixar que um fato se torne irreconhecível depois de passar por tantas mãos. É um processo de negociação no qual ele procura engajar outros atores em torno da sua ideia, ao mesmo tempo que luta para mantê-la o mais inalterada possível. O que acaba por definir a ciência como uma rede que se “estende em grandes proporções e se estabiliza” (FREIRE, 2006, p. 50). A Teoria Ator-Rede destaca a importância de observar as características das redes de atores que elaboram consensos, especialmente em relação à natureza desses atores e à relação entre sua natureza e sua capacidade de ação, ou seja, a habilidade que esses atores – sendo quem ou o quê são – possuem de influenciar associações cujo objetivo é o de estabilizar uma rede.

Lemos e Holanda (2013, p. 4), ao destacarem a complexidade interna das caixas-pretas e o fato de elas se deslocarem “por um fundo transparente ou estável demais para ser notado” (LEMOS; HOLANDA, 2013, p. 4), chamam a atenção para um momento propício para abri-las: a controvérsia. Determinadas circunstâncias podem revelar as redes por trás das caixas-pretas. Por exemplo,

[...] quando uma das peças de uma máquina deixa de funcionar, ou quando uma controvérsia torna um conceito problemático e disputado. O defeito ou a controvérsia abrem as redes revelando associações complexas, expondo o que até então estava estabilizado, aceito ou invisível. (LEMOS; HOLANDA, 2013, p. 4).

Considerando a lógica tradicional de funcionamento do jornalismo como uma caixa-preta, tal como enxergam Arce et al. (2014), entendo o processo evenemencial de um cibercontecimento *breaking news* como um momento propício para repensar a sua dinâmica de mediação, ou seja, para abri-la. Se o conceito de cibercontecimento já previa essa possibilidade, tal como apontou Henn (2013), ao desenvolvê-lo, e como sublinharam Henn e Oliveira (2015) ao aproximá-lo dos movimentos sociais em rede, o cibercontecimento *breaking news* a evidencia ainda mais em função do seu caráter extraordinário, *frame-breaker*. E não apenas isso. A partir de determinadas tendências desenvolvidas pela atividade

jornalística, o momento é propício também para fechá-las novamente, de maneira a encontrar a estabilização sistêmica apontada por Henn e Oliveira (2015).

Desse modo, é preciso levar em consideração o ciberacontecimento *breaking news* como uma controvérsia para o jornalismo. Por um lado, a complexidade que envolve a construção de um acontecimento em rede, com suas múltiplas conectividades, gera outra rede, heterogênea, que é capaz, no meu entendimento, de abrir as “redes do jornalismo”. Essa dinâmica desestabiliza a prática jornalística (até então *taken for granted*), revelando associações complexas que emergem durante o processo evenemencial e, conseqüentemente, sublinham a necessidade de analisá-las. É o que Lemos e Holanda dizem quando o projeto da caixa-preta “é colocado em crise por um fator externo” (2013, p. 15), o que novamente proporciona o diálogo com o conceito de *event-driven news*. Por outro lado, o próprio jornalismo “utiliza” o ciberacontecimento *breaking news* como uma possibilidade de se fechar em uma nova caixa-preta. Uma caixa-preta em que aparece como mediador, e não mais como um intermediário do jogo informacional (ARCE et al., 2014, p. 507). Um trabalho parecido com o dos cientistas que procuram manter seus fatos inalterados, à medida que buscam sua estabilização a partir dos consensos junto a seus pares.

Enquanto no primeiro caso ficaria evidente a turbulência sistêmica pela qual o jornalismo está passando (HENN; OLIVEIRA, 2015), o segundo demonstraria uma reação do jornalismo. É como se jornalismo tivesse seu status questionado e respondesse transformando suas formas de atuação para garantir seu importante papel na construção social da realidade. Ou seja, se por um lado a caixa-preta do jornalismo é aberta, por outro, o jornalismo busca estabilização demonstrando capacidade de equilíbrio sistêmico.

A meu ver, essa transformação na maneira de atuar passa por abrir suas engrenagens a partir do entendimento sobre a inevitável participação de outros atores no processo evenemencial em rede. Sejam eles atores considerados não jornalísticos, tal como as audiências, sejam eles não humanos, tal como os sites de redes sociais digitais. Incorporá-los pressupõe uma adaptação deontológica para que as atuações desses atores converjam aos objetivos do jornalismo, pelo menos durante o momento em que aqueles estão associados a este. Um movimento que, em última instância, representa a expansão das fronteiras do jornalismo.

3.2 DINÂMICA DO PROCESSO EVENEMENCIAL

A anatomia do ciberacontecimento *breaking news*, antes descrita, procurou demonstrar o processo de composição da extraordinariedade dos eventos a partir de uma aproximação com a Teoria Ator-Rede (TAR). A TAR fornece, no meu entendimento, recursos para aprofundar a compreensão de como o processo evenemencial de um acontecimento extraordinário em rede é influenciado pela capacidade de ação da própria rede - considerada aqui como um ator não humano que não só potencializa a circulação do acontecimento como também influencia a natureza das manifestações a respeito dele, transformando-o em um ciberacontecimento.

Esta aproximação abre a possibilidade para pensar o ciberacontecimento *breaking news* como uma rede ator-rede (Kastrup, 2010; Freire, 2006). Ou seja, não apenas como uma rede de associações entre múltiplos e heterogêneos atores cuja cristalização resulta em diferentes tipos de interpretações e narrativas a respeito do acontecimento - o que vem a desafiar a autoridade do jornalismo como narrador das coisas que acontecem no mundo. Mas também como uma rede cuja natureza é marcada pelo seu caráter de potência, ou seja, pela manutenção permanente da possibilidade de gerar associações.

A tensão entre o caráter virtual das associações e a sua (possibilidade de) atualização narrativa pode ser melhor compreendida ao se explorar o "funcionamento" do ciberacontecimento *breaking news*, ou seja, a maneira como ele se movimenta em rede.

O que proponho agora, portanto, é uma maneira de pensar e entender essa dinâmica. Utilizarei, para isso, o conceito de rizoma como ontologia²⁴. Isto é, o ciberacontecimento *breaking news* será considerado um rizoma. Depois, de maneira a demonstrar como essa característica rizomática afeta o jornalismo, investirei em um breve percurso cartográfico. Essa incursão utiliza a brecha indicada no sexto princípio do rizoma e tem como objetivo capturar o poder das associações que compõem o acontecimento *breaking news* no momento em que elas acontecem (ou estão para acontecer). Para este esforço, buscarei sustentação na cartografia sentimental de Suely Rolnik (2014). Como em Rolnik, aqui, o adjetivo sentimental faz referência à ação de afetar. Nada tem a ver com sentimento ou sentimentalismo (ROLNIK, 2014, p. 231). A ideia é propor uma maneira de observar o quanto um ciberacontecimento *breaking news* pode afetar o jornalismo. E como essa maneira de afetar pode ser considerada uma abstração da atual situação do jornalismo contemporâneo.

²⁴ Aqui, tratada como "parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral" (HOUAISS, p. 1389).

Na sequência do trabalho, em uma abordagem teórico-metodológica ao quinto e sexto princípios do rizoma, desenharei o que chamo de um agir cartográfico do próprio jornalismo. Trata-se da proposta de uma carta de navegação para enfrentar os desafios impostos por um ciberacontecimento *breaking news*. Defenderei isso a partir de uma releitura crítica do conceito de *gatewatching* (BRUNS, 2003; 2005) e da prática de curadoria de conteúdo.

3.2.1 Ciberacontecimento *breaking news* como rizoma

Ao eclodir em rede, o ciberacontecimento *breaking news* existe simultaneamente nos estados virtual e atual. É “uma projeção de todas as relações possíveis entre agentes, objetos e instituições” (BASTOS et al., 2014, p. 585) presentes na rede. Mas também é resultado da associação estabelecida de fato entre todos esses participantes em potencial. Os dois estados acontecem ao mesmo tempo porque sua "materialização" não elimina o caráter de potência das infinitas associações que ainda podem se estabelecer ou se desfazer.

O número de associações pode aumentar ou diminuir à medida que as conexões ocorrem e se desfazem. A relação inversamente proporcional deste movimento com a passagem do tempo define o grau de grandeza da rede materializada. Quanto mais associações acontecerem em um intervalo menor de tempo, maior será o ritmo de crescimento do acontecimento *breaking news*. O que vem influenciar o seu nível de extraordinariedade.

Por sua vez, a heterogeneidade que caracteriza tanto a rede em potencial quanto a rede em processo de atualização regula a velocidade do movimento. O princípio da simetria (que leva em consideração o poder de agência de atores quase desconsiderados nas interações sociais, tais como os artefatos tecnológicos) oferece capacidade de ação aos sites de redes sociais. Eles mediam as relações estabelecidas a partir das suas estruturas, cujo programa de ação²⁵ permite a aceleração e a desaceleração das associações. Esta dinâmica transforma a composição da rede do acontecimento *breaking news* em uma pulsação.

Essas características contribuem para o caráter imprevisível do ciberacontecimento *breaking news*, pois a movimentação de sentidos na semiosfera e o ritmo de sua pulsação são indeterminados e potencialmente infinitos. Dependem da natureza do evento inicial, da natureza dos atores envolvidos e da interpretação que cada um deles pode fazer do fenômeno. É neste "espaço-rede", dinâmico, infinito e que se configura na dinâmica das associações

²⁵ Aqui, entendo programa de ação como a maneira por meio da qual os sites de redes sociais, levando em conta as suas características e particularidades, participam e/ou influenciam nas associações. O Twitter, com suas mensagens curtas circulando em um ambiente/interface baseado em grande parte em ordem cronológica inversa, favorece o dinamismo das interações, acelerando a propagação de informações.

(LEMOS, 2013, p. 53) que a caixa-preta do jornalismo é aberta. Ao mesmo tempo, o próprio jornalismo experimenta novas formas para cristalizar sua atuação em uma nova caixa-preta.

Dado o seu flerte com caos²⁶, esta definição básica da dinâmica do processo evenemencial do ciberacontecimento *breaking news* permite, no meu entendimento, uma aproximação com o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2011).

Para esses dois autores, rizoma é uma metáfora para a impossibilidade de ordenação da existência. Deslocado da botânica, o termo diz respeito a uma espécie de junção não arborescente, ou seja, sem a hierarquia que prescinde a ideia de raiz, em que o crescimento se dá de maneira estrutural. Ele afirma o poder da conexão, já que "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22). E também o caráter heterogêneo dessas conexões, quando diz que "cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos" (2011, p. 22). Características, por sua vez, que remetem à noção de dispositivo de Foucault (2003)²⁷.

A potência do rizoma está na sua capacidade de tanto dizer sobre o "emaranhado que compõe a vivência humana" (ROSÁRIO, 2008, p. 214) quanto sobre uma forma "para que o pensamento não seja paralisado por um modelo hierarquizado como o de uma árvore" (AGUIAR, 2011, p. 19). Dessa maneira, serve não apenas para diagnosticar o caráter das tramas da vida, mas também para operacionalizar um entendimento a seu respeito que seja alternativo ao desejo de dar a ela o arranjo da ordem hegemônica (ROSÁRIO, 2008, p. 207). Permite, portanto, a elaboração de uma estratégia para fazer a capacidade reflexiva se aproximar da impossibilidade de ordem que o rizoma busca demonstrar.

O rizoma parece, então, mais bem caracterizado como condição do que como causa. Condição indeterminada, posto que aberta, das formas existentes. Pois o rizoma não possui limites definidos, não é uma forma, mas condição de existência das formas. É um tipo de "estrutura" na qual os elementos encontram-se reunidos numa simultaneidade não unificável. Os eventos sucessivos não são, por isso, previsíveis. Pelo seu próprio funcionamento, o rizoma modifica-se a todo momento. (KASTRUP, 2010, p. 84).

Há embutido na definição de rizoma de Kastrup o caráter virtual das tramas da vida, das infinitas possibilidades de conexão, que podem ou não se atualizar sem que haja causalidade, determinismo, previsibilidade (KASTRUP, 2010, p. 81). E que, na mesma

²⁶ Caos aqui é entendido como uma ordem alternativa, uma outra ordem.

²⁷ Em *Microfísica do Poder*, Foucault define dispositivo como "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos" (FOUCAULT, 2003, p. 138).

medida em que se atualizam, essas tramas se desmancham, assumem um caráter virtual novamente, em uma relação de constante tensão. Diante da impossibilidade de representação dessa dinâmica, o pensamento sobre o rizoma assume um caráter inventivo que “entra em sua composição e participa de seu movimento criador” (KASTRUP, 2010, p. 82). Qualquer tentativa de cristalização do rizoma é, portanto, apenas parcial. O estabelecimento de pontos de estruturação são “entendidos como estabilizações temporárias” (KASTRUP, 2010, p. 83).

A maneira como Kastrup (2010) e Rosário (2008) resumem os seis princípios do rizoma²⁸, condensada acima, dialoga com a ideia de uma rede ator-rede.

Como o rizoma, a rede de Latour é, ao mesmo tempo, uma forma de pensar o surgimento dos híbridos e sua própria ontologia. Os elementos que o híbrido põe em conexão são heterogêneos – materiais, sociais, tecnológicos, linguísticos, etc. A conexão dos heterogêneos não é centralizada, hierárquica ou garantida por qualquer determinismo, mas é capaz, por si só, de engendrar formas inéditas e inesperadas, que rompem com formas anteriores, sem o recurso de uma força externa (KASTRUP, 2010, p. 84).

Um rizoma é composto por linhas e seus movimentos. De acordo com Rosário (2008, p. 217), Deleuze e Guattari as dividem em quatro tipos: duras, abstratas, flexíveis e de fuga.

Respectivamente, pode-se entendê-las como as que funcionam por dualidades (duras), em movimentos horizontais e verticais e que, portanto, reproduzem relações de hierarquia; as que são mais abstratas, permitindo a interpenetração de fluxos e forças; as que realizam pequenas transformações na sua movimentação (flexíveis); e as que têm conexões imprevisíveis (de fuga), operando sobre o desejo e a criação, revelando sua importância para apoiarem as rupturas necessárias à trajetória (ROSÁRIO, 2008, p. 217).

As "linhas de fuga sem rumo e sem direção" (AGUIAR, 2011, p. 24) sugerem uma capacidade de o rizoma flertar com o caos. Nos termos de Aguiar, linha de fuga é "uma desterritorialização, ou seja, possibilidade de romper com um sistema já estabelecido" (AGUIAR, 2011, p. 24). E mesmo que essas linhas sejam minoria, "são portadoras de devires, que ao atualizar-se desestruturam o que estava estagnado" (AGUIAR, 2011, p. 24).

Em um processo evenemencial construído por múltiplos atores conectados em rede, as relações estabelecidas entre eles, sejam eles humanos ou não humanos, acabam por construir redes de associações a partir do princípio da simetria de Latour. Essas associações são marcadas pelo que Deleuze chama de pré-individualidade²⁹. Ou seja, por sentidos que

²⁸ Os seis princípios do rizoma, segundo Deleuze e Guattari (2011): 1º e 2º, conexão e heterogeneidade; 3º, multiplicidade; 4º ruptura assignificante; 5º e 6º cartografia e decalcomania.

²⁹ Para Deleuze, não faz sentido falar em um sujeito universal e particularidades encerradas em pessoas (DELEUZE, 2006, p. 178 apud BRITO, 2012, p. 11). A necessidade de atribuição, do fechamento em modelos,

antes de se objetivarem ou se subjetivarem junto aos sujeitos ou aos objetos, já fazem parte de um todo múltiplo. Nos termos de Escóssia e Tedesco (2015, p. 96), todo múltiplo é um "plano de criação das formas individuais e sociais origem de toda a mudança". Assim, essas associações, ao participarem da construção do acontecimento, eventualmente fogem do modelo duro, estrutural. Ou seja, se distanciam das formas hegemônicas e hierarquizadas de apropriação e narração dos acontecimentos. Às vezes, a partir de apropriações que flertam com o caos, que representam linhas de fuga, desterritorializações. Sua natureza caótica, no sentido de uma outra ordem, é portadora de devires, ainda que minoritários, oferecendo novas perspectivas. É a "franja de pré-individualidade" (ESCÓSSIA; TEDESCO 2015, p. 96) do ciberacontecimento *breaking news* trazendo consigo potencial de transformação através da pulsação que caracteriza as associações que o constituem. Se pensados sob o ponto de vista do jornalismo, esse potencial de transformação são devires narrativos e deontológicos.

O resultado é uma rede múltipla de associações que constrói o acontecimento na mesma medida em que o inventa, o produz, se afastando da tentativa de representação fiel do fenômeno narrado. Nos termos de Ferreira (2008, p. 31), "acontece uma proliferação de subjetividades mutantes [...], em que cada nova ocorrência de acontecimentos configura uma oportunidade para outras possibilidades de subjetivação". Sua natureza muda à medida que a rede cresce, e tanto o seu crescimento quanto sua natureza em mutação não podem mais ser ligados nem a indivíduos, nem a objetos. Os memes nas redes sociais digitais exemplificam essa multiplicidade inatribuível: "as infinitas escolhas e conexões feitas no instante acabam irrompendo numa nova forma de subjetivar-se a todo momento" (FERREIRA, 2008, p. 31).

Após iniciar o processo evenemencial, os atores responsáveis pela fagulha perdem protagonismo para uma rede pulsante da qual eles não são o centro. Afinal, "uma multiplicidade", dizem os autores, "não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23). Sujeito e objeto somem, embora ainda estejam lá. Desaparecem para dar lugar a uma multiplicidade, o ciberacontecimento *breaking news*.

serve à dominação. "Deleuze deseja vazar, perfurar o que parece sólido e unificante, por isso ele usa a ideia de individuações impessoais, singularidades pré-individuais, não mais o sujeito. Assim, as singularidades impessoais não são identidades e nem interioridade, essas singularidades são perfuradas e se fazem pela exterioridade, pelo fora e pelas intensificações criadoras" (BRITO, 2012, p. 11). Segundo Escóssia e Tedesco (2015, p. 96), a pré-individualidade é "definida por sua natureza não delimitável em contornos precisos. Por esse motivo, é descrita como fluxo de energia, como variações que interferem a todo instante na gênese contínua dos indivíduos".

3.2.2 O pulsar do rizoma ciberacontecimento *breaking news*

Essas características têm, como já foi dito, o poder de afetar a atuação do jornalismo. Para tentar deixar claro como enxergo a dinâmica do ciberacontecimento *breaking news*, o que virá a dialogar com a estratégia de ação jornalística baseada em um agir cartográfico, dividi em três o movimento descrito acima. A divisão foi inspirada nos três movimentos simultâneos do desejo que abrem o livro *Cartografia Sentimental*, de Suely Rolnik (2014).

Como já observei em outra oportunidade (OSÓRIO, 2015), neste livro, a autora explora a instalação e a viabilização de formas de subjetivação no cotidiano a partir da análise do contexto brasileiro dos anos 1980, início do regime do “capitalismo cognitivo” e sua força perversa que tirou proveito das feridas abertas pela ditadura. O sentimental do título, como também já foi dito, não está ligado a sentimentalismo, e sim ao afeto, ao ato de afetar. Assim, a ideia em descrever esses movimentos é demonstrar como o processo evenemencial do ciberacontecimento *breaking news* afeta o jornalismo ao eclodir em rede.

Em *Cartografia Sentimental*, Rolnik cartografa a produção de “universos psicossociais” (ROLNIK, 2014, p. 31) por meio da observação dos movimentos realizados pela subjetividade. Uma descrição cuidadosa dessa movimentação faz com que seja possível perceber o fluxo de sensações conquistando territórios até o ponto de se tornar inteligível, formando desenhos no espírito e no corpo das pessoas – um mapa de afetos, um plano de consistência, um território delineado (ROLNIK, 2014, p. 33).

Utilizando a proposta de Rolnik como inspiração, acredito ser possível criar um modelo capaz de delimitar as dinâmicas que movimentam as engrenagens do ciberacontecimento *breaking news*, processo que dá início à propulsão de sentidos na semiosfera. Trata-se de verificar como o fluxo informacional vai, à medida que é apropriado pelos atores em associação, conquistando territórios, tornando-se inteligível – ainda que muitas vezes essa inteligibilidade não seja exatamente jornalística – ao mesmo tempo em que o jornalismo se esforça pela estabilização do pulsar do rizoma.

3.2.2.1 Movimento 1: partículas de intensidade

Aqui, o *breaking news* acaba de irromper. A rede de associações que servirá de subsídio para materializá-lo jornalisticamente ainda inexistente, e sua configuração após a

explosão do acontecimento é imprevisível. O que há circulando é, por enquanto, a intensidade do acontecimento. Emergem, aos poucos, fragmentos, peças soltas do fenômeno que começa a reverberar em rede. Aos poucos, inicia-se um processo evenemencial que ensaia jeitos de se apresentar, ganhar corpo, obter espessura de real, pois "afetos só ganham espessura de real quando se efetua" (ROLNIK, 2014, p. 31). À medida que o tempo passa, o ciberacontecimento *breaking news* se transforma de potência enunciativa em cristalização narrativa. Mas a falta de coesão e coerência de tais manifestações das associações ressalta o seu caráter sensível. O *breaking news* é um acontecimento-intensidade.

Localizado entre o fenômeno inicial e a suas primeiras manifestações em rede, o Movimento 1 é um movimento de transição. Um fato fora da rede motiva o registro de alguém que por ele foi afetado. No momento em que este registro ganha a rede, acende o pavio do processo evenemencial. A manifestação publicada em rede (na web), mas ainda sem fazer parte da rede narrativa do ciberacontecimento, possui interesse jornalístico, mas nesse primeiro momento exala basicamente intensidade. É preciso que essa manifestação encontre outros fragmentos de expressão para que essa realidade – construída na rede e em rede – comece a ganhar espessura, se efetue, iniciando a formação de um mundo.

3.2.2.2 Movimento 2: a formação da rede

Ao começar a pulsar, o acontecimento deixa o plano da potência e vai ganhando corpo, plano de consistência, como diz Rolnik. O território vai se formando por meio do estabelecimento de associações heterogêneas entre os sites de redes sociais, os sujeitos conectados a eles e os fragmentos de acontecimento-intensidade, que neste momento já se transformaram em atores desvinculados de quem (ou o que) os emitiu. À medida que essas associações acontecem, materializa-se uma rede narrativa. A composição vai se formando a partir da associação de singularidades pré-individuais, como as fagulha iniciais de um *breaking news* em rede. Estas fagulhas mal chegam a fazer parte de quem a enunciou, pois sua rápida adesão a um plano de consistência mais amplo faz com que elas se tornem parte de uma multiplicidade. Ou seja, embora elas estejam ligadas aos atores que as emitiram, os sentidos que elas emitem as transcendem e as transformam em retalhos do *pathwork* narrativo sobre o acontecimento em desenvolvimento. A tendência é o estabelecimento de planos de consistência, de delineamento de territórios. São percursos costumeiros, como diz Rolnik (ROLNIK, 2014, p. 32), os traçados pelos acontecimentos-intensidade. A questão é saber que tipo de máscaras serão formadas a partir da rede de associações que emerge.

3.2.2.3 Movimento 3: inteligibilidade e cristalização

Na narrativa de Rolnik, a formação de territórios acontece de formas diferentes. No primeiro cenário, a inteligibilidade vinga e faz sentido a partir de mundos existentes e tradicionais. Em um segundo cenário, “partículas soltas de afeto, lascas que escaparam às máscaras do território” (ROLNIK, 2014, p. 33) anunciam uma inteligibilidade obsoleta, em “processo galopante de desabamento” (2014, p. 33). A autora ainda ressalta que, embora tenha vingado, o primeiro cenário também tende a passar pela mesma situação.

Não porque a máscara “tradicional” não preste, não funcione, mas porque “ela tem seu *deadline*, ainda mais nos tempos que correm, quando a vida dos territórios e de suas respectivas máscaras anda cada vez mais curta” (2014, p. 34). Rolnik fala de mundos que desabam e de mundos que emergem a partir da associação de subjetividades que são, em tese, individuais, mas que dizem respeito a uma sociedade em constante transformação em um momento em que os territórios têm vida cada vez mais curta (BAUMAN, 2001).

Se utilizarmos a lógica de Rolnik no contexto que queremos observar, o primeiro cenário poderia nos remeter à cristalização de um *breaking news* a partir de uma ação jornalística mais tradicional, cujas formas narrativas e deontológicas, às vezes desatentas às associações heterogêneas que compõem o processo evenemencial em rede, por mais que façam sentido, “prestem”, como diz Rolnik, têm data de validade, ainda mais nos tempos atuais. Sua desterritorialização é evidenciada pelas “lascas” que escapam do seu território: “atos aleatórios jornalísticos” (LASICA, 2003) que, embora carreguem sentido jornalístico, apresentam, em um primeiro momento, cargas elevadas de intensidade nem sempre adequadas à deontologia jornalística tradicional.

No segundo cenário, a obsolescência da ação jornalística já foi percebida, fazendo sua narrativa sobre o acontecimento gorar. No seu lugar, conquistam territórios narrativas “caóticas”, não tradicionais, em princípio não jornalísticas, que geram desconforto, mas que projetam outros devires narrativos diante do processo evenemencial, outras territorializações a partir do acontecimento-intensidade.

Este segundo cenário, a partir do raciocínio de Rolnik, divide-se em dois. De um lado, há a insistência do comportamento obsoleto. A ação jornalística, para afirmar a relevância de suas práticas, enrijece suas posições e ignora os “atos aleatórios jornalísticos” praticados por diferentes atores associados em rede. Como diz a autora, trata-se de uma rigidez que “parece ser tão forte quanto aquilo que ela tem por missão negar: o movimento de partículas soltas,

partículas loucas” (ROLNIK, 2014, p. 34). De outro lado, a ação jornalística “aguenta ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto – sua máscara desterritorializada – cava em sua alma” (ROLNIK, 2014, p. 34). Ela aceita que sua territorialização marcada por uma identidade deontológica e narrativa gorou, e que, para conseguir dar conta do *breaking news* como processo evenemencial, terá de reinventar um mundo. Um mundo que leve em conta a heterogeneidade das associações responsáveis por construir a realidade social a partir de um fenômeno inicial.

3.2.2.4 Breve reflexão sobre os movimentos

Esses três movimentos, no meu entender, são capazes de se configurar em modelos metodológicos interessantes para observar o comportamento do jornalismo durante um *breaking news* em rede. Trata-se de uma observação do desmanchamento e formação de “mundos” jornalísticos. Ela nos mostra, a partir de outro ponto de vista, as duas caixas-pretas do jornalismo citadas anteriormente: de um lado, o *breaking news* como um momento em que a desterritorialização das práticas deontológicas e narrativas do jornalismo é exposta; do outro, o próprio jornalismo tentando dar conta do *breaking news* em rede, seja insistindo nas suas práticas tradicionais, seja adaptando suas lógicas de ação a um contexto que exige novas territorializações.

4 CARTOGRAFANDO O CIBERACONTECIMENTO *BREAKING NEWS*

Até aqui, construí o ciberacontecimento *breaking news*, um acontecimento extraordinário que adquire, ao ganhar as redes sociais digitais, as características de um ciberacontecimento, tal como entendido por Henn (2013). Sua anatomia complexa foi descrita a partir de alguns operadores oferecidos pela Teoria Ator-Rede. Sua lógica de funcionamento, a partir do conceito de rizoma e da Cartografia Sentimental (ROLNIK, 2014). Esses pressupostos teóricos contribuíram para diferenciar o ciberacontecimento *breaking news* do ciberacontecimento, estabelecendo aquele como uma categoria deste. Ou seja, ele não é, necessariamente, um ciberacontecimento, na sua origem, genuíno, mas operacionaliza-se ou processa-se enquanto tal, pois adquire todas as tonalidades percebidas no ciberacontecimento, nos modos complexos como se espalha e gera conectividades em rede.

Uma das constatações oriundas dessa construção é que o ciberacontecimento *breaking news* se configura como um momento propício para evidenciar a crise sistêmica pela qual passa o jornalismo (HENN; OLIVEIRA, 2015). Mas também oferece a possibilidade do seu reequilíbrio como sistema por meio de uma readaptação das suas práticas. Neste capítulo, defendo que esse reequilíbrio pode ser obtido a partir do deslocamento de alguns pressupostos do método cartográfico para a prática jornalística, no momento da eclosão de um ciberacontecimento *breaking news*. O agir cartográfico, como chamo este deslocamento, é acionado em um ambiente que tem o conceito de *gatewatching* como paradigma de fluxo informacional e a prática de curadoria como paradigma de atuação jornalística.

A aproximação do jornalismo à cartografia, até onde pesquisei, não é algo comum nos estudos de jornalismo. Mas também não é uma apropriação inédita.

Jim Hall (2001), ao discutir a natureza desintermediada das notícias no jornalismo *online* na virada do milênio, afirmou que os "jornalistas incorporaram o papel de cartógrafo nas suas atividades, mas, na biblioteca universal que é a web, eles também se tornaram autenticadores e *designers* daqueles que seguem os seus mapas" (HALL, 2001, p. 54). A ideia era organizar a "bagunça" (HALL, 2001, p. 54) que estava se transformando a internet. "Os mapas contextualizam e mediam as fontes oferecidas pelos jornalistas, mas a interpretação dessas fontes é de responsabilidade dos leitores" (HALL, 2001, p. 54).

Anos depois, Rocha (2006, 2009), chamou de "cartografia da informação" a ação do jornalista dedicado a "evitar ou minimizar dispersão ou sobrecarga cognitiva do usuário"

(ROCHA, 2006, p. 56) em contextos informacionais cuja atividade estivesse baseada em um "caráter de interação mútua", através de hiperlinks. O pesquisador buscava entender a dinâmica dos primeiros sites dedicados ao jornalismo participativo. Ele comparou a atividade jornalística de sites cuja premissa era a interlocução com o público com a realizada em grandes portais de internet. Para o autor, enquanto os portais assumiam o papel de organizador das informações disponibilizadas pelo próprio site, sites baseados na interação precisavam se dedicar ao "encadeamento dos atos comunicativos" (ROCHA, 2006, p. 56), ideia desenvolvida por Primo (2004). Uma "ordenação hipertextual [...] que deve levar em conta alguns pontos da natureza do hipertexto, com topografia, multitemose, fragmentaridade e interatividade" (ROCHA, 2006, p. 56). Norteado por um princípio conversacional (ROCHA, 2009, p. 5), o cartógrafo da informação deve "estabelecer uma relação produtiva essencial entre interpretação coletiva dos fatos e ligação entre comunidades ou interagentes informacionais" (ROCHA, 2009, p. 4).

Abras e Penido (2012), por sua vez, convocam a definição de Rocha (2006) para sublinhar uma "nova práxis" que "diz respeito ao modo de atuação jornalística em redes comunicativas inter-relacionais" (ABRAS; PENIDO, 2012, p. 12). Ela ganhava espaço diante de mudanças dos fluxos informacionais que alteravam os processos de *gatekeeping* e *agenda-setting*. Assim, a cartografia da informação designaria uma nova atribuição do jornalista que somaria o papel de "vigia" do *gatewatching* à função de "elemento de ligação entre diversos agentes ou comunidades virtuais informacionais" (ROCHA, 2006, p. 56).

Em comum a essas apropriações está um significado mais usual do termo. A cartografia aparece como sinônimo de organização, filtro, mediação, interlocução. O jornalista emerge como o profissional capaz de oferecer basicamente dois tipos de mapas. Um para navegar em meio à confusão informacional, outro para explorar as possibilidades de interlocução entre comunidades. Ambos são fundamentais, e entendo que os jornalistas, à medida que meio digital evolui, vêm assumindo as funções descritas pela cartografia da informação tal como ela foi definida, ainda que, às vezes, sob outra terminologia. O cerne dessas proposições, inclusive, será discutido nos próximos dois capítulos.

O que eu gostaria de propor com o que denominei de "agir cartográfico" é pensar a prática jornalística a partir da definição do ciberacontecimento *breaking news* como um rizoma pulsante. Trata-se de uma prática que passa, sim, pela ideia básica de um organizador de informações, de fluxos, de conversações, como veremos à frente, mas que talvez também a transcenda, especialmente diante da complexidade imposta pelo cenário dos últimos anos. A ideia é incorporar alguns pressupostos da cartografia como método para explorar e cristalizar

rizomas, tópico bastante discutido na psicologia e nas ciências da saúde, e que recentemente vem ganhando espaço na campo da comunicação.

Cabe salientar que não se trata de deslocar o método cartográfico para o fazer jornalístico. A prática jornalística tem os seus próprios métodos. E esses métodos estão ancorados em determinados valores. Não estou propondo a sua invalidação, mas sim alguns acréscimos e adaptações em função do contexto de crise já citado, e especificamente em um determinado tipo de prática: a atuação durante um ciberacontecimento *breaking news*.

Outra observação pertinente é o caráter propositivo desta aproximação. Muito mais do que um modelo a ser aplicado, o objetivo é fornecer parâmetros de reflexão que possam ajudar a desenvolver novas posturas, novos olhares. Esses novos olhares talvez possam apontar para novos métodos, novos procedimentos, novas práticas jornalísticas.

Parte dessa proposição se dá em função do caráter incipiente da apropriação da cartografia no campo da comunicação (ROSÁRIO, 2016). Aqui, estou falando do campo da pesquisa, mas como a postura de jornalista inspirado por um agir cartográfico é similar a de um pesquisador cartógrafo, a crítica é válida. Segundo a pesquisadora, o conceito é, em geral, utilizado "como sinônimo de mapeamento, levantamento de dados ou pesquisa exploratória" (2016, p. 177). Usa-se o termo também para compilar e analisar conjunto de dados. Esses usos apontam para um "escasso tratamento da teoria que aciona a metodologia" (2016, p. 177) e para uma ligação a "aspectos do método positivista e cartesiano" (2016, p. 177), o que dificulta a aproximação com os conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari.

Constatação parecida já havia sido realizada por Aguiar (2011). Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora analisou o uso da cartografia de Deleuze e Guattari no campo da comunicação. Os resultados apontaram a necessidade de "uma coerência maior da dimensão metodológica" (AGUIAR, 2011, p. 84; ROSÁRIO, 2016, p. 177). Ela chamou a atenção para o fato de os trabalhos se apoiarem nos conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari, especialmente a partir do livro *Mil Platôs*, para compreender todas as instâncias da pesquisa, o que culmina em um teorismo abstrato (AGUIAR, 2011, p. 82). Estabelecidas as limitações, a autora destaca que a cartografia pode ser um procedimento metodológico produtivo para "construir o objeto empírico que trabalhe no campo dos acontecimentos" (AGUIAR, 2011, p. 83).

O objetivo desta seção é, portanto, abordar a cartografia teórico-metodologicamente de maneira a propor uma forma de pensar a prática jornalística durante ciberacontecimentos *breaking news*. Trata-se de um olhar inventivo que explora pressupostos da cartografia como método para tentar entender as dinâmicas de movimentação deste momento específico que

tem o jornalismo como um dos seus atores. Repito: não se trata de um procedimento metodológico para o jornalismo, mas sim uma proposta para guiar possíveis abordagens jornalísticas. Uma tentativa de compreender como o jornalismo pode se comportar ao afetar e ser afetado pela dinâmica de um cibercontecimento *breaking news*.

4.1 O AGIR CARTOGRÁFICO

Assim, a adaptação da lógica de ação jornalística passa, no meu entendimento, pela incorporação de alguns elementos da cartografia no seu fazer. A pulsante imprevisibilidade rizomática do processo evenemencial do cibercontecimento *breaking news* e a natureza extraordinária do fenômeno que o originou abrem espaço para uma forma de narrá-lo baseada na inventividade deste método (KASTRUP, 2010), cuja especificidade dos procedimentos depende de “cada situação ou contexto a ser analisado” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 46). O objetivo seria traçar "um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem" (ROLNIK, 2014, p. 23). Um desenho narrativo que acompanha, portanto, o pulsar o cibercontecimento *breaking news*.

A cartografia, segundo Prado Filho e Teti (2013) acompanha “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamento entre forças, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação e subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (2013, p. 47). É uma topologia dinâmica das forças e relações, fornecendo mais informações a respeito dos movimentos do que de posições fixas (2013, p. 48). Esse dinamismo aproxima a cartografia da lógica das redes associativas, fazendo-a emergir como uma metodologia - vista aqui como uma estratégia de ação - promissora para o contexto em questão.

4.1.1 Um lugar para a dimensão pré-individual

O pressuposto dessa estratégia é a (re)construção dos fatos a partir da observação do plano coletivo de forças gerado pelas associações. Nos termos de Escóssia e Tedesco (2015, p. 97), em um plano coletivo de forças, "não existem regras fixas, modos privilegiados de relação".

As modalidades dos elos e as direções multiplicam-se nas diferentes composições momentâneas e locais entre as forças. Ao mesmo tempo, o ideal de equilíbrio, como

direção única e privilegiada, também desaparece. A pluralidade substitui a síntese unificadora, e o princípio de estabilidade dá lugar à dinâmica da metaestabilidade. (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 97).

Segundo Escóssia e Tedesco (2015), a ideia de metaestabilidade está baseada nas duas dimensões existentes em um processo de constituição das formas, a individuação. Os indivíduos "físicos, orgânicos, psíquicos e sociais" (2015, p. 98) são constituídos nesse processo. A primeira é a dimensão individuada, "marcada pela tendência à repetição de si e, portanto, reconhecida por regularidades facilmente delimitáveis e, neste sentido, capturável pelo exercício da representação" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 98). Dizendo de outro modo, a dimensão individuada diz respeito à regra, ao conhecido. À maneira como as coisas e os sujeitos são construídos. Sua previsibilidade permite direcioná-la a objetivos claros. Encaixá-la dentro de estratégias familiares. A segunda é a dimensão pré-individual (introduzida na seção 3.2.1). Esta dimensão é "constituída por pontos singulares, isto é, por puras diferenças potenciais, alheias à ordenação", portanto um "sistema metaestável, rico em potenciais, portador de intensidades e singularidades" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 98). Aqui, "não há denominador comum" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 98) nem possibilidade de encaixe em estratégias de entendimento e representação familiares. Sua natureza é selvagem e marcada pelo desvio.

Como procurei demonstrar no capítulo anterior, a metaestabilidade caracteriza o rizoma pulsante em que se transformou o cibercontecimento *breaking news*. Ao se espalhar em rede, o cibercontecimento se choca com a metaestabilidade dos próprios sujeitos que dele se apropriam. Nesse momento, há um processo recursivo de constituição do próprio cibercontecimento como uma forma social. A interação entre suas duas dimensões ao mesmo tempo que o cristalizam de uma maneira (re)conhecida, anuncia outras ordens (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 98). Estabelece-se aí um estado crítico que vai de encontro à deontologia jornalística. A capacidade de controlar os acontecimentos a partir das suas próprias experiências anteriores, cristalizando-os narrativamente a partir de formas conhecidas e homogêneas não é mais capaz de dar conta da situação problemática que se constitui com a eclosão do cibercontecimento em rede. Para ser capaz de acompanhar a constituição desse plano coletivo de forças, a prática jornalística deve incorporar a ação cartográfica ao seu fazer, deixando de lado o caráter purificador.

Este esforço parte do princípio de que "o ato de conhecer é criador da realidade" (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264). Ao observar e narrar o processo evenemencial, o fazer jornalístico ajuda também a constituí-lo. Pois as suas ações também resultam em associações

heterogêneas, ou seja, relacionam-se com os demais atores da rede em formação. Há, por parte do jornalismo, um processo simultâneo e indissociável de narração e participação do fenômeno narrado. Mais do que reconhecer que a ação do jornalismo constrói a realidade a partir da ocorrência de um fenômeno, o "agir cartográfico" pressupõe reconhecer a presença da ação do jornalismo inserida no ocorrer do fenômeno. Ou seja, como parte de um fenômeno que talvez tenha cessado fora das redes, mas que segue acontecendo dentro delas como ciberacontecimento. Como dizem Kastrup e Passos, "há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como *poiesis*, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção" (2013, p. 264).

4.1.2 Olhar vibrátil e atenção flutuante

Há neste processo o que Kastrup e Passos definem como "zona de indiscernibilidade" (2013, p. 266), um apagamento de "fronteiras preestabelecidas na divisão das disciplinas" (2013, p. 266) que dá contornos complexos à realidade em formação - interesse último do fazer jornalístico. Para dar conta desse cenário, defendo que o jornalismo se inspire na capacidade de utilizar o olhar vibrátil durante um ciberacontecimento *breaking news*.

Conforme Rolnik (2006)³⁰, a percepção é uma capacidade cortical do sujeito que permite capturar as formas e os elementos do mundo gerando-lhes representações; essa capacidade é da ordem da história e da linguagem. Já a capacidade subcortical é capaz de gerar o olhar/corpo vibrátil. Essa aptidão deixa ver a alteridade em suas forças vivas, aquilo que afeta o sujeito e se configura em sensações. (ROSÁRIO, 2008, p. 204)

Deslocada da pesquisa científica para a prática jornalística, essa postura nada mais é do que a necessidade de "assimilar que não há certezas absolutas, verdades universais, fatos que possam ser apreendidos em estado puro" (ROSÁRIO, 2008, p. 205). Não se trata de deixar de lado a capacidade representacional, muito menos de priorizar ação da capacidade subcortical em detrimento da capacidade cortical, mas sim de considerá-la. Trata-se de reconhecer a sua existência e fazê-la trabalhar a favor do jornalismo.

Como dizem Escóssia e Tedesco (2015), há uma coexistência entre as formas e as forças que as produzem. Nesse sentido, "longe de limitar seu olhar à realidade fixa, tal como propõe a abordagem da representação, a cartografia visa à ampliação de nossa concepção de

³⁰ Nesta passagem, Rosário (2008) faz referência ao livro *Cartografia Sentimental*, referenciado nesta tese como Rolnik (2014).

mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas." (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 92). A inclusão de um olhar vibrátil por parte das práticas jornalísticas seria uma forma de enxergar o ciberacontecimento *breaking news* como um plano movente, de atingir "a processualidade que marca os acontecimentos do mundo" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 99).

O desenvolvimento dessa capacidade pode passar pelo que a psicanálise chama de atenção flutuante. Nos termos de Kastrup (2007), trata-se de uma técnica freudiana para que o analista não se deixe influenciar, ao ouvir o paciente, pelas suas próprias expectativas e inclinações (2007, p. 16). A orientação é "não dirigir a atenção para algo específico" e em manter a atenção "uniformemente suspensa" (2007, p. 16). Dizendo de outro modo, é abandonar a seleção por um instante, já que "para Freud, a atenção consciente, voluntária e concentrada, é o grande obstáculo à descoberta" (2007, p. 16).

O uso da atenção flutuante significa que, durante a sessão, a atenção do analista fica aparentemente adormecida, até que subitamente emerge no discurso do analisando a fala inusitada do inconsciente. Em seu caráter desconexo ou fragmentado, ela desperta a atenção do analista. Mesmo que não seja capaz de compreendê-la, o analista lança tais fragmentos para sua própria memória inconsciente até que, mais à frente, eles possam vir a compor com outros e ganhar algum sentido. (KASTRUP, 2007, p. 16).

Novamente, cabe lembrar que não se trata de deslocar integralmente o conceito de atenção flutuante para o jornalismo, e sim de buscar inspiração. Nesse sentido, a atenção flutuante pode ser comparada a uma postura de observação da movimentação das associações dos atores em rede, antes de assumir uma postura na tessitura da narrativa. O objetivo seria a construção de uma inteligibilidade não marcada pela obsolescência, mas também que mantivesse as formas estruturais que definem o jornalismo. Ou seja, uma postura consciente da impossibilidade da estabilização da rede surgida do rizoma, mas que buscasse formas de acessar o plano pré-individual do processo evenemencial. Uma postura que se deixasse guiar pelos sinais que surgem do acontecimento, uma postura *event-driven*.

O desenvolvimento de um olhar vibrátil somado a um comportamento inspirado na atenção flutuante pode permitir à prática jornalística

apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido". (ROLNIK, 2014, p. 67).

4.1.3 Em busca do comum

A observação da constituição do plano coletivo de forças por meio de uma atenção flutuante favorece a emergência do que Jullien (2009) chama de comum. Kastrup e Passos (2013) definem comum como "uma coexistência que não abole a fricção e na qual o esforço de construção marca presença" (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 267). Sua delimitação como conceito é moldada ao se distinguir de outros dois: o universal e o homogêneo.

O universal funciona como "ideal regulador" que está "em contínua implementação" (2013, p. 67). "Por exemplo, quando falamos em Direitos Humanos, universais, não nos referimos a uma totalidade positiva e realizada, mas a um horizonte sempre presente" (2013, p. 67). O homogêneo, por sua vez, é uma "generalidade rasa, barata, superficial, fundada na semelhança e na série, com vistas ao crescimento e ao rendimento" (2013, p. 67). É, seguem os autores, a "uniformização dos modos de vida, discursos e opiniões, onde se destaca o papel da mídia e outros dispositivos da globalização" (2013, p. 67).

Já o comum é a construção constante da coexistência das heterogeneidades. É o "limite instável entre o que comuna e o que difere" (2013, p. 67).

Não sendo algo que se possa supor já dado, o comum se produz por procedimentos que vão à jusante da experiência, acompanhando as práticas concretas que comenam, uma vez que realizam partilha de um bem comum, e conseqüentemente, criam o efeito de pertencimento. É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo". (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 67).

Ao pulsar em rede, o ciberacontecimento *breaking news* afeta os atores, que o experienciam. De diferentes maneiras, essas experiências são partilhadas. Partilhas heterogêneas, pois ligadas às subjetividades à maneira como cada um experienciou o fenômeno, mas que emerge como pertencimento, que aproxima por conter valores universais compartilhados por todos. Diferença e pertencimento se espalham nas redes, construindo uma rede política em constante mutação e carregada de potência comunitária. O ciberacontecimento se transforma naquilo "que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos" (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 267).

Aqui, o desafio do agir cartográfico é fazer o comum aflorar. Dar um sentido de heterogeneidade ao fluxo informacional que circula pelas redes durante o ciberacontecimento. Não deixar que ele se torne homogêneo, nem que fique apegado apenas ao que é universal, mas que consiga, a partir de uma sensibilidade capaz de perceber a camada pré-individual da

constituição das formas em um plano de forças, entender sua participação inserido no fenômeno e cristalizar sua narrativa de maneira a dar conta das diferenças.

4.2 *GATEWATCHING*: O JORNALISMO EM MEIO AO CIBERACONTECIMENTO

A seguir, em uma revisão crítica, demonstrarei como o *gatewatching* captou as transformações pelas quais passa o jornalismo, desde o final da década de 1990, para se transformar no paradigma do fluxo de informação do qual a curadoria de conteúdo jornalístico aparece como operador na prática do agir cartográfico. Esta seção tem, portanto, também um caráter propositivo, em uma ação que evidencia minha posição de pesquisador-jornalista cujo interesse, além de observar, também é investigar alternativas para a (meta)estabilização sistêmica das práticas profissionais.

A ideia é reconstruir uma trajetória de mudanças no fluxo informacional de maneira a compreender como o agir cartográfico emerge como um método promissor para este cenário. E como a curadoria de conteúdo aparece e se afirma como um procedimento metodológico para colocar em prática uma postura mais atenta à natureza do ciberacontecimento, e portanto mais hábil para propor a oxigenação das práticas jornalísticas.

Nas próximas páginas, procuro demonstrar primeiro como o surgimento e a evolução do *gatewatching* – e a sua relação com o *gatekeeping* – vão ao encontro de uma prática jornalística baseada em um tipo de curadoria de conteúdo³¹; depois, como essa curadoria de conteúdo jornalístico pode dialogar com a proposta do agir cartográfico, emergindo como uma prática jornalística adaptada a momentos de ciberacontecimentos *breaking news*.

Há neste percurso um nível de abstração mais baixo. Volto a refletir a partir de uma camada de raciocínio mais próxima à prática jornalística, a exemplo do primeiro capítulo.

4.2.1 Origens da transformação dos fluxos informacionais

Ao final da década de 1990, início dos anos 2000, a emergência do conceito de *gatewatching* (BRUNS, 2003, 2005) ofereceu uma perspectiva teórica capaz de se debruçar

³¹ Meu objetivo não é discutir a curadoria de conteúdo (e a sua relação com o jornalismo) como um todo. Com o crescente protagonismo das redes sociais digitais (e seus complexos algoritmos) nos anos recentes, essa discussão ganhou uma dimensão que em muito transcende o escopo desta tese. Mais à frente, esclareço a que tipo de curadoria de conteúdo/informação estou me referindo para pensar a atuação jornalística durante um ciberacontecimento *breaking news*.

sobre um contexto de transformações nos fluxos informacionais. Naquele momento, os efeitos da consolidação das transmissões ao vivo de TV (BARDOEL, 1996) e da cobertura da primeira Guerra do Golfo ainda estavam sendo digeridos (KATZ, 1992) e, diante de um horizonte repleto de perspectivas tecnológicas, havia uma preocupação com o futuro do jornalismo. Como as possibilidades de comunicação provenientes da digitalização e das redes de computadores, em especial da Internet, ainda estavam mais no plano da potência do que no da realidade, a situação era propícia para especulações.

Diante de um futuro de interação farta, perguntava-se se os jornalistas ainda seriam necessários como guardiões dos portões (SINGER, 1997).

A autopercepção do jornalista de ser o único capaz de decidir o que as pessoas precisam saber parece profundamente arraigada. Janowitz, por exemplo, disse que a principal função do jornalista está no seu papel como *gatekeeper*; ‘o jornalista quer selecionar suas próprias histórias, tratando-as da maneira que ele acha apropriada’, e, ao fazer isso, está a serviço de uma sociedade democrática na qual a informação tem papel central. De fato, o conceito parece ter se tornado muito uma parte da definição de jornalismo que não é mais evidente. (SINGER, 1997, p. 73).

Para tentar descobrir o que estava mudando, Singer conduziu uma pesquisa empírica junto a três jornais norte-americanos que davam seus primeiros passos na publicação *on-line*. A questão que o norteou foi como os jornalistas estavam vendo a transformação do seu papel como *gatekeepers* em um contexto em que as “audiências se tornam mais fáceis do que nunca de alcançar e mais difíceis do que nunca de manter” (SINGER, 1997, p. 74). Sua impressão era de que, no futuro, o jornalista não seria menos importante, mas teria seu papel de *gatekeeper* redefinido. A profissão, escreveu, “sempre será necessária, se não para escolher qual informação tornar disponível, então claramente para dar sentido ao grande volume de informações já em circulação (SINGER, 1997, p. 74).

Nas considerações finais do seu trabalho, Singer (1997) chama a atenção para um aspecto capaz de conectar o *gatekeeping* – objeto da sua análise – ao *gatematching* – cujo conceito apareceria seis anos depois, em 2003 – de modo a não torná-los excludentes, e nem necessariamente tomar este unicamente como evolução daquele. Singer destaca que um dos seus principais resultados foi justamente o de que o papel do jornalista dali para frente seria o de alguém que, “primeiro, procura fornecer informação cuja qualidade se distingue das restantes e, segundo, dá sentido às informações já disponíveis” (SINGER, 1997, p. 86), características que sempre fizeram parte das atividades dos jornalistas como *gatekeepers*. A diferença é que agora o foco maior estaria em pinçar do fluxo as informações que tiverem

qualidade, e não em regulá-las em função das limitações físicas dos canais, ou seja, a quantidade (SINGER, 1997, p. 87) que passa pelos portões.

As observações de Singer sublinham que algo estava mudando no papel do jornalista como *gatekeeper*. O crescimento exponencial da circulação de informações já era fato, e as possibilidades de troca dessas informações entre o público conectado em rede ganhava, aos poucos, o cotidiano doméstico de comunicação. Havia certa consternação em relação à quantidade de informações, à sua velocidade de circulação e à sua densidade, ou seja, uma grande concentração informacional propiciada pela comunicação telemática (BARDOEL, 1996). A multiplicação dessas três variáveis define o que Bardoel chama de “pressão comunicacional” (1996, p. 286).

Nos anos seguintes começam a aparecer indícios de que o jornalismo reagia a esta pressão. Em 2001, Bardoel e Deuze oferecem as primeiras definições do que eles denominam “jornalismo em rede” (“*network journalism*”, no original). Os autores procuraram pensar as transformações pelas quais a profissão já estava passando a partir de quatro características que definiriam o jornalismo digital: convergência, interatividade, customização (personalização) do conteúdo e hipertextualidade. Realizada à luz de tais categorias, a análise de ambos apontou para questões-chave na discussão a respeito do jornalismo em ambiente digital, tais como o equilíbrio de forças com o público, a necessidade de novas habilidades por parte do profissional, a ameaça de o jornalismo ceder a fórmulas editoriais³² para obter audiência, entre outras. Dentro deste contexto, o “jornalismo em rede”, para Bardoel e Deuze seria

uma nova forma de jornalismo que não pode ficar isolada nas novas mídias. [...] as práticas jornalísticas gradualmente se libertarão de formatos existentes e conseqüentemente as (redefinição das) competências do jornalismo se tornarão mais importantes do que nunca. [...] O jornalista de amanhã é um profissional que atua como um nó em um ambiente complexo, entre tecnologia e sociedade, entre notícias e análises, entre anotação e seleção, entre orientação e investigação (BARDOEL; DEUZE, 2001, p. 99, grifos meus).

No Brasil, Elias Machado (2002) fez considerações parecidas, embora seu tom seja mais crítico à evolução do jornalismo em ambiente digital – diferente da postura de diagnóstico de Bardoel e Deuze. É como se ele lamentasse que um jornalismo que de fato fazia jus ao meio digital ainda não havia sido descoberto. Sublinha o fato de a tecnologia ainda funcionar, naquele momento, como um apêndice “que serve para aperfeiçoar as ações

³² Bardoel e Deuze (2001) afirmam que o apagamento das fronteiras entre as áreas editorial e comercial e o “infotainment”, ou seja, a mescla do jornalismo com entretenimento, representariam um risco para a informação pública.

dos jornalistas sem implodir os fundamentos então consagrados pela prática” (2002, p. 2). O “ainda” se refere, no caso, ao jornalismo de precisão de Philip Meyer, que, segundo Machado, opera sob a mesma lógica: a utilização da tecnologia para preservar a “função clássica do jornalista [...] sem entrar no mérito da hipótese que o jornalismo passa por uma revolução paradigmática” (2002, p. 3). Em outras palavras, o que Machado quis dizer é que, aproximadamente trinta anos depois da obra clássica de Meyer (em 2002, diga-se), não só não estávamos agindo para abraçar essa mudança de paradigma, como sequer entendíamos o impacto das tecnologias na profissão. Na sequência, Machado aponta características do jornalismo digital que indicariam a revolução em curso.

É aí que o tom de Machado se aproxima do de Bardoel e Deuze. Partindo do contexto jornalístico existente, e sempre mirando em um paradigma diferente do vigente, Machado faz projeções a respeito da apuração no ciberespaço, da relação do jornalismo com suas fontes e dos processos de produção nesse ambiente.

Em comum, a situação mapeada por Singer (1997) e as impressões de Machado, Bardoel e Deuze têm em comum o esfacelamento de um modelo rígido e conservador e a emergência de um sistema jornalístico obrigatoriamente mais permeável, suscetível a uma definição que se cristaliza a partir da relação dos atores jornalísticos com outros atores. Um *modus operandi* menos centralizador, adaptado às novas lógicas impostas por uma sociedade em rede.

4.2.2 Gatewatching: paradigma do fluxo informacional

O resultado teórico mais consistente – ao menos em termos de aceitação pelos pares – dessas inquietações observadas na virada do século veio em 2003, quando o pesquisador australiano Axel Bruns publicou o artigo *Gatewatching, not Gatekeeping: Collaborative Online News* (“*Gatewatching, não Gatekeeping: Noticiário Colaborativo On-line*”, na tradução livre). Logo no início do artigo, o leitor é introduzido ao contexto da época: momento de transição entre a ressaca jornalística pós-Guerra do Golfo e o início da consolidação da web como um ambiente que revolucionaria a comunicação nos anos seguintes.

Estes dois aspectos, avaliava Bruns, pressionavam a prática do *gatekeeping*, ao menos da maneira como ela era conhecida. De um lado, estava o que ele chamou de “quinto poder”, agentes de relações públicas e de marketing político que se aproveitavam da aceleração do

noticiário – fruto das já citadas transmissões ao vivo e das primeiras redes de notícias 24 horas – para “influenciar a agenda”, o que “debilitava a confiabilidade do processo de *gatekeeping*” (BRUNS, 2003, p. 31). Do outro, a emergência da web, que deixou os “consumidores de notícias menos dependentes das notícias que passam pelos portões das principais organizações, pois podem acessar informações direto da fonte” (BRUNS, 2003, p. 32).

Esta desintermediação significa que, no meio *on-line*, os portões estão agora localizados junto de quem fornece informação (em última análise, junto de qualquer um que publique um website com informações potencialmente jornalísticas) e do usuário final (que, navegando pela web, age constantemente como seu próprio *gatekeeper*), mas não mais necessariamente com as organizações jornalísticas (BRUNS, 2003, p. 32).

Bruns amplia a percepção de Singer a respeito da ênfase no papel “selecionador” do *gatekeeper* em tempos de “pressão comunicacional” (BARDOEL, 1996), dizendo que a expansão da metáfora dos portões não se dá apenas pela quantidade de informações circulando, mas também pela multiplicação dos critérios de seleção e dos vários e distintos veículos jornalísticos atuando no ambiente digital. Assim, o conceito de *gatekeeper* não seria suficiente para dar conta do novo contexto. Por isso, ele sugere uma nova forma de atuação jornalística para este contexto de abundância, o *gatewatching*.

O *gatewatching*, como já é amplamente conhecido, aposta em uma mudança de postura do jornalista diante dos portões: ao invés de controlar a passagem, observar o fluxo. Essa mudança de comportamento pode ser considerada uma saída para o jornalismo diante do fim da hegemonia do ambiente de escassez (limitação de espaço em jornais e revistas e de tempo no rádio e na TV). Ao mesmo tempo, coloca em questão a existência do jornalismo *gatekeeper*, especialmente em relação ao controle.

A multiplicação de canais/portões oferece não só a possibilidade de que assuntos “menores” tenham mais espaço: ela culmina na multiplicação de pontos de vista. O vão desejo de imparcialidade jornalística perde o sentido, afinal, pois sempre haverá a mesma história sendo contada a partir de um outro lugar narrativo. É preciso substituir o desejo de se chegar à verdade tomando a narrativa sobre fatos como aspectos do mundo (e não declarações sobre ele) pela tarefa de avaliar a confiabilidade das informações. Sem esquecer que, uma vez selecionadas, essas informações também acabam inseridas na construção de narrativas. “Diante da abundância de potenciais fontes de notícias disponíveis da web, a avaliação de confiabilidade das informações se mostra uma tarefa crítica” (BRUNS, 2003, p. 34).

As circunstâncias emergentes retiram dos *gatekeepers* grande parte do poder operacional e discursivo sobre os portões. Ainda que jornalistas exerçam algum tipo de controle sobre determinadas instâncias, o crescimento exponencial do fluxo informacional e a multiplicação dos portões dá a impressão de que não há mais controle sobre o que passa por eles, nem de que forma. Essa é uma questão crucial para entender a mudança de paradigma. Tanto no artigo de 2003, no qual são traçados os parâmetros teóricos do *gatewatching*, quanto no livro em que o conceito é desenvolvido empiricamente (BRUNS, 2005), Bruns ressalta o caráter centralizador do jornalista *gatekeeper*. Comportamento resultante de uma combinação da citada limitação física dos meios com os processos produtivos e organizacionais nas redações – vistos, de maneira geral, como um produto do próprio ambiente de escassez –, e cuja ação se dá em três “portões”: entrada (*input*), saída (*output*) e resposta (*response*).

Enquanto o primeiro portão é “controlado” pelas rotinas jornalísticas, no segundo, o critério é o que, dentre o conteúdo disponível, os jornalistas consideram relevante para as audiências. Tais *modus operandi* ajudaram a afirmar uma forma de pensar e fazer jornalismo sustentada por uma forte cultura profissional, de um lado, e de uma ideia de quem era e quais eram as motivações da audiência, de outro.

Darnton (2010) resume essa dupla aproximação ao jornalismo em uma frase, que também dá título a um texto em que narra sua experiência como repórter do *The New York Times*. Em *Toda a notícia que couber a gente publica*³³, o historiador oferece duas leituras do jornalismo ao qual o título faz referência. A primeira diz respeito à limitação de espaço físico no jornal impresso. Os leitores terão acesso apenas às notícias que couberem naquele número determinado de páginas. Seu significado é mais fácil de acessar do que o da segunda, que fica mais clara após a leitura do texto. O relato de Darnton demonstra como o funcionamento de uma redação e a cultura profissional dos jornalistas moldam de maneira determinante as notícias que chegam ao público. Assim, o verbo *caber* ganha outro significado. Além da questão espacial, ele também remete a um tipo de molde: serão publicadas apenas as notícias que se encaixarem no que foi estabelecido pela cultura jornalística.

O fim simbólico do ambiente de escassez expõe e constrange o jornalismo narrado por Darnton. À pressão sobre as portas de entrada e de saída soma-se a terceira etapa, de controle. Bruns sublinha que os *gatekeepers* tinham total gerência sobre a influência do público no jornalismo, por exemplo, ao selecionarem as cartas publicadas, ou policiarem o discurso de participantes de *talk shows* no rádio e na TV (BRUNS, 2005, 2011). Na época, a inclusão do

³³ O texto refere-se à época que Darnton trabalhou como repórter de polícia no *The New York Times*, em meados da década de 1960.

“portão das respostas” no raciocínio de Bruns, entretanto, parecia muito mais simbólica do que os dois primeiros portões. Antes de ajudar a definir um tipo de aproximação ao fazer jornalístico, como fica claro quando são abordados os portões de entrada e saída, a reflexão sobre o terceiro portão parece servir para fortalecer a ideia de controle que os jornalistas possuem sobre todo o processo e oferecer um ponto de inflexão para se pensar a audiência: este era o papel do público sob o *gatekeeping*; sob o *gatewatching*, será completamente outro. A verdadeira implosão do terceiro portão aconteceria anos depois, com as redes sociais digitais.

O importante é sublinhar que a descentralização dos três portões é fundamental no desenvolvimento do *gatewatching*. Se no estágio de saída o fim da escassez ampliou a oferta de pontos de vista e bagunçou a normatividade narrativa do jornalismo, no de entrada os jornalistas perderam a exclusividade de dizer o que eles acham que o público deve saber. Como na web potencialmente todos podem publicar informações, “na maioria – senão todos – dos eventos noticiáveis é possível não apenas encontrar múltiplas narrativas jornalísticas, mas também informações publicadas pelas fontes primárias” (BRUNS, 2005, p. 15). Essa mudança mina os critérios de seleção a respeito do que é (e, conseqüentemente, do que não é) relevante para o público. Critérios, aliás, classificados por Bruns como “limitados em demasia” (2003, p. 32).

Desamparadas, as práticas desenvolvidas para um ambiente de escassez expõem – nos portões de entrada – o “jornalismo toda notícia que couber a gente publica” ao escrutínio e, dependendo da situação, à concorrência da audiência. Por outro lado, a manutenção de algumas características do *gatekeeping* no portão de saída, agora no sentido de ajudar pinçar o que é relevante da grande quantidade de informação disponível, e a transformação do “leitor” em usuário (BRUNS, 2005, p. 17) ilustram o que Levinson classifica como a “nossa contínua necessidade por eixos”, o desejo humano por referências (in BRUNS, 2005, p. 17).

Neste primeiro momento, o jornalista *gatewatcher* poderia ser definido, portanto, como um profissional que adapta suas habilidades a um contexto que diluiu o seu poder. Sua tarefa seria, a partir de critérios mais complexos – tanto de seleção do que é relevante quanto de posicionamento narrativo – organizar as informações disponíveis e oferecê-las ao público, baseando-se em uma relação mais aberta e transparente – portanto, mais horizontal. Se lembrarmos das observações de Singer (1997) a respeito da percepção que os jornalistas possuíam da sua atuação no meio digital no final da década de 1990, veremos que eles já tinham uma ideia parecida.

Assim, não parece ser o caso de descartar totalmente os preceitos que sustentam o *gatekeeping*, e sim desenvolver uma nova forma de atuação jornalística capaz de dar conta do contexto emergente. Embora em geral o *gatewatching* possa ser comumente visto como evolução do *gatekeeping*, é possível notar, na ideia de Bruns, certa complementaridade crítica do primeiro em relação ao segundo.

Em primeiro lugar, a observação que caracteriza o *modus operandi* do *gatewatcher*, por ser mais ampla do que a seletividade que marca a atuação do *gatekeeper*, é, como vimos, naturalmente mais inclusiva. Dessa forma, abre espaço para conteúdos que nem sempre passaram pelo antigo guardião dos portões. Podemos notar essa característica a partir da interpretação feita por Holanda et al. (2008).

Este conceito [*gatewatching*] designa a observação - atualmente realizada também pelo público - de diversos canais de comunicação em busca de material interessante que não tenha sido selecionado pelos critérios da mídia convencional, ou tenha sido apresentado de maneira insatisfatória no julgamento do observador. Como fica evidente, trata-se de uma atividade crítica em relação à seleção e filtragem dos fatos noticiáveis, tradicionalmente características da função de *gatekeeping*. O *gatewatching* seria a atividade peculiar das formas de publicação que constam na proposta apresentada no livro (BRUNS, 2005) para uma taxonomia de formas participativas de publicação, abrangendo blogs, publicações P2P³⁴, jornalismo de fonte aberta, wikis etc. (HOLANDA et al., 2008, p. 59-60).

Sobre a citação acima, há de considerar os contextos de ambos os trabalhos. Os treze anos que separam esta tese do livro de Bruns e os dez que a separam do artigo de Holanda et al. são determinantes para evolução das leituras possíveis à teoria do *gatewatching*. Se na época de Bruns tal postura jornalística estava ligada a um jornalismo independente, por vezes amador, atualmente, o *gatewatching* é utilizado não só pelos os independentes, mas por vários veículos jornalísticos atuando na rede. A impressão, entretanto, é de que ambos os conceitos ainda são associados a um determinado tipo de atuação jornalística: *gatekeeping*, imprensa tradicional; *gatewatching*, imprensa independente. A diferença delineada por Castilho e Coelho (2014) recentemente, por exemplo, embora faça sentido, apresenta essa dicotomia. Em artigo publicado em 2014, os autores definem o processo de *gatekeeping* realizado nas “grandes empresas contemporâneas de comunicação” (CASTILHO; COELHO, 2014, p. 308) como “centralizado e estruturalmente unidirecional”, enquanto a curadoria baseada no *gatewatching* seria definida pela “interatividade descentralizada e horizontal”.

³⁴ Peer-to-peer, ou P2P, é um termo oriundo do vocabulário das redes de computadores que significa que um computador pode ser tanto um servidor quanto um cliente. No caso de uma publicação, o termo faz referência às iniciativas que facilitam a troca de informações com a sua audiência, com pouco ou nenhum controle sobre o intercâmbio de dados (BRUNS, 2005).

Sem esquecer que o jornalismo *gatekeeper* ainda é relevante em algumas situações, como a *TV Globo* e seu *Jornal Nacional*, e a versão impressa dos principais jornais e revistas, chamo a atenção para o fato de que essa diferença tende a se transformar em convergência no momento em que as grandes empresas jornalísticas começam a se preocupar com a “horizontalização” dos seus processos. Ao perceber a necessidade de mudança em um contexto tão volátil, o jornalismo tido como tradicional vem tentando aproximar as audiências do fazer profissional e, justamente por isso, adota uma postura mais ativa em relação ao público e mais inclusiva em relação ao conteúdo, assumindo características de *gatewatchers*.

A questão é que o *gatekeeping* não só ainda é praticado como é necessário para o jornalismo. O *gatewatching* surge para complementá-lo. E vice-versa: o *gatewatching* depende do *gatekeeping* para conseguir ampliar o escopo definido originalmente por Bruns, ganhando força como prática e como conceito³⁵. Primo e Träsel (2006), ao analisarem a produção aberta de notícias a partir da ideia de webjornalismo participativo, baseado em práticas de *gatewatching*, chegam a uma conclusão similar: não se trata de uma “ameaça ao jornalismo tradicional ou ao próprio webjornalismo e sim mais uma opção na oferta de notícias, e que cria novo relacionamento dos sujeitos com o noticiário” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 53-54), possibilitando, inclusive, “um novo campo de atuação aos jornalistas profissionais” (2006, p. 54).

Tal complementaridade crítica ressalta a coexistência de ambas as maneiras de enxergar e praticar a atividade jornalística. Canavilhas (2010) chama a atenção para isso ao dizer que o *gatewatching* assume as funções de um segundo *gatekeeping*, agora protagonizado por “utilizadores de referência” (CANAVILHAS, 2010, p. 5). A diferença está na maneira como o conteúdo é tratado. “Já não se trata de seleccionar/resumir informação, mas sim de indicar pistas de leitura” (CANAVILHAS, 2010, p. 5) em um “ecossistema mediático onde a fragmentação motivada pela multiplicação de fontes e o excesso de informação obrigam os *media* a disputarem a atenção dos leitores” (CANAVILHAS, 2010, p. 5). Embora essa disputa sempre tenha existido, ela se acentuou de maneira extraordinária.

O próprio Bruns (2003), durante a construção do conceito, sublinha que observar os fluxos não é suficiente para dar conta das operações jornalísticas e, lançando mão das

³⁵ Um exemplo recente e didático dessa coexistência é a newsletter do Canal Meio. A composição do boletim diário oferecido por essa iniciativa pode ser considerada como resultado da observação e da filtragem de notícias/conteúdos publicados pelos principais veículos do país, especialmente os grandes jornais impressos. Mas não apenas: na seleção do Meio, conteúdos publicados em diversos outros canais convivem com o *gatekeeping* realizado pelos meios tradicionais. Assim, o Canal Meio ilustra bem um jornalismo *gatewatching* realizado por jornalistas profissionais a partir da prática da curadoria de conteúdo, assunto que abordarei no próximo capítulo. Mais informações em: <https://www.canalmeio.com.br/>. Acesso em: 9 fev 2018.

características da profissão de bibliotecário, destaca a permanência de certas características do *gatekeeping* na atividade de *gatewatching*.

Os bibliotecários permanecem um tipo de *gatekeeper* em função do controle que exercem sobre o que incluir ou não em suas bibliotecas. Bibliotecários são também fundamentalmente coletores de notícia ou de informações, não repórteres, então suas atividades fornecem apenas um modelo incompleto para operações noticiosas *on-line*. Assim, em seu trabalho, as equipes de muitas operações noticiosas *on-line* combinam aspectos tanto de jornalistas *gatekeepers* quanto de bibliotecários especialistas, chegando a uma prática que pode ser denominada *gatewatching*. (BRUNS, 2003, p. 34).

Quando Bruns define o *gatewatcher* como a fusão de um bibliotecário capaz de organizar as informações disponíveis na rede e um jornalista *gatekeeper*, observamos a complementaridade crítica. Há *gatekeeping* no *gatewatching*, porém há também uma crítica ao *gatekeeping* puro no momento em que o *gatewatching* é mais inclusivo e horizontal em seu funcionamento – ao contrário do *gatekeeping*. Por isso, diz Bruns, o *gatekeeping* não é mais capaz de dar conta do contexto *on-line*.

Assim, no contexto *on-line*, o *gatekeeping* pode não ser mais o mais apropriado paradigma de coleta de notícias; ao invés, é possível encontrar novas formas de coleta de notícias as quais desenvolveram estruturas organizacionais inteiramente novas. (BRUNS, 2003, p. 33).

Quando Bruns chama a atenção, em 2003, para criação de novas formas de organização, ele se referia às iniciativas surgidas entre o final dos anos 1990 e começo dos 2000, como Slashdot, Indymedia e Wikipedia, três dos objetos analisados por ele no livro publicado em 2005. Mas a frase segue fazendo sentido no momento em que, de lá pra cá, temos observado o jornalismo como um todo tentando reorganizar sua operação para dar conta do contexto imposto pela era da abundância informacional e pela ascensão das práticas de *gatewatcher*. Ao observar, na primeira década do século, a custosa adaptação profissional ao contexto digital (PEREIRA, 2003; 2004) e as idas e vindas dos jornais mais tradicionais, com a integração e/ou separação das equipes de conteúdo digital e de conteúdo impresso (MORETZSOHN; TEIXEIRA, 2012; SEIBT, 2014), percebe-se, para ficar no contexto brasileiro, algo que Bruns chama atenção em artigo publicado em 2011 com um balanço do comportamento do jornalismo na primeira década de *gatewatching* e os desafios que estavam pela frente: uma grande dificuldade, por parte do jornalismo tradicional, de compreender e dialogar com as novas práticas que emergiram desde o final dos anos 1990.

Bruns cita a cobertura jornalística imediatamente após o 11 de setembro nos Estados Unidos como um exemplo do embate entre *gatekeepers* e *gatewatchers* que atravessou a década. Naquele momento, quando a mídia mais tradicional acabou se autocensurando para não parecer antipatriótica em um momento tão sensível para o país, as maiores críticas à administração George W. Bush vieram da imprensa alternativa, independente, blogs, etc. Críticas que às vezes se estendiam também à inação da mídia hegemônica, o que, por sua vez, fazia com que os jornalistas mais tradicionais estigmatizassem seus algozes, chamando-os de “jornalistas de poltrona” e descartando essa forma alternativa de atuação, “em vez de enfrentar as críticas de maneira mais aberta e introspectivamente” (BRUNS, 2011, p. 127-128).

Por isso, se pode argumentar na maioria dos casos que os anos de 2000 representam uma *década perdida para a inovação jornalística*: despreparada para aceitar a validade de algumas críticas feitas pelos seus novos desafiantes, com poucas exceções a indústria continuou firmemente num caminho dos negócios, como sempre, o que acabou se tornando mais e mais insustentável (BRUNS, 2011, p. 128, grifos meus).

Bruns atribui a essa incapacidade de inovar uma parcela significativa da crise financeira que vem agravando a situação do jornalismo tradicional, ano após ano. Tal crise, diz Bruns, só se resolve com inovação, o que hoje significa adaptar o jornalismo ao comportamento e à capacidade de atuação do público. Assim, para ele, está mais do que na hora de as organizações noticiosas considerarem “as oportunidades inerentes ao desenvolvimento de formas mais estreitas de cooperação e colaboração com seus usuários”, exigindo “que as fronteiras entre os jornalistas e os usuários das notícias sejam desmontadas e borradas ainda mais” (BRUNS, 2011, p. 129).

A reorganização estrutural do jornalismo a partir das ideias de colaboração entre jornalistas e o seu público, e o conseqüente apagamento das fronteiras, é fundamental para pensar o cibercontecimento *breaking news*. Como já sublinhei, entendo que a construção da narrativa jornalística durante um *breaking news* pode ser comparada, especialmente em seus momentos iniciais, a um *patchwork*, onde as manifestações do público são retalhos unidos pela costura da atuação profissional, resultando em uma construção heterogênea da realidade. Atuar dessa forma pressupõe uma compreensão sobre o estágio atual dos fluxos de informações e uma adaptação do *modus operandi* jornalístico a um contexto de simbiose com o público.

4.3 CURADORIA: PARADIGMA DA ATUAÇÃO JORNALÍSTICA

Esta simbiose aproxima a prática jornalística durante um cibercontecimento *breaking news* da discussão sobre curadoria de conteúdo e/ou de informações. Trata-se de uma discussão incipiente no campo da comunicação e do jornalismo, ao menos no sentido de conceituar a prática, elevando a reflexão para além do senso comum mercadológico ou da curadoria como um sinônimo de coleta de informações. Os poucos trabalhos que se dedicaram especificamente – em língua portuguesa – ao tema abordaram a curadoria a partir da sua relação com sistemas automatizados ou semiautomatizados, como os agregadores de notícias (TORRES, 2013³⁶; REZENDE, 2016³⁷) e aplicativos para dispositivos móveis (MELLO, 2015)³⁸. Em comum, esses trabalhos refletem sobre as possibilidades e os limites da combinação entre ação humana e algoritmos na hora de selecionar e organizar o conteúdo em um contexto de abundância informacional (CORREA; BERTOCCHI, 2012).

Sem ter como fim chegar a uma delimitação de curadoria capaz de estabelecer um conceito, dialogo com algumas premissas desses trabalhos de modo a pensar o agir cartográfico inserido na prática jornalística em um cibercontecimento *breaking news*. O objetivo aqui é, partindo de uma origem e algumas definições mais gerais, encontradas nos trabalhos citados e em outros, delimitar a curadoria de conteúdo a partir de um momento específico, o cibercontecimento *breaking news*, e o curador de informação jornalística durante este momento como alguém zeloso, tanto das informações em circulação quanto das relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos no pulsar da rede heterogênea em formação.

Dessa maneira, entendo que a curadoria de conteúdo, embora carente de conceituação, possui potencial para emergir como um paradigma de atuação jornalística atento ao “plano movente da realidade das coisas.” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 92).

³⁶ Torres (2013) defende que a curadoria “não pode, ainda, ser integralmente classificada como uma ‘nova atividade jornalística’” (TORRES, 2013, p. 172). Na sua análise de agregadores de notícias, cujo “elemento definidor” é “ação de curadoria” (TORRES, 2013, p. 172), ressalta que a impossibilidade reside justamente na mistura, ao seu falar de curadoria, da ação humana com a ação algorítmica ou automatizada. Essa mistura dificulta o estabelecimento de uma diferença entre mediação, o resultado desejável de um ato curatorial, e a organização-coleção, função cumprida pelos sistemas sobre os quais ele se debruçou (TORRES, 2013, p. 172).

³⁷ Rezende (2016), em sua análise de agregadores em dispositivos móveis realizada a partir dos princípios da Teoria Ator-Rede, enxerga a curadoria como algo que deixa de ser “uma atividade individual a cargo de especialistas para se tornar uma prática rotineira que associa elementos humanos e não humanos” (REZENDE, 2016, p. 239).

³⁸ Mello (2015), em uma dissertação que analisou a curadoria jornalística em aplicativos móveis, demonstra como a prática emergiu naturalmente à medida que a abundância informacional e a ubiquidade tecnológica se tornavam onipresentes na vida das pessoas.

4.3.1 Origem: cuidar, apontar caminhos e extrair sentidos

O ponto de partida dessa delimitação encontra em Groff (2010) a figura do *curator bonorum*, pessoa encarregada, no Direito Romano, de cuidar de patrimônios alvos de disputas entre devedores e credores. O *curator bonorum* intermediava a relação entre as partes, procurando defender o interesse de ambas, assim como realizava a manutenção do patrimônio – à época considerado tão sagrado quanto a vida do proprietário. Segundo Groff, ao trabalhar na “preservação dos direitos de todos os envolvidos” (GROFF, 2010, p. 162), o *curator bonorum* “projeta-se como claro defensor do interesse público” (GROFF, 2010, p. 160).

Ao *curator bonorum*, Ramos (2012) acrescenta ainda o “cura” católico, “que cuidava espiritualmente da paróquia” (RAMOS, 2012, p. 14). Ela chama a atenção para o significado dessa palavra no dicionário. Segundo o Houaiss (2009), o “cura” era o “saber e a moralidade do lugar”. Estava, portanto, ligado ao zelo, ao cuidado, à administração.

Em sua investigação sobre a origem do termo curador, Ramos também passa pelas artes – área tida como natural para a prática da curadoria e onde o trabalho do curador é uma atividade valorizada. Ela sublinha que o responsável pela curadoria vai além “do profissional que organiza obras de arte em um museu ou galerias transformando-as em ‘exposições’” (RAMOS, 2012, p. 14). Um curador é também mediador, pois intermedia a relação do público com as obras. E contemporaneamente, é igualmente considerado um artista, pois a sua ação como curador funciona como uma “reprogramação do mundo” (RAMOS, 2012, p. 15).

Ao reconstituir a evolução do curador nos estágios atuais da arte, e já projetando o deslocamento da prática da curadoria para o campo da comunicação, Ramos chama a atenção para necessidade de se pensar sobre o dinamismo que envolve o termo no campo em questão. “Há muito mais para se entender”, diz ela, “sobre o que significa a curadoria hoje e em como este ofício se modificou e foi modificado pelos próprios artistas” (RAMOS, 2012, p. 16).

O questionamento de Ramos encontra eco em Gonring (2015). Evocando exemplos que mostram uma ampliação simbólica da prática curatorial no meio artístico, e as polêmicas decorrentes dessa ampliação, Gonring aponta para a expansão da curadoria para além do mundo da arte (GONRING, 2015, p. 281) na contemporaneidade. “Nesse contexto, o que parece identificar as práticas curatoriais não é a sua concentração em um tema ou em um campo específico, mas sim, o seu grau de especialização” (GONRING, 2015, p. 281).

Ou seja, a prática deixa de estar relacionada somente às artes, se expandindo para outras áreas do conhecimento, popularizando-se. Ao mesmo tempo, se transforma em sinônimo de especialização. “Em meio à caudalosa quantidade de dados em que nos

encontramos imersos” (GONRING, 2015, p. 281), o curador aparece como o sujeito que aponta caminhos. Nesse trabalho, mais do que selecionar, organizar, editar, sublinha Gonring, emerge a importância de estabelecer diálogos, criar junções (GONRING, 2015, p. 281). Essa é a entrada do curador como uma figura relevante no estágio atual da comunicação. Nesse sentido, a curadoria ganha autonomia ao se relacionar “a uma mudança mais geral nos modos discursivos e nas formas de organização da sociedade” (GONRING, 2015, p. 282).

No mundo digital, essa autonomia encontra um contexto em que as obras, ou, no caso, os conteúdos, possuem princípios que facilitam o seu manuseio (MANOVICH, 2001) e possibilitam a automação (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012). Ou, como observa Rezende (2016, p. 103), “possuem extraordinária flexibilidade”. “A curadoria digital está associada a práticas como remixagem e *mashup* (SONVILLA-WEISS, 2010), que buscam extrair valor pela mistura e/ou decomposição dos materiais” (REZENDE, 2016, p. 103).

Ao encontrar o jornalismo, a curadoria cristaliza as características desse percurso histórico em um tipo de prática profissional “ainda em estágio inicial de evolução”, e por isso “alvo de intenso debate nos meios profissionais e acadêmicos” (REZENDE, 2016, p. 103). Usando a terminologia “curador comunicacional”, Rezende importa as características de outras práticas curatoriais para definir quem é o curador no jornalismo pós-industrial.

Tal como o *curator bonorum*, o curador comunicacional “cuida” de objetos que originalmente pertencem a outras pessoas. Em sintonia com o curador artístico, ele medeia significados ao filtrar e reorganizar os materiais. Além disso, o curador comunicacional reproduz práticas do curador digital ao manipular e modificar os objetos para extrair valor. (REZENDE, 2016, p. 103).

Ao sublinhar o cuidado com as informações, assim como sua organização e manipulação, Rezende retira o peso do agente curador, dando importância ao resultado da sua ação. Para Rezende (2016, p. 102), na curadoria, o elemento-chave não é o sujeito que agencia os objetos, e sim as relações estabelecidas com os objetos agenciados. Esta posição busca diferenciar a curadoria do *gatewatching*, o qual, para ele, está centrado na figura do *gatewatcher*. “Enquanto o *gatewatching* favorece ao estudo daqueles que desempenham a função (o *gatewatcher*), a curadoria estimula estudos mais voltados aos processos relativos ao tratamento da informação propriamente dita” (REZENDE, 2016, p. 102).

Aqui, essa diferenciação é interessante porque permite abordar o *gatewatching* muito mais como um contexto do que como uma atividade. Mais importante que fixar a atenção no observador dos portões, no sentido da sua mudança de postura em relação ao *gatekeeping*, é realçar a importância do ato e o resultado da observação. Ou seja, das relações que esse

sujeito, independentemente da sua natureza, é capaz de estabelecer, das junções, das conexões que ele é capaz de criar. Colocando em prática sua especialidade, mas sem impor sua narrativa, esse curador é capaz de fazer aflorar o comum interligando pessoas e conteúdos gerados por elas. Deslocando essa ideia para o cibercontecimento *breaking news*, emerge daí um curador *event-driven*. Um especialista cuja estratégia de ação está atenta e permeável aos sinais oferecidos pelos eventos e pelos sujeitos que dele fazem parte. Nessa prática, há uma renegociação de papéis entre os participantes do processo comunicacional. A múltipla e veloz propulsão de sentidos borra ainda mais os polos de emissão e recepção. Curador, conteúdo e o criador do conteúdo indistinguem-se. Mas não se trata da absorção do jornalismo pelos atores que protagonizam o cibercontecimento *breaking news*, e sim, como ressalta Gonring ao discutir o papel do curador na arte, de uma contaminação bilateral (GONRING, 2015, p. 280).

4.3.2 Agir cartográfico: da contaminação bilateral à simbiose

Levando em conta que, durante um cibercontecimento *breaking news*, o público gera informações e consome essas mesmas informações reprogramadas por um curador (aqui, tem-se o potencial infinito de propagação de sentidos de um cibercontecimento a partir de uma singularidade inaugural, como destaca Henn (2013)), emerge uma relação marcada pela simbiose entre todos os atores envolvidos – público, informações, curador e as plataformas onde essa relação se cristaliza. Isso faz com que a curadoria apareça como uma consequência natural de um contexto informacional baseado no *gatewatching*.

Um exemplo ajuda a ilustrar esse raciocínio. Trata-se de um caso relatado pelo jornalista Markhan Nolan (2012) durante uma conferência TED³⁹ realizada em Londres, em 2012. É um caso simples, sem grandes repercussões no noticiário global, mas que contém as características de um grande cibercontecimento *breaking news*. Na oportunidade, Nolan contou que, em 15 de setembro de 2012, um terremoto de 7.6 graus atingiu a Costa Rica. Devido à alta magnitude, o tremor foi sentido em toda a região. Sessenta segundos depois, o chão balançou na capital da Nicarágua, a 150 km do epicentro. Mais trinta segundos depois, um morador de Manágua publicou o primeiro *tweet* a respeito do fenômeno, possibilitando que o mundo soubesse o que acontecia na América Central a partir da sua associação com

³⁹ TED é a sigla para *Technology, Entertainment and Design*. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos que promove conferências curtas sobre vários tópicos em dezenas de línguas e em diferentes partes do globo. Mais informações em <http://www.ted.com>. Acesso em 5 fev. 2018.

uma plataforma cujo programa de ação favorece a distribuição veloz das informações por meio de pequenos fragmentos de conteúdo. “Sessenta segundos foi o tempo que o terremoto físico levou para viajar 150 km. Trinta segundos depois, uma notícia sobre o terremoto já havia viajado ao redor do mundo de forma instantânea” (NOLAN, 2012).

Ao tuitar sobre o terremoto, o usuário de Twitter praticou o que Lasica (2003) chama de “atos jornalísticos aleatórios”, ações que, segundo Bruns (2011), podem “não significar o jornalismo no sentido ortodoxo” (p. 125), mas são expressões da chamada “vida na mídia” (DEUZE, 2014). No momento em que “a mídia é para nós o que a água é para o peixe” (DEUZE, 2014, p. 5), uma manifestação originalmente autonarrativa e desprezenciosa pode revelar potencial jornalístico. O curador, ao perceber esse potencial, desloca essa manifestação a uma narrativa maior. Ao ser deslocado, esse fragmento informacional ajuda a compor um contexto que o transcende. O sujeito emissor se confunde com o sentido emitido pela sua mensagem e aparece como nó importante da rede do cibercontecimento *breaking news* em pulsação. Por certo, à medida em que cresce, a pulsação vai acumulando outros nós – reunidos também pela ação curatorial. A pulsação sublinha o caráter pré-individual de cada “ato jornalístico aleatório”. Ou seja, sentidos que antes de fazerem parte dos sujeitos que os emitiram, compõem um todo múltiplo. Assim, conectando partículas soltas, a ação curatorial faz emergir a pulsação como o plano movente do cibercontecimento *breaking news*.

O caráter propositivo dessa dinâmica não quer dizer que, na prática, ela seja inédita. De alguma maneira, ela já vem acontecendo, embora nem sempre com o reconhecimento dos mais ortodoxos. Quando Bruns (2011) reflete sobre a batalha travada entre “jornalistas industriais” e as novas práticas jornalísticas baseadas no *gatewatching*, e sobre como essa batalha impediu as inovações necessárias ao jornalismo, diz ser improvável que uma renovação das práticas jornalísticas surjam da “cooperação entre os jornalistas profissionais e os jornalistas cidadãos através de esforços estratégicos e bem planejados” (BRUNS, 2011, p. 131). Elas já vêm ocorrendo, mas em situações em que há “impacto das novas tecnologias de mídia social em tempo real relacionadas com a reportagem, divulgação e discussão das notícias” (BRUNS, 2011, p. 131). Exatamente como no caso apresentado por Nolan.

[...] embora a maioria das atividades cotidianas dos usuários da mídia social possa não ter valor como notícias nem qualquer relação com as notícias, quando as matérias surgem, uma *quantidade substancial destas atividades é substituída por um esforço concentrado de “trabalhar a matéria”*, como os jornalistas poderiam dizer – de *dedicar-se à pesquisa, à reportagem, ao desenvolvimento e aos comentários quase jornalísticos*. Como mídia ambiente sempre ligada, estas plataformas amplamente usadas da mídia social se beneficiam da sua abrangência demográfica e geográfica neste processo: *seus diversos bancos de usuários significam que pode se*

encontrar participantes com conhecimentos (muito além do grupo de jornalistas profissionais, e de outras fontes “oficiais” que puderem estar presentes também) para quase qualquer tema noticioso, enquanto que a sua *abrangência quase do mundo inteiro* significa também que a probabilidade de contribuições para a cobertura, por *testemunhas oculares em potencial e por outros repórteres de primeira mão, é da mesma maneira alta*. Enquanto as redes de notícias 24 horas ainda têm que correr para levar suas equipes ao cenário de um evento noticioso, as redes quase globais das *principais plataformas da mídia social significam que correspondentes (em potencial) já estão quase sempre no lugar* (BRUNS, 2011, p. 132-133, grifos meus).

Assim como o exemplo de Nolan pode parecer até banal em 2018, dado a evolução e a naturalização de certas dinâmicas jornalísticas de 2012 para cá, o cenário descrito por Bruns há sete anos é, hoje, conhecido e reconhecido. Ambos os exemplos seguem atuais. Servem, assim, para ilustrar de maneira mais ampla o papel do jornalista curador e o seu contexto de atuação durante um ciberacontecimento *breaking news*. Em 2011, Bruns destacava que “praticamente todas as importantes matérias noticiosas ‘quentes’ em 2010 e 2011 foram propulsionadas de maneiras significativas pela sua cobertura nos espaços da mídia social” (BRUNS, 2011, p. 131). Ele cita tempestades, tsunamis, desastres, manifestações, desordens, rebeliões, etc., como exemplos. Cabe lembrar que entre 2010 e 2011 a Primavera Árabe alcançou seu auge no norte da África e Oriente Médio. E que, em 2009, o mundo soube o que acontecia nas eleições iranianas a partir de informações produzidas e colocadas em circulação por cidadãos e ativistas, como veremos no capítulo 7.

Este cenário emergente se consolidou e se naturalizou nos anos seguintes. O processo evenemencial de grandes acontecimentos se tornou indissociável dos sites de redes sociais digitais. Naturalmente, a apropriação desses acontecimentos por parte dos sujeitos resultou em uma emissão de sentidos múltipla e heterogêna, o que, por sua vez, forçou uma transformação da cobertura jornalística e modificou a percepção das pessoas em relação a esses eventos. Em 2012, a passagem do furacão Sandy pela costa leste dos Estados Unidos foi marcada por uma avalanche de fotos de usuários a respeito do fenômeno, muitas delas falsas (GUPTA et al., 2013; KIM; HASTAK, 2018). Em 2013, às explosões na maratona de Boston seguiu-se uma caçada virtual aos suspeitos a partir de informações que circulavam nas redes sociais (MORTENSEN, 2015). Ainda em 2013, as Jornadas de Junho, no Brasil, foram fortemente influenciadas pelos movimentos em rede (OLIVEIRA, 2016). Em 2014, a queda do voo MH17, durante os distúrbios na Ucrânia, deixou saliente nas redes sociais uma batalha pelo controle do processo evenemencial por parte dos lados envolvidos no conflito

(SILVERMAN, 2015). Estava ali a gênese das *fake news*⁴⁰, fenômeno que viria a explodir em 2016 na eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos. Em suma, com o passar do tempo, o cenário foi se complexificando.

Se este rápido panorama demonstra a transformação veloz pela qual passou o processo evenemencial em rede nos últimos anos, também serve para afirmar a curadoria como uma prática natural para mediar a controvérsia que se transforma o cibercontecimento *breaking news* para o jornalismo, tal como apontei no item 3.1.3. Como diz Bruns:

Treinados profissionalmente na avaliação de matérias e na *curation* de informações, os jornalistas têm a capacidade de fazer uma contribuição significativa para os esforços colaborativos de “trabalhar a matéria” que atualmente ocorrem regularmente através da mídia social, ou mesmo de fomentar estes esforços tanto nos espaços da mídia social quanto através das suas próprias plataformas específicas (BRUNS, 2011, p. 136).

Entendo que existe na afirmação de Bruns indícios da “contaminação bilateral” que materializa a possibilidade de realizar a simbiose entre os atores envolvidos na rede heterogênea do cibercontecimento *breaking news*. E de fazer emergir dessa simbiose uma atividade jornalística mais conectada à dinâmica metaestável que caracteriza o cibercontecimento *breaking news*, portanto, incompatível com um jornalismo purificador. Guerrini (2013) resume essa postura de um jornalismo inserido no fenômeno que narra.

Quando visto através das lentes dos valores jornalísticos tradicionais, o problema com esse tipo de curadoria [Guerrini discutia a curadoria durante a cobertura dos movimentos Occupy e Primavera Árabe] é que não há mais a pretensão de distanciamento e neutralidade na narração. Objetividade, definida como um posicionamento equidistante dos principais atores de uma história, não é mais um objetivo. Ou, melhor dizendo, objetividade agora é considerada o equivalente à “transparência”. (GUERRINI, 2013, p. 13).

As observações de Bruns e Guerrini encontram complemento em Castilho e Coelho (2014). Segundo esses autores, a curadoria “confere ao jornalismo uma função na geração de conhecimento socialmente relevante que havia sido negligenciada quando as indústrias da comunicação jornalística privilegiaram o valor de troca do produto noticioso” (CASTILHO; COELHO, 2014, p. 312). Corrêa e Bertocchi (2012), por sua vez, acrescentam que o

⁴⁰ Evidentemente, as *fake news* não se resumem ao âmbito da guerra de informações política e ideológica. O quadro é muito mais amplo e complexo. Não é objetivo desta tese, no entanto, discutir *fake news* (expressão hoje inclusive questionada e em processo de abandono em razão do seu esvaziamento), embora a desinformação de uma maneira geral faça parte dos cibercontecimento *breaking news*, assim como das prática jornalística baseadas na curadoria de conteúdo, como ficará claro à frente. Para mais informações sobre o fenômeno das *fake news* (e da desinformação na era digital de uma maneira geral), sugiro o relatório *Information Disorder* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Disponível em: <http://bit.ly/2H2Rqvc>. Acesso em: 9 fev 2018.

profissional responsável pela curadoria na comunicação tem “duas dimensões de ação: aquela da re-mediação, que agrega o valor pessoal ao conteúdo trabalhado; e a de *design* de relações, que propõe a disseminação do material re-mediado” (2012, p. 33). Sobre re-mediação, elas retomam Bolter & Grusin (1999) para ressaltar que a ação curadora reconhece o conteúdo em seu contexto original, mas que, ao transportá-lo até outro contexto, abre-se a possibilidade de novos significados.

[...] entendemos que o curador da informação assume um papel mais assertivo ao combinar competências de re-mediação, agregação de audiências, mineração de dados, inteligência distribuída, agenciamentos e adição de valor visando o exercício da ação comunicativa que, em última instância, objetiva a fixação e disseminação de mensagens, e a respectiva obtenção de valor como retorno. Aqui falamos de uma complexidade de relações para gerenciar e ações para tomar dentro de um sistema de comunicação que se propõe a uma dada capacidade expressiva e de criação de significados (CORREA; BERTOCCHI, 2012, p. 34).

No entanto, esse tipo de atuação não está livre de efeitos colaterais – especialmente durante um ciberacontecimento *breaking news* e sua rede heterogênea marcada pela volatilidade. Gonring (2015) sublinha um aspecto comum ao jornalismo realizado durante um evento urgente: a curadoria descuidada (2015, p. 283).

Por um lado, a sua abertura [das plataformas] à participação popular permite a emergência de uma aleatoriedade inesperadamente benéfica, que ajuda a escapar do consenso raso e da ortodoxia canônica. Ao mesmo tempo, o *ritmo intenso em que elas operam solapa o contexto e os propósitos do próprio ato de indexar informações*. Em outras palavras, essas plataformas promovem curadoria como uma acumulação de referências efervescentes, altamente pessoal, porém descuidada. (GONRING, 2015, p. 283, grifos meus).

A questão “aleatoriedade inesperadamente benéfica” versus o ritmo solapando o contexto, promovendo uma curadoria descuidada, resume a relação entre o potencial jornalístico que emergiu junto do contexto de *gatematching* e o desafio que este mesmo potencial representa – reflexão presente no capítulo 2. Se por um lado há disponível muitas informações capazes de proporcionar um discurso mais plural em relação ao um acontecimento, por outro, a pressa em fazê-lo, aspecto natural ao jornalismo, pode promover uma curadoria descuidada. Como um jornalista curador se certifica de que uma informação fornecida pelo público contém informações confiáveis a respeito do fenômeno em questão? De que maneira é possível eleger tal artefato informacional, como um “ato jornalístico aleatório” (LASICA, 2003) habilitado para fazer parte de uma narrativa jornalística que procura acompanhar o evento que se desenrola em tempo real, no globo e nas redes?

4.3.3 Possibilidades de automação na curadoria de *breaking news*

Incorporar certo nível de automatização é uma das alternativas de resposta a esta pergunta. A curadoria algorítmica, aliás, é assunto quase indissociável das reflexões sobre curadoria relacionada à comunicação e ao jornalismo, como ressaltai no começo desta seção. Muito se deve à ascensão de algoritmos poderosos, como o NewsFeed do Facebook (BITTENCOURT, 2015), e às dezenas de aplicativos, tanto para a web quanto para aparelhos móveis, que realizam algum tipo de seleção de informações para os seus usuários. A discussão se amplia e se complexifica ao se misturar com a ideia de algoritmos não apenas selecionando, mas também produzindo conteúdos jornalísticos (MAGALHÃES, 2017).

Como já afirmei, não é meu objetivo adentrar nessa discussão. Em um contexto de ciberacontecimento *breaking news*, a curadoria algorítmica encontra limitações em função da dinâmica do processo evenemencial. Não por acaso, o Twitter, um site de rede social cuja lógica de funcionamento é baseada prioritariamente na ausência de algoritmos, privilegiando a ordem cronológica reversa das publicações, se tornou em sinônimo de *breaking news*, como veremos no capítulo 7 desta tese. No entanto, é possível realizar algumas aproximações.

Por exemplo, Gupta et al. (2014) desenvolveram um algoritmo capaz de avaliar a credibilidade de informações publicadas no Twitter em tempo real e o transformou em uma extensão para o navegador Google Chrome, o TweetCred⁴¹. A partir de critérios que levam em conta o tipo de perfil do Twitter analisado e o seu histórico de publicações, entre outros fatores, o programa funciona dando uma nota de 1 a 7 a cada *tweet* analisado pelo código, sendo 1 para a informação menos credível e 7 para a mais credível.

Outro exemplo de curadoria automatizada relacionada a ciberacontecimentos *breaking news* é o do jornalista-programador Ken Schwencke. Em 2014, então no jornal *Los Angeles Times*, ele desenvolveu um robô que redige uma notícia toda vez que é registrado um tremor forte em Los Angeles, e a deixa preparada para ser publicada, só à espera de uma revisão (CRUZ, 2014). O algoritmo fez com que Schwencke fosse o primeiro a noticiar um terremoto que aconteceu na cidade em março daquele ano⁴².

Este exemplo sugere uma mudança nada sutil no fazer jornalístico. Primeiro, a absorção de um conhecimento em tese externo à profissão: a programação. Segundo, a aplicação deste conhecimento, transformando a apuração a partir de um comportamento de *gatewatcher*: quem verifica a ocorrência de um terremoto é um robô capaz de ler dados

⁴¹ Mais informações em <http://bit.ly/2Bk8LPJ>. Acesso em: 9 fev 2018.

⁴² Mais informações em <https://knightcenter.utexas.edu/blog/00-15305-journalist-uses-algorithm-gather-earthquake-data-and-write-reports-minutes>. Acesso em: 8 fev 2018.

disponibilizados originalmente pelas autoridades responsáveis por tal tipo de observação geológica. Terceiro, a relação entre conhecimentos distintos coloca em questão o que entendemos como narrativa jornalística: para compor um relato sobre um acontecimento, o jornalista do Los Angeles Times dispôs de dois tipos de construção textual: o da pirâmide invertida, tipicamente jornalístico, e o da lógica de programação, das ciências tecnológicas. Embora somente a primeira tenha alcançado a superfície narrativa (BERTOCCHI, 2013)⁴³.

Mas mais do que as aplicações específicas, o TweetCred e o algoritmo desenvolvido por Schwncke ajudam a diferenciar a possibilidade de curadoria automatizada para situações de ciberaconteimento *breaking news* e as discussões envolvendo a curadoria algorítmica de maneira geral. Esta segunda que vem sendo alvo de intenso debate, como sublinhou Rezende (2016). Por outro lado, a curadoria de *breaking news* está mais relacionada a sistemas de alerta do que propriamente para a seleção e organização de conteúdos.

Esses sistemas de alertas podem ser complexos, como o de Schwencke, oferecidos por empresas tais como Geofeedia⁴⁴ ou KeyHole⁴⁵, entre outras⁴⁶, ou desenvolvidos pelos próprios jornalistas curadores utilizando ferramentas pagas ou gratuitas. Por trás de todas essas possibilidades está a lógica do *dashboard*, ou painel de controle. Bradshaw (2015) demonstra como a evolução dos *content management system* (CMS), ou sistemas de gerenciamento de conteúdo, vem ajudando jornalistas a controlarem o fluxo informacional com o qual trabalham⁴⁷. No âmbito do jornalismo dedicado a coberturas em tempo real, tais como as exigidas por um ciberaconteimento *breaking news*, o TweetDeck⁴⁸ é uma das ferramentas mais utilizadas em termos de curadoria de conteúdo (SILVERMAN, 2014).

⁴³ Em sua tese, Bertocchi desenvolve um modelo teórico para as narrativas no jornalismo digital. Segundo ela, no jornalismo digital, “agenciamento entre os estratos do sistema narrativo realiza-se de forma coletiva por diversos atores: jornalistas, engenheiros, designers, webmasters, especialistas em negócios, arquitetos de informação, usuários, robôs, softwares, algoritmos, entre muitos outros; e que o jornalista atua sobretudo nas camadas de *frontend* do sistema” (BERTOCCHI, 2013, p. 11), ou seja, na camada mais visível da narrativa. Para Bertocchi, “o jornalista é potencialmente um designer da experiência narrativa.” BERTOCCHI, 2013, p. 11).

⁴⁴ Geofeedia é uma ferramenta paga que permite a análise de movimentação realizada em sites de redes sociais a partir da localização geográfica das postagens. Mais informações em <https://geofeedia.com/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁴⁵ KeyHole é uma ferramenta (há uma versão paga e um serviço livre) que permite rastrear informações nas redes sociais. Mais informações em <http://keyhole.co/>. Acesso em 8 fev 2018.

⁴⁶ Por certo, há inúmeras possibilidades de ferramentas que realizam esse tipo de serviço disponíveis, pagas e gratuitas. Citei duas de maneira a ilustrar que tipo de curadoria essas ferramentas privilegiam.

⁴⁷ Mais informações em <https://onlinejournalismblog.com/2015/07/01/dashboards-and-journalism-why-we-need-to-do-better/>. Acesso em 8 fev 2018.

⁴⁸ TweetDeck é uma ferramenta de gerenciamento de contas do Twitter que permite a criação de filtros e sistema de alertas. Sua interface, que lembra um painel de controle, e a ausência de algoritmos (o que não acontece na interface web do Twitter) contribuem para uma melhor “visualização” das conversações em rede.

Os exemplos ilustram a possibilidade de pensar a atuação jornalística a partir das observações feitas por Bardoel e Deuze (2001) e Machado (2002) a respeito de um jornalismo mais compatível com a revolução paradigmática pela qual passa a profissão.

Assim, ao abordar a curadoria de conteúdo em um contexto de *gatewatching* e auxiliada ou não por algoritmos, sugiro uma maneira de o jornalismo atuar para dar conta de eventos de *breaking news* que estejam se desenrolando em algum lugar do mundo e nas redes. Essa maneira buscará tecer uma narrativa que dê conta da complexidade do fenômeno em questão em seus momentos iniciais (não se trata, portanto, de invalidar ou substituir outras aproximações jornalísticas a esse tipo de acontecimento, especialmente as localizadas temporalmente depois dele). Esta narrativa toma forma no momento em que o jornalismo sublinha a atuação de determinados nós de uma rede, conectando-os. Esses nós podem ser conteúdos originalmente jornalísticos ou “atos jornalísticos aleatórios” (LASICA, 2003), entre outros. Embora seja importante analisar sua natureza, ela é menos importante do que o potencial informativo que carrega. Ao jornalismo caberia adaptar sua função mediadora ao contexto, de maneira a garantir a maior confiabilidade possível em relação ao que está sendo dito, não deixando que o potencial criativo e performático da narrativa afaste a reconstrução do evento do fenômeno original. Sua tarefa seria cristalizar o conhecimento que emerge das conexões que fazem o acontecimento em questão pulsar no ambiente digital e criam o efeito de pertencimento, possibilitando a emergência do comum. É possível comparar tal tarefa a partir do que propõe Weinberger (2012): a pessoa mais inteligente de uma sala é a própria sala.

Hoje, conhecimento é propriedade da rede (...). Na medida em que o conhecimento ocorre em conexão, a pessoa mais inteligente de uma sala não é aquela sentada à nossa frente, e também não é o conhecimento de todos daquela sala. A pessoa mais inteligente da sala é a própria sala: a rede que agrega pessoas e ideias e as conecta àquelas que estão do lado de fora. Isso não significa que a rede está se tornando um super cérebro. É o conhecimento que está se tornando inextricável – literalmente algo impensável – à rede. Nossa tarefa é saber como construir salas inteligentes, ou seja, como construir redes que nos tornem mais inteligentes, e se isso for feito de forma inadequada, a rede pode fazer de nós pessoas cada vez mais ignorantes. Conhecimento em rede é menos preciso, porém, mais humano (Weinberger, 2012, loc. 139-148; tradução de Correa; Bertocchi, 2012)

Assim, de acordo com o que propõe Weinberger, o melhor relato de um acontecimento *breaking news* não é o fornecido por esta ou aquela pessoa, ou pelo jornalista, é o resultante da rede de percepções sobre o fato em questão. A tarefa do jornalismo neste momento seria construir redes narrativas, conectando os atores que dela fazem parte.

5 JORNALISMO ALÉM DO JORNALISMO

Até aqui, construí a ideia de que o ciberacontecimento *breaking news* possui uma arquitetura e uma dinâmica que lhe são características. Essa arquitetura e essa dinâmica desafiam as práticas estabelecidas historicamente pelo jornalismo. Em resposta a este desafio, o jornalismo incorpora pressupostos do método cartográfico, assumindo que a construção narrativa do acontecimento jornalístico passa por uma consciência de participação do processo evenemencial.

Surge daí uma mediação atenta à diferença, aos sentidos que emergem do próprio ciberacontecimento. Mediação que não aparece como um produto instantâneo, e sim como uma adaptação a um processo de mudança dos fluxos de informação que marcou a história recente da profissão. Este novo fazer encontra uma possibilidade de cristalização na curadoria de conteúdo. A construção de uma rede em que a prática jornalística busca construir uma narrativa onde coexistem diferença e pertencimento. Uma rede em que a prática jornalística perde opacidade e, como um ator em processo de associação, se confunde com a própria rede. A consequência da transparência do fazer jornalístico é a transparência das suas próprias fronteiras. A diluição dos seus limites permite pensar o jornalismo, ao menos no caso de um ciberacontecimento *breaking news*, a partir de um processo que o transforma em algo para além do jornalismo tal qual o conhecemos.

A discussão sobre o trabalho de fronteiras não é novidade no campo do jornalismo. O tema vem sendo discutido, entre outros autores, por Witschge e Deuze (2015, 2016, 2018). O que proponho é aproximar a abordagem ao *breaking news* realizada até aqui com o trabalho desses dois pesquisadores holandeses. Esta aproximação decorre do período em que permaneci em Groningen, na Holanda, para o Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE), da Capes. Meu objetivo é utilizar um dos pressupostos centrais do trabalho de Witschge e Deuze – a retirada da redação do centro epistemológico do jornalismo – para pensar a atuação jornalística durante um ciberacontecimento *breaking news*.

Apesar de ser tensionado pelos autores, especialmente a partir do ponto de vista do profissional jornalista e do empreendedor na profissão, entendo que este pressuposto é flexível o suficiente para ser receber inflexões de outras naturezas. Assim, a retirada da redação do centro epistemológico da profissão, quando deslocada a outros contextos de reflexão, pode inclusive contribuir para a tese defendida pelos pesquisadores holandeses.

Portanto, a ideia é aproximar as ideias de Witschge e Deuze ao cibercontecimento *breaking news*. Em um primeiro momento, apresentarei os principais pontos defendidos pelos dois pesquisadores. À medida que o raciocínio for avançando, realizarei o deslocamento proposto, de maneira a pensar como a atuação jornalística durante o processo evenemencial de um acontecimento extraordinário em rede contribui para afastar a redação do centro epistemológico da profissão. O que culmina em um “jornalismo além do jornalismo”.

5.1 A PROPOSTA DO *BEYOND JOURNALISM*

Inicialmente, vou apresentar dois artigos publicados por Deuze e Witschge que resumem suas ideias. Ambos foram traduzidos para o português e publicados em periódicos do Brasil. *Além do jornalismo* foi publicado na *Leituras do Jornalismo*, em 2015 (DEUZE; WITSCHGE, 2015). *O que o jornalismo está se tornando* foi publicado na *Parágrafo*, em 2016 (DEUZE; WITSCHGE, 2016). O cerne das ideias, das propostas e dos esforços recentes de pesquisa dos dois pesquisadores está nesses dois trabalhos. Um pode ser considerado a continuação do outro. Às vezes, inclusive, eles são muito parecidos.

Em *Além do jornalismo*, Deuze e Witschge apresentam um argumento forte. O conhecimento gerado historicamente pelo e para o jornalismo, aquele condensado em manuais e em disciplinas acadêmicas, é uma "falácia" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 1). Eles argumentam que o jornalismo, quando vai para o mundo real, é outro. Por isso, sugerem que, conceitualmente, o jornalismo deveria apoiar-se em uma "antologia do tornar-se", ao invés de apostar no "sonho modernista de coerência e consenso" (2015, p. 2).

Deuze e Witschge apoiam-se em um artigo de Robert Chia publicado em 1995 na *Organization Studies*. No trabalho, Chia diz que, ao contrário do pensamento moderno, fortemente baseado na ontologia "forte" do ser (1995, p. 579), o pensamento pós-moderno "privilegia uma ontologia 'fraca' do tornar-se que enfatiza uma realidade transitória, efêmera e emergente" (CHIA, 1995, p. 579). Passar do *mindset* moderno para o pós-moderno, no entanto, não é tarefa fácil, pois a estruturação lógica do pensamento humano tende a descrever as experiências somente em “termos discretos, estáticos e lineares” (CHIA, 1995, p. 600). Essa pré-disposição cognitiva que desprivilegia a ação tende a negligenciar o significado das micropráticas que contribuem para a realização de uma organização (CHIA, 1995, p. 600). Para Chia, mesmo quando procuram teorizar processos, as teorias organizacionais estruturadas a partir do pensamento moderno tendem a tratá-los como um “estado” (CHIA, 1995, p. 600).

O pensamento pós-moderno, por outro lado, é a tentativa de pensar sobre a *emergência* da organização. Seu compromisso com uma ontologia do *tornar-se* implica tratar ações, relacionamentos e processos como prioridade e, portanto, mais "reais" do que entidades sociais, como "indivíduos" ou "organizações". (CHIA, 1995, p. 601, grifos do autor).

Por isso, assumir uma postura pós-moderna "implica consequências radicais para repensar os estudos organizacionais"⁴⁹ (CHIA, 1995, p. 579). Ao se apropriar dessa proposta, Deuze e Witschge fazem uma crítica ao jornalismo explicado a partir das teorias organizacionais⁵⁰.

Essa abordagem em relação ao jornalismo não é nova. Recentemente, Primo e Zago (2015), em um artigo que sugere uma aproximação aos estudos do jornalismo a partir da perspectiva da Teoria Ator-Rede, afirmam que "nada é jornalismo *per se*. Jornalismo acontece. Jornalismo se torna" (PRIMO; ZAGO, 2015, p. 42). Quase vinte anos antes, Lopes (1997) escreveu que, por ser filho da modernidade e sua lógica de organização e estabilização, quando emerge um ambiente mais focado na mediação do que na transmissão, os estudos sobre jornalismo se veem mais "presos às etapas de produção jornalística do que à significação social da mesma" (LOPES, 1997, p. 5); o jornalismo se vê enclausurado "em um espaço próprio e fechado ao espaço público ao qual deveria servir" (LOPES, 1997, p. 5).

Em movimento semelhante, Deuze e Witschge (2015) mostram, a partir de uma argumentação comparativa, que o jornalismo segue sentado em um "sonho modernista de coerência e consenso" que "é uma falácia" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 2). Para cada um dos quatro pontos desenvolvidos, primeiro apresentam como o jornalismo diz ser. Depois, contra-argumentam mostrando como, para eles, o jornalismo é – ou está se tornando.

Eles começam questionando a ideologia ocupacional do jornalismo, "em particular as expectativas normativas daquilo que o jornalismo deveria ser e fazer de acordo com as concepções dominantes da profissão" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 3). Depois, questionam a centralidade epistemológica da redação com uma entidade "sólida e coerente" (2015, p.3) do jornalismo, e propõem sua desestabilização. Em seguida, a partir de uma redação desestabilizada, procuram entender "o papel do indivíduo profissional de mídia para

⁴⁹ Não é meu objetivo discutir o efeito das diferenças entre o pensamento moderno e pós-moderno para as organizações. Portanto, a argumentação de Chia (1995) aparece aqui como suporte das ideias de Deuze e Witschge. Mas é interessante sublinhar como o pensamento de Chia a respeito da realidade em fluxo, em constante transformação, ao invés de uma entidade estática, vai ao encontro da ideia de sociologia de Latour.

⁵⁰ Outras teorias procuram refletir sobre o jornalismo a partir de diferentes pontos de vista. As teorias organizacionais, no entanto, centralizam a atividade jornalística a partir do trabalho realizado na redação, ponto crucial da crítica de Deuze e Witschge.

além do limitado entendimento econômico que o coloca como um empreendedor" (2015, p. 3). Por último, questionam a maneira como o jornalismo é ensinado - que ignora a complexidade e o caráter de fluxo do campo (2015, p. 3).

Já em *O que o jornalismo está se tornando*, Deuze e Witschge partem do diagnóstico esboçado por eles e por outros trabalhos seminais, como o *Relatório Jornalismo Pós-industrial* (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), para argumentar que é preciso pensar o jornalismo como um conjunto de pessoas comprometidas com “atos de jornalismo” (STEARNS, 2013). Algo que vá além de processos de “rotinizar o inesperado” (TUCHMAN, 1973) nas pequenas e grandes instituições midiáticas (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

O objetivo deles é contribuir para a construção de uma base de pensamento que vá além das "noções muito estáveis e sólidas do que o jornalismo é", embora admitam que muito já tenha sido feito a respeito. No artigo, eles sustentam a argumentação a partir de uma discussão inicial sobre quatro tendências. São elas (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 4):

- Reorganização dos ambientes de trabalho;
- Fragmentação das redações;
- Emergência de uma sociedade redacional; e
- Ubiquidade das tecnologias midiáticas.

O primeiro ponto é amplo. Diz respeito ao atual estágio do capitalismo. Um momento em que os "trabalhadores da mídia são cada vez mais chamados a abraçar e incorporar uma mentalidade 'empreendedora'" (2016, p. 4). Essa mudança, sustentam os autores, acaba por "arrancar a identidade profissional dos jornalistas" (2016, p. 4), pois os jornalistas não estão acostumados ao que a noção de empreendimento pode significar.

Sobre isso, Roxo e Grohmann (2015) chamam a atenção para os sentidos que a mídia especializada produz, de maneira geral, quando o assunto é empreendedorismo no jornalismo.

[...] podemos observar como o empreendedorismo é visto como via de “salvação” para o jornalismo contemporâneo – não como uma “alternativa” no sentido forte do termo, mas como algo ajustado às prescrições hegemônicas do “capitalismo cool” (McGuigan, 2009). Ou seja, não se trata, a rigor, de apresentar alternativas “independentes”: o campo semântico do empreendedorismo traz um maior diálogo com o mundo dos negócios, o que, de certa forma, tensiona aspectos historicamente constituídos em torno da própria identidade jornalística (Oliveira, 2005). (ROXO; GROHMANN, 2015, p. 482).

Este tensionamento pauta o pensamento de Deuze e Witschge. O fim da "separação entre Igreja e Estado" – expressão que faz referência a uma das conquistas da era moderna para determinar a separação entre a redação e a área comercial de um veículo jornalístico – é um sintoma. A expressão remete ao fato dado durante o jornalismo industrial de que gerenciar o dinheiro não é tarefa dos jornalistas. Ao pensar sobre empreendedorismo, Deuze e Witschge dizem que o jornalismo está se tornando uma instituição na qual esta barreira está caindo.

O segundo e o terceiro pontos dizem respeito à fragmentação da redação tradicional e a emergência de uma “sociedade redacional” (HARTLEY, 2000). Enquanto esta está mais ligada à digitalização/midiatização da sociedade, aquela tem uma relação com o contexto do empreendedorismo ao qual os "trabalhadores da mídia" são levados a abraçar.

As redações tradicionais estão diminuindo⁵¹, e isso já está dado, principalmente por uma questão econômica. Deuze e Witschge descrevem um cenário muito parecido com o vivido por freelancers e por diversas agências de conteúdo que surgiram recentemente. Citando relatórios da *Associação Mundial de Jornais*⁵², eles sublinham uma relação de trabalho jornalístico que consiste em um "núcleo multiquificado e um grande perímetro de profissionais" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 9). No "núcleo multiquificado", estão os poucos que ficaram na redação, ainda detentores de certa segurança profissional. São eles que gerenciam o trabalho do pessoal que está no "perímetro de profissionais", a "maioria dos trabalhadores no jornalismo hoje" (2016, p. 9): empregados temporários, terceirizados, prestadores de serviços individuais, contratados por projeto.

Mas se as redações estão diminuindo, o mundo inteiro está se tornando uma espécie de redação. Deuze e Witschge incorporam a ideia de "sociedade redacional" (*redactional society*), sugerida por Hartley (2000) em artigo publicado na primeira edição da *Journalism*⁵³.

Redacional (*redactional*), para este autor, não tem a ver com a sala de redação⁵⁴, e sim com o significado da palavra *redaction* e suas variantes *redactor* e *redact* no dicionário Oxford. Primeiro, ele recorre à etimologia da palavra *redaction*: do latim “trazer de volta” (*bring back*). Para *redact*⁵⁵, Hartley encontra a seguinte definição:

⁵¹ Para uma discussão recente sobre este tópico: https://www.cjr.org/the_media_today/layoffs-shutdowns-newsrooms.php. Acesso em: 9 fev 2018.

⁵² Mais informações em <http://www.wan-ifra.org/reports/2009/03/12/outourcing-revisited> e em <http://www.wan-ifra.org/microsites/research-shaping-the-future-of-news-publishing>. Acesso em: 9 fev 2018.

⁵³ O primeiro número deste periódico, lançado em 2000, teve como tema “o que são estudos de jornalismo?” (What is journalism studies?) (TUMBER; BROMLEY; ZELIZER, 2000, p. 8).

⁵⁴ Trazida para a língua portuguesa, a relação entre a redação (lugar físico onde os jornalistas trabalham) e a redação (ato de redigir) compõe um jogo de palavras inexistente no inglês (*newsroom* e *redaction*).

⁵⁵ Em português, o verbo redigir, segundo o Houaiss (2009), tem como significado: “1 exprimir por escrito aquilo que se concebe e deseja externar; escrever. 2 saber colocar em forma literária o pensamento. 3 exercer o

Trazer algo (um raciocínio ou discurso) a uma certa forma; colocá-lo na forma escrita. Reunir em um só corpo. Reduzir (uma pessoa ou coisa) a um determinado estado, condição ou ação. Em um uso moderno: elaborar, enquadrar (uma declaração, decreto, etc.). (HARTLEY, 2000, p. 44 apud Oxford Dictionary).⁵⁶

*Redaction*⁵⁷, por sua vez, segundo a Hartley, é:

A ação ou processo de preparar para publicação; reduzir a uma forma literária; revisão, rearranjo. O resultado deste processo; uma nova edição; uma adaptação; uma forma encurtada, uma versão abreviada. A ação de colocar algo em uma forma definitiva. (HARTLEY, 2000, p. 44 apud Oxford Dictionary).⁵⁸

Depois de apresentar esses significados, Hartley diz ter importado este sentido de *redaction* de uma tese que abordou um “obscuro ramo da teologia chamado ‘*redaction criticism*’, a qual procura descobrir os pressupostos culturais dos escritores do evangelho ao examinar como eles editaram seus materiais” (HARTLEY, 2000, p. 44). Assim, uma “sociedade redacional”, segundo a interpretação de Hartley, seria aquela “na qual essas práticas editoriais determinam o que é entendido como verdade, e quais políticas e crenças deveriam originar dessas práticas” (HARTLEY, 2000, p. 44). Em seguida, ele lança uma série de perguntas sobre se uma sociedade pode ser definida a partir de como ela encara a ação de redigir, ou se um período pode ser identificado a partir da maneira como “traz um assunto a certa forma” (“*matter into a certain form*”) (HARTLEY, 2000, p. 44). Se a resposta for sim, ele então projeta que:

Nesta sociedade, o jornalista possui certamente uma boa posição, não como um escritor de materiais originais, mas como um *redactor* profissional. Tal modelo de jornalismo enfatiza habilidades de processamento, tal como pesquisar, resumir, editar, organizar e apresentar. Relatar é reprocessar o discurso existente. Mas o jornalismo redacional não é dedicado aos mesmos fins do jornalismo da esfera pública herdado do tipo de mídia anterior; ele não possui a mesma função de *agenda-setting* para os assuntos públicos e para as tomadas de decisão existentes nos processos de edição tradicionais. (HARTLEY, 2000, p. 44).

ofício de redator.” O dicionário também dá a etimologia da palavra: ‘conduzir para trás, repelir; reconduzir, reconduzir; depositar em; reduzir a; ajunta; cobrar’.

⁵⁶ Do original, em inglês: *To bring (matter of reasoning or discourse) into or to a certain form; to put together in writing. To bring together into one body. To reduce (a person or thing) to, into a certain state, condition or action. In modern use: to draw up, frame (a statement, decree, etc.).* (HARTLEY, 2000, p. 44).

⁵⁷ Em português, o Houaiss (2009) define redação da seguinte forma: “1 ação ou efeito de redigir; de escrever com ordem e método 2 expressão dada ao pensamento; maneira de redigir 3 exercício escolar, dever de composição escrita 4 conjunto de redatores de um jornal, uma revista, uma editora etc. 5 sala onde trabalham os redatores.” Segundo o Houaiss, sua etimologia remete ao termo ‘redução’ ligado à aritmética.

⁵⁸ Do original, em inglês: *The action or process of preparing for publication; reduction to literary form; revision, rearrangement. The result of such a process; a new edition; an adaptation; a shortened form, an abridged version. The action of bringing or putting into a definite form.* (HARTLEY, 2000, p. 44).

Neste cenário, segue Hartley, os jornalistas trabalham para um público cujas demandas podem ser expressadas diretamente. Em consequência, é o “público à procura de sentidos ou de sensações quem estabelece a agenda, e não o jornalista. E o que conta como jornalismo se estende ainda mais para áreas não canônicas, até que o ‘jornalismo’ é dissolvido” (HARTLEY, 2000, p. 45). Disso, Hartley enxerga uma grande transformação.

Em outras palavras, mesmo com a sua função na democracia representativa suplantada, o jornalismo em si se expande massivamente. A expansão do jornalismo acontece tecnologicamente à medida que se desenvolve *on-line*, e genericamente à medida que migra para áreas para além do jornalismo noticioso, incluindo esportes, estilo de vida, moda, viagem, e formas “populares” (por exemplo, tabloides/fofocas). À medida que se distancia do seu status representativo rumo ao redacional, o jornalismo se movimenta da profissão da violência rumo às profissões felizes/sorridentes⁵⁹. (HARTLEY, 2000, p. 44-45).

Ao deslocarem a “sociedade redacional” para a ideia de *Beyond Journalism*, Deuze e Witschge adicionam percepções de Shudson (1995) e Gauntlett (2011) a respeito da necessidade de o cidadão contemporâneo não apenas estar bem informado, mas saber manejar com a informação que o circunda no seu dia a dia. Nesse sentido, a “sociedade redacional” de Deuze e Witschge é definida como uma sociedade

cujas práticas editoriais são requeridas para a sobrevivência de qualquer pessoa na era digital e, portanto, não pode ser considerado (sic) algo exclusivo de um grupo profissional particular como os jornalistas empregados em organizações jornalísticas. (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 9).

Em uma sociedade como essa, segundo Hartley, a noção canônica de jornalista se dissolve: “todo mundo é jornalista, e o jornalismo está em todo lugar” (HARTLEY, 2000, p. 45). Em um ambiente em que os cidadãos “precisam saber como coletar e processar grandes quantidades de informações, pesar e peneirar as informações em mãos” (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 10), todos praticam “atos de jornalismo” em alguma medida.

Por fim, o último ponto desenvolvido no artigo é como a ubiquidade tecnológica ajuda a manter a profissão jornalística em constante mutação. “Essas tecnologias resultaram em um jornalismo convergente tanto dentro das redações, facilitando a produção em todos os

⁵⁹ No início do artigo, Hartley define o jornalismo como uma profissão violenta, de conflito. Isso se deve à tradição historicamente constituída do jornalismo definir-se como uma profissão que enfrenta os políticos, denuncia a corrupção de poderosos, se embrenha na guerra, ou seja, se realiza a partir do confronto com algo ou com alguém. Além disso, diz Hartley, ao se definir de tal forma, jornalistas sérios tendem a desdenhar o que ele chama de profissões felizes/sorridentes (*smiling professions*) – “todas aquelas que interagem com o público em nome do prazer, do entretenimento, da atratividade, do apelo”. (HARTLEY, 2000, p. 40).

aspectos jornalísticos fora das redações" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 10). O resultado é um profissional multitarefa que acaba assumindo funções de outros profissionais.

Ao descrever este cenário, Witschge e Deuze querem "desafiar a representação consensual do jornalismo" (2015, p. 3) por meio de um diagnóstico do que eles entendem ser uma profissão em constante tornar-se. Esse diagnóstico tira a redação do centro epistemológico da profissão. Dizendo de outro modo: Witschge e Deuze sugerem que é preciso pensar a prática e a teoria jornalística de um modo que retire da sala redação (ou o que acontece dentro de uma) o privilégio de definir o que é o jornalismo e o que faz um jornalista.

Até recentemente, a participação na construção discursiva do jornalismo para os jornalistas era estabelecida pelo fato de ser um empregado (como estudante, estagiário, ou como erudito, observando) em uma redação. A redação foi a forma dominante de emprego e de organização do trabalho em jornalismo (particularmente durante o século XX), cujo arranjo servia para estabilizar a indústria e andava de mãos dadas com a formação de práticas consensuais nos estudos e educação em jornalismo (WITSCHGE; DEUZE, 2015, p. 8).

Isso vai de encontro às etnografias fundantes da década de 1970 cuja maior expressão talvez seja Gaye Tuchman. Os estudos da norte-americana são referência até hoje a respeito de como funciona uma redação e de como a identidade dos jornalistas é constituída pelas práticas que acontecem dentro desse espaço. É isso que Witschge e Deuze procuram fazer em *Além do jornalismo*. A ousada tarefa é dividida em dois principais movimentos.

Primeiro, dizem que, embora importante, a redação não é mais uma "entidade sólida ou coerente no jornalismo pós-industrial" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 3) e que, por isso, precisa ser desestabilizada. Segundo, mostram que "as redações são parte instituições que devem ser vistas como sistemas abertos de atividades interdependentes através das quais inconstantes coalizões de participantes estão interligadas" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 3).

Apesar de ter uma base importante na realidade do jornalismo pós-industrial, a crítica de Witschge e Deuze é mais profunda, como evidencia o segundo ponto. Eles dizem que a atenção histórica somente no que acontece dentro da redação contribuiu para validar um determinado tipo de jornalismo⁶⁰. Ao focar nas rotinas intramuros, não deu-se a devida

⁶⁰ Cabe observar que a definição de jornalismo a partir do que acontece dentro de uma redação é consequência de uma evolução histórica da esfera pública, como demonstra Habermas (2014). Segundo este autor, a redação jornalística tem sua gênese entre o fim do século 18 e virada para o século 19, quando o que ele chama de "imprensa de notícias" (2014, p. 396) dá lugar à "imprensa de convicções" (2014, p. 396). Enquanto para a primeira a produção e circulação de notícias tinha como fim principal a maximização dos lucros, a segunda é identificada com o chamado "jornalismo de escritores", momento em que a atividade jornalística deixa os fins comerciais de lado para assumir um forte cunho político, de debate de ideias. É neste momento, afirma Habermas, que a figura do *publisher* começa a se separar da do editor e do redator (na imprensa de notícias era comum que todas essas funções fossem assumidas por uma pessoa só). Por volta de 1830, inicia a terceira fase

atenção aos "lugares, espaços, práticas e pessoas que estavam à margem dessa delimitação espacial do universo de feitura de notícias" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 9). Não se trata de desprezar os importantes esforços etnográficos de Tuchman e outros. Afinal, eles ajudaram a entender como as notícias foram produzidas durante o século 20 (e, em grande medida, ainda hoje). Citando um trabalho Wahl-Jorgensen (2009), Deuze e Witschge afirmam que esse modo de ver as coisas acabou por enfatizar uma definição de jornalismo baseada na rotina e no controle na produção de notícias dentro da redação. Eles sublinham que, embora hoje isso pareça bem claro, o jornalismo sempre aconteceu a partir da relação dos jornalistas com outros "lugares, espaços, práticas e pessoas" (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 9).

Embora não cite nominalmente a Teoria Ator-Rede (TAR), por trás da abordagem mais aberta de Deuze e Witschge está a ideia de rede desenvolvida por Latour. Pensando a partir da TAR, as notícias não são apenas um produto da redação, com suas lógicas e restrições organizacionais. São, sim, o resultado palpável de uma série de relações que (sempre) extrapola(ra)m o que acontece dentro de uma redação. Citando um trabalho de C.W. Anderson (2011a) sobre etnografia na era do jornalismo distribuído, Deuze e Witschge afirmam que é preciso pensar em "uma abordagem que considere a produção de notícias como uma rede que transcende as fronteiras organizacionais" (2015, p. 9).

5.2 “EXPLODINDO” A REDAÇÃO

Por exemplo, Domingo e Le Cam (2014) mostram que as relações entre diversos atores na esfera pública, inclusive jornalistas, bem como as informações que circulam em espaços *on-line*, como as redes sociais, "moldam o que é considerado notícia e jornalismo a qualquer momento" (2014, p. 310). A partir da cobertura de uma controvérsia envolvendo a detenção de uma mulher usando *niqab*⁶¹ nas ruas de Bruxelas (prática proibida desde 2010), os pesquisadores identificaram todos os atores envolvidos na discussão e verificaram como a cobertura foi moldada à medida que as relações entre eles ia acontecendo.

de desenvolvimento da imprensa. Neste momento, ela volta a ter fins comerciais. Ligada à Revolução Industrial, ela deixa o caráter artesanal; o lucro passa a ser o objetivo. O que, por sua vez, determina a “subordinação da política da empresa aos pontos de vista da economia dos negócios” (HABERMAS, 2014, p. 401) e a especialização da redação: “a escolha do material torna-se mais importante do que ao artigo de fundo; a elaboração e a avaliação das notícias, a revisão e o ajustamento tornam-se mais prioritários do que a busca literariamente eficaz de uma ‘linha’” (HABERMAS, 2014, p. 402).

⁶¹ Véu que cobre o rosto e só revela os olhos, usado por algumas mulheres muçulmanas. É diferente da burca, uma veste que cobre todo o corpo, da cabeça aos pés, e possui apenas uma rede para que a mulher consiga enxergar.

Num primeiro momento, a controvérsia foi reconstruída a partir do ponto de vista do jornalismo *mainstream*. Ao analisar o conteúdo publicado por jornais e sites tradicionais da mídia belga e entrevistar os jornalistas responsáveis pelos conteúdos, os pesquisadores chegaram à conclusão preliminar um tanto previsível: os jornalistas tendem a preferir fontes oficiais, deixando de lado (muitas vezes desprezando) vozes alternativas. O próximo seria investigar as "práticas de atores não profissionais do jornalismo e reunir o conteúdo que eles estão produzindo, sem a mediação da mídia *mainstream*, em sites, rádios comunitários e nas redes sociais" (DOMINGO; LE CAM, 2014, p. 320).

O objetivo final do nosso projeto será entender de que maneira jornalistas profissionais e outros atores definem notícias e jornalismo, através dos seus metadiscursos vinculados à discussão sobre a controvérsia e dos conteúdos por eles criados. Nós estaremos aptos a checar se a maneira como eles definem jornalismo traça 'fronteiras' para o jornalismo, com *insiders* e *outsiders*. Após retratar a diversidade de atores, os próximos passos serão traçar a diversidade de práticas jornalísticas e de definições de jornalismo, colocar a perspectiva essencialista em um contexto maior e fornecer uma representação mais realista do que praticar jornalismo significa nos dias atuais. (DOMINGO; LE CAM, 2014, p. 320).

Domingo e Le Cam querem sair da redação para mostrar um cenário mais complexo de construção noticiosa. O objetivo, ao recontar a controvérsia da *niqab* a partir da relação de diversos atores diferentes, é dar mais atenção aos "lugares, espaços, práticas e pessoas" citados por Witschge e Deuze. É tirar a redação do centro epistemológico da reflexão sobre jornalismo. Anderson (2011a) defende "explodir a redação". Mas isso não significa extingui-la. "Em muitos aspectos, ela é mais importante do que nunca, pois continua a ser, ainda hoje, um local central dentro do qual uma variedade de atores-redes fragmentados encontram-se unidos para a criação de uma atividade profissional" (ANDERSON, 2011a, p. 160). Isso significa tomar distância do jornalismo, tal como é entendido canonicamente, para tentar definir o que hoje o jornalismo é. Ao mesmo tempo, significa perceber que a redação - no sentido de o lugar onde o jornalismo é feito - transcende as paredes da sua sala, como tentaram mostrar Domingo e Le Cam (2014).

Ou considerar que a redação pode não ter mais paredes.

O *reported.ly*⁶², uma iniciativa que encerrou suas atividades em agosto de 2016⁶³, é um bom exemplo. Seu legado teórico-prático ajuda a compreender o que significa explodir a

⁶² Mais informações em <https://reported.ly/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁶³ A iniciativa era financiada pela First Look Media, que tem Pierre Omidyar, criador do eBay, como um dos seus fundadores. Após um ano, a organização deduiu pelo fechamento das atividades do *reported.ly*.

redação. O veículo foi lançado no segundo semestre de 2015. No texto de apresentação, o editor Andy Carvin apresentou algumas das premissas da iniciativa.

No *reported.ly*, acreditamos que todos nós, para expandirmos nossas visões de mundo, precisamos nos engajar uns aos outros, cruzando fronteiras linguísticas e culturais. Até há pouco, o único jeito de fazer isso era lendo um jornal ou assistindo à TV. Precisávamos dos outros para aprender sobre o resto do mundo. Graças aos avanços das mídias sociais, no entanto, é possível estabelecermos relações cruzando continentes e fronteiras de formas que gerações anteriores apenas podiam sonhar, dando a muitos de nós uma chance de nos entendermos melhor. (CARVIN, 2014)⁶⁴.

Carvin materializa em outro tipo de fazer jornalístico – um tipo de jornalismo, aliás, muito ligado à prática jornalística durante ciberacontecimentos *breaking news* – a premissa de Witschge e Deuze de um jornalismo feito da relação dos jornalistas com outros "lugares, espaços, práticas e pessoas".

Nós não tentamos tirar as pessoas das suas comunidades favoritas apenas para conseguir *pageviews*. Nos orgulhamos por sermos membros ativos e engajados do Twitter, Facebook e reddit – não melhores do que qualquer outro. Queremos contar histórias do mundo inteiro, servindo essas comunidades *on-line* e as considerando nossas plataformas primárias – e não as usando de apoio para um site ou *app*. (CARVIN, 2014).

O *reported.ly* não tinha site. Ao menos no começo. Depois de alguns meses, eles decidiram que era interessante ter um lugar para cristalizar suas coberturas. Mas um aspecto mais importante do que ter ou não site, o *reported.ly* não tinha redação. A equipe ficava espalhada por diferentes países e fusos horários, trabalhando por turnos e comunicando-se por meio de um chat permanente, em vídeo. Uma redação virtual que se propôs a fazer uma cobertura global apurando e dando sentido às conversações que aconteciam nas redes sociais.

Um outro exemplo ajuda a ilustrar a ideia de “explodir” a redação de uma maneira diferente. Trata-se do holandês *De Correspondent*⁶⁵, talvez uma das iniciativas jornalísticas mais inovadoras dos últimos tempos. O princípio básico deste veículo sediado em Amsterdam fundado em 2013 é contar com o conhecimento do público para produzir reportagens.

No *De Correspondent*, nós acreditamos que os jornalistas devem trabalhar junto com os leitores, porque cada leitor é especialista em alguma coisa. E 3.000 professores sabem mais do que apenas um correspondente em educação. Esse é o motivo de nós enxergarmos nossos jornalistas como os líderes de um diálogo e os

⁶⁴ O texto foi publicado no canal do *reported.ly* no Medium: <https://medium.com/reportedly/welcome-to-reported-ly-3363a5fb7ea5>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁶⁵ Mais informações em <https://decorrespondent.nl/>. Acesso em: 8 fev 2018.

ossos membros como especialistas que contribuem para este diálogo. (PFAUTH, 2014)⁶⁶.

No *De Correspondent*, a redação é um *hub* que conecta pessoas capazes de dizer alguma coisa sobre algo, com propriedade. Sua estrutura física existe, mas mais importante é o resultado da conexão dos jornalistas com o público especializado. O que importa é a rede.

Um último exemplo, talvez o que melhor se encaixa na proposta de Deuze e Witschge. Nos últimos anos, o estúdio de jornalismo *Fronteira*⁶⁷, de Porto Alegre, acumulou no portfólio trabalhos que vão de um livro publicado pela *Superinteressante* a matérias veiculadas em *startups* do Brasil e bancadas por financiamentos no exterior. Tudo isso com uma equipe pequena, mas operando [e fazendo parte de] uma grande [redação em] rede.

Segundo Alexandre de Santi, um dos sócios, uma dinâmica de relacionamento editorial baseada em uma rede de profissionais autônomos acaba, muitas vezes, sendo decisiva para a qualidade do produto jornalístico. De Santi complementa a constatação mais geral de Deuze e Witschge em relação à situação da profissão.

Como qualquer outro trabalho de mídia, a produção pós-industrial de notícias ainda tende a ser realizada nos escritórios e nos andares de trabalho de instituições específicas - incluindo redações, mas também em casa; incluindo os escritórios e ateliês dos coletivos editoriais e startups de jornalismo, bem como nos cafés com Wi-Fi como o novo cenário emergente de produção da mídia urbana. Como grande parte do trabalho é contingente, freelance e temporário, as pessoas constantemente entram e saem das instituições, que continuamente reconstituem a equipe de forma dinâmica e (assim) o processo de produção (DEUZE; WITSHGE, 2015, p. 15).

De Santi, em entrevista concedida a mim, sobre a lógica [e a necessidade] de se trabalhar de uma forma dinâmica:

Em uma redação em rede, é possível ter acesso a diversos tipos de textos e de vozes diferentes. Não só de estilo, mas de conhecimento. [...] Em caso de contratação, é preciso que aquele repórter se torne extremamente versátil, e há um limite para essa versatilidade no jornalismo. [...] É muito difícil achar um repórter que tenha um interesse genuíno em todos os assuntos [abordados em distintos projetos]. Trabalhar em rede permite que eu acesse pessoas que tenham interesse específico, que tenham interesse em determinado tipo de reportagem. Se eu tivesse uma mesma equipe, que é o que pressupõe a redação tradicional, eu teria limitações. Acho que o produto melhora com essa pluralidade de vozes.

Os três exemplos ajudam a pensar o jornalismo pós-redação. Todos implodem o conceito tradicional de maneiras diferentes. Com uma equipe distribuída globalmente, o

⁶⁶ O texto está disponível na URL: <https://medium.com/de-correspondent/heres-what-happend-to-that-world-record-in-journalism-crowdfunding-cc5bac50b812>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁶⁷ Mais informações em: <https://www.facebook.com/estudiofronteira/>. Acesso em: 8 fev. 2018.

reported.ly se propôs a organizar a conversação *on-line* sobre temas relevantes jornalisticamente. O *De Correspondent* levou a sério o potencial da inteligência coletiva e trouxe o público para ajudar a fazer o seu jornalismo. Parte de um ecossistema que une redações tradicionais, *startups*, *freelancers*, *designers* e outros profissionais que produzem o jornalismo pós-industrial, a *Fronteira* apostou uma lógica em rede que busca valorizar o produto final. Todos ajudam a compreender o que significa tomar distância da redação.

Segundo Witschge e Deuze, a tecnologia e os novos arranjos contemporâneos do trabalho deixaram tudo mais evidente, mas "o jornalismo sempre foi muito mais dinâmico e diverso do que ele se permitiu ser e do que foi interpretado por estudiosos de jornalismo" (WITSCHGE; DEUZE, 2015, p. 16). Uma redação pulsante é algo entusiasmante, dizem, mas o jornalismo não pode ser definido apenas pelo que acontece dentro dela.

O que eles sugerem é que a redação seja vista como uma organização dotada de um grau de flexibilidade que nos permita tanto abordá-la como uma unidade observável quanto como um arranjo de trabalho coletivo e possivelmente temporário. E que não seja mais necessário fazer parte de uma organização jornalística como um trabalhador assalariado para "fazer parte do sistema jornalístico" (WITSCHGE; DEUZE, 2016, p. 10).

5.3 UMA ABORDAGEM EM CAMADAS

A abordagem em camadas está presente na maneira de abordagem à profissão proposta por Deuze e Witschge. Para pensar o jornalismo dessa maneira, eles recorrem a Scholl e Weischenberg (1998) e a Shoemaker e Reese (2014). A partir desses autores, eles estabeleceram cinco camadas que permitiriam compreender melhor o jornalismo.

- Sistemas sociais;
- Influência social institucional no trabalho jornalístico;
- Nível organizacional;
- Rotinas diárias na redação;
- Nível individual dos trabalhadores do jornalismo.

Olhando a lista, é possível perceber que o nível organizacional e as rotinas da redação, itens tidos como definidores históricos e consensuais do jornalismo, estão em um contexto que leva em consideração os níveis macro e micro. Em uma realidade de trabalho cada vez

mais atomizada, prestar atenção no indivíduo e como ele se relaciona com seus pares em um ambiente fluido parece fundamental aos dois pesquisadores.

No ambiente midiático atual, precisamos de uma compreensão não só de como ocorrem as funções disruptivas de cada nível de influência sobre os jornalistas no trabalho, mas também – e talvez mais importante – como os jornalistas enquanto indivíduos e grupos agem dentro desse sistema. Enquanto a questão institucional era dominante na organização do trabalho jornalístico, facilitando (e limitando) a comunicação sobre jornalismo, isso já não é mais suficiente para compreender o jornalismo como ele é praticado em muitos diferentes lugares por muito mais atores em circunstâncias muito diferentes. (WITSCHGE; DEUZE, 2016, p. 11).

5.3.1 Sistemas sociais

Dos cinco, o nível macro é o que aborda os "sistemas sociais". Nele, Witschge e Deuze falam do contexto em que o jornalismo está inserido e simultaneamente ajuda a construir. Este contexto, para os autores, é o da modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2001). Em resumo, o que Bauman defende com este conceito é que sociedade moderna, tal como conhecíamos até meados do século XX, foi colocada em uma panela sobre a chama alta do capitalismo, e acabou “derretendo”. Antes sólida, a modernidade assumiu o estado líquido. Se antes era possível identificar claramente suas formas, seus contornos, sua consistência, agora ela escapa pelas mãos. É escorregadia, assume formas diferentes, nos envolve, às vezes até nos percebemos afogados nela.

A tese de Bauman, a qual Witschge e Deuze se associam, é que as profissões e o mundo do trabalho também estão “derretendo”, estão sofrendo grandes transformações. Este aspecto das ideias de Bauman merece uma atenção específica, segundo os holandeses. No mundo do trabalho do sociólogo polonês, as coisas mudam mais rápido do que a capacidade das pessoas se habituarem com o que recém foi estabelecido como novo. Quando o sujeito pensa que entendeu uma ideia, criou uma rotina, dominou uma ferramenta, uma nova ideia surgida a partir de uma nova ferramenta exige uma nova rotina. E assim sucessivamente, em um ciclo interminável e cada vez mais rápido.

"[...] estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo" (BAUMAN, 2001, p. 14).

O jornalismo, dizem Deuze e Witschge, não só sofre com esta condição, mas também é um dos grandes responsáveis por ela. Pois contribui com uma aceleração que ajuda no processo de desintegração citado por Bauman. É só pensar no ciclo de notícias 24 horas, na sensação crescente de que há cada vez mais grandes acontecimentos surgindo em todo o lugar do mundo a todo instante – assunto discutido no capítulo 2 desta tese. Ao mesmo tempo, o próprio jornalismo vem tentando criar um contramovimento, desacelerando, baixando o ritmo. Este é o objetivo, por exemplo, do *slow journalism* e reportagens *long form*.

Tais acontecimentos não acontecem em um vácuo, e precisamos entender o jornalismo tanto enquanto um produto quanto como uma resposta ao seu ambiente. Dado o seu papel central na sociedade, muitos atores tentam exercer influência na reportagem jornalística (McQuail, 2013) e tendo em conta as forças econômicas e mercadológicas, o jornalismo está sempre sob pressão (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 12-13).

Esses "muitos atores" são fundamentais na discussão sobre jornalismo de Deuze e Witschge. Em resposta a essas pressões, o jornalismo reforça as muralhas do seu castelo contra a invasão dos bárbaros. Ao mesmo tempo, esses bárbaros vêm sendo os responsáveis por algumas das principais rupturas recentes no jornalismo. Rupturas que, em um processo simultâneo e paradoxal de fragilização e expansão das fronteiras da profissão, vêm fazendo o jornalismo caminhar. Para entender este processo, basta pensar na influência da tecnologia nas práticas profissionais e na participação do público no processo de construção das notícias.

Contra esses bárbaros moderno-líquidos, seguem os pesquisadores, as armas do jornalismo são os valores que o constituíram historicamente e que ainda hoje ajudam a moldar sua identidade: serviço público, objetividade, autonomia, imediatismo e ética (DEUZE, 2005). O problema, dizem, é que essas armas são um tanto datadas. São armas da "alta modernidade" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 13), como demonstram Chia (1995) e Hartley (2000). O contraste fica evidente quando se percebe que, enquanto uns tentam defender as fronteiras do império jogando pedras em blindados, outros se mostram abertos à cultura do invasor. Em meio à invasão, acontece um debate interno do que seria o melhor a se fazer.

Para Deuze e Witschge, esse debate-embate vem dando origens a diversos jornalisismos diferentes. A despeito das invasões, o império está caindo devido a conflitos internos.

Para os estudos em jornalismo, é importante compreender o desafio representado pela diferença entre a consistência da ideologia profissional e a proliferação de uma gama diversificada de jornalisismos, muitas vezes valorizada por questões ideológicas. Questões sobre o que é o jornalismo são de extrema importância, o 'trabalho de fronteiras' é abundante em toda a profissão e na academia, mas quem

está dentro e fora da definição de jornalismo não o está de forma incontestável (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 13).

Com isso, eles não querem dizer que a profissão deixa de existir ou de ser importante, mas que é preciso uma "maior sensibilidade com relação ao mapeamento e à articulação de práticas e definições divergentes bem como interpretações ideológicas" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 13) na hora de dizer o que o jornalismo é.

5.3.2 Instituições sociais

Duas das perguntas que Shoemaker e Reese (2014) tentam responder ao elaborar a lista de cinco níveis utilizada por Deuze e Witschge é identificar as instituições sociais que moldam as informações em circulação na sociedade global e como elas se interrelacionam.

Para Bauman (2001), com a perda da solidez social as instituições, antes seguras do seu lugar e da sua identidade, começam a se chocar. Suas fronteiras também ficam fluidas. "Relações desestabilizadas e reconstituídas entre cidadãos, mídia e sociedade tornam difícil dividir e conter completamente as influências que nós examinamos dentro dos níveis específicos de análise" (SHOEMAKER; REESE, 2014, p. XV). Não significa que antes as instituições sociais não influenciavam umas às outras, e que agora tudo mudou. Mas períodos críticos de mudança pedem novas perguntas para tentar entender o que se passa.

Ao refletir sobre o tópico "instituições sociais", Deuze e Witschge (2016) argumentam que a forma como foi constituído o jornalismo torna mais difícil a sobrevivência neste mundo em processo de "derretimento". "A compreensão profissional sobre autonomia molda a interação com e a resistência a uma releitura fundamental da prática, e particularmente do quadro institucional onde tal prática ocorre" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 13-14). Isso significa que os jornalistas tendem a ser inflexíveis em relação à ideia de autonomia profissional. Ao menos na teoria. Porque na prática, essa autonomia não só sempre foi relativa, como mostram Shoemaker e Reese, como está sendo varrida pela modernidade líquida.

Shoemaker e Reese usam uma expressão do vocabulário naval/espacial para definir a necessidade de adaptação. Assim, o jornalismo não seria um campo, mas uma *maneuvering room*. Um espaço de manobras para mudar de planos ou de estratégias sempre que necessário. Os autores dão o exemplo da China, quando o país abriu seus mercados entre as décadas de 1970 e 1980, mas não mudou o sistema de poder/autoridade. Para aproveitar a mudança, os jornalistas tiveram que abraçar estratégias de mercado sem desafiar o poder do partido

comunista. "Eles foram empurrados a exercer atividades não rotineiras como oportunidades para encontrar as áreas de atuação que estivessem além do controle político" (SHOEMAKER; REESE, 2014, p. 103). A reconfiguração espacial obrigou os jornalistas a se tornarem empreendedores. "Quando a base econômica da mídia muda mas o poder autoritário no campo político permanece intacto, instituições precisam se adaptar para criar espaço e criativamente incorporar valores antigos e novos" (2014, p. 103).

Deuze e Witschge acham que é preciso assumir o caráter de espaço de manobras que transformou o jornalismo em um mundo de fronteiras borradas e relações complexas entre as diversas instituições sociais.

Considerando a variedade de instituições e atores sociais que impactam na produção, no conteúdo e no consumo de jornalismo, é preciso reconhecer a ampla gama de atores envolvidos, rompendo com a prática de jornalismo profissional que já foi considerada mais ou menos coerente. No atual ecossistema midiático digital e em rede, os papéis desempenhados por disciplinas profissionais diferentes na produção de notícias - produtores, executivos financeiros, criativos publicitários, gerentes de comunicação, incluindo profissionais de venda e marketing - estão cada vez mais interligados. (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 14).

Eles dizem que, na prática, essa atividade mais ou menos coerente já foi rompida. Afinal, o empreendedorismo está aí, fazendo jornalistas pensarem tanto no orçamento quanto na pauta. Isso não quer dizer, no entanto, que é preciso aceitar de cabeça baixa as reconfigurações espaciais. O empreendedorismo, por exemplo, precisa ser tensionado e questionado. O que não dá pra fazer, sublinham Deuze e Witschge, é deixá-lo de fora das fronteiras (porosas, mas ainda assim) do que é considerado jornalismo.

Seja o jornalismo uma instituição ou um campo, suas fronteiras se tornaram mais porosas. Onde o campo jornalístico começa e os outros começam? Como os vários participantes se adaptam às 'regras do jogo'? Dado que a diversidade do campo jornalístico é cada vez maior, incluindo a ascensão do jornalismo opinativo de organizações como a *Fox* e outros programas das *cable news* ou o vasto território de sites na Internet, é difícil, hoje, argumentar que ele representa uma única instituição. Nós precisamos entender melhor como os componentes jornalísticos, tanto no nível profissional quanto no jornalismo cidadão, reconstituíram a si próprios em uma esfera pública em rede, esta que está em processo de chegar a um novo equilíbrio. As fronteiras institucionais estão onde as coisas mais interessante estão acontecendo (SHOEMAKER; REESE, 2016, p. 103).

E para perceber o que está acontecendo nas fronteiras institucionais do jornalismo, argumentam Deuze e Witschge, é preciso superar a centralidade da redação.

5.3.3 O nível das organizações

Neste nível, há uma volta ao tema que permeia toda a ideia de jornalismo proposta por Witschge e Deuze: a redação. Ou melhor, a retirada da redação da centralidade do pensamento sobre jornalismo.

"[...] a redação de hoje é um excelente exemplo do conceito líquido-moderno: de muitas maneiras, esse conceito se parece exatamente como eram as redações de jornais e veículos de rádio e televisão na metade do século 20, com a importante diferença de que a maioria das redações hoje ou está praticamente vazia (por causa das demissões em massa e das práticas de terceirização) ou está se transformando em operações integradas onde convergem conteúdo, vendas, marketing e uma série de outras funções. (WITSCHGE; DEUZE, 2016, p. 15).

Como já foi dito, para Deuze e Witschge, a redação hoje é menos um lugar e mais "um processo que envolve rede de pessoas, tecnologias, espaços" (2016, p. 15). Por isso, a definição do que jornalismo é não deveria contemplar o que está dentro em detrimento do que está fora da redação. É preciso parar de privilegiar o "que emerge de áreas limitadas das redações e outros lugares centralizados de produção de notícias" (WAHL-JORGENSEN, 2009, p. 23). Para esta autora, a preferência por observar "chão de fábrica do jornalismo" (WAHL-JORGENSEN, 2009, p. 22) trouxe consequências para maneira como a profissão é vista.

O que chama a atenção quando ela traça o *modus operandi* de etnografias de redação é o seu caráter elitista, ou seja, de como os etnógrafos do jornalismo em geral preferiram observar determinados tipos de indivíduos, veículos e práticas jornalísticas. Ao longo da história, ressalta Wahl-Jorgensen, essa atenção desproporcional a um tipo de jornalismo moldou a percepção a respeito da profissão.

A ênfase em formas particulares de produção jornalística significa que nós coletamos uma impressionante quantidade de evidências sobre tribos jornalísticas particulares, enquanto quase ignoramos completamente outras. Na falta de versões concorrentes, as tribos cujas experiências foram amplamente documentadas pelos etnógrafos se afirmam como as descrições universais e dominantes sobre do que se trata o jornalismo (WAHL-JORGENSEN, 2009, p. 28).

Preferir uns atores e práticas significa preterir outros atores e práticas. Ao negligenciar esses outros (atores e práticas) na hora de entender o que é o jornalismo, muita gente acaba ficando de fora desse entendimento. Consequentemente, o que eles fazem não é entendido

como jornalismo. O que termina por marginalizar não só as práticas desses outros atores, mas também a realidade social construída pelas suas práticas (não consideradas consensualmente como) jornalísticas.

Por isso, é importante a indicação do *Prato Firmeza*⁶⁸ para o prêmio Jabuti de 2017. Mais do que afirmar o *ÉNóis*⁶⁹ como uma organização praticando jornalismo fora do eixo jornalístico tradicional (e de uma redação tradicional), a indicação de um projeto que nasceu com a proposta de colocar a culinária da periferia no mapa de São Paulo expande as fronteiras do jornalismo gastronômico. Porque jornalismo gastronômico não precisa ser apenas a "crítica" do último restaurante badalado da zona nobre da cidade. Como escreveu Nina Weingrill sobre como o *Prato Firmeza* fala sobre a falta de diversidade do jornalismo brasileiro: "O jornalismo nasce do encontro com a realidade. E o que estamos fazendo há décadas é relatar apenas o ponto cego" (WEINGRILL, 2017).

Uma das razões destacadas por Wahl-Jorgensen para que a observação de grandes redações (nacionais, de veículos de elite) seja privilegiada em detrimento do jornalismo local (nos exemplos dados por ela) é que é muito mais difícil trabalhar com o segundo do que com as primeiras. É sempre melhor fazer etnografia dentro de um espaço limitado e com rotinas bem estabelecidas - mais fáceis de serem documentadas - do que tentar propor um entendimento sobre um ecossistema jornalístico em que atuam diversos pequenos e heterogêneos atores⁷⁰. Para Wahl-Jorgensen, é preciso abraçar esse esforço: "[...] muitos professores ensinam futuros jornalistas de lugares onde o trabalho jornalístico é tão diferente que eles têm dificuldades de situá-los dentro da literatura existente" (2009, p. 29). Exatamente como diz Weingrill:

Em 2011 o Matheus estava angustiado. Queria ser chef de cozinha. Mas era como se quisesse ser astronauta, de tão distante que o sonho parecia ser para ele. Não tinha grana para bancar um curso, não conhecia nem pelo cheiro a 'alta gastronomia' e só o transporte para levá-lo do Capão Redondo até o centro da cidade, onde estavam os 'bons restaurantes', já era um impeditivo. (WEINGRILL, 2017)⁷¹.

⁶⁸ Especial jornalístico que mapeou alternativas gastronômicas localizadas nas periferias da cidade de São Paulo. Mais informações em: <https://enoisconteudo.com.br/prato-firmeza/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁶⁹ O *ÉNóis* se define "como agência escola de jornalismo que quer discutir e experimentar o futuro do jornalismo". Mais informações em: <https://enoisconteudo.com.br/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁷⁰ Em *Rebuilding the News*, Anderson (2013) utiliza os princípios da Teoria Ator-Rede para realizar uma etnografia que transcendeu as paredes das redações para demonstrar o funcionamento em rede do jornalismo local na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos.

⁷¹ Texto publicado em: <https://enoisconteudo.com.br/testimonial/falta-diversidade-no-jornalismo-brasileiro/>. Acesso em: 8 fev 2018.

Wahl-Jorgensen (2009) destaca ainda os desafios para que os esforços etnográficos de jornalismo sejam menos centrados na redação. Ressalta que a questão metodológica se torna mais complexa: "conduzir etnografias comparativas em diversos lugares, em diferentes tipos de mídias, assim como em diferentes contextos geográficos e culturais" (2009, p. 31) e/ou realizar aproximações a atores e instituições que sequer se consideram jornalistas. E observa o pouco interesse nesse tipo de empreitada: é mais caro, utiliza mais recursos e mais tempo e não dá tanto prestígio a pesquisadores e a centros de pesquisa que preferem ver seus nomes ligados a estudos sobre veículos e práticas consagradas.

5.3.4 As rotinas jornalísticas

Retirar a centralidade da redação dos estudos de jornalismo pode ajudar a ampliar o nosso entendimento do que o jornalismo é (ou está se tornando) e, como consequência, nos ajudar a enxergar indivíduos e práticas sociais não contempladas pelo jornalismo praticado dentro das redações tradicionais.

Há um intenso grau de fluxo, borrando dentro e fora as fronteiras das redações e seus ambientes. Na verdade, as novas maneiras como as redações são organizadas nos pedem para nos movermos para além da oposição binária de “dentro” e “fora” das redações, e como esta noção se torna cada vez mais obsoleta, e como conceito, pode mais ofuscar em vez de iluminar. (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 15).

Em geral, as primeiras coisas que vêm à mente quando se fala em rotinas jornalísticas é receber a pauta, sair à rua, entrevistar fontes, voltar à redação, redigir, editar e entregar o texto para publicação. Talvez com alguma variação dependendo do tipo de veículo e/ou conteúdo. Ou talvez com algum tipo de característica contemporânea do processo noticioso, como a pauta vir das redes sociais. Mas, no geral, a estrutura da rotina se manteria parecida.

Essa ideia geral está arraigada na cultura profissional e acadêmica sobre jornalismo. O jornalismo é ensinado assim porque as redações funciona(va)m dessa forma. Isso é(era) o que um jornalista faz(ia).

Tal compreensão acadêmica sobre a profissão se alimenta diretamente da prática jornalística. Cottle (2007, p. 10) nota como a ênfase no “funcionalismo organizacional” que ainda domina a formação em jornalismo privilegia rotinas e formas padronizadas de fazer o trabalho jornalístico acima da diferenciação e da divergência. (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 17).

No trabalho de Cottle (2007) citado acima, ele chamava a atenção para a limitação do tipo de estudo etnográfico realizado com o propósito de entender o processo de produção noticiosa. Essas observações feitas para saber o que acontece dentro de uma redação e, dessa forma, tentar desvendar como as notícias são produzidas, e por que elas são como são, moldaram a compreensão sobre jornalismo, especialmente durante o século 20.

Apesar de importantes, à medida que esses estudos são observados em perspectiva, defende Cottle, eles acabam caracterizando a produção noticiosa como "funcionalismo organizacional". Ou seja, que o jornalismo possui uma função a ser cumprida dentro do sistema do qual faz parte. Essa função seria constituída pelos requisitos organizacionais de produção das notícias, ou seja, o que acontece dentro de uma redação, combinada com a ideologia profissional da objetividade. A combinação dessas duas características resulta, diz Cottle, em um jornalismo que "rotineiramente privilegia a voz dos poderosos, o que acaba por reforçar a tendência à natureza padronizada e ideológica das notícias" (COTTLE, 2007, p. 4).

As notícias acabam sempre beneficiando as mesmas pessoas, pois suas rotinas de produção cumprem uma função dentro do sistema social no qual estão inseridas, a sociedade capitalista. Vem daí, diz o autor, um pouco da desconfiança das pessoas em relação às notícias, assim como as teorias conspiratórias que giram em torno do jornalismo.

Cottle acha que os estudos etnográficos devem dar conta da complexidade que sempre constituiu as rotinas de produção jornalística, mas que ganhou força nos últimos anos em função do desenvolvimento tecnológico. Apenas observar o que acontece dentro de uma redação cada vez mais perde força como um método para compreender o jornalismo. As rotinas mudaram: estão mais dispersas, mediadas por diferentes tecnologias e envolvendo uma multiplicidade de atores e seus discursos. Concentrar-se nas rotinas de produção jornalística estabilizadas ao longo do tempo já não é suficiente, no sentido de mapear e explicar a diversidade do trabalho jornalístico (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 16).

Etnografias que deem conta desta complexidade podem renovar a compreensão sobre as rotinas jornalísticas. A partir daí, verificar a necessidade de desenvolver novas rotinas, ou mesmo questionar a ideia de rotina no jornalismo. Além de que, o foco nas rotinas desmente uma prática diária que talvez não seja tão estável ou sólida como costumava ser, as mudanças contemporâneas provocadas pela disrupção e pela inovação forçam a reavaliação da conceituação de "rotina" como uma função organizacional. (WITSCHGE; DEUZE, 2016, p. 16).

5.3.5 Os indivíduos jornalistas

A Conta dos Passaralhos⁷², especial desenvolvido pelo Volt Data Lab⁷³ que soma quantos jornalistas foram demitidos nos últimos seis anos no Brasil, registra algo que todos jornalistas já viveram de alguma forma, seja perdendo o emprego, seja temendo perdê-lo, ou mesmo percebendo que talvez nunca consiga um. Os passaralhos não sobrevoam apenas as redações do Brasil. Não é novidade que a(s) crise(s) do jornalismo constitui(em) uma questão global. Esta realidade, dizem Deuze e Witschge, está ajudando a transformar o perfil da profissão. Os rearranjos dos sistemas sociais vêm fazendo os empregos sumirem. Conseqüentemente, cresce o número de *freelancers* - que às vezes "voltam" ao seu antigo local de trabalho como prestadores de serviço - e o estresse e a insegurança chegam para ficar (o ficaralho). Ao mesmo tempo, a profissão fica cada vez mais concorrida. O diploma já não é suficiente. O que dizem Deuze e Witschge sobre isso.

[...] os jornalistas atípicos [...] tendem a ser ignorados pelas pesquisas acadêmicas sobre jornalistas ao redor do mundo. O mesmo vale para o trabalho que eles fazem, como eles fazem o que fazem, e o que significa ser um jornalista para eles. A população do jornalismo está mudando. Com a dinâmica acelerada das reorganizações e rearranjos, aquisições e demissões, novos proprietários e executivos, novos arranjos de trabalho e cortes de orçamento, o jornalismo tornou-se menos acessível a todos. Na verdade, o jornalismo parece cada vez mais ser o campo de ação de uma classe rica, apenas aqueles que podem se dar ao luxo de trabalhar durante anos ou até mesmo a maioria de suas carreiras ganhando menos ou em torno do salário mínimo nas cidades maiores e, portanto, mais caras, onde as principais organizações midiáticas estão, em geral, localizadas. Portanto, é mais importante do que nunca apreender quem está trabalhando no jornalismo, sob que circunstâncias o trabalho é feito, que tipo de trabalho é produzido, e, em última instância, qual o impacto na sociedade e na autogestão dos cidadãos. (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 17).

O que Deuze e Witschge fizeram, na verdade, foi propor um enquadramento teórico a uma realidade já documentada⁷⁴. Uma pesquisa publicada no The Guardian⁷⁵ em março de 2016 sublinha o elitismo do jornalismo britânico ao traçar perfil dos profissionais que

⁷² Disponível em <http://passaralhos.voltdata.info/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁷³ Disponível em <https://www.voltdata.info/>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁷⁴ Em um estudo global que ouviu mais de 29 mil jornalistas do mundo inteiro, Willnat et al. (2013) observaram que, embora não exista um padrão que unifique perfis e competências desses profissionais mundialmente, há algumas tendências universais: “alguns países possuem jornalistas mais jovens, menos experientes, e com menos formação formal, que não valorizam a função analítica e interpretativa do jornalismo, que estão menos satisfeitos com o seu trabalho, que possuem menos liberdade no trabalho, e que sentem falta de habilidades multimídia para atuar na era do jornalismo *on-line*” (WILLNAT et al., 2013, p. 163).

⁷⁵ Disponível em <https://www.theguardian.com/media-network/2016/mar/24/british-journalism-diversity-white-female-male-survey>. Acesso em: 8 fev 2018.

trabalhavam nas redações do Reino Unido naquele período. Segundo o levantamento, realizado pela City University London, 94% dos jornalistas são brancos e 55% são homens. Os dados mostram ainda que apenas 0,4% dos jornalistas britânicos são muçulmanos e 0,2% são negros, sendo que quase 5% da população é muçulmana e 3% é negra. Segundo os autores da pesquisa, essa disparidade se deve muito ao fato de que jornalismo é uma profissão de classe média. Trinta e seis por cento dos profissionais que chegaram ao mercado nos últimos três anos têm mestrado. Com o custo da educação no Reino Unido cada vez mais alto, ainda mais na pós-graduação, cresce a competitividade no mercado.

Uma análise⁷⁶ do *New York Times* sobre o papel da imprensa na vitória de Donald Trump sublinha o mesmo fenômeno ocorrendo no outro lado do Atlântico. Segundo a análise, a incapacidade de o jornalismo norte-americano vislumbrar a possibilidade de o candidato republicano vencer o pleito demonstra uma das consequências de o jornalismo ser uma profissão para jovens brancos de classe média - um dos únicos extratos sociais capazes de assumir para a vida uma atividade estressante e com poucas perspectivas financeiras. Uma profissão-*hobby* para quem tem pais que seguram as pontas quando a coisa aperta.

Aos poucos, a lacuna apontada por Deuze e Witschge fica mais evidente. Nos EUA, o jornalismo local dá sinais de renascimento, após anos de declínio. No Brasil, o Atlas da Notícia⁷⁷ pode ser o primeiro passo para fazer aparecer um jornalismo local que os grandes centros (onde estão os principais centros de ensino e as principais redações, aqueles que vêm moldando historicamente o jornalismo) nunca deram muita atenção.

"Para entender o jornalismo, é importante apreender quem o povoa (e também quem não), para obter uma visão sobre as condições em que eles trabalham, e, finalmente, como isso informa o tipo de jornalismo que é produzido" (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 17).

5.4 JORNALISMO, UM SISTEMA SOCIAL AUTO-ORGANIZADO

No último artigo sobre o tema, *Beyond Journalism: Theorizing the transformation of journalism*, Deuze e Witschge (2018) reafirmam o jornalismo como uma "maneira pós-industrial, empreendedora e atípica de trabalhar e estar no trabalho" (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 165) e buscam "delinear uma aproximação que vá além da abordagem individualista ou institucional de maneira a fazer justiça à complexa transformação pela qual passa a

⁷⁶ Disponível em <https://nyti.ms/2kd0KjX>. Acesso em: 8 fev 2018.

⁷⁷ O Atlas da Notícia começou a mapear veículos brasileiros de notícias, especialmente no jornalismo local. Seu primeiro relatório, apresentado em novembro de 2017, demonstrou que grande parte do país não conta com um veículo local impresso ou sites. Mais informações em <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 8 fev 2018.

profissão atualmente" (2018, p. 165), criar "uma definição e um entendimento mais amplos da miríade de práticas que compõem o jornalismo". O artigo retoma aspectos trabalhados nos dois trabalhos anteriores, especialmente uma crítica à centralidade da redação na conceituação da profissão.

Redações e o trabalho jornalístico são parte de uma profissão que pode ser melhor vista como um sistema social auto-organizado através do qual coalizões dinâmicas de participantes vinculam-se umas às outras, dinâmica que se mostra interdependente de uma variedade de outros sistemas (como vendas, marketing, design, programação, serviços de publicação e de distribuição). (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 168).

Eles propõem discutir "como, neste contexto, podemos entender o papel do profissional de mídia como um empreendimento individual para além da limitada conceituação de empreendedorismo como uma iniciativa estritamente econômica" (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 168). Ao definirem o jornalismo contemporâneo como um sistema social auto-organizado Deuze e Witschge sublinham influência de outros sistemas sociais, mas também de o jornalismo se auto-organizar ao ser estimulado por forças externas. A própria definição do jornalismo depende da interação com essas forças.

Não por acaso, a abordagem dos pesquisadores holandeses dialoga com proposta de Henn e Oliveira (2015), já abordada nos capítulos anteriores. Neste trabalho, eles defendem que o jornalismo é um "sistema aberto, dinâmico, complexo e não linear" pressionado por pontos de propulsão de sentido recentes e que vêm colocando em xeque a legitimidade discursiva do jornalismo na hora de construir narrativas sobre o que acontece no mundo.

Antes das redes sociais, o jornalismo possuía uma posição privilegiada para narrar os acontecimentos do mundo. O jornalismo pós-redes sociais perdeu esse privilégio. Hoje, a disputa pela narrativa é muito mais intensa. Vários atores diferentes querem fazer valer a sua maneira de ver e contar os fatos. Vários pontos de propulsão de sentido desafiando a autoridade historicamente desenvolvida pelo jornalismo para construir a realidade social. Pressionado, o jornalismo entra em crise. Não uma crise de modelo de negócio. Isso é outra história. Trata-se de uma crise sistêmica, segundo Oliveira e Henn.

É como se esses pontos de propulsão fossem forças externas tentando moldar a maneira de o jornalismo ver e narrar os acontecimentos. O jornalismo naturalmente se auto-organiza, modificando o seu formato. Encontra novas formas de narrar, de apurar, de verificar. Novas formas de apresentar o mundo e de se apresentar para o mundo.

Deuze e Witschge sugerem uma abordagem parecida, mas a aproximação deles é mais ampla, e não focada no âmbito narrativo, como é a de Oliveira e Henn. Não à toa, eles começam a tentar (re)teorizar o jornalismo a partir do sistema social no qual ele está inserido e terminam refletindo sobre quem é o jornalista contemporâneo.

O jornalismo Deuze e Witschge recebe pressões de todos lados. A noção de organização muda. A redação não é mais uma sala, e sim uma rede. A ideia de trabalho jornalístico se amplia. Não pode ser mais vista apenas como o trabalho de alguém empregado em uma redação, e sim de alguém que desempenha várias funções diferentes, empregado formalmente ou não. A ideia do que é ser jornalista muda. Não estamos mais falando apenas do repórter com papel e caneta na mão, mas de alguém que incorpora o papel empreendedor. Mas não economicamente falando. E sim de alguém "mais adaptável, flexível e disposto a se movimentar entre atividades e funções e de se responsabilizar por suas ações, seus sucessos e seus fracassos" (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 175).

Assim, o jornalismo assume um caráter pós-moderno, de constante tornar-se. Sua definição transcende a que historicamente o definiu. O jornalismo vai além do jornalismo.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalharei os passos executados para buscar na teoria contemporânea do jornalismo subsídios destinados à sustentação do modelo teórico-metodológico proposto na primeira parte da tese. O objeto empírico é um conjunto de documentos retirados de três periódicos científicos (detalhados na sequência) entre 2007 a 2016. O tamanho do corpo empírico exigiu a criação um método específico de análise. Este método encontrou seus pilares nos princípios básicos da análise de conteúdo etnográfica (*ethnographic analysis content*).

Definida por Altheide (1987) como um "movimento reflexivo entre o desenvolvimento conceitual, amostragem, coleta de dados, codificação dos dados, análise dos dados e interpretação" (ALTHEIDE, 1987, p. 68), a análise de conteúdo etnográfica tem como principal objetivo abrir espaço para um tipo de subjetividade diferente da proposta na análise de conteúdo qualitativa. Seu objetivo é ser sistemática e analítica, mas menos rígida.

A análise de conteúdo etnográfica busca inspiração, no entanto, em aspectos da análise de conteúdo qualitativa. Kracauer (1952), ao discutir semelhanças e diferenças entre análises quantitativas e qualitativas nos estudos de Comunicação, vê na segunda a possibilidade de "condensar significados substantivos de determinado texto" (KRACAUER, 1952, p. 638). Segundo ele, "estudos qualitativos geralmente focam não tanto no conteúdo de uma comunicação quanto nas suas intenções subjacentes ou seus efeitos presumíveis" (KRACAUER, 1952, p. 638). A categorização e a quantificação de códigos servem, na análise qualitativa, para "penetrar em dimensões textuais completamente inacessíveis às técnicas quantitativas" (KRACAUER, 1952, p. 639).

Cho e Lee ressaltam que a análise qualitativa possui a "habilidade de extrair significados manifestos ou latentes" (CHO; LEE, 2014, p. 4) por meio da utilização de abordagens dedutivas, indutivas ou a combinação de ambas. Segundo eles, a abordagem indutiva é "apropriada quando o conhecimento anterior a respeito do fenômeno a ser investigado é limitado ou está fragmentado" (CHO; LEE, 2014, p. 4).

Espírito Santo e Soares, no entanto, estabelecem as diferenças entre a análise de conteúdo qualitativa e a análise de conteúdo etnográfica. Segundo as pesquisadoras, o que distingue a segunda da primeira é a relação do pesquisador com os dados e o trabalho em cima do conteúdo selecionado (ESPÍRITO SANTO; SOARES, 2015, p. 41).

Observando mais de perto análise de conteúdo qualitativa e etnográfica, nós encontramos uma janela para melhorar os resultados que deriva não somente dos dados, mas principalmente do contexto e da capacidade do pesquisador em entender como chegar mais perto, em termos inferenciais, de uma maneira válida, com codificações confiáveis (ESPÍRITO SANTO; SOARES, 2015, p. 41).

Seguindo a diferenciação, as pesquisadoras citam o esforço de Altheide (1987), o primeiro a usar a *expressão ethnographic content analysis* (ECA), para delimitar e dar identidade a uma abordagem que objetiva "organizar e formular um propósito inferencial de análise, considerando um conjunto de dados ou corpus específico e um contexto de avaliação" (ESPÍRITO SANTO; SOARES, 2015, p. 41).

ECA e análise de conteúdo qualitativa são, em termos práticos, duas abordagens idênticas em intenções ou propósitos, processos de pesquisa e *modus operandi*, no entanto, divergentes em identidade teórica de fundo, medidas de validação e confiabilidade e tipos de resultados esperados. (ESPÍRITO SANTO; SOARES, 2015, p. 41).

Ao descrever as diferenças entre as duas abordagens no que concerne à validação dos dados e confiabilidade dos procedimentos metodológicos, as autoras observam que enquanto a análise de conteúdo qualitativa lança perguntas ao objeto, a análise de conteúdo etnográfica lança perguntas ao contexto. Ou seja, o contexto delimitado pelo pesquisador tem um peso maior na análise dos dados do que na análise de conteúdo qualitativa. Isso se evidencia no tipo de resultado esperado. Enquanto nesta o resultado está centralizado no objeto, naquela o resultado está centralizado no pesquisador (ESPÍRITO SANTO; SOARES, 2015, p. 42).

A seleção do material que vai ajudar o pesquisador a entender o contexto também tem características específicas nos esforços de pesquisa qualitativos. Fragoso et al. (2012) destacam que “[...] o importante não é trabalhar com quantidades ou proporções específicas, mas reconhecer e enfrentar a complexidade que a intenção de generalizar os resultados de pesquisa impõe ao dimensionamento da amostra.” (FRAGOSO et al., 2012, p. 63).

Ao contrário da amostragem quantitativa, que se propõe a utilizar critérios probabilísticos para chegar a um modelo do universo em escala reduzida, as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa. Assim, ao contrário das amostras quantitativas, tipicamente probabilísticas, as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais. (FRAGOSO et al., 2012, p. 68).

Nesta tese, parte-se de uma primeira fase cujo caráter é quantitativo para uma segunda cujo foco é o caráter qualitativo. Enquanto a primeira serve para descartar dados que não

ajudariam a compor a construção empírica proposta, a segunda é definida pela escolha intencional das amostras à medida que o esforço analítico vai se afunilando.

A seguir, descrevo as especificidades dos procedimentos de análise adotados.

6.1 BUSCA PELA EXPRESSÃO “*BREAKING NEWS*”

O primeiro passo foi pesquisar pela expressão "*breaking news*" nas revistas científicas *Journalism*, *Journalism Practice* e *Digital Journalism*. A escolha se deve a dois fatores principais. Primeiro, trata-se de publicações de referência na área. A *Journalism* e a *Digital Journalism*, além de serem referência mundial para estudos de jornalismo, são periódicos Qualis A1, a classificação mais alta no sistema de referência da Capes. Também com Qualis elevado (A2), a *Journalism Practice* foi escolhida pelo seu foco na prática jornalística.

O segundo critério foi o idioma: todas publicam trabalhos em inglês. Foi uma decorrência natural, pois a expressão pesquisada é inglesa. Como disse na introdução, não se trata de um apreço por estrangeirismos. Apenas entendo que a expressão, além de estar internacionalizada, carrega consigo indicações de determinados tipos de práticas e situações jornalísticas difíceis de condensar em uma expressão em português.

Outro argumento favorável à escolha do inglês é que há poucos trabalhos nacionais dedicados a temas que em geral a expressão "*breaking news*" faz referência⁷⁸, como é o caso de acontecimentos urgentes capazes de uma mobilização global. Por publicarem autores do mundo inteiro, os periódicos escolhidos oferecem uma possibilidade maior de tratar dos temas que interessam à minha pesquisa, e sob diversos pontos de vista.

Assim, em um primeiro momento, pesquisei pela expressão "*breaking news*" em qualquer parte do artigo e em qualquer contexto. O período de busca foi de dez anos, entre 2007 a 2016. Este intervalo de tempo se justifica também por dois motivos principais. Primeiro, porque o início do período é momento em que os sites de redes sociais digitais ganham protagonismo na circulação de informações. Segundo, porque foi o primeiro período

⁷⁸ Na área das Ciências Sociais Aplicadas, uma pesquisa pela expressão "*breaking news*" realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes em 17 de fevereiro de 2018 retornou dois resultados. Em tese defendida na PUCRS, Reino (2015) estudou como o jornalismo vem sendo afetado pelos serviços baseados em localização (SBL). Neste trabalho, a expressão "*breaking news*" aparece relacionada a serviços cujo objetivo é noticiar os últimos eventos a partir de determinada localização. Em dissertação defendida na UFBA, Moragas (2013) estudou a alteração do texto jornalístico no Twitter. Aqui, a expressão "*breaking news*" aparece como denominação de uma das editoriais analisadas na pesquisa empírica. O portal de pesquisa da Intercom não retornou nenhum resultado. O portal da SBPJor retornou como resultado o artigo apresentado pelo autor desta tese no encontro de 2014 (OSÓRIO, 2014). O site da Compós não oferece a possibilidade de realizar buscas.

de atividade do perfil de Twitter @breakingnews⁷⁹. O @breakingnews foi pioneiro em desenvolver práticas de coberturas de eventos urgentes em tempo real. Aqui, além da sua importância, ele serve também como baliza histórica.

A busca foi realizada em 10 volumes e 72 números da *Journalism*, 10 volumes e 52 números da *Journalism Practice* e 4 volumes e 21 números da *Digital Journalism*. Esta em menor quantidade, porque o seu primeiro volume foi publicado em 2013. A *Journalism Practice* iniciou exatamente em 2007, e a *Journalism* apareceu pela primeira vez no ano 2000. No total, foram analisados 24 volumes e 145 números das três publicações. Como resultado, 227 artigos contendo a expressão "*breaking news*" e foram pré-selecionados.

Os resultados das buscas foram condensados em uma planilha⁸⁰ com todos os artigos nos quais aparece expressão "*breaking news*", ao menos uma vez. Na planilha, cada linha contém as informações básicas de cada trabalho, como título e autor(es) do artigo, periódico onde foi publicado, ano de publicação e contexto básico da expressão. Nela foram listados os 227 artigos em que a expressão "*breaking news*" aparece no título, resumo ou no corpo do texto.

6.2 ANÁLISES PRELIMINARES

Na planilha com todos os artigos em que aparece a expressão "*breaking news*", realizei uma análise preliminar para descartar os artigos que não dialogassem com a construção teórico-metodológica proposta na tese. Para isso, baseei-me na coluna com o contexto da ocorrência da expressão em cada artigo, anotado no momento do registro na planilha. Escolhi artigos que apresentassem discussões sobre a influência das redes sociais digitais no jornalismo, que abordassem a atuação jornalística em eventos de crise ou extraordinários, que trouxessem dados sobre a reação da classe profissional às mudanças decorrentes da digitalização, ou que tivessem como objeto a cobertura de temas globais.

Ficaram de fora artigos que trataram o *breaking news* apenas como sinônimo de *hard news*, algo bastante usual na língua inglesa. Este é o exemplo mais comum - e o mais sujeito a flutuações, portanto, propício a arbitrariedades. Outro exemplo é quando o assunto tratado

⁷⁹ Baseada em Seattle, a iniciativa jornalística *Breaking news* foi lançada em 2007. Em 2009, foi comprada pela rede NBC. Quando foi fechada, em dezembro de 2016, empregava cerca de 20 pessoas e tinha escritórios em Seattle, Los Angeles, Chicago, Nova York e Londres. A NBC alegou que a dificuldade de a empresa *Breaking news* gerar receitas levou ao seu fechamento. Poucos dias antes do fechamento desta tese, no entanto, o @breakingnews voltou à atividade, ainda sob controle da NBC. Mais informações em: <https://www.usatoday.com/story/tech/news/2016/12/08/nbc-shut-down-breaking-news-app-service/95149264/>. E em: <https://twitter.com/BreakingNews/status/979422308426272770>. Acesso em: 17 fev. 2018 e 31 mar. 2018.

⁸⁰ A planilha está disponível para visualização em: <https://bit.ly/2uEQsDc>. Acesso em: 31 mar. 2018.

pelo artigo passa longe do contexto jornalístico abordado nesta tese. Como um trabalho sobre jornalismo *long form* em que a expressão *breaking news* foi utilizada para definir uma atividade de longo prazo por meio da negação. Ou seja, jornalismo *long form* não é jornalismo *breaking news*. Por fim, artigos cujo foco eram editoriais não consideradas *hard news*, como entretenimento, esportes e cultura, também ficaram de fora do corpo empírico.

Após esta primeira análise preliminar, cheguei a 75 artigos. Então, a partir da leitura de todos eles, alcancei o que chamei de "sistematização teórica". Para cada ano do período, redigi um documento com um texto de rascunho no qual busquei concatenar as ideias principais dos trabalhos. Esta segunda análise preliminar serviu para perceber como a apropriação da expressão "*breaking news*" evoluiu de 2007 a 2016.

6.3 ANÁLISE COM O SOFTWARE MAXQDA12

Feita a dupla análise preliminar, os 75 artigos foram inseridos no software MAXQDA12, um programa para análise de dados qualitativos que permite a criação de um sistema de códigos. Aqui, os trabalhos também foram divididos ano a ano, de 2007 a 2016.

Criei cinco códigos. O primeiro código apontou todas as vezes em que a expressão "*breaking news*" apareceu nos textos. A expressão foi buscada em qualquer trecho do texto. A ideia dessa busca foi não só realizar uma contagem, mas principalmente ver que tipo de discussão orbitava a expressão. Depois dessa primeira varredura, voltei a cada uma das ocorrências para classificá-las de acordo com os outros quatro códigos. Estes códigos referem-se às categorias de análise criadas a partir da construção teórico-metodológica realizada na primeira parte da tese (detalhadas abaixo). Cada um desses códigos está vinculado a ocorrências da expressão "*breaking news*". Esses códigos são, portanto, subcategorias (ou subcódigos) da expressão "*breaking news*".

Antes de seguir, cabe ressaltar que a teoria proposta também foi regada pela leitura dos artigos analisados, em uma dinâmica com muitas idas e vindas do material teórico ao empírico e vice-versa. Um diálogo entre teoria e empiria cujo resultado são as quatro categorias descritas logo abaixo. O número não é por acaso: tirando o capítulo 1 (introdução), elas estão ligadas aos quatro capítulos que estruturam a parte 1 e são consideradas como as linhas capazes de inspirar a construção teórico-metodológica do *breaking news* realizada na tese como um rizoma. Cada uma delas busca referência em cada uma das quatro linhas que compõem um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011). As quatro categorias são as seguintes:

- Linha 1 (arquitetura do *breaking news*): Esta categoria diz respeito à natureza do acontecimento tratado na tese e à maneira como o jornalismo vem, historicamente, respondendo a este tipo de acontecimento. Ambos os temas foram desenvolvidos no capítulo 1 e dão a noção de hierarquização. Isso acontece a partir da ideia de classificação dos acontecimentos e de um tipo de atuação (resposta) jornalística baseada na racionalidade, no pragmatismo e na tentativa de controle;
- Linha 2 (*breaking news* em movimento): Esta categoria diz respeito ao pulsar do *breaking news*, especialmente em relação às conexões que permitem este pulsar. Tem a ver com o papel da tecnologia nos fluxos de informação e a entrada de outros atores na construção dos acontecimentos. Fala sobre velocidade, instantaneidade, aceleração;
- Linha 3 (cartografia do *breaking news*). Esta categoria diz respeito a táticas, estratégias, práticas desenvolvidas pelo jornalismo para dar conta da realidade em formação. Podem ser ferramentas, podem ser novas maneiras de realizar o seu fazer. São pequenas adaptações na deontologia de maneira a reagir à realidade colocada;
- Linha 4 (expansão das fronteiras): Esta categoria diz respeito a mudanças maiores no jornalismo; a como o jornalismo, especialmente a partir do tipo de prática exigida por um acontecimento *breaking news*, vem se transformando, assumindo uma postura de constante tornar-se, se afastando das características retratadas pela categoria Linha 1.

6.4 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Em uma primeira condensação analítica, busquei traçar a evolução do *breaking news* no período observado em uma análise basicamente cronológica. A construção dessa cronologia consistiu em localizar a discussão orbitando a expressão “*breaking news*” em cada artigo, contextualizá-la e conectá-la às discussões dos outros artigos. Neste momento, os dez anos foram divididos em dois triênios e dois biênios: 2007 a 2009; 2010 a 2012; 2013 e 2014; e 2015 e 2016. A grande quantidade de artigos e a possibilidade de observar mudanças a partir de fatias de tempo justificam essa divisão. Para cada período há um texto. O objetivo de cada texto – chamados de sistematização – é demonstrar, de maneira resumida, *no que se falava quando se falava em breaking news* em cada uma das fatias de tempo do decênio. Esses textos estão reunidos na seção 7.2.

Em uma segunda condensação analítica voltei a localizar as expressões “*breaking news*”, bem como as discussões relacionadas a elas. Mas agora, a partir da proposta de

subcategorização / subcodificação definida na seção 6.3 e sem a divisão baseada em fatias de tempo. Ou seja, a análise observou o decênio 2007-2016 como um todo, buscando nos 75 textos segmentos envolvendo cada uma das subcategorias (ou subcódigos), geradas via MAXQDA12. Esta análise gerou mais quatro textos, que são como uma evolução da sistematização cronológica realizada na primeira condensação analítica. O objetivo é conectá-los à proposta teórico-metodológica desenvolvida na parte 1 da tese, regando-a e demonstrando a sua viabilidade a partir do que diz a teoria contemporânea de jornalismo publicada nos periódicos analisados.

7 PESQUISA EMPÍRICA

A pesquisa empírica está dividida em três partes. Na primeira, apresento uma breve sistematização dos números relacionados à expressão “*breaking news*”. Quantas vezes ela aparece nos artigos, quantas vezes aparece em cada ano, bem como números relacionados aos seus subcódigos, isto é, quantas vezes a expressão “*breaking news*” aparece relacionada às categorias de análise (Linhas). Na sequência, vêm os dois movimentos analíticos.

O primeiro é uma a sistematização cronológica baseada nas quatro fatias de tempo: 2007-2009; 2010-2012; 2013-2014; e 2015 e 2016. Juntas, elas compõem o decênio analisado e procuram localizar as discussões nas quais a expressão “*breaking news*” esteve envolvida. Nesse momento, destaquei algumas partes do texto em *bold* de maneira a sublinhar aspectos relevantes para a evolução do *breaking news* no período. Depois de cada texto, há uma tabela com número do artigo (de 01 a 75), ano do artigo, título do artigo, autor(es) do artigo e periódico onde o artigo está publicado. Depois, vem a análise dos segmentos.

Considerando a sistematização cronológica como um movimento pré-analítico, no sentido de preparar o terreno para as duas condensações posteriores, é possível notar que os dois movimentos analíticos podem se sobrepor. É possível, inclusive, que observações em relação a determinados textos ou segmentos dos textos se repitam, tornando a leitura por vezes redundante. Correndo o risco de oferecer uma leitura cansativa, entendo que a volta sistemática a trechos e/ou ideias oferecidos pelos artigos analisados contribui para um aprofundamento gradual da análise e, conseqüentemente, uma relação mais consistente com a proposta teórico-metodológica desenvolvida na primeira parte da tese. É como se a análise adotasse uma estratégia em espiral. O deslocamento do ponto A para o ponto B não ocorre em linha reta, e sim em uma linha curva que se desenvolve gradual e regularmente.

7.1 A EXPRESSÃO “*BREAKING NEWS*” EM NÚMEROS

De 2007 a 2016 há, de maneira geral, um aumento de artigos que citam a expressão “*breaking news*” nos três periódicos analisados. Assim como há também, de maneira geral um aumento no número de ocorrências da expressão “*breaking news*” nos artigos que a citam. Este duplo aumento é uma das justificativas da divisão temporal proposta, como comentei no capítulo 6. Há uma concentração maior de trabalhos após 2012.

Em grande parte, isso se deve à inclusão da *Digital Journalism*, a partir de 2013. Seu foco em jornalismo digital catalisou o aparecimento da expressão em um número maior de trabalhos. Especialmente em função da relação entre UGC⁸¹, mídias sociais e a cobertura de jornalística de eventos urgentes e imprevisíveis. Em quatro anos (2013-2016), a *Digital Journalism* aparece com 24 artigos. O número da *Journalism Practice* é maior, 30, mas ao longo de todo o decênio. A *Journalism* aparece com 22 artigos ao longo dos dez anos.

No entanto, como ressaltai, esse crescimento se deu de maneira geral. Isso porque há, ao longo do decênio, exceções. No ano de 2009, por exemplo, a expressão “*breaking news*” aparece 86 vezes. A maioria dessas aparições está no artigo *The thirst do be first*, de Lewis e Cushion (2009), isso porque, neste trabalho, o tema é *breaking news*. Portanto, é natural que a expressão seja usada diversas vezes ao longo do texto. O exemplo oposto é o ano de 2014, quando – já com a presença de trabalhos retirados da *Digital Journalism* – 12 artigos foram analisados, e a expressão “*breaking news*” apareceu 19 vezes. Este número é bem menor do que nos anos anterior e posterior. Em 2013, também foram analisados 12 artigos, e a expressão apareceu 55 vezes. Em 2015, ela foi usada 55 vezes, mas em 16 trabalhos.

Sobre a relação da expressão “*breaking news*” com discussões capazes de alimentar as proposições de cada uma das categorias (Linhas) de análise, há uma leve concentração da Linha 1 nos primeiros anos do decênio. Os subcódigos vão aparecendo mais para o final do período nas Linhas 2 e 3. Por fim, na Linha 4, eles se concentram em 2016. Importante frisar que as Linhas, encaradas aqui como subcodificações, estão sempre relacionadas a discussões que orbitam uma ou mais expressões “*breaking news*” nos textos analisados. Não há, portanto, uma relação direta entre o número total de subcodificações e a codificação principal, ou seja, o número total de aparições da expressão “*breaking news*” ao longo do decênio. Tanto é que o número total de vezes em que a expressão “*breaking news*” aparece é 333, enquanto o número total de subcodificações (os números das quatro Linhas somadas) é 218.

Tudo isso quer dizer que por si só os números não sustentam o tipo de abordagem cronológica proposta aqui. Servem, sim, para apontar indícios, ilustrar um determinado tipo de evolução através da qual a expressão “*breaking news*” passou no período analisado. A presença da expressão indica uma boa probabilidade de que determinado autor, ao utilizá-la, possa contribuir com a proposta teórica desenvolvida na primeira parte. É possível também

⁸¹ UGC é a sigla para *user generated content*, ou conteúdo gerado pelo usuário. O termo popularizou-se na literatura da área em inglês para designar os materiais provenientes do público aproveitado em conteúdos jornalísticos.

que haja artigos úteis para este propósito nos quais a expressão *breaking news* não aparece. Naturalmente, eles ficarão de fora. Trata-se de um limite da metodologia adotada.

Dito isto, apresento os números a que cheguei ao realizar a classificação detalhada no capítulo 6. Com eles, é possível ter um panorama do uso dessa expressão nas teorias contemporâneas do jornalismo, durante uma década. Primeiro, os números gerais: os números de artigos analisados e o número de ocorrências da expressão, ano a ano (**Quadro 1**) Em seguida, o número de segmentos codificados em cada linha, separados por ano (**Quadro 2**).

Quadro 1 – Ocorrências da expressão “breaking news” nos artigos

Ano	Nº de artigos analisados	Nº de ocorrências da expressão
2007	3	10
2008	1	4
2009	2	86
2010	3	8
2011	3	10
2012	6	17
2013	12	55
2014	12	19
2015	16	55
2016	17	69
Total	75	333

Fonte: Moreno Cruz Osório

Quadro 2 – Ocorrências da expressão “breaking news” nas categorias

Ano	Nº ocorr. L1	Nº ocorr. L2	Nº ocorr. L3	Nº ocorr. L4
2007	5	2	0	2
2008	1	2	1	0
2009	5	1	0	0
2010	2	4	3	1

2011	2	0	2	0
2012	1	9	6	2
2013	15	6	20	4
2014	2	9	9	0
2015	2	16	24	1
2016	13	25	13	8
Total	48	74	78	18

Fonte: Moreno Cruz Osório

7.2 A EVOLUÇÃO DO *BREAKING NEWS* DE 2007 a 2016

A partir de agora apresento as sistematizações das discussões que orbitam a expressão “*breaking news*” nos 75 artigos analisados. O objetivo dessa sistematização é traçar uma cronologia e, ao mesmo tempo, fazer emergir elementos que contribuam para fortalecer os contornos do cibercontecimento *breaking news*. Ou seja, busco nos textos, trechos para subsidiar e justificar as inferências presentes na construção teórico metodológica.

Como observei anteriormente, em razão da extensão do corpo empírico, especialmente no período final do decênio analisado, esse esforço está dividido em quatro: dois triênios (2007-2009 e 2010-2012) e dois biênios (2013-2014 e 2015-2016). Os textos de sistematização foram construídos de maneira a ressaltar tópicos, discussões, assuntos. Isso quer dizer que, de maneira geral, há um deslocamento para o esforço realizado aqui de partes dos artigos que julgo capazes de compor a discussão a respeito do *breaking news*.

Para sublinhar esse deslocamento, utilizo o recurso de grifar determinados trechos em *bold*. Esses trechos em *bold* procuram desvelar o significado do *breaking news* para o jornalismo de 2007 a 2016. E, na medida em que se acumulam, ajudam a traçar os contornos da evolução do *breaking news* para o jornalismo contemporâneo e, conseqüentemente, regam o cibercontecimento *breaking news* como proposta teórico-metodológica.

Esse esforço, no entanto, tem efeitos colaterais. Nem sempre os artigos analisados tratam exclusivamente ou especificamente do tipo de acontecimento e do tipo de práticas jornalísticas geralmente associadas à ideia de *breaking news*. Isso significa que o deslocamento de partes desses artigos pode ocasionar a perda do seu contexto original – ainda que haja um esforço para que o leitor entenda minimamente sobre o que tratam esses textos. Entendo isso como uma consequência do método utilizado: uma tentativa de analisar os

artigos levando em conta um contexto maior do que o delineado por cada autor para dar conta daquele trabalho pontual. Trata-se de entender que, mesmo que não fique explícito, o fato de a expressão “*breaking news*” ser utilizada pelos autores em seus textos, bem como relacionar essa expressão a determinados aspectos da profissão ou a determinados tipos de acontecimentos, contribui para a composição de um plano maior. No caso, uma cronologia do significado da expressão “*breaking news*” para o jornalismo, durante um período de dez anos.

7.2.1 Sistematização do período 2007-2009

Quando ocorreram os atentados de 11 de setembro de 2001, a emissora *Swedish Television (STV)* decidiu não alterar a sua programação para transmitir imagens das torres gêmeas. Na oportunidade, segundo Olsson (2009), os telespectadores “receberam uma variedade de notícias regionais e culturais, notícias finlandesas, linguagem de sinais e notícias esportivas, além de flashes *breaking news* sobre a crise nos EUA. A *STV* foi um três veículos suecos analisados no artigo *Rule regimes in news organization decision making*⁸².

Neste trabalho, a pesquisadora quis entender como se comportava o jornalismo em um “mundo conduzido pela mídia” (*media-driven world*) (OLSSON, 2009, p. 758), no qual “desastres e crises têm todo o potencial para se transformarem em ‘maratonas de desastre’” (*disaster marathons*) (OLSSON, 2009, p. 758). Especificamente, interessava a autora as rotinas de redação e os processos de tomada de decisão diante de eventos extraordinários.

Além da *STV*, Olsson investigou a atuação da *Swedish Radio (SR)* e da *TV4*. Ao contrário da *STV*, essas duas emissoras alteraram suas rotinas previamente estabelecidas diante do ocorrido em Nova York. Ambas implementaram planos de ação muito diferentes dos que já haviam feito antes. Em entrevista à pesquisadora, os responsáveis pelas decisões nas redações destacaram a impossibilidade de “controlar” aquele acontecimento ao aproximá-lo de um parecido, já rotinizado antes. O choque de dois aviões e o posterior colapso do World Trade Center era algo sem precedentes. Foi preciso tomar decisões inéditas.

O que Olsson defende no artigo é que “**organizações de notícias decidem como cobrir crises de formas diferentes**” (OLSSON, 2009, p. 758). Segundo ela, a capacidade dos atores envolvidos nos processos de tomada de decisão de perceber a situação explica melhor a atuação jornalística em momentos de crise, do que modelos generalistas. A tipificação proposta por Tuchman (1972) para “rotinizar o inesperado”, entre outros estudos que

⁸² Ao serem citados ao longo do texto, os títulos dos artigos analisados foram resumidos, de maneira a beneficiar a clareza e concisão. Os títulos inteiros dos artigos estão nas referências, ao final da tese.

abordaram as organizações de forma homogênea (OLSSON, 2009, p. 760), teria limites para explicar o jornalismo de crise contemporâneo. "Organizações dependem de normas, mas elas também são sistemas dinâmicos e complexos, e, como tal, evoluem com o tempo" (OLSSON, 2009, p. 764).

A abordagem de Olsson em *Rule regimes in news organization decision making* oferece duas entradas ao *breaking news*. A primeira diz respeito ao potencial existente em todo o evento de crise de se transformar em uma "maratona de desastre" (*disaster marathon*) em um mundo conduzido pela mídia (*media-driven world*). A segunda, à diversidade da atuação jornalística durante esses eventos. Um cenário complexo de acontecimentos não comporta abordagens baseadas na homogeneidade das rotinas.

Em *The Thirst To Be First*, Lewis e Cushion (2009a) exploram a primeira entrada.

Se a imediatividade se tornou a nova seiva da cultura de notícias 24 horas, o *breaking news* é a sua apoteose. Não há nada de surpresa nisso – a urgência e a excitação sugeridas pela ideia de um *breaking news* está inserida na tradição jornalística. O 'furo', o 'exclusivo' e o *ethos* competitivo entre veículos de notícias encontram eco na noção de *breaking news*. Notícias, afinal de contas, diz respeito, ao menos em parte, sobre o que é novo, e o que pode ser mais novo do que um *breaking news*? (LEWIS; CUSHION, 2009a, p. 304, grifos meus).

Para esses autores, o potencial sugerido por Olsson (2009) era realidade: **a cultura de notícias 24 horas por dia estava transformando o extraordinário em ordinário**. Assim como Olsson, eles faziam referência à TV. Ainda sob influência das discussões sobre o "efeito CNN" (LIVINGSTON, 1997; ROBINSON, 2002), Lewis e Cushion compararam as mudanças ocasionadas pelo jornalismo 24x7 ao analisar 144 horas de programação das emissoras britânicas *Sky News* e *BBC News 24*, de 2004 a 2007.

Para eles, a "sede de ser o primeiro", expressão que dá nome ao artigo, **transformou o *breaking news* em rotina, esvaziando-o de sua principal característica: a imprevisibilidade**. Transformar possibilidade em convenção resultou em coberturas carentes de independência e de informação (LEWIS; CUSHION, 2009a, p. 305). O que, por sua vez, **"empobrece a qualidade do jornalismo"** (LEWIS; CUSHION, 2009a, p. 304). O esvaziamento do *breaking news* se deu especialmente pela ampliação do seu uso como rótulo. A *Sky News* dobrou a quantidade de *breaking news* de 2004 a 2007, enquanto a *BBC News 24* mais do que quadruplicou o seu número (LEWIS; CUSHION, 2009a, p. 307). Além da quantidade, a ampliação aconteceu de maneira arbitrária, **sem que fosse fácil identificar a diferença entre *breaking news* e notícias ordinárias** (LEWIS; CUSHION, 2009a, p. 309).

Embora eles tenham pontuado que o aumento do número de *breaking news* pudesse estar ligado ao desenvolvimento tecnológico, ou talvez a um crescimento no número de acontecimentos extraordinários, ou mesmo à capacidade das emissoras em cobrir mais eventos, a amostra analisada não apontou para tais tendências. Os resultados sugeriram duas direções. Primeiro, **o conceito de *breaking news* como um evento extraordinário se moveu para além das fronteiras do *hard news*, chegando às editorias *soft news***. Segundo, **a cobertura de um *breaking news* poderia estar mais relacionada às estratégias comerciais do que propriamente à característica do evento**, dada a baixa incidência de notícias rotuladas como *breaking news* simultaneamente pelas duas emissoras.

Dois anos antes, Huxford (2007) sublinhou um fenômeno da mesma natureza do observado por Lewis e Cushion: a proliferação de coberturas ao vivo nas redes de TV aberta nos EUA. Ao analisar 35 horas de programação jornalística, ele chegou à conclusão que **as emissoras estavam ampliando o significado de transmissão ao vivo**, oferecendo uma "ilusão de proximidade" dos repórteres a eventos *breaking news* (HUXFORD, 2007, p. 658).

Segundo o autor, para uma reportagem ser de fato ao vivo, precisaria cumprir três "dimensões" de proximidade. "Proximidade espacial" e "proximidade do evento" dizem respeito, respectivamente, ao repórter estar no local do evento e ao repórter estar no local do evento enquanto ele acontece. "Proximidade de transmissão" é a convergência das duas outras dimensões, exatamente no horário do telejornal (HUXFORD, 2007, p. 659). No período analisado, 43% das reportagens foram apresentadas como ao vivo (p. 659). Destas, apenas 14% se encaixaram nas três dimensões. Mesmo assim, a maioria se beneficiou de eventos longos, como fenômenos meteorológicos ou situações de trânsito, permitindo aos jornalistas chegarem ao local do fato ainda durante a sua ocorrência (HUXFORD, 2007, p. 660).

Para Huxford, jornalismo televisivo efetivamente ao vivo é algo raro. O resto é ilusão criada a partir da técnica. A mais comum, disse ele, é sublinhar a proximidade espacial de maneira a substituir (ou deixar implícita) a proximidade temporal (HUXFORD, 2007, p. 660). Por exemplo quando um repórter, via link de ao vivo, dá informações sobre um acontecimento antes ou depois da sua ocorrência. Outra é a "**proximidade virtual**", que utiliza recursos de transmissão para dar a impressão que um âncora noticia um acontecimento do local do fato, quando na verdade está no estúdio próximo a uma grande tela projetando a imagem de um lugar remoto.

Ambas as ilusões se apoiam em recursos tecnológicos. A tecnologia, portanto, está no cerne da crítica de Huxford à sua abordagem ao *breaking news*. Ela foi a responsável por "**recodificar**" a **noção de localização no discurso jornalístico**, gerando o "**paradoxo de**

proximidade" que dá nome ao trabalho (*The proximity paradox*). Para Huxford, as tecnologias emergentes contribuíram para um jornalismo cuja narração do fato se dá a partir de uma "**proximidade ilusória ou substituída pela simulação de um local**" (HUXFORD, 2007, p. 670), o que leva a desterritorialização da notícia. No entanto, "a importância da localização vai além da geografia, tornando-se parte da proposta narrativa do jornalismo [...] para sustentar sua autoridade cultural" (p. 670). O jornalismo, especialmente em momentos de *breaking news*, buscava **fortalecer sua presença no local dos fatos utilizando-se de um simulacro**. Ressaltava a importância de estar lá, quando na verdade quase nunca estava.

A preocupação com o empobrecimento do jornalismo a partir do esvaziamento do *breaking news* apontada por Lewis e Cushion (2009) e o alerta de Huxford (2007) sobre a **proliferação de *breaking news* resultar em coberturas capazes de inflar o peso dos acontecimentos** (HUXFORD, 2007, p. 659) encontram eco na constatação de Marriott (2007) sobre a fragilidade da narrativa jornalística durante *breaking news* ao vivo na televisão.

No artigo *American election night and the journalism of assertion*, ao fazer uma comparação das coberturas televisivas durante a noite de eleições nos Estados Unidos em 2000 e em 2004, a pesquisadora afirmou que a "velocidade das novas tecnologias", em especial a ascensão da internet e o surgimento do ciclo de notícias 24x7 trazido pelos novos *cable news channels*, causaram a "**erosão de uma cultura historicamente forte de verificação e de *gatekeeping***" (MARRIOTT, 2007, p. 698) das TVs do país.

Para ela, o *breaking news* ao vivo

coloca o repórter em meio a um **evento cujos contornos ainda não são claros**. Ao contrário do boletim de notícias tradicional com o seu *framing* razoavelmente circunscrito ao que pode ser conhecido e demonstrado, a cobertura de um *breaking news* se constitui na **construção de uma narrativa cuja substância precisa ser moldada e refinada em tempo real de transmissão e recepção**. Se, como Kovach e Rosenstiel sugerem, estamos em um momento de transição entre as virtudes de verificação e de *gatekeeping* tradicionais, de um lado, e um jornalismo que privilegia a velocidade à precisão, e que precisa a todo custo gerar conversação para preencher tempo de transmissão, então **podemos esperar que momentos de *breaking news* se transformem em um lugar de tensão crescente** (MARRIOTT, 2007, p. 699, grifos meus).

No mesmo ano dos trabalhos de Huxford e Marriott, Riegert e Olsson (2007) apresentaram uma abordagem distinta ao *breaking news* jornalístico na TV. No trabalho *The Importance of Ritual in Crisis Journalism* (A importância do ritual no jornalismo de crise), as pesquisadoras desenvolveram a ideia de que a mídia, no caso, a televisiva, pode **assumir uma responsabilidade que transcende o papel tradicionalmente atribuído ao jornalismo**. Especialmente em momentos delicados. Nessa hora, os jornalistas têm a possibilidade de

encarar a responsabilidade de **se colocar à frente dos acontecimentos e conduzir as pessoas diante de situações capazes de fazer emergir os valores mais básicos de uma sociedade.**

Usando o trabalho de Couldry (2003) como referência, elas caracterizam essa prática como rituais em que ações habituais envolvem valores transcendentais (RIEGERT; OLSSON, 2007, p. 146). Como um psicólogo, **seria papel do jornalismo ajudar o público a atravessar momentos de dificuldade impostos por acontecimentos extremos.**

Tal postura justificaria longas transmissões televisivas denominadas como *disaster marathons*, ou maratona de desastre. Ainda que, muitas vezes, esse tipo de cobertura vá de encontro à noção jornalística de só informar quando houver novidade. Para chegar a esta conclusão, Riegert e Olsson analisaram o trabalho de duas emissoras de TV da Suécia nos atentados de 11 de setembro de 2001 e no assassinato da ministra das Relações Exteriores do país, em 2003. Nos dois veículos, preferiu-se o formato de *disaster marathon* porque, apesar de eventualmente não haver informações novas para os telespectadores, **os editores entenderam que a "presença" junto ao público era um valor em si** (RIEGERT; OLSSON, 2007, p. 155). Houve, segundo as pesquisadoras, uma tentativa, por parte do jornalismo, de **"desempenhar um papel terapêutico em ajudar a audiência a entender e processar"** (RIEGERT; OLSSON, 2007, p. 153) **os eventos.**

Nos artigos analisados, emergem alguns pontos que orbitavam a expressão *breaking news*. Primeiro, a discussão sobre *breaking news* estava diretamente vinculada à televisão e afetada pela ascensão da emergência dos canais de notícias 24 horas e do “efeito CNN”. Segundo, o contexto é de uma percepção crescente sobre o caráter *media-driven* do cotidiano. Terceiro, há uma preocupação com a **erosão dos valores jornalísticos tradicionais**, especialmente em função da **sobrevalorização da cultura da imediatividade**. Quarto, questiona-se a homogeneidade das decisões das organizações durante eventos de crise e valoriza-se a capacidade de discernimento do sujeito jornalista. Quinto, **começa a aparecer a importância da relação com o público durante esse tipo de acontecimento**. Por fim, isso abre espaço para um cenário complexo: a tendência a um número maior de *breaking news*, cujas coberturas são marcadas pela imediatividade e por um **padrão de comportamento profissional que tende a se tornar mais aberto, flexível e relacional por parte dos jornalistas.**

Observando os quatro artigos em perspectiva, é possível notar o esboço de tendências que acabaram se desenvolvendo ao longo dos anos seguintes no *breaking news on-line*. Nos trabalhos de Lewis e Cushion (2009), Huxford (2007) e Marriott (2007), **a preocupação com os valores tradicionais do jornalismo é visível**. Todos veem as mudanças ocasionadas por

fatores culturais e econômicos como uma ameaça ao bom jornalismo, em maior ou menor grau. A posição de Huxford é, nesse sentido, mais inflexível à adaptação da profissão ao contexto que lhe é apresentado. Sua definição de jornalismo ao vivo é tão difícil de ser colocada em prática que praticamente inviabiliza a sua existência. Ao mesmo tempo, emerge em Riegert e Olsson (2007), ainda que timidamente, uma **reflexão sobre a transformação desses pilares sólidos da prática e das rotinas profissionais aos novos tempos**. Buscava-se facilitar uma aproximação com o público cujo objetivo não era apenas ético-editorial, econômico ou atribuído apenas aos avanços tecnológicos, mas partia que do que era oferecido pelas circunstâncias para **fazer evoluir o papel do jornalismo em um contexto de convergência**.

Vista sob o ponto de vista do significado do termo *breaking news* (natureza do acontecimento) no período entre 2007 e 2009, a **complexa relação entre a afirmação de valores jornalísticos e a ascensão da empatia com o público como um valor importante do jornalismo no século 21**, de um lado, e a **aceleração do noticiário vinculada à tecnologia e à estratégias financeiras**, de outro, dão os contornos da evolução do jornalismo nos anos subsequentes. Tal complexidade fica nítida quando se observa as mudanças ocasionadas por esses fenômenos na prática jornalística.

Quadro 3 – Artigos analisados de 2007 a 2009

#	Ano	Título	Autor(es)	Periódico
01	2007	<i>The Importance of Ritual in Crisis Journalism</i>	(RIEGERT; OLSSON, 2007)	<i>Journalism Practice</i>
02	2007	<i>The proximity paradox</i>	(HUXFORD, 2007)	<i>Journalism</i>
03	2007	<i>American election night and journalism of assertion</i>	(MARRIOTT, 2007)	<i>Journalism</i>
04	2008	<i>The Internet, Mobile Phones and Blogging</i>	(BIVENS, 2008)	<i>Journalism Practice</i>
05	2009	<i>The thirst to be first</i>	(LEWIS; CUSHION, 2009)	<i>Journalism Practice</i>
06	2009	<i>Rules regimes in news organization decision making</i>	(OLSSON, 2009)	<i>Journalism</i>

Fonte: Moreno Cruz Osório

7.2.2 Sistematização do período 2010-2012

Ainda incipiente nos anos anteriores, o papel do Twitter no jornalismo aparece com força a partir de 2010. Hermida (2010, 2012) é o que mais contribui com a discussão.

Nos artigos *Twittering the News* e *Tweets and Truth*, mais do que considerar o Twitter mecanismo essencial para distribuir *breaking news* de maneira rápida e concisa, Hermida (2010) o classificou como um **awareness system, um sistema que permite aos jornalistas ficarem atentos a notícias emergentes**. Ou seja, um "sistema de detecção de *breaking news*" que **"entrega um fluxo de dados em tempo real enquanto os eventos acontecem"** (HERMIDA, 2012, p. 663). Esse "jornalismo de atmosfera" (HERMIDA, 2010) gerou um **ambiente propício para o desenvolvimento de "novos métodos narrativos on-line para dar conta do fluxo em tempo real de notícias e informações das redes sociais, particularmente em cobertura de *breaking news*"** (HERMIDA, 2012, p. 663)

A relação entre Twitter e jornalismo deu origem a uma discussão sobre novas práticas e ao surgimento de **tensões a respeito da deontologia jornalística**. "A emergência do Twitter como uma fonte para *breaking news*, e a velocidade na qual as informações são disseminadas pela rede, estão tensionando práticas jornalísticas estabelecidas" (HERMIDA, 2012, p. 661). A respeito da verificação, o próprio Hermida sublinhou que **muitas mensagens que circulam no Twitter durante *breaking news* são rumores e informações imprecisas** (HERMIDA, 2010, p. 299), e que o jornalismo vinha incorporando tuítes não verificados em suas coberturas, como aconteceu com a *BBC* durante os atentados de Mumbai, em 2008. Muitas vezes, essas **informações eram usadas para preencher o "vácuo noticioso que tende a caracterizar os momentos imediatamente posteriores a um *breaking news*"** (HERMIDA, 2012, p. 663). Por outro lado, a inserção de **informações do público pode aparecer como um terceiro pilar para o "bom" jornalismo**. Este é o ponto discutido por Phillips (2012) em *Sociability, speed and quality in the changing news environment* (os outros dois pilares são velocidade e qualidade).

A respeito o imediatismo, em *Harnessing the potential of online news*, Nguyen (2010) trouxe pesquisas que citaram a **instantaneidade como um dos principais fatores apontados pelo público para se informar por websites** para perguntar: como os jornalistas, "em constante pressão para competir por *breaking news* com a concorrência, inclusive de quem nunca havia sido um produtor de notícia antes da web," **conseguiriam se manter como**

"**distintos gatekeepers dos assuntos públicos**"? (2010, p. 234). O imediatismo também atravessa o artigo *Breaking news online*, no qual Saltzis (2012) investiga como a natureza dinâmica da cobertura *on-line* de *breaking news* **mina a notícia como um produto finalizado**, já que a continuação da cobertura tende a espalhar por diversos conteúdos. Aqui, o *breaking news* aparece como um tipo de acontecimento que exigiria a atualização constante das notícias. Saltzis concluiu que o **jornalismo de *breaking news* pode ser comparado às coberturas 24 horas de rádio e TV em função do seu caráter contínuo**. E embora possa se argumentar que a cobertura *on-line* tenha um caráter mais permanente, já que o conteúdo permanece no ar, as notícias das coberturas de *breaking news* "**parecem ser tratadas como conteúdos de vida curta por organizações e jornalistas**" (SALTZIS, 2012, p. 708).

Outro assunto que emergiu com mais força no período 2010-2012 foi o UGC. Em *When the Media Meet Crowds of Wisdom*, Muthukumaraswamy (2010) aborda o *breaking news* a partir da **participação do público para além de "fotos mordazes"**. Ao trabalhar jornalismo de *crowdsourcing*, lembra da atuação da blogosfera nos período imediatamente após o 11/9 e da conversão de um site local de New Orleans em uma plataforma que ajudou a salvar vidas após a passagem do furacão Katrina, em 2005 (2010, p. 50). Interessava-lhe estudar como e quando o **público poderia ter uma participação mais efetiva na produção jornalística**. Mudhai (2011), por sua vez, discute, em *Immediacy and openness in a digital Africa*, o *breaking news* a partir da participação de jornalistas cidadãos durante um processo eleitoral no Quênia, cuja cobertura ao vivo foi banida pelas autoridades.

Ambos os trabalhos, Muthukumaraswamy (2010) e Mudhai (2011), sublinham a **possibilidade de deixar as coberturas jornalísticas mais completas**, especialmente a partir de um maior número de pontos de vista em relação aos assuntos abordados.

Sobre este último ponto, Heinrich (2012), em *Foreign Reporting in the Sphere of Network Journalism*, trabalha o *breaking news* a partir do trabalho de Andy Carvin durante a Primavera Árabe. Heinrich o vê como exemplo de um jornalismo internacional que **utiliza o potencial das redes sociais para ser mais plural**. "A rede de fontes de Carvin às vezes bate os veículos tradicionais de notícias em *breaking news* e a profundidade da sua cobertura é impressionante, pois ele fornece uma **vasta variedade de perspectivas**" (2012, p. 772-773). A diversidade de pontos de vista também orbita a discussão em torno da expressão "*breaking news*" em *Twitter, YouTube, and Flickr as platforms of alternative journalism*, de Poel e Borra (2012). Neste artigo, os autores citam os esforços da Toronto Community Mobilization Network (TCMN) para que manifestantes "**transmitissem *breaking news* usando Twitter, YouTube e Flickr a partir de uma determinada hashtag**" (POEL; BORRA, 2012, p. 696).

O *breaking news* tem o potencial para **afirmar a identidade do jornalista e é muitas vezes visto como uma maneira de driblar estratégias desconfortáveis de audiência.**

Em *Community Service*, Singer (2011), o *breaking news* aparece na fala de um editor segundo o qual **trabalhar nesse tipo de cobertura é motivo de orgulho.** Já em *Between creative and quantitative audiences*, de Anderson (2011b), aparece em uma fala de outro editor que diz conseguir **frear a estratégia voltada ao clique** (*click thinking*) quando há um *breaking news*. Em *The algorithms behind the headlines*, Dalen (2012) reafirma esse potencial ao citar – em uma discussão sobre automatização no jornalismo – o *breaking news* como um **tipo de cobertura que permanece um campo de atuação dos humanos.** “Jornalistas humanos possuem habilidades analíticas e criativas que os permite criar histórias com perspectiva, análise em profundidade e observações inesperadas” (DALEN, 2012, p. 653).

Breaking news, em uma breve definição a partir dos temas levantados: momento em que a **atuação jornalística profissional se relaciona de maneira estreita com o conteúdo gerado pelo usuário** (UGC). Essa relação se dá de **forma acelerada e em um ambiente propício**, o Twitter, visto por Hermida (2010, 2012) não apenas como um lugar para distribuição de *breaking news*, mas como um sistema de detecção de *breaking news*. Ela também aponta para questões referentes à identidade do jornalista - especialmente sobre o convívio do profissional com o UGC - e de **tensões relacionadas a práticas profissionais, como é o caso da verificação.**

Quadro 4 – Artigos analisados de 2010 a 2012

#	Ano	Título	Autor(es)	Periódico
07	2010	<i>Twittering the News</i>	(HERMIDA, 2010)	<i>Journalism Practice</i>
08	2010	<i>When the Media Meets Crowds of Wisdom</i>	(MUTHUKUMARAS WAMY, 2010)	<i>Journalism Practice</i>
09	2010	<i>Harnessing the potential of online news</i>	(NGUYEN, 2010)	<i>Journalism</i>
10	2011	<i>Immediacy and openness in a digital Africa</i>	(MUDHAI, 2011)	<i>Journalism</i>
11	2011	<i>Between creative and quantitative audiences</i>	(ANDERSON, 2011b)	<i>Journalism</i>
12	2011	<i>Community Service</i>	(SINGER, 2011)	<i>Journalism Practice</i>

13	2012	<i>Twitter, YouTube, and Flickr as platforms of alternative journalism</i>	(POELL; BORRA, 2012)	<i>Journalism</i>
14	2012	<i>Breaking news online</i>	(SALTZIS, 2012)	<i>Journalism Practice</i>
15	2012	<i>Sociability, speed and quality in the changing news environment</i>	(PHILLIPS, 2012)	<i>Journalism Practice</i>
16	2012	<i>Tweets and Truth</i>	(HERMIDA, 2012)	<i>Journalism Practice</i>
17	2012	<i>The algorithms behind the headlines</i>	(DALEN, 2012)	<i>Journalism Practice</i>
18	2012	<i>Foreign Reporting in the Sphere of Network Journalism</i>	(HEINRICH, 2012)	<i>Journalism Practice</i>

Fonte: Moreno Cruz Osório

7.2.3 Sistematização do período 2013-2014

Em 2013, o uso do UGC deixa de ser algo considerado externo às práticas jornalísticas durante *breaking news* para praticamente se transformar em sinônimo de cobertura de eventos urgentes e de crise. Mas não sem seguir levantando questões e tensões a respeito das implicações decorrentes da sua incorporação pelo jornalismo. Papadopoulos e Pantti (2013) resumem essa relação em que a dependência do UGC e o seu questionamento por parte dos jornalistas profissionais convivem diariamente nas redações do mundo inteiro.

No artigo *Re-imagining crisis reporting*, os autores sublinham o **caráter indispensável de imagens UGC em coberturas de *breaking news* e a reivindicação de autoridade dos jornalistas diante de suas narrativas** (2013, p. 962), o que se traduz em estratégias para a utilização desse tipo de conteúdo.

"[...] é fundamental observar que enquanto vídeos e fotos fornecidos pela audiência desempenham um papel proeminente nas coberturas de *breaking news* ao redor do mundo, há uma variedade de **estratégias jornalísticas e padrões éticos para acomodar imagens geradas por não-profissionais em coberturas de crise**" (PAPADOPOULOS; PANTTI, 2013, p. 965, grifos meus).

Em geral, essas estratégias são marcadas justamente por essa relação paradoxal entre a dependência de um conteúdo que, em geral, **coloca em xeque a autoridade do jornalista em relação ao seu conteúdo/narrativa**. Isso porque há uma **"hierarquia de conteúdos gerados por usuários entre os jornalistas"** (PAPADOPOULOS; PANTTI, 2013, p. 961). Mortensen (2014), por sua vez, afirmou em *Blurry and Centered or Clear and Balanced* que as

organizações de notícias estão interessadas em **fotos de usuários porque eles estão no lugar certo e na hora certa quando acontece um *breaking news***.

Canter (2013), em *The source, the resource and the collaborator*, identificou, entre jornalistas, uma divisão entre *low level reporting* e *high level reporting*. A primeira diz respeito a assuntos mais leves e menos importantes, como a cobertura de assuntos comunitários e colunas especializadas. Na segunda estariam as pautas mais quentes e importantes, como investigações e coberturas *breaking news*. Segundo os jornalistas entrevistados, esta seria assunto de profissionais, enquanto aquela até poderia receber a cobertura de jornalistas cidadãos não-profissionais. No entanto, essa divisão vai por água abaixo em um momento de *breaking news*. **"Esses laços são fluídos, com jornalistas cidadãos adentrando na esfera da *high level reporting* ao colaborar com os profissionais durante grandes eventos ou durante *breaking news*"** (CANTER, 2013, p. 1100).

Outro tipo de estratégia é trabalhada por Kristensen e Mortensen (2013) em *Amateur sources breaking the news, metasources authorizing the news of Gaddafi's death*. Neste artigo, as autoras observaram como, durante a cobertura da perseguição, captura e morte do ex-líder líbio, os jornalistas **estabeleceram um diálogo entre informações de fontes alternativas (UGC) e fontes oficiais (em geral, especialistas)** para construir a narrativa do evento. As autoras afirmam que as primeiras informações de um *breaking news* são oriundas de "fontes amadoras" (*amateur sources*), mas que elas são avalizadas por fontes de elite (*elite sources*) durante a cobertura em tempo real.

A análise qualitativa ressalta o **importante papel desempenhado por imagens oriundas de fontes amadoras**, mas ressalta o **desafio que elas representam ao jornalismo profissional**. Elas são extremamente relevantes e valorizam o *breaking news* em função da sua proximidade aos eventos, mas também são caracterizadas pela **ausência de autoridade, um grau alto de incerteza e limitadas oportunidades de verificação** (KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013, p. 364, grifos meus).

O trabalho ressalta que a multiplicação do número e dos tipos de fonte disponíveis ao jornalismo **transformou a apresentação e a produção de notícias na atual paisagem midiática**. E que o jornalismo tradicional, em resposta a este cenário, desenvolveu uma estratégia de **construir um diálogo entre fontes diferentes** (KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013, p. 364).

Constatação que dialoga com a de Picard (2014). Em *Twilight or New Dawn of Journalism*, o autor diz que **"cidadãos se tornaram os fornecedores primários de *breaking news* - usando redes sociais para fornecer informações em tempo real sobre - e tirando o**

monopólio desse tipo de notícia dos jornalistas" (PICARD, 2014, p. 278). À medida que a cobertura de um *breaking news* e o UGC se confundem, encontra nas redes sociais (Twitter) o lugar onde se dá essa relação. Como disseram Ju et al. (2014) em *Will Social Media Save Newspapers?:* o Twitter é simples, foi desenhado para ser usado em telefones móveis. Os usuários podem tuitar em qualquer hora e lugar, **o que faz do Twitter uma ferramenta poderosa para a distribuição de *breaking news*** (JU et al., 2014, p. 3).

Consequentemente, cresce o interesse dos autores analisados pelo surgimento de **novas práticas jornalísticas e pela dispersão / manutenção de outras**, como a verificação. Especialmente em um ambiente que favorece a imediaticidade.

Em *Reconfiguring journalism research about Twitter*, Hermida (2013) chama novamente a atenção para a **ligação natural do Twitter e *breaking news*** ao tensionar práticas de apuração e confirmação de informações. Neste sentido, o artigo *Identifying and Verifying News Through Social Media*, de Schifferes et al. (2014), parte do princípio de que **as redes sociais se transformaram no canal de distribuição primário de materiais sobre eventos *breaking news*** (2014, p. 407) para abordar ferramentas de verificação digital. Os autores discutem os primeiros resultados de um projeto de pesquisa da União Europeia, o Social Sensor, que “envolveu cientistas da computação, jornalistas e pesquisadores de mídia no desenvolvimento de uma nova ferramenta para busca de notícias nas redes sociais, tendências emergentes e auxílio na verificação (SCHIFFERES et al., 2014, p. 406).

Sobre novas práticas no Twitter, em *Twitter as a reporting tool for breaking news*, Vis (2013) sublinhou a **emergência de "novas convenções jornalísticas"** (2013, p. 43) ao analisar a atuação de dois jornalistas no Twitter nos protestos do Reino Unido, em 2011: "[...] observar o uso **ativo e prolífico do Twitter por jornalistas durante crises e eventos *breaking news* pode ressaltar a importância de práticas inesperadas e *ad hoc***" (VIS, 2013, p. 43).

A pesquisa realizada por Coza e Chen (2013) em *What's in a tweet?* reafirma o *breaking news* como um dos principais usos do Twitter por jornalistas, assim como a de Paulussen e Harder (2014) – *Social media references in newspapers*. Em *News sourcing and gender on Twitter*, Artwick (2014) cita *breaking news* em duas oportunidades. Em ambas, faz referência a outros estudos. Primeiro, para falar que a maioria dos jornalistas usa o Twitter no trabalho. Fazendo *live tweeting* de *breaking news*, por exemplo, entre outras atividades. Segundo, que os jornalistas, a despeito das possibilidades oferecidas pela tecnologia, **continuavam usando fontes oficiais durante *breaking news***.

Na África, Bosh (2014) também encontrou relação entre a expressão “*breaking news*” e o Twitter. Em *Social Media and Community Radio Journalism in South Africa*, ele trabalha o *breaking news* a partir de sentidos consolidados para construir a sustentação teórica da sua pesquisa. Primeiro, diz que as redes sociais, em especial o Twitter, já **ultrapassaram as "mídias tradicionais" em *breaking news***. Segundo, que jornalistas de rádio não esperam mais os jornais do dia seguinte para produzir seus boletins, e sim conectam-se em redes sociais para os últimos *breaking news*. Terceiro, que os jornalistas estudados não costumam dar *breaking news* nas redes sociais, e sim interagir com colegas e audiência.

Por outro lado, alguns pesquisadores, ao estudarem a relação entre jornalista e cidadão para além do *breaking news*, encontraram muito pouco. Em *Reporters on Twitter*, de Artwick (2013) diz que além de fazer *live-tweets* de *breaking news*, **os jornalistas preferem estabelecer contatos com fontes e colegas ao utilizarem o Twitter**. Leuven et al. (2013) chegou a resultado parecido em *Towards more balanced news access?: à exceção de momentos de *breaking news*, "os profissionais da mídia raramente usam mídias sociais como meio para entrar em contato com fontes alternativas na esfera pública" (LEUVEN et al., 2013, p. 853). Fass e Main (2014), por sua vez, dizem em *Revealing the News* que o “**Twitter acrescenta às coberturas ao incluir múltiplas vozes**, mas não necessariamente responde mais rápido que as mídias tradicionais durante um cenário de *breaking news*” (FASS; MAIN, 2014, p. 366).*

Contudo, há exceções. Ahva e Pantti (2014), em *Proximity as a Journalistic Keyword*, encontram elementos de uma relação um pouco menos interessada entre jornalistas e os fornecedores de UGC. “Jornalistas estão interessados em obter suas 'próprias' imagens oriundas da audiência e portanto entram em contato com cidadãos finlandeses no exterior (como oposição ao conteúdo visual amador distribuído pelas agências de notícias) no caso de *breaking news*” (2014, p. 326). Em *Conversational Journalism in practice*, Marchionni (2013) mostra um caso singular nesse sentido. A partir da cobertura do *Seattle Times* ganhadora do Pulitzer na categoria *breaking news* em 2010, ele aborda **o jornalismo como uma conversação**. Especificamente como determinadas ferramentas web podem ser recursos poderosos para momentos de *breaking news*. Assim, o *breaking news* é uma **oportunidade para apostar na aproximação do público a partir de recursos oferecidos pela tecnologia**.

Mas em geral a regra é uma **sede por *breaking news***. Inclusive onde não há necessariamente um. Dois artigos são representativos deste tópico. Em *Are we all Keynesians now?*, Schifffrin e Fagan (2013) identificaram, a partir da cobertura da crise econômica de 2008, a **tendência dos jornalistas cobrirem apenas eventos diários ou *breaking news* ao**

invés de olhar para frente ou estabelecer a agenda (SCHIFFRIN; FAGAN, 2013, p. 160). Já em *Em Innovations in hybrid spaces*, Russell (2013) observa que, durante a cúpula climática de 2011, os jornalistas "tradicionais" **insistiam em procurar por *breaking news*** durante a cobertura. Essa sede é ajudada por inovações tecnológicas, como drones. Em *New Perspectives from the Sky*, Tremayne e Clark (2014) trazem aspas da organização Movements.org sobre a atuação de drones no conflito da Ucrânia. "Organizações de notícias estarão aptas a **chegar rapidamente a locais de *breaking news*** e começar a gravar e transmitir imagens ao vivo" (TREMAYNE; CLARK, 2014, p. 237).

As discussões em torno da expressão ajudam a compor um cenário de modificação da ideia de *breaking news* identificada no período de 2007 a 2009. Em *Breaking news or broke news*, de Casella (2013), o *breaking news* volta a ser discutido no âmbito do jornalismo televisivo. O enfoque é parecido com os trabalhos já citados aqui: uma discussão sobre o que é *breaking news*, e como essa definição é **influenciada por fatores externos aos critérios de noticiabilidade**. O autor realizou entrevistas com jornalistas, das quais surgiram três conceitos: bom jornalismo, estética da programação e marketing para o veículo (2013, p. 365). "Desses conceitos, quatro fatores emergiram para justificar tecnologia ao vivo - *breaking news*, necessidade editorial, apresentação e identidade do veículo" (2013, p. 365). Segundo o autor, as duas primeiras estão relacionadas aos valores-notícia. As outras duas têm **"pouca ou nenhuma relação direta com a promoção do jornalismo de qualidade"** (CASELLA, 2013, p. 369). Ele ainda traz o conceito de "*black hole*" (TUGGLE; HUFFMAN, 1999) à discussão para refletir sobre os *breaking news* televisivos em que nada acontece.

Apesar das mudanças, o momento de um *breaking news* ainda diz muito sobre a identidade dos jornalistas. Em *The online journalist between ideals and audiences*, Hartley (2013), o *breaking news* entra em uma discussão sobre o trabalho e a identidade do jornalista *on-line*. Ressalta a **euforia da redação quando há uma cobertura de um *breaking news***.

Jornalistas *on-line* se esforçam para ter a velocidade e a orientação ao público reconhecidas no campo profissional, por exemplo, ao **ênfatar a importância do *breaking news* e a habilidade da editoria de *on-line* de encontrar fontes com suas ferramentas *on-line***" (HARTLEY, 2013, p. 584, grifos meus).

A importância da mutação do *breaking news* se cristaliza em uma reflexão mais ampla sobre jornalismo de crise na era das redes sociais no artigo *When minutes count*, de McLean e Power (2014), quando discute-se a necessidade de um **diálogo mais efetivo entre profissionais da mídia e serviços de emergência para salvar vidas em momentos de**

emergência. Os autores chegam a duas conclusões principais. Primeiro, jornalistas e profissionais de emergência precisam compartilhar “definições de confiança e articular objetivos em comum” (MCLEAN; POWER, 2014, p. 307). Segundo, é preciso que as duas partes invistam em relações para além dos momentos de crise.

Quadro 5 – Artigos analisados de 2013 a 2014

#	Ano	Título	Autor(es)	Periódico
19	2013	<i>Re-imagining crisis reporting</i>	(PAPADOPOULOS; PANTTI, 2013)	<i>Journalism</i>
20	2013	<i>The source, the resource and the collaborator</i>	(CANTER, 2013)	<i>Journalism</i>
21	2013	<i>Amateur sources breaking the news, metasources authorizing the news of Gaddafi's death</i>	(KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013)	<i>Digital Journalism</i>
22	2013	<i>Reconfiguring journalism research about Twitter</i>	(HERMIDA, 2013)	<i>Digital Journalism</i>
23	2013	<i>Conversational Journalism in practice</i>	(MARCHIONNI, 2013)	<i>Digital Journalism</i>
24	2013	<i>Reporters on Twitter</i>	(ARTWICK, 2013)	<i>Digital Journalism</i>
25	2013	<i>Twitter as a reporting tool for breaking news</i>	(VIS, 2013)	<i>Digital Journalism</i>
26	2013	<i>The online journalist between ideals and audiences</i>	(HARTLEY, 2013)	<i>Journalism Practice</i>
27	2013	<i>What's in a tweet?</i>	(COZMA; CHEN, 2013)	<i>Journalism Practice</i>
28	2013	<i>Breaking news or broke news</i>	(CASELLA, 2013)	<i>Journalism Practice</i>
29	2013	<i>Em Are we all Keynesians now?</i>	(SHIFFRIN; FAGAN, 2013)	<i>Journalism</i>
30	2013	<i>Innovations in hybrid spaces</i>	(RUSSELL, 2013)	<i>Journalism</i>
31	2014	<i>When minutes count</i>	(MCLEAN; POWER, 2014)	<i>Journalism</i>
32	2014	<i>Towards more balanced news access?</i>	(LEUVEN; DEPREZ; RAEYMAECKERS, 2014)	<i>Journalism</i>

33	2014	<i>News sourcing and gender on Twitter</i>	(ARTWICK, 2014)	<i>Journalism</i>
34	2014	<i>Social Media and Community Radio Journalism in South Africa</i>	(BOSCH, 2014)	<i>Digital Journalism</i>
35	2014	<i>Twilight or New Dawn of Journalism</i>	(PICARD, 2014)	<i>Digital Journalism</i>
36	2014	<i>Proximity as a Journalistic Keyword</i>	(AHVA; PANTTI, 2014)	<i>Digital Journalism</i>
37	2014	<i>Revealing the News</i>	(FASS; MAIN, 2014)	<i>Digital Journalism</i>
38	2014	<i>Identifying and Verifying News Through Social Media</i>	(SCHIFFERES et al., 2014)	<i>Digital Journalism</i>
39	2014	<i>Social media references in newspapers</i>	(PAULUSSEN; HARDER, 2014)	<i>Journalism Practice</i>
40	2014	<i>Will Social Media Save Newspapers?</i>	(JU; JEONG; CHYI, 2014)	<i>Journalism Practice</i>
41	2014	<i>Blurry and Centered or Clear and Balanced?</i>	(MORTENSEN, 2014)	<i>Journalism Practice</i>
42	2014	<i>New Perspectives from the Sky</i>	(TREMAYNE; CLARK, 2014)	<i>Digital Journalism</i>

Fonte: Moreno Cruz Osório

7.2.4 Sistematização do período 2015-2016

No período de 2015 e 2016, a **naturalização do UGC não diminuiu os dilemas técnicos e éticos a respeito da utilização desse tipo de conteúdo**. Essa discussão, antes muito centralizada nas imagens, agora se espalha a quase todo tipo de conteúdo e de atuação jornalística. À medida que o alcance das redes sociais aumenta, a **atuação do público durante *breaking news* ganha mais relevância**, mas sua importância é diretamente proporcional à **preocupação com o processo de verificação em um ambiente baseado na imediaticidade**.

O período é marcado pelas consequências das explosões na Maratona de Boston para o jornalismo. Em *Conflictual Media Events*, de Mortensen (2015), há uma citação de Haddow e Haddow (2014) sobre o *breaking news* e a maratona de Boston. "**As explosões na maratona de Boston também foram consideradas evento divisor de águas**; um momento

que marcou para sempre a mudança do papel das mídias sociais e da participação total do público em cobertura de eventos *breaking news*". (HADDOW; HADDOW, 2014, p. 137).

Em *Embedding content from Syrian citizen journalists: The rise of the collaborative news clip*, Wall e Zahed (2015), estudaram o blog *The Lede*, do NYT. Uma de duas conclusões é a emergência de um "**gatekeeping compartilhado**" ao analisarem a atuação de jornalistas profissionais, cidadãos conectados e ativistas durante o conflito na Síria. Essa prática consistiria em momento no qual **“uma combinação de ativistas/jornalistas não profissionais identificam e verificam breaking news para organizações profissionais”** (WALL; ZAHED, 2015, p. 174). Os resultados de Wall e Zahed dialogam com o que dizem Hellmueller e Li (2015) em *Contest Over Content* depois de investigar a participação do público no trabalho jornalístico: as "[...] **audiências se transformaram em jornalistas co-workers ao cobrir breaking news e eventos no exterior**" (HELLMUELLER; LI, 2015, p. 619).

Já Allan e Peters (2015), em *The "Public Eye" or "Disaster Tourists"*, enxergam **um novo ethos surgindo das fotos fornecidas pelo público durante um breaking news**. Isso redundo do fato de que “noticiar um *breaking news* rotineiramente depende da **disposição pessoas ordinárias de testemunhar o que eles viram e ouvirem ao redor deles**" (ALLAN; PETERS, 2015, p. 478). Ou seja, **não é possível mais pensar breaking news sem considerar imagens amadoras**. Neste novo *ethos*, o **valor-verdade das imagens se coloca acima da qualidade fotográfica**. Isso as torna tão ou mais atraentes que as imagens profissionais.

Em outras palavras, concomitante com a **habilidade dos cidadãos de 'keep fresh eyes'** em um *breaking news* estava a convicção implícita de que aquelas imagens eram equivalentes e, em alguns casos, mais atraentes em termos jornalísticos do que as fornecidas por seus colegas profissionais (ALLAN; PETERS, 2015, p. 486, grifos meus).

Greenwood e Thomas (2015) corroboram. Em *Locating Journalism in Citizen Photojournalism*, os autores dizem que fotos de *breaking news* dependem do tempo e do lugar (GREENWOOD; THOMAS, 2015, p. 618). Por isso, **o seu caráter imediato sempre vai superar as deficiências técnicas** (GREENWOOD; THOMAS, 2015, p. 628). É o que Nilsson e Wadbring (2015) chamam de “perspectiva subjetiva” (NILSSON; WADBRING, 2015, p. 486) ao discutirem a escolha de imagens UGC para ilustrar coberturas de *breaking news* em *Not Good Enough?*. Essa tensão entre o uso de imagens amadoras e profissionais fica evidente também em *Taking our Pictures*, de Brennen e Brennen (2015). Em sua análise de 12 veículos tradicionais de notícias norte-americanos, os autores chegaram à conclusão

que **muitas vezes os jornalistas preferem usar outro conteúdo disponível ao invés de fotos UGC** (BRENNEN; BRENNEN, 2015, p. 533).

Mas, se por um lado, como dizem Pantti e Sirén (2015) em *The fragility of photo truth*, "imagens amadoras de testemunho desempenham um importante papel em um *breaking news* [...]", ou como afirmam Mast e Hanegreefs (2015) em *When News Media Turn To Citizen-Generated Images of War*, imagens UGC "acomodam a necessidade das redações por informações (fotográficas) em primeira mão" (MAST; HANEGREEFS, 2015, p. 595), por outro, "**imagens de crises são usualmente uma grande fonte de problemas envolvendo a verificação**" (PANTTI; SIRÉN, 2015, p. 496).

A questão da verificação é abordada de maneira mais aprofundada em *Emerging Journalistic Verification Practices Concerning Social Media*, de Brandtzaeg et al. (2016). Neste artigo, os autores dizem, a partir de entrevista com jornalistas, que "**mídias sociais como Twitter e Facebook diminuem a distância dos *breaking news***" e que "**eventos globais impõem esforços especiais para acessar fontes**" (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 7). Como resultado, **emerge uma tensão** entre "a necessidade de noticiar um *breaking news* enquanto ele acontece e a necessidade de verificar fontes e identificar suas funções" (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 8). Os autores afirmam que

[...] os jornalistas sempre, de uma forma ou de outra, verificam informações das redes sociais antes de incluí-las em suas histórias. Mas com **a pressão para publicar notícias sobre os eventos enquanto eles acontecem, a verificação nem sempre é considerada viável**. Uma distinção precisa ser feita entre jornalismo investigativo, de um lado, e cobertura de *breaking news*, de outro (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 10, grifos meus).

Ressaltou-se a **mudança no conceito de imediaticidade**. Choi e Kim, em *Online news flow*, dizem que antes ele era ligado à ideia de "informar *breaking news* rapidamente às pessoas". Agora, significa "**atualizar a modificar constantemente as informações**" (CHOI; KIM, 2016, p. 1188). Em *Gatecheckers at the Visual News Stream*, Schwalbe et al. (2015) relacionam a aceleração do noticiário a uma "**incessante promoção de *breaking news***" (SCHWALBE et al., 2015, p. 475). Tais constatações dialogam com o observado por Widholm (2016). Em *Tracing online news in motion*, ele diz:

Hoje, a reportagem ao vivo pode ser encontrada nas edições *on-line* de jornais, assim como na televisão e na rádio, o que significa que a **obsessão pela imediaticidade que caracteriza a cultura midiática contemporânea não é mais associada ao 'efeito CNN'**, mas por um conjunto mais amplo de possibilidades disponível a praticamente todas as organizações notícias. Assim, *breaking news*

e *event-driven news* se tornaram o modo de funcionamento padrão para as notícias *on-line* (WIDHOLM, 2016, p. 27, grifos meus).

O resultado é que "**cada vez mais, organizações de notícias estejam movendo suas fronteiras de práticas aceitáveis**, particularmente durante coberturas *breaking news*", como escreveram Smith e Sissons em *Social media and a case of mistaken identity: a newspaper's response to journalistic error* (SMITH; SISSONS, 2016, p. 13).

Nossa pesquisa mostra que a era digital não apenas continua desafiando jornalistas trabalhando sob pressão, mas também **sugere que há questões maiores para as organizações de notícias como instituições preocupadas em manter suas posições de poder e suas imagens de organizações credíveis e confiáveis em um ambiente mais transparente**. Cada vez mais, organizações de notícias estão movendo suas fronteiras de práticas aceitáveis, particularmente durante coberturas *breaking news*, onde dificilmente o material que ilustra tais eventos é obtido da maneira tradicional (SMITH; SISSONS, 2016, p. 13, grifos meus).

Um exemplo mais prático dessa situação também aparece em *Tweet or be Sacked*, de Barnard (2016). Neste artigo, o autor analisou *hashtags* de discussão sobre jornalismo como *wjchat*, uma abreviação para *web journalism chat*. Essas *hashtags* reúnem discussões sobre jornalismo de jornalistas e outros profissionais da mídia. "Muitos participantes desses chats concordam que **retuitar um *breaking news* foi uma ação útil mesmo que a informação em questão ainda não tenha sido completamente verificada**" (BARNARD, 2016, p. 194).

Em resposta aos erros, Berkowitz e Liu, em *Media errors and the 'nutty professor': Riding the journalistic boundaries of Sandy Hook shootings*, afirmam, citando um dos entrevistados para o trabalho, que "um colunista do *Tampa Bay* argumenta que **grandes erros durante um *breaking news* não deveriam ser aceitos de maneira automática como a norma**" (BERKOWITZ; LIU, 2016, p. 163). Na sequência, um entrevistado diz que "**ninguém espera precisão de cada detalhe de um *breaking news***", mas que fatos importantes precisam ser escrutinados o quanto for possível antes de publicados (BERKOWITZ; LIU, 2016, p. 163).

Para diminuir os erros, Ananny (2016), sugere, em *Networked News Time*, **diminuir o ritmo da imediatividade** durante um *breaking news*:

[...] **a necessidade do público pausar e refletir durante um *breaking news* talvez só possa ser notada se as organizações de notícias recompensarem os jornalistas por publicar mais devagar**, se as plataformas suspenderem o *autoplay* dos vídeos, se os algoritmos que escrevem matérias passarem por um padrão mais elevado de checagem de erros ou por uma revisão editorial extra, e se as organizações de notícias enxergarem a publicação com atraso como um dever público. (2016, p. 425, grifos meus).

Já Bodker (2015), vê o caráter imediato e em tempo real da cobertura de um *breaking news* como um momento em que o **processo de construção do acontecimento jornalístico ganha um caráter diferente do habitual**. Em *Journalism as Cultures of Circulation*, ele diz que "[...] **processo de escrita se torna parcialmente público, algo no qual pode ser usado como um aparelho de correção coletivo**" (BODKER, 2015, p. 105).

Entre 2015 e 2016, o *breaking news* volta a ser relacionado com determinado tipo de práticas e ferramentas. Em *Sourcing the BBC's Live Online Coverage of Terror Attacks*, Bennett (2016) afirma que o "**live blog emergiu como o formato ideal para cobrir breaking news on-line** e representa um importante 'lugar' para investigar o impacto das mídias sociais no uso de fontes jornalísticas" (BENNETT, 2016, p. 861). Especialmente durante eventos que permanecem em curso por um período significativo de tempo, como os *event-driven news* ocorridos em Mumbai em 2008 e na Noruega em 2011. "**Atualizações ao vivo, live blogs ou páginas de ao vivo se transformaram em ferramentas estabelecidas como meio de transmitir breaking news** a uma audiência *on-line* por um número significativo de organizações de notícias" (BENNETT, 2016, p. 862).

Neste contexto, para os jornalistas e suas práticas, o **Twitter segue como sinônimo de breaking news**. Em *The friendly barbarians: Professional norms and work routines of online journalists in the United States*, Agarwhal e Barthel dizem, que "muitas vezes, jornalistas *on-line* usam o Twitter para **injetar suas percepções em um acontecimento breaking news antes de publicar algo sobre o assunto**" (AGARWHAL; BARTHEL, 2015, p. 386). Já em *Who sets the News Agenda on Twitter*, de Russel et al. (2015), em uma pesquisa sobre o uso do Twitter entre jornalistas, os entrevistados "incluíram mídias sociais na rotina de trabalho para procurar por pautas, **ficar atento a breaking news** [...]" (RUSSEL et al., 2015, p. 927). Já Canter e Brooks (2016), em *Twitter as a Flexible Tool*, afirmam que o Twitter, em função da sua "velocidade, alcance e facilidade de uso" é útil "**para coletar um vasto alcance de vozes e ideias e ganhar uma nova dimensão em breaking news antes indisponíveis**" (CANTER; BROOKS, 2016, p. 876). Sobre a atuação individual de profissionais, dizem que: "[...] jornalistas são mais focados em práticas jornalísticas como *breaking news* e apuração de notícias, e **se concentram em construir suas próprias marcas pessoais e lista de seguidores do que em promover a sua empresa**" (CANTER; BROOKS, 2016, p. 880). Em *Changes in US Journalism*, Weaver e Willnat (2016), ao investigar o uso de mídias sociais por jornalistas dos EUA, descobriram que esses profissionais "**usam mídias sociais para checar o que outras organizações estão fazendo e para procurar por breaking news**, ficar em contato com leitores e telespectadores e para encontrar informações adicionais"

(WEAVER; WILLNAT, 2016, p. 844). Johnston (2016), por sua vez, constata o **aparecimento de novas práticas e funções criadas nas redações para dar conta do fluxo de UGC**. Em *Social News = Journalism Evolution?*, ele observa a emergência desse **novo tipo de trabalho jornalístico**. "O papel do produtor '*Live and Social*' envolvia observar as mídias sociais em busca de pautas, apuração e, em caso de haver *breaking news*, **procurando por UGC e por conteúdos sociais relevantes para a história**" (JOHNSTON, 2016, p. 905).

Tais usos e práticas também se estendem ao público. Em *Twitter and Television in a Hybrid Media System*, Marchetti e Ceccobelli (2016) observaram a relação entre Twitter e *breaking news*, a partir do ponto de vista da audiência. "Esta resposta instantânea do Twitter a *breaking news* ficou clara no Dia da Eleição, quando os **usuários do Twitter discutiram ativamente os resultados eleitorais** controversos, contraditórios e inesperados que surgiram das pesquisas e das urnas" (MARCHETTI; CECCOBELLI, 2016, p. 14).

Relacionado a rotinas, em *Putting the work (back) into newswork*, de Siegelbaum e Thomas (2016), o *breaking news* aparece em uma discussão sobre cortes nas redações. "Equipes reduzidas nos jornais **focam mais nos eventos do dia a dia e em *breaking news***, ao invés de trabalhar em reportagens investigativas mais longas" (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016, p. 399). Já em *Assessing Collaboration in One Media Ecosystem*, de Hatcher e Thayer (HATCHER; THAYER, 2017⁸³) **constatam o comportamento pouco colaborativo entre jornalistas durante um *breaking news***. Um entrevistado disse que saber de um *breaking news* por outro veículo **não garante que será dado o crédito a esta segunda organização**. A mesma coisa acontece com o jornal. "É raro, disse um repórter, que o jornal coloque um link a outro concorrente, especialmente se for o caso de uma emissora de TV ou em um *breaking news*" (HATCHER; THAYER, 2017, p. 1294). Lund e Olsson (2016) investigaram o comportamento de uma redação durante um evento de crise limite. Em *When routines are not enough*, elas afirmaram estudar "**a habilidade dos jornalistas em conduzir o seu trabalho quando enfrentam um evento *frame-breaking***" (LUND; OLSSON, 2016, p. 1). Há uma discussão sobre o comportamento dos jornalistas do jornal *VG* durante os atentados de Anders Breivik, na Noruega, em 2011. "[...] a maioria dos entrevistados enfatizou que, ainda que eles não estivessem entendendo o que havia acontecido, eles **se sentiram compelidos a informar as pessoas da melhor maneira possível**" (LUND; OLSSON, 2016, p. 364). As pesquisadoras concluíram que durante momentos de *breaking news/frame-breaking*, muitas

⁸³ Embora tenha referência de 2017, o artigo foi publicado originalmente em 2016 no site do periódico, por isso entrou no corpus de análise.

vezes se sobressai mais a capacidade individual do jornalista em conduzir a prática profissional do que as rotinas organizacionais do veículo jornalístico.

A automação durante *breaking news* aparece em dois artigos. Em *Giving Computers a Nose for News*, de Thurman et al. (2016) apresentam resultados de uma ferramenta (Social Sensor) capaz de **identificar tendências em redes sociais**. Em determinado momento do texto, eles falam sobre a configuração do programa influenciar sua capacidade de detectar *breaking news*. "[...] a janela de tempo através da qual as histórias passam pode ser ampliada, mas com custo de que o algoritmo fica comprometido em sua habilidade de detectar *breaking news*, algo de grande interesse das organizações de notícias (2016, p. 846). Já em *Unmanned Aerial Vehicles*, de Holton e Lawson e Love (2016) discutem a **apuração de *breaking news* e eventos de crise / emergência utilizando drones**. "[...] fornecer imagens e vídeos de desastres e áreas de crise tradicionalmente inacessíveis aos jornalistas" (HOLTON et al., 2015, p. 646).

O comportamento do público durante *breaking news* apareceu em "*Checking*" and *googling*, de Antunovic e Parsons (2016), em que os autores discutiram o consumo noticioso entre jovens. Eles encontraram relação entre *breaking news* em andamento e a TV. **Participantes da pesquisa disseram ligar a TV após saber de *breaking news* nas redes**. Se a notícia em andamento não era *breaking news*, a tendência era ficar na internet. "No caso de *breaking news*, os estudantes geralmente **ouviam a respeito da notícia e então chegavam em casa e ligavam a televisão**" (ANTUNOVIC; PARSONS, 2016, p. 11).

Já em *Checking, Sharing, Clicking and Linking*, de Meijer e Kormelink (2015), o *breaking news* aparece no contexto do **consumo de informações por usuários jovens de smartphones**. "Enquanto notificações interrompem as atividades das pessoas, essas interrupções são bem-vindas, já que os usuários **se cadastraram para receber atualizações de *breaking news***" (MEIJER; KORMELINK, 2015, p. 670). Isto pelo lado do consumo.

Pelo lado da participação, Veenstra et al. (2015), em *Twitter as "a journalistic substitute"?*, observaram que **as pessoas têm consciência da sua influência nos acontecimentos, mas não se veem como participantes do ecossistema jornalístico durante um momento de *breaking news***.

Ainda que os poucos participantes que consideraram seu comportamento como jornalístico tenham sugerido algumas diferenças entre um evento político em andamento, como um protesto, e um evento *breaking news*, como o tiroteio na Universidade do Texas (Holton, 2012), parece que em cada um dos casos a maioria das pessoas que compartilham informações e notícias via Twitter **não veem a si**

próprios se engajando em jornalismo (VEENSTRA et al., 2015, p. 499-500, grifos meus).

Breaking news, em uma definição a partir dos temas levantados pelos artigos publicados na *Journalism, Journalism Practices* e *Digital Journalism* no período de 2015 a 2016 mostra uma **tensão entre publicação e verificação**. Essa tensão, por um lado, é marcada pela **consciência da importância do material disponibilizado pelo público**, tanto editorialmente quanto comercialmente. Por outro, a **massificação e a naturalização do UGC nas práticas jornalísticas (de *breaking news*)** fazem aumentar a preocupação em relação à **verificação**. A tensão também aparece na relação entre jornalistas tentando **zelar por seus valores deontológicos** ao mesmo tempo em **que reconhecem o estabelecimento de uma nova (mas nem tanto) dinâmica durante acontecimentos urgentes, em que a discussão sobre o erro jornalístico ganha uma complexidade singular**. Nesse sentido, as explosões na maratona de Boston (2013) são um divisor de águas.

Por fim, naturalizado como o lugar onde o *breaking news* se desenvolve, o **Twitter é quase onipresente nas falas dos jornalistas**. É o lugar para tentativas de automatização do trabalho (detecção de *breaking news*), e para a filtragem de informações (*live blogs*).

Quadro 6 – Artigos analisados de 2015 a 2016

#	Ano	Título	Autor(es)	Periódico
43	2015	<i>Embedding content from Syrian citizen journalists: The rise of the collaborative news clip</i>	(WALL; ZAHED, 2015)	<i>Journalism</i>
44	2015	<i>The friendly barbarians: Professional norms and work routines of online journalists in the United States</i>	(AGARWAL; BARTHEL, 2015)	<i>Journalism</i>
45	2015	<i>Twitter as "a journalistic substitute"?</i>	(VEENSTRA et al., 2015)	<i>Journalism</i>
46	2015	<i>The fragility of photo truth</i>	(PANTTI; SIRÉN, 2015)	<i>Digital Journalism</i>
47	2015	<i>When News Media Turn To Citizen-Generated Images of War</i>	(MAST; HANEGREEFS, 2015)	<i>Digital Journalism</i>
48	2015	<i>Locating Journalism in Citizen Photojournalism</i>	(GREENWOOD; THOMAS, 2015)	<i>Digital Journalism</i>

49	2015	<i>Checking, Sharing, Clicking and Linking</i>	(MEIJER; KORMELINK, 2015)	<i>Digital Journalism</i>
50	2015	<i>Who sets the News Agenda on Twitter</i>	(RUSSELL et al., 2015)	<i>Digital Journalism</i>
51	2015	<i>The "Public Eye" or "Disaster Tourists"</i>	(ALLAN; PETERS, 2015)	<i>Digital Journalism</i>
52	2015	<i>Unmanned Aerial Vehicles</i>	(HOLTON; LAWSON; LOVE, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
53	2015	<i>Contest Over Content</i>	(HELLMUELLER; LI, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
54	2015	<i>Not Good Enough?</i>	(NILSSON; WADBRING, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
55	2015	<i>Gatecheckers at the Visual News Stream</i>	(SCHWALBE; SILCOCK; CANDELLO, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
56	2015	<i>Taking our Pictures</i>	(BRENNEN; BRENNEN, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
57	2015	<i>Conflictual Media Events</i>	(MORTENSEN, 2015)	<i>Journalism Practice</i>
58	2015	<i>Journalism as Cultures of Circulation</i>	(BODKER, 2015)	<i>Digital Journalism</i>
59	2016	<i>Sourcing the BBC's Live Online Coverage of Terror Attacks</i>	(BENNETT, 2016)	<i>Digital Journalism</i>
60	2016	<i>Tracing online news in motion</i>	(WIDHOLM, 2016)	<i>Digital Journalism</i>
61	2016	<i>Giving Computers a Nose for News</i>	(THURMAN et al., 2016)	<i>Digital Journalism</i>
62	2016	<i>Social News = Journalism Evolution?</i>	(JOHNSTON, 2016)	<i>Digital Journalism</i>
63	2016	<i>Networked News Time</i>	(ANANNY, 2016)	<i>Digital Journalism</i>
64	2016	<i>Twitter as a Flexible Tool</i>	(CANTER; BROOKES, 2016)	<i>Digital Journalism</i>
65	2016	<i>"Checking" and googling</i>	(ANTUNOVIC; PARSONS, 2016)	<i>Journalism</i>
66	2016	<i>Media errors and the 'nutty</i>	(BERKOWITZ; LIU,	<i>Journalism</i>

		<i>professor': Riding the journalistic boundaries of Sandy Hook shootings</i>	2016)	
67	2016	<i>Tweet or be Sacked</i>	(BARNARD, 2016)	<i>Journalism</i>
68	2016	<i>Online news flow</i>	(CHOI; KIM, 2016)	<i>Journalism</i>
69	2016	<i>Social media and a case of mistake: a newspaper's response to journalistic error</i>	(SMITH; SISSONS, 2016)	<i>Journalism</i>
70	2016	<i>When routines are not enough</i>	(LUND; OLSSON, 2016)	<i>Journalism Practice</i>
71	2016	<i>Emerging Journalistic Verification Practices Concerning Social Media</i>	(BRANDTZAEG et al., 2016)	<i>Journalism Practice</i>
72	2016	<i>Twitter and Television in a Hybrid Media System</i>	(MARCHETTI; CECCOBELLI, 2016)	<i>Journalism Practice</i>
73	2016	<i>Changes in US Journalism</i>	(WEAVER; WILLNAT, 2016)	<i>Journalism Practice</i>
74	2016	<i>Putting the work (back) into newswork</i>	(SIEGELBAUM; THOMAS, 2016)	<i>Journalism Practice</i>
75	2016	<i>Assessing Collaboration in One Media Ecosystem</i>	(HATCHER; THAYER, 2017)	<i>Journalism Practice</i>

Fonte: Moreno Cruz Osório

7.3 ANÁLISE DOS SEGMENTOS

Nesta seção de análise dos segmentos codificados, nem todas as marcações serão analisadas, em benefício da síntese. Escolhi os trechos que considere mais significativos, passíveis de serem deslocados para outro contexto, deixando os artigos onde originalmente fazem sentido para fazerem parte de outra composição, a de construção teórica do *breaking news*. É importante destacar que esse deslocamento integra o propósito de saber em que tipo de discussão orbita a expressão “*breaking news*” nos textos selecionados.

Há quatro subseções. Cada uma delas destina-se à construção de uma das linhas que emergiram como categorias de análise (item 6.3). Essa construção será feita a partir da seleção dos segmentos extraídos de cada ano do decênio. Assim, ao contrário da primeira parte da análise, onde foi feita uma sistematização inicial baseada na divisão temporal

proposta (dois triênios e dois biênios), aqui a sistematização abarcará o período de 2007 a 2016 de cada uma das quatro linhas.

7.3.1 Linha 1, a arquitetura

Proporcionalmente, os códigos referentes à Linha 1 estão mais concentrados nos artigos do começo do decênio analisado. O que não é por acaso. Como já assinalai, especialmente entre 2007 e 2009, a expressão "*breaking news*" ainda tinha uma relação estreita com o jornalismo televisivo, conseqüentemente, com uma lógica organizacional própria deste formato de jornalismo. As análises realizadas nesse período apresentam poucas entradas para pensar diretamente as especificidades do cibercontecimento *breaking news* que apareceriam mais tarde. O potencial infinito da produção do acontecimento a partir de "manifestações múltiplas de usuário" (HENN, 2013, p. 43), por exemplo, só se torna possível quando levada em conta a lógica dos sites de redes sociais digitais, ainda incipientes naquele momento. O que fica saliente, daquele período, são os primeiros sinais de uma transformação da expressão "*breaking news*". Mesmo prioritariamente associada à TV, ela assume uma lógica típica da web nos estudos de jornalismo que a utilizam. Por isso, observando em retrospectiva, especialmente as abordagens de Lewis e Cushion (2009), Marriott (2007) e Huxford (2007) trazem elementos do que considero a gênese do cibercontecimento *breaking news*.

Esta gênese, elaborada teoricamente no capítulo 2, arquiteta o cibercontecimento *breaking news* como um desafio para o jornalismo contemporâneo ao evidenciar duas características principais deste tipo de cibercontecimento. Primeiro, uma percepção de grande flutuação da composição dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos. Segundo, uma compreensão da limitação de determinadas práticas jornalísticas baseadas na tentativa de controlar a complexidade que adquire o processo evenemencial em rede.

Por certo, os autores em questão não fazem referência direta a esta gênese. Ela emerge de inferências às críticas ao cenário observado. Tendo como parâmetro o jornalismo de TV, cuja dinâmica organizacional facilita o enquadramento e o controle dos acontecimentos sob critérios jornalísticos definidos e arraigados no *ethos* profissional, as abordagens evidenciam um esvaziamento de uma ideia de *breaking news* até então associada a este tipo de prática jornalística e, conseqüentemente, sublinham o enfraquecimento do jornalismo. Para esta tese, a análise do fazer profissional realizada pelos autores dá materialidade à linha estruturante do cibercontecimento *breaking news*, marcada pela tensão entre as características citadas.

A discussão proposta por Lewis e Cushion (2009) é uma das mais representativas desta tensão. A constatação de que o *breaking news* se transformou na apoteose da cultura jornalística de notícias 24 horas por dia e 7 dias por semana (LEWIS; CUSHION, 2009, p. 304), ou seja, 24x7, é o exemplo mais evidente, na amostra analisada, da crescente flutuação do que é considerado contínuo e do que é considerado descontínuo para o jornalismo.

Neste caso, a causa do crescimento estaria na própria concepção de jornalismo 24x7. É de se esperar que, em uma proposta de jornalismo sempre *on*, um dos principais critérios de noticiabilidade seja a novidade da notícia (*newness of news*), e não necessariamente a sua importância ou, no caso, sua extraordinariedade. O resultado é uma "vitória do estilo sobre a substância" (LEWIS; CUSHION, 2009, p. 316) que transforma o *breaking news* em norma e, em última análise, em espetáculo. São os "acontecimentos monstros"⁸⁴ de Nora (1974, p. 249) banalizando a novidade em favor de uma estratégia editorial-comercial das emissoras.

Aqui, repito, a flutuação dos níveis de extraordinariedade ainda não está relacionada a um número maior de sujeitos participando do processo evenemencial. Mas a lógica que desestabiliza o *modus operandi* baseado no *event-as-news* está colocada. No estudo de Lewis e Cushion (2009), ela aparece por meio da relação estreita entre fatores econômicos e o critério jornalístico da novidade, potencializando este último. Na cultura de notícias 24x7, o *breaking news* se transforma em um diferencial jornalístico, por isso, também em um ativo econômico. A competição entre veículos influencia a definição dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos de maneira artificial.

Foi o que Cushion e Lewis (2009) concluíram em outra análise de emissoras britânicas. Segundo eles, o uso exagerado do rótulo *breaking news* resulta em uma concordância menor do que consiste um *breaking news* de fato (CUSHION; LEWIS, 2009, p. 143). De olho em um diferencial de mercado, os veículos buscam *breaking news* exclusivos. O resultado é que os critérios para definir o que é um acontecimento urgente, ao expandirem uma ideia baseada nas tipificações jornalísticas, se tornam nebulosos. Desta maneira, o *breaking news* adentra em um terreno em que os critérios jornalísticos se misturam e disputam espaço com critérios não necessariamente jornalísticos. Com as redes, essa mistura se complexifica e se potencializa, mas mantém seu cerne.

Já em 2013, mas ainda em uma análise relacionada ao jornalismo televisivo, a discussão que orbita a expressão "*breaking news*" em Casella (2013) vai ao encontro do

⁸⁴ Refere-se à citação realizada na página 30 a respeito da banalização da novidade cuja consequência é, segundo Nora (1974), o aparecimento de grandes acontecimentos, ou "acontecimentos monstros" com cada vez mais frequência.

observado por Lewis e Cushion (2009). O autor notou que a decisão de transmitir um *breaking news* ao vivo nos canais de TV analisados era determinada por uma mistura de critérios jornalísticos, estética e marketing. Dessa mistura emergiram as quatro justificativas designadas pelo autor para determinar uma transmissão ao vivo (e já citadas no item 7.3.3): *breaking news*, necessidade editorial, apresentação e identidade do veículo.

As primeiras duas justificativas para a transmissão ao vivo, *breaking news* e necessidade editorial, estão diretamente ligadas à cobertura de eventos com valor notícia. As outras duas têm pouca ou nenhuma conexão direta com a elevação do jornalismo de qualidade. Uma, identidade da emissora, é desenhada para revelar mais sobre o mensageiro do que sobre a mensagem. A outra, apresentação, pretendia criar um programa mais atrativo. (CASELLA, 2013, p. 369).

Huxford (2007) faz uma crítica parecida ao observar a resignificação da ideia de proximidade, especialmente durante a transmissão de *breaking news* ao vivo pelo jornalismo televisivo. Ao criar uma proximidade virtual, de estúdio, obtida a partir de recursos tecnológicos para ser capaz de acompanhar "de perto" mais acontecimentos, o jornalismo se apoia em um simulacro. Constrói sua narrativa a partir da forma para obter audiência e para se mostrar "em cima das notícias" (HUXFORD, 2007, p. 659), acabando por incorporar aos critérios que estabelecem a sua prática outros critérios capazes de afetá-la. Ou seja, apoia-se na tecnologia para noticiar mais *breaking news* e assim conseguir um diferencial competitivo, mesmo que isso acarrete na transformação do *breaking news* apenas em um rótulo.

A necessidade de incorporar essa mistura ao fazer profissional tensiona a atuação jornalística. Huxford (2007) e Lewis e Cushion (2009) não exploram especificamente este aspecto. Ele fica implícito na observação sobre o empobrecimento do jornalismo que os autores fazem em seus artigos. Casella (2013), por sua vez, cita desconforto de repórteres com uma substituição da produção jornalística bem realizada e finalizada por uma narrativa baseada no imediatismo (CASELLA, 2013, p. 371). "A preponderância de reportagens ao vivo alterou o equilíbrio dos critérios de noticiabilidade ao dar mais ênfase à pontualidade, às vezes deixando de lado o impacto ou a importância" (CASELLA, 2013, p. 373).

A emergência da cultura do imediatismo como fator que desestabiliza a definição dos níveis de extraordinariedade e pressiona o jornalismo também está no cerne do trabalho de Marriott (2007). Na sua análise de coberturas televisivas em duas eleições nos Estados Unidos, a pesquisadora relaciona a lógica da cultura de notícias 24 horas a um aumento do número de entradas ao vivo durante momentos de *breaking news*. Privilegiar o imediatismo a preocupava, pois construir "uma narrativa cuja substância precisa ser moldada e refinada em

tempo real de transmissão e recepção" (MARRIOTT, 2007, p. 699) significava, segundo ela, abrir mão da apuração e de uma tradição de *gatekeeping*.

O *gatekeeping*, em Marriott (2007), ainda estava vinculado a uma perda de autonomia do jornalismo televisivo. Pressionados pelo tempo, repórteres e editores ficavam mais à mercê das informações fornecidas pelas assessorias (*PR departments*) e por instituições oficiais. Mas à medida que as discussões em torno da expressão "*breaking news*" avançam no decênio, a "pressão comunicacional" (BARDOEL, 1996, p. 286) sofrida pelos jornalistas vai ganhando novos atores e a perda de sentido do *gatekeeping*, contornos mais amplos. É neste momento que a discussão que envolve a expressão "*breaking news*" não só gira em torno do que chamei de uma lógica da web, mas ganha de fato o jornalismo *on-line*.

Ao ganhar a web, a tensão que resulta na linha estruturante do ciberacontecimento *breaking news* é catalisada por um ingrediente adicional, a potencialização da ideia de *event-driven news*. Deslocado para a web, este conceito - sugerido por Lawrence (2000) para diversificar a cobertura televisiva norte-americana e discutido no capítulo 2 - complexifica a definição dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos à medida que se avança no decênio. Apesar de vinculada à passagem do tempo, essa complexificação tem relação direta com o desenvolvimento tecnológico. O rápido crescimento das redes sociais digitais potencializou a observação de sinais oriundos dos próprios eventos, especialmente quando a emissão de sentidos sobre esses eventos dá origem a novos eventos, o que caracteriza o ciberacontecimento.

Não por acaso, Henn identifica os protestos realizados no Irã após as eleições presidenciais de 2009 como um dos episódios inaugurais do conceito de ciberacontecimento (HENN, 2013, p. 31). O uso de informações publicadas no Twitter e no Facebook pelos manifestantes e reproduzidas pela imprensa ocidental e o fato de as próprias manifestações terem sido organizadas a partir desses sites estavam afetando, segundo Henn, "os modos constitutivos de um acontecimento" (HENN, 2013, p. 31). Trata-se, digo eu, de um exemplo interessante para ilustrar a relação possível entre *event-driven news* e ciberacontecimento.

Sabe-se que, em regimes fechados, onde não há democracia e liberdade de expressão ou elas são limitadas, um dos objetivos da censura à imprensa é a estabilidade sistêmica por meio da negação da novidade. Sem alguém para ressaltar o problemático, o anormal, o sistema parece funcionar bem, alheio a crises. Sem notícias sobre corrupção, parece não haver corrupção. Sem notícias sobre crimes, parece não haver crimes. No Irã, com seu sistema político fechado para os padrões ocidentais, e onde a atuação da imprensa é restrita, negar, reprimir e não permitir noticiar os protestos após o pleito seria uma forma de manter a

estabilidade. A ausência de notícias por parte da imprensa nacional e internacional sobre o que acontecia nas ruas seria um dos fatores mais importantes para a manutenção daquilo considerado ordinário - ao menos para as autoridades do país.

A questão é que, com o potencial fornecido pelas redes sociais digitais, a população descontente com os resultados da eleição adquiriu mais força, não só para romper com uma ordinariade aparente, mas também para narrar ao mundo o extraordinário que acontecia nas ruas das cidades do Irã. Assim, a imprensa ocidental encontrou nas imagens e nos vídeos compartilhados nas redes sociais digitais "sinais" dos eventos que aconteciam no país persa. Esses sinais se mostraram fundamentais para questionar a ideia de continuidade, de ordinariade, sustentada pelas autoridades. E a imprensa, dependente de um *modus operandi* baseado nas *institutionally-driven news*, não encontrava espaço para questioná-los (pelo menos até encontrar os referidos sinais). É nesse sentido que os protestos de 2009 no Irã constituem um exemplo de *event-driven news*, tal como o proposto por Lawrence (2000).

O mesmo mecanismo que permitiu a emergência deste *event-driven news* foi o gatilho para transformá-lo em um ciberacontecimento. As manifestações nas redes, com múltiplos e distintos sujeitos se apropriando e emitindo sentidos a respeito do que acontecia no Irã, ilustram o abalo do "monopólio do processo de representação" causado por essa "ultra intensificação instantânea da semiose" (HENN, 2013, p. 37). Um exemplo dentro deste episódio é a morte de Neda Soltan. A estudante de filosofia atingida por tiros disparados por milícias paramilitares durante um dos protestos rapidamente se transformou em um símbolo mundial da luta contra a repressão do regime iraniano, após seu caso ganhar as redes.

O episódio do Irã inaugura um período de mobilizações globais que encontram na sociedade em rede (CASTELLS, 1999) primeiro uma ferramenta de organização, depois um meio para expor seus posicionamentos. Seus principais momentos acontecem na Primavera Árabe (norte da África), *Occupy Wall Street* (Estados Unidos), Indignados (Espanha) e Jornadas de Junho (Brasil). Em todos eles, a composição dos níveis de extraordinariade foi marcada pela emergência de forças que, organizadas em rede, impõem novas gradações de descontinuidade e colocam em xeque a primazia narrativa do jornalismo. Nessa dinâmica, o monopólio da representação do mundo dá lugar à negociação entre formas diferentes de representá-lo. Nesta negociação, o jornalismo, mais do que controlar, observa os fluxos informacionais de maneira a estabelecer pontes de contato com narrativas alternativas, acomodando-as junto às suas e sendo influenciados por elas. É aí que o desmoronamento da lógica do *gatekeeping*, notado por Marriott (2007), se amplia.

Kristensen e Mortensen (2013) analisaram um acontecimento inserido em um desses grandes fenômenos: a caçada, captura e morte do ex-líder líbio Muammar Gaddafi. Segundo os autores, este episódio representou "uma nítida instância de *breaking news* para a mídia internacional como uma ocorrência sensacional, intensa e abrupta, levando a uma dramática mudança de curso em um curto período de tempo" (KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013, p. 353). Os adjetivos empregados nesta definição não dizem respeito apenas à extraordinariedade intrínseca do acontecimento⁸⁵. Eles também falam sobre os desafios que o acontecimento impôs à mídia internacional. Observando à distância, sempre buscando compreender a discussão que orbita a expressão *breaking news*, o que a investigação de Kristensen e Mortensen evidencia é a reação do jornalismo a um determinado cenário. Neste cenário, impunha-se a necessidade de responder à extraordinariedade de um acontecimento que já circulava nas redes de diversas formas narrativas diferentes, mas sem a chancela das práticas jornalísticas, e em um contexto no qual o exercício dessas últimas apresentava consideráveis limitações⁸⁶. O processo evenemencial do ciberacontecimento *breaking news* relacionado à morte de Gaddafi já estava ocorrendo nas redes⁸⁷. A composição do seu nível de extraordinariedade já havia sido definida à revelia da narrativa jornalística. Cabia ao jornalismo adaptar seu *modus operandi* para sua narrativa não perder a relevância.

O caso analisado por Kristensen e Mortensen (2013) ilustra como um *breaking news* como o da morte de Gaddafi expõe a limitação de determinadas rotinas jornalísticas em contextos específicos de produção. E, ao limitá-las, exige adaptação e reinvenção, o que, por sua vez, evidencia a tensão inerente à linha estruturante do ciberacontecimento *breaking news* como proposta teórico-metodológica.

⁸⁵ No dia 20 de outubro de 2011, o ex-ditador líbio foi encurralado e morto por rebeldes nos arredores de Sirte, sua cidade natal. Ponto final de um cerco que se desenrolava há dias, o desfecho fatal de Gaddafi foi acompanhado pela mídia internacional a partir das informações disponibilizadas pelas pessoas que acompanhavam a situação *in loco*. Muitos eram jornalistas, mas a maioria era cidadãos líbios envolvidos em maior ou menor grau no conflito. A captura e a morte de Gaddafi foram registradas por essas testemunhas. Logo, vídeos e fotos do linchamento estavam disponíveis nas plataformas sociais, como YouTube, Twitter e Facebook. No livro *O silêncio contra Muamar Kadafi*, o jornalista Andrei Netto, que cobriu o conflito na Líbia pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, reconstituiu este episódio. Um dos trechos ilustra o caráter midiático do acontecimento. “– Allah Akbar! Allah Akbar! Allah Akbar! Nós o capturamos! Pega, pega, pega, tira uma foto! Allah Akbar! Allah Akbar! Allah Akbar! Muamar taghut, nós o capturamos! Eu quero tirar uma foto! Aaaaaaaahhhhhhhh! Nós o capturamos vivo! Por favor, eu quero tirar uma foto! Allah Akbar!” (NETTO, 2012, p. 12).

⁸⁶ A Primavera Árabe inaugurou um período de grande dificuldade para o trabalho da imprensa, especialmente a Ocidental, interessada em cobrir os conflitos *in loco*. Hostilizados e muitas vezes perseguidos pelos violentos governos locais, e sem poder contar com a proteção dos frágeis grupos de oposição (muitas vezes também hostis ao trabalho da imprensa), os jornalistas encontraram muitas dificuldades para trabalhar. Tendo o hitórico status de neutralidade ignorado, profissionais viraram moeda de troca e muitas vezes alvo das partes em conflito. A Guerra na Síria e a consequente ascensão do Estado Islâmico são o ponto culminante deste cenário.

⁸⁷ Como observado, informações, fotos e vídeos a respeito da captura de Gaddafi foram rapidamente postas em circulação na rede pelas testemunhas que presenciaram o acontecimento. A natureza extraordinária do evento fez com que a propagação dessas informações acontecesse de maneira muito rápida.

Esta tensão se materializa também em Papadopoulos e Pantti (2013) quando eles investigam como "a ideologia profissional dos jornalistas é moldada pela tendência internacional de testemunho cidadão" (PAPADOPOULOS; PANTTI, 2013, p. 960), especialmente pelo uso de conteúdo visual em momentos de *breaking news* (ou *crisis reporting*, nomenclatura utilizada no artigo). Após 38 entrevistas com jornalistas da Finlândia e da Suécia, foram identificados três repertórios interpretativos em relação ao uso desse tipo de material: resistência, resignação e renovação (2013, p. 973). Segundo os autores,

[...] o choque entre o alto status adquirido por imagens de *breaking news* registradas por não profissionais como instrumento indispensável para representar a realidade atualmente e o que estes desafios visuais representam à afirmação de autoridade dos jornalistas pode gerar um repensar sobre a ideologia tradicional do jornalismo (PAPADOPOULOS; PANTTI, 2013, p. 962).

Os resultados a que chegam Papadopoulos e Pantti "confirmam outras pesquisas que mostram o conflito vivido por jornalistas sobre como definir a si próprios (ou não) em função de novas condições tecnológicas, econômicas e culturais" (2013, p. 973).

O conflito demonstrado por Papadopoulos e Pantti (2013) também aparece em outros estudos da amostra analisada. Brennen e Brennen (2015), por exemplo, realizaram uma pesquisa qualitativa com 12 veículos norte-americanos de TV, impresso e *on-line* em 2014 e chegaram à conclusão que os jornalistas tendem a "marginalizar o uso de fotojornalismo cidadão em um esforço para controlar a produção de notícias, manter sua influência e poder e para reforçar a confiança nas noções de precisão, responsabilidade e relevância do jornalismo" (BRENNEN; BRENNEN, 2015, p. 520).

De maneira geral, os veículos analisados usaram fotojornalismo cidadão de maneira muito limitada - mesmo quando eles não tinham acesso a imagens e vídeos de *breaking news* para além do conteúdo visual gerado por usuários. Ao invés disso, muitos veículos de mídia escolheram usar imagens de agência e fotos de arquivo que apenas tangenciavam o assunto. Em raras ocasiões, quando a mídia tradicional dos EUA incorporava conteúdo visual gerado por usuários, eles preferiam distância do material, questionando a autenticidade dos vídeos ou considerando que talvez fossem propaganda. (BRENNEN; BRENNEN, 2015, p. 533).

Greenwood e Thomas (2015) tentaram responder o porquê dessa limitação analisando o conteúdo visual das imagens oriundas de fotojornalismo cidadão. Além de confirmar a preferência dos jornalistas por não usar o material oriundo do público, os autores chegaram à conclusão que "as fotos feitas por cidadãos em geral não refletem os padrões estéticos esperados dos profissionais" (GREENWOOD; THOMAS, 2015, p. 615). Especialmente por

registrar os acontecimentos de uma distância maior do que a imagens tiradas por esses últimos, mesmo em caso de *breaking news* (GREENWOOD; THOMAS, 2015, p. 626).

Ainda no âmbito fotojornalismo, Allan e Peters (2015) oferecem um ponto de vista da recepção. Os autores coletaram impressões de cerca de 90 *millennials*⁸⁸ do Canadá, Holanda e Reino Unido a respeito de imagens amadoras utilizadas pela mídia, especialmente em situações de *breaking news*, e a diferença desse tipo de conteúdo em relação às imagens produzidas por profissionais. Dentre os resultados apontados está a percepção de que imagens "cruas" de amadores tendem a ser mais autênticas do que as captadas por profissionais (ALLAN; PETERS, 2015, p. 491). Uma "agenda enviesada" dos profissionais e o uso de softwares de edição são dois dos principais elementos por trás dessa percepção (2015, p. 491).

O que leva os autores a "convidarem à reflexão sobre como estabelecer espaços deliberativos para dialogar e debater a revigoração dos compromissos do fotojornalismo levando em conta as culturas participativas do amanhã" (2015, p. 491).

Novamente observando à distância sem me ater aos resultados em si (bastante resumidos aqui), e sim ao contexto que envolve a expressão *breaking news*, os trabalhos de Brennen e Brennen (2015), Greenwood e Thomas (2015) e Allan e Peters (2015) ajudam a reforçar a tensão que perpassa a linha estruturante do ciberacontecimento *breaking news*. Demonstrem, dizendo de outro modo, o incômodo do jornalismo ao tentar estabelecer pontes de contato com outras narrativas. Evidenciam a dificuldade de abrir mão da "aura de autoridade" (ZELIZER, 2000, p. 38) para ceder lugar a espaços de debates e diálogos.

A questão se mostra mais delicada quando o foco é *breaking news* devido ao caráter arquetípico desses momentos para o jornalista *on-line* e sua relação com a profissão. Após entrevistar 35 jornalistas dinamarqueses, Hartley (2013) observou que a autopercepção desses profissionais em relação ao seu lugar dentro do jornalismo era paradoxal. Por um lado, enxergavam a necessidade de obter capital junto aos colegas ao se aproximar da ideia de um jornalismo profundo, investigativo, que leva tempo para ser produzido. Por outro, buscavam um descolamento desse ideal romântico de maneira a constituir uma identidade própria. A cobertura de um *breaking news* era o momento em que eles mais se sentiam conectados à ideia de constituir esta identidade: informar a sociedade sobre um acontecimento de grande interesse público de maneira precisa, rápida e, se possível, antes da concorrência.

⁸⁸ Denominação da fatia demográfica correspondente às pessoas que nasceram entre meados dos anos 1980 e o final dos anos 1990, começo dos anos 2000.

A atmosfera na redação era de euforia quando havia um caso de *breaking news*. Os repórteres esfregavam as mãos e conversavam entre si no almoço sobre o 'grande dia para as notícias' e me diziam que eu tinha sorte de estar presente em um dia tão especial. (HARTLEY, 2013, p. 579).

Jornalistas *on-line* se esforçam para ter na velocidade e na orientação ao público valores reconhecidos como legítimos no campo ao, por exemplo, enfatizar a importância de *breaking news* e a habilidade da editoria de *on-line* em encontrar fontes com suas ferramentas. (HARTLEY, 2013, p. 584).

Ao considerar o momento do *breaking news* como o seu espaço, canalizando na velocidade e na orientação ao público, ou seja, na audiência, a sua especificidade, os jornalistas *on-line* acabam por aproximar a lógica do *breaking news on-line* à lógica do *breaking news* oriundo do jornalismo televisivo - discussão que abriu o capítulo.

Esta lógica atualiza o observado por Lewis e Cushion (2009) sobre o jornalismo 24x7 em um contexto em que a flutuação do processo de composição dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos recebe uma influência direta e mensurável do público. Se para as TVs 24x7 o *breaking news* se transformou em uma estratégia editorial-comercial devido à própria natureza do seu formato, para o jornalismo *on-line* este *leitmotiv* ganhou o reforço de métricas capazes de orientar a produção jornalística no que se refere ao número de acontecimentos rotulados como *breaking news* e também ao seu conteúdo.

A partir de dados de uma pesquisa que obteve 790 respostas sobre o uso de internet e o consumo de notícias na Austrália, em 2004, Nguyen (2010) chegou à conclusão que os "profissionais de notícias *on-line* precisarão focar ainda mais no fornecimento de serviços contínuos de notícias 24 horas" (NGUYEN, 2010, p. 234). Naquele momento, ressaltou o pesquisador, a imediatividade era a maior razão para as pessoas consumirem notícias *on-line*, e "70% dos consumidores de notícias *on-line* haviam visitado sites de notícias algumas vezes em um dia para checar as últimas informações" (2010, p. 234).

Seis anos depois da publicação do trabalho de Nguyen e 12 depois da pesquisa que forneceu os dados com os quais ele trabalhou, Widholm (2016) apresentou um cenário semelhante. Evidentemente, um cenário com uma complexidade - no que se refere às possibilidades técnicas do jornalismo *on-line* - mais elevada que a de 2010 ou 2004. Essa diferença, no entanto, não prejudica uma aproximação para observar pontos em comum.

Widholm (2016) acompanhou o processo de produção jornalística *on-line* da rádio pública da Suécia para verificar quais partes das notícias eram alteradas ao longo do "tempo de vida" de cada uma, ou seja, o tempo em que elas permaneciam em destaque. Interessava a ele que tipo de alteração os jornalistas faziam à medida que a notícia era consumida e o fato

sobre o qual eles escreviam se desenvolvia. Neste processo, observou ele, o "tempo de vida" das notícias também carrega um valor comercial. Quanto mais tempo os leitores permanecerem em uma notícia e maior for o interesse no assunto, é mais provável que eles cliquem em anúncios ou as compartilhem nas redes sociais (WIDHOLM, 2016, p. 32). Esta lógica explica "por que o *breaking news* se tornou cada vez mais comum no noticiário *on-line*: um alto grau de mudança atrai os leitores de volta, não apenas uma, mas várias vezes durante o dia até que a notícia 'termine'" (WIDHOLM, 2016, p. 32).

Os trabalhos de Nguyen (2010) e Widholm (2016) ajudam a concluir a anatomia de um processo que se propõe a demonstrar a tensão que perpassa a linha estruturante do ciberacontecimento *breaking news* como proposta teórico-metodológica.

Esta linha tem início na dinâmica introduzida pelas redes de televisão 24x7, que amplificam o peso dos acontecimentos em função do direcionamento da sua natureza a uma lógica editorial-comercial. A amplificação causa desconforto nos profissionais, que a veem ganhar ainda mais força quando essa lógica chega na web. *On-line*, o processo de definição dos níveis de extraordinariedade dos processos eventuais ganha um número maior de atores, além de acontecer em rede. Essa definição se transforma em negociação quando esses múltiplos atores, munidos de ferramentas narrativas potentes, as redes sociais digitais, também se veem aptos a oferecer narrativas distintas a respeito dos acontecimentos.

Os ciberacontecimentos amplificam o desconforto do jornalismo ao limitar sua capacidade de controlar os acontecimentos. E também ao impor a necessidade de o jornalismo rever suas rotinas e práticas em meio a um cenário instável e dinâmico, cujo ritmo de transformação se assemelha a uma pulsação - característica explorada na Linha 2.

7.3.2 Linha 2, a pulsação

A Linha 2 diz respeito à natureza dinâmica e heterogênea do ciberacontecimento *breaking news*: dá ênfase às conexões que o fazem pulsar. Essas conexões aceleram um processo eventual marcado pelo dinamismo desde a sua origem, tal como procurei demonstrar com a Linha 1. Essa aceleração é resultado das associações entre múltiplos sujeitos conectados em rede e da capacidade que possui o próprio ambiente onde ocorrem essas conexões de catalisar este processo. Em um primeiro momento, este ambiente é a internet em si. Depois, os sites de redes sociais digitais, especialmente o Twitter. Por essa razão, os códigos da Linha 2 aparecem com mais força a partir de 2009 e 2010, momento em que surgem estudos demonstrando como a natureza do Twitter o cristalizou como um local

propício para a circulação de informações jornalísticas. Cabe notar que esses estudos são, em geral, reflexões sobre os anos imediatamente anteriores aos da sua publicação - o que coincide com o início do decênio observado por esta pesquisa.

O período entre a ação terrorista em Mumbai, em novembro de 2008, e os protestos após as eleições presidenciais no Irã, em junho de 2009, este último citado na subseção anterior, foi significativo para o Twitter. Em um ano, seu número de usuários foi de 1,6 milhão a 32,1 milhões (VASCELLARO, 2009). O crescimento redimensionou a participação da audiência nos processos de produção dos acontecimentos, atualizando parâmetros em relação às rotinas e práticas jornalísticas durante o processo evenemencial do *breaking news* em rede.

Antes das redes sociais, a saliência de narrativas alternativas ainda dependia muito da receptividade e da capacidade de tratamento desse tipo de informação por parte dos atores jornalísticos. Isso porque eles ainda mantinham certo controle sobre os canais de distribuição. É possível notar isso em Bivens (2008), no artigo *The Internet, Mobile Phones and Blogging*, quando ele estuda a mudança nos processos jornalísticos que ferramentas de publicação pessoal e as tecnologias de telefonia móvel estavam causando ao jornalismo no Reino Unido e no Canadá. A partir de entrevistas com jornalistas, ele observou que, às vezes, situações de *breaking news* ocasionavam uma avalanche de informações que revertia o fluxo noticioso de organizações dependentes de agências para cobrir determinados tópicos. Enquanto a direção normal do fluxo era da agência para o veículo, no caso de um *breaking news*, os veículos passavam a encaminhar materiais para as agências (BIVENS, 2008, p. 117). Ou seja, com uma participação maior de atores, a dinâmica de um *breaking news* se mostrava mais acelerada e mais carregada de informações, mas o controle do processo ainda se encontrava nas mãos de jornalistas.

Com o Twitter, a participação externa ao sistema jornalístico na narrativa dos acontecimentos ganhou vida própria por meio de um fluxo independente dos canais de distribuição controlados pelo jornalismo. E devido às suas características, acelerou ainda mais o noticiário. A combinação de um público munido com *smartphones*⁸⁹ conectados à internet e um site de rede social cujo pressuposto é o compartilhamento de pequenos fragmentos informacionais trouxe consequências importantes para a ideia de *event-driven news*. O tamanho diminuto das mensagens favorece a sua multiplicação e a sua distribuição e

⁸⁹ Interessante observar em 2007 a Apple lançou o primeiro iPhone, aparelho que viria a revolucionar a indústria das telecomunicações a relação das pessoas com aparelhos de telefonia móvel. Mais informações em: <http://time.com/4837176/iphone-10th-anniversary/>. Acesso em: 13 fev 2018.

redistribuição (ZAGO, 2011, 2014), além de aumentar a sua velocidade de circulação. É fácil e rápido criar e postar uma mensagem de até 140 caracteres⁹⁰. Assim como é fácil e rápido ler, interpretar e, se for o caso, redistribuir um conteúdo com tais características. Some-se a isto um crescimento significativo da capilaridade do Twitter em um curto período de tempo, como foi observado, e tem-se um ambiente propício para a circulação de mensagens com alta carga informacional - como é o caso das notícias sobre eventos extraordinários.

Por isso, o período entre 2008 e 2009 foi determinante para o amadurecimento da abordagem jornalística ao Twitter, e, como consequência, para a incorporação da sua lógica às coberturas jornalísticas de *breaking news*. Foi neste momento que o Twitter se transformou em sinônimo de *breaking news*. Por esta razão, ele desempenha papel central na dinâmica do processo evenemencial do movimento do ciberacontecimento *breaking news*.

Como um grande corpo celeste, o Twitter atraiu para a sua órbita um tipo de prática jornalística cuja manifestação estava dispersa na internet. Se antes uma notícia extraordinária encontrava materialização em diferentes formatos e em diferentes meios, com o Twitter, ela encontra um ambiente que conduz a uma mudança de escala de sua natureza. Circulando em uma rede que facilita a distribuição e a redistribuição de pequenos fragmentos de informação, seu nível de extraordinariedade ganha maior capacidade de flutuação e a velocidade da sua propagação tende a aumentar. Se segundo McLuhan (1964), a "'mensagem' de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas" (MCLUHAM, 1964, p. 22), a "mensagem" do Twitter é *breaking news*.

Em um dos artigos analisados, Mudhai (2011) encontrou em Crawford (2011) um entendimento para o potencial que a capilaridade das redes sociais, em especial o Twitter, proporcionavam, na época, para evolução de um contexto midiático como o do Quênia, seu objeto de estudo, e da África de maneira geral. Crawford (2011, p. 115) comparou o Twitter com as "tecnologias elétricas" de McLuhan, que funcionariam como extensões do sistema nervoso humano. "Como um neurônio, cada usuário pode receber e transmitir informações, e - quando a rede está funcionando bem - pode ser altamente eficiente em rapidamente transmitir informações através do sistema" (CRAWFORD, 2015, p. 115).

Para os jornalistas *on-line*, que viam no *breaking news* uma possibilidade de encontrar a sua especificidade (HARTLEY, 2013), o Twitter era o lugar para se estar. A analisar 2.700

⁹⁰ Em setembro de 2017, o Twitter dobrou o limite de caracteres das postagens de 140 para 280. Mais informações em: https://blog.twitter.com/official/en_us/topics/product/2017/Giving-you-more-characters-to-express-yourself.html. Acesso em: 31 mar. 2018.

tweets de 51 veículos norte-americanos, Artwick (2013) classificou um terço deles como coberturas ao vivo, tais como julgamentos, atos de governo, crimes e outros *breaking news* (2013, p. 223). Devido à diversidade de atores emitindo sentidos nesses eventos, surgiam possibilidades de relatar jornalisticamente um evento extraordinário. Vis (2013), por exemplo, observou o comportamento no Twitter de dois repórteres durante os distúrbios ocorridos no Reino Unido em 2011. A maneira como os dois profissionais usaram a ferramenta durante aquele *breaking news*, especialmente em função da interação com a audiência, fez a pesquisadora sublinhar a emergência de práticas jornalísticas *ad hoc* (VIS, 2013, p. 43). Marchionni (2013) notou um comportamento parecido ao estudar a cobertura do *Seattle Times* do assassinato de quatro policiais locais, cobertura que valeu o prêmio Pulitzer na categoria *breaking news* para o jornal. A autora destacou o aspecto conversacional que os repórteres adotaram no Twitter, ressaltando uma troca de informações mais humanizada entre jornalistas e audiência, mas sem que os repórteres deixassem de lado a precisão. Heinrich (2012), por sua vez, citou a paradigmática cobertura da Primavera Árabe realizada por Andy Carvin. Segundo a pesquisadora, o jornalista norte-americano utilizou o Twitter como uma "janela para o mundo (e para visões de mundo)" ao conectar múltiplas vozes que o ajudaram a compor uma narrativa sobre as rebeliões no norte da África (HEINRICH, 2012, p. 772).

Os exemplos dão indícios de como o Twitter conduziu a uma complexificação da ideia de *event-driven-news*. Por um lado, ficou mais acessível encontrar os "sinais" que surgem dos eventos com intuito de incorporá-los a narrativas, já que agora o processo evenemencial passa também por fora dos canais de distribuição controlados pelo jornalismo. Essa independência permite a existência de um número maior de pontos de vista - que não precisam do jornalismo para existir nem para circular, mas que podem fazer parte dele.

Por outro lado, em função da velocidade com que surgem e se espalham, esses "sinais" acabam se transformando rapidamente em um todo capaz de oferecer uma perspectiva instantânea e caótica do processo evenemencial que ocorre em rede. Um todo que reúne os múltiplos fragmentos individuais de sentido emitidos pelos usuários afetados pelo fenômeno original, mas que também os transcende. Transcende porque este todo se apropria do fenômeno original e se espalha, adquirindo a lógica do ciberacontecimento. Como ciberacontecimento, o processo evenemencial não pode mais ser definido por uma sequência de coisas a ocorrer, mas por um pulsar. Dependendo do nível de extraordinariedade, este pulsar constrói uma rede de intensidade capaz de afetar quem a ela está associado, oferecendo uma percepção do que está a ocorrer. Mas uma percepção não necessariamente jornalística.

Hermida (2010) talvez tenha sido o que melhor conseguiu perceber como essa convergência de fatores já estava afetando o jornalismo como um todo e o *breaking news* em particular. Em 2010, ele sugeriu que o Twitter, para o jornalismo, é mais do que uma rede social, é um "*awareness system*". Na tradução literal, "sistema de consciência" ou "sistema consciente". Em uma tradução deslocada para o contexto de análise, um sistema que proporciona a percepção do que está acontecendo. Considerá-lo como tal foi o ponto culminante de uma evolução da apropriação da ferramenta para propósitos jornalísticos, à época. Outros estudos⁹¹ já vinham tateando o uso do Twitter por parte de veículos, jornalistas e leitores desde o lançamento da ferramenta, em 2006. Os trabalhos mostram como a evolução da apropriação do Twitter construiu as bases para o modelo proposto por Hermida.

Em um desses trabalhos, Vieweg et al. (2010), em abordagem bem parecida com a de Hermida, verificaram como as informações fornecidas, via Twitter, por pessoas que presenciaram duas catástrofes naturais ocorridas nos Estados Unidos, em 2009, contribuíram para uma "*situational awareness*" dos acontecimentos em questão. Ou seja, para uma consciência, uma percepção, em relação à situação em desenvolvimento.

As autoras deslocaram o termo *Situational Awareness* (SA) da literatura sobre controle de situações de emergência, cujas áreas de desenvolvimento principais são operações militares e aviação (VIEWEG et al., 2010, p. 1079), para estudar o Twitter. Ao apropriarem-se do termo, elas definem *situational awareness* como "o estado idealizado de entender o que está acontecendo em um evento com muitos atores e outras partes em movimento, especialmente a respeito da necessidade de controlar e comandar operações" (2010, p. 1079). Segundo elas, a natureza do Twitter permite "obter, produzir e disseminar informações" (2010, p. 1079) muito rapidamente em um ambiente ubíquo e acessível por meio de diversas plataformas. Por isso, "vem sendo considerado como um meio de comunicação de emergência" (2010, p. 1079) capaz de oferecer um panorama do que está acontecendo, útil para proporcionar uma "*situational awareness*" em momentos de crise.

Hermida (2010) não cita o trabalho de Vieweg et al., mas sua proposta de enxergar o Twitter como um *awareness system* dialoga diretamente com esta abordagem. A diferença é a origem do termo: sua a ideia de *awareness* vem das ciências da computação. Citando

⁹¹ Java et al. (2007), por exemplo, observaram que as pessoas estavam usando o Twitter para conversar e trocar informações, deixando de lado a pergunta *leitmotiv* da ferramenta na época, constatação também anotada por Mischoud (2007). Recuero e Zago (2009), por sua vez, sugeriram que esse acesso a informações e discussões possibilitava a construção de conhecimento e de reputações. Ahmad (2010), ao analisar o uso que o jornal britânico *The Guardian* fez do Twitter em 2009, enxergou no ambiente proporcionado pela rede social um terreno fértil para jornalistas realizarem pesquisas. Mendoza et al. (2010), ao estudarem o uso do Twitter após o terremoto no Chile de 2010, chamaram a atenção para o potencial de propagação de rumores, bem como a possibilidade de verificação desse tipo de informação dentro da ferramenta.

Markopoulos et al. (2009), ele define *awareness systems* como "sistemas de comunicação mediados por computadores cujo objetivo é 'ajudar as pessoas a construir e conservar consciência das atividades, do contexto ou do status uma das outras, mesmo quando os participantes não estão no mesmo local'" (HERMIDA, 2010, p. 301).

Mas é na definição de *awareness* proposta por Chalmers (2002)⁹² que Hermida busca sustentação para o seu modelo: "a contínua interpretação de representações, isto é, da atividade humana e de artefatos" (CHALMERS, 2002, p. 389). Chalmers propôs uma discussão sobre "como a representação e a interpretação afetam o grau e o caráter de consciência (*awareness*) oferecidos por sistemas informatizados" (2002, p. 381). Ou seja, ele estava interessado em saber como as escolhas feitas por desenvolvedores na hora de construir seus sistemas seriam capazes de afetar a consciência dos usuários daquele sistema, tanto em relação a outros usuários como em relação a pedaços (artefatos) de informação em circulação. Para isso, ele criou o Recer, um programa capaz de rastrear atividades dos *browsers* e dos editores de texto de um grupo de usuários, oferecendo recomendações de URLs e arquivos que pudessem ser úteis e que refletissem os padrões de atividade anteriores do próprio grupo (CHALMERS, 2002, p. 381). Ao observar os usuários no sistema, o Recer forneceria informações para deixá-los conscientes do que o grupo inteiro fazia.

A partir desse entendimento, Hermida sugere alçar o sistema de microblogs pessoais, como o Twitter era definido na época, à condição de um "*awareness system*". Este sistema é caracterizado por uma natureza "ampla, assíncrona, leve e *always-on*" que "permite aos cidadãos manter um modelo mental das notícias e dos eventos ao seu redor" (HERMIDA, 2010, p. 301). Nele, o valor das informações é definido "menos por cada fragmento individual de informação, que pode ser em si insignificante ou ter validade limitada, e sim por um efeito combinado da comunicação" (2010, p. 301).

Essas características desafiam o modelo jornalístico orientado por conteúdos (HERMIDA, 2010, p. 301), tirando importância da notícia como um conteúdo que cristaliza em um formato (texto, vídeo, áudio) e de maneira clara uma composição que tem começo, meio e fim - cujo modelo é o desenvolvido pelo jornalismo impresso ao longo do século 20⁹³.

⁹² Essa definição apareceu em uma edição de 2002 da revista *Computer Supported Cooperative Work* dedicada à *awareness*. No prefácio, os editores diziam estar testemunhando "um crescente interesse entre cientistas da computação e designers em desenvolver tecnologias que possibilitem a *awareness*, e permitam indivíduos a sistematicamente modificar a percepção dos outros e de seus respectivos ambientes" (SCHMIDT et.al, 2002, p. 3). Circulava nas ciências da computação uma necessidade de compreender melhor como desenvolver a ideia de atualização de status entre atores conectados em rede, funcionalidade essencial para a comunicação remota.

⁹³ Saltzis (2012), por exemplo, observou a incompatibilização da cobertura jornalística a partir do formato notícia com a dinâmica emergente do *breaking news* descrita por Hermida. Ao analisar 44 *breaking news* de seis sites jornalísticos britânicos entre 2009 e 2011, ele verificou que as matérias redigidas para noticiar o *breaking*

No *awareness system*, a ordenação que permite o entendimento se dispersa. A notícia não é mais necessariamente definida pelos conteúdos em circulação de maneira individual, ordenada e hierarquizada. Ela passa a emergir de um entendimento obtido pela composição dos fragmentos em circulação realizado por quem está no *awareness system*.

Hermida dá a esse *awareness system* o nome de "*ambient journalism*" (HERMIDA, 2010). Traduzindo livremente, "jornalismo ambiente". Mas para uma melhor compreensão do seu propósito, talvez a melhor tradução para *ambient* seja atmosfera. Uma condição em que o jornalismo deixa de emitir fragmentos informacionais a um ambiente informacional para englobá-lo. Ou para talvez ser englobado por ele. Em uma metáfora semelhante à de Hermida, e já citada nesta tese, Deuze (2014) ajuda a entender a proposta de *ambient journalism* ao sugerir que, atualmente, "a mídia é para nós como a água é para o peixe" (DEUZE, 2014, p. 5)⁹⁴.

Assim, para Hermida, o Twitter é um ambiente propício para que os indivíduos mantenham consciência tanto das atividades dos outros usuários quanto das informações circulando neste *awareness system*. Mas ao contrário do Recer de Chalmers, cujos testes foram feitos em ambientes restritos, no Twitter, a grande quantidade de usuários e, portanto, de informações geradas por eles e coletadas e pelo próprio sistema, é imensa. O usuário se vê em meio a um fluxo constante de atualizações oriundas dos outros usuários e de seus respectivos ambientes informacionais. A *awareness* sobre o que acontece se transforma em uma possibilidade contínua e infinita que se cristaliza não em função de uma única atualização, mas a partir da atmosfera que o fluxo de informações proporciona.

O Twitter se torna um sistema onde as notícias são publicadas, disseminadas e compartilhadas em pequenas, rápidas e frequentes mensagens. Isso cria um ambiente de sistema midiático que mostra informações de maneira abstrata em um espaço ocupado pelo usuário. Nesse sistema, o usuário recebe informações na periferia da sua consciência. Um *tweet* único não requer a atenção cognitiva necessária para ler um email, por exemplo. O valor não está em cada fragmento individual de notícias e informações, mas sim no retrato mental criado por um número de mensagens durante um período de tempo. Eu descrevo isso como jornalismo ambiente - um sistema de consciência que oferece diversos meios de coletar, comunicar, compartilhar e mostrar notícias e informações, servindo a diversos propósitos (HERMIDA, 2010, p. 301).

news paravam de ser atualizadas à medida que o fato em questão ia tendo novos desenvolvimentos. A cobertura se espalhava pelos sites por meio de pequenos fragmentos, muitas vezes deixando a notícia principal sobre o acontecimento para trás, desatualizada. A incompatibilidade do formato notícia com o *breaking news* será explorado na Linha 3.

⁹⁴ Embora façam referência ao mesmo contexto, a leitura de Hermida é mais específica que a de Deuze. Este enxerga a "vida na mídia" como "uma consciência crescente de que a compreensão da vida cotidiana não pode ser separada de uma apreciação do papel formativo que a mídia desempenha" (DEUZE, 2014, p. 8). Faz referência, portanto, a uma visão mais geral do papel atual da mídia na vida das pessoas. Hermida, por sua vez, quer entender as mudanças pelas quais passa o jornalismo como parte dessa "vida na mídia".

O "retrato mental" de Hermida se transforma no "estado idealizado" de entendimento sobre uma situação de Vieweg et al. durante eventos de crise, uma *situational awareness*.

Uma *situational awareness* se forma quando, no Twitter, múltiplos sujeitos emitem sentidos, "sinais" a respeito de um acontecimento. Esses "sinais" recebem a mediação do Twitter, que coloca em prática o seu programa de ação. Ou seja, molda esses sentidos de forma que eles atuem de determinada maneira - mensagens de até 140 (280) caracteres facilmente lidas, interpretadas e por isso passíveis de rápida recirculação. A natureza da associação entre o sujeito emissor do sentido e o meio proporcionado pelo Twitter se assemelha a um pulso. A natureza do acontecimento acelera pulsação e determina a formação da rede, que pode aumentar e diminuir de tamanho dependendo da constante negociação dos sujeitos a respeito dos níveis de extraordinariedade do fenômeno original. Quanto mais extraordinário este fenômeno, mais rápido será o pulso oriundo da rede formada pelo sinais do *event-driven news* e mais rápido se formará a atmosfera que permitirá um observador perceber, ter consciência do que está acontecendo. Desse modo, a *situational awareness* se transforma, na percepção de quem observa, na materialização possível da rede heterogênea, ou seja, da rede ator-rede do ciberacontecimento *breaking news*. A *situational awareness* é a consciência da existência dessa rede, o "retrato metal" das associações do ciberacontecimento *breaking news*.

Buscando referência no modelo teórico-metodológico construído no capítulo 3, a emergência da *situational awareness* encontra paralelo com a passagem no Movimento 1 (item 2.2.3) para o Movimento 2 (item 2.2.4) do ciberacontecimento *breaking news*.

O ritmo imprevisível da pulsação da *situational awareness* faz referência, repito, à natureza do fenômeno original e da interpretação que os sujeitos fazem dele. O resultado dessas interpretações emerge em manifestações narrativas. Essas manifestações, ou seja, os sinais oriundos dos eventos, nem sempre são baseadas nas formas hegemônicas de representação. Às vezes, elas flertam com o caos, pressionando as práticas jornalísticas que delas dependem para construir a sua própria narrativa. Nos artigos analisados, isso aparece quando os atores jornalísticos entram em fricção com as narrativas alternativas oriundas de sujeitos externos ao sistema jornalístico. Quanto mais extraordinário é o evento, mais ele afeta os sujeitos, mais sentidos são emitidos, mais rapidamente a rede da *situational awareness* pulsa, e mais as narrativas que dela emergem flertam com o caos⁹⁵.

⁹⁵ Aqui, como observado na primeira parte da tese, caos tem o sentido de diferenças que trazem a instabilidade de um sistema. Conforme o dicionário Houaiss, caos é "comportamento de um sistema dinâmico que evolui no

Essa fricção pode ser observada a partir da ideia de "*conflictual media events*" ("eventos midiáticos conflituosos"), trazida por Mortensen (2015) para analisar a cobertura do atentado à maratona de Boston, em 2013. Considerado um evento "divisor de águas" para a participação efetiva do público durante a cobertura jornalística de um *breaking news* (HADDOW; HADDOW, 2014, p. 137), as explosões em um dos eventos esportivos mais populares dos Estados Unidos ajudam a ilustrar como o processo evenemencial do ciberacontecimento pode se direcionar para o caos ao pulsar nas redes.

"*Conflictual media events*" é uma das tipificações⁹⁶ propostas por Couldry e Hepp (2010) para atualizar a definição de *media events* de Dayan e Katz (1992). À esta proposta, Couldry e Hepp adicionam que os *media events* contemporâneos são marcados por uma "ampla e diversa multiplicidade de audiências e participantes" (HEPP; COULDRY, 2010, p. 12). Essa atualização objetiva dar conta de uma atual cultura midiática "cada vez mais heterogênea, descentralizada e globalizada" (MORTENSEN, 2015, p. 539).

Assim, *conflictual media events* foram definidos como "ataques terroristas, desastres e guerras midiáticos" (HEPP; COULDRY, 2010, p. 12). Mortensen (2015) amplia esta curta definição ao dar ênfase no conflito e na midiática. Segundo ela, os efeitos da midiática nos *conflictual media events* são profundos (MORTENSEN, 2015, p. 540). Em um ambiente de convergência tecnológica, os diversos atores envolvidos no acontecimento incorporam ações e estratégias típicas dos meios de comunicação. A emissão de sentidos desses atores molda o desenrolar do acontecimento, assim como as respostas a este desenrolar, dinâmica marcada pela recursividade. "[E]ventos midiáticos se tornam mais imprecisos quando *on-line*. Torna-se cada vez mais difícil de determinar como, quando e onde sua produção/recepção começa e termina" (MORTENSEN, 2015, p. 540).

A título de ilustrar a reflexão aqui proposta, o "conflito" dos *conflictual media events* poderia ser deslocado para definir não apenas a natureza do evento, mas também a tensão inerente ao convívio entre as rotinas e práticas jornalísticas e as narrativas de outros atores durante o processo evenemencial de um *breaking news*. Os episódios extremos de desinformação ocorridos durante a cobertura das explosões de Boston servem como exemplos de como o pulsar da rede ator-rede pode, muitas vezes, estabelecer planos de consistência

tempo, de acordo com uma lei determinista, e é regido por equações cujas soluções são extremamente sensíveis às condições iniciais, de modo que pequenas diferenças acarretarão estados posteriores extremamente diferentes" (HOUAISS, 2009, p. 390).

⁹⁶ As outras duas tipificações propostas por Couldry e Hepp são "*ritual media events*" ("eventos midiáticos rituais") e "*popular media events*" ("eventos midiáticos populares").

narrativa que rumam ao caos. A *situational awareness* oferece um "retrato mental" cuja representação se distancia do fenômeno original, dificultando o trabalho jornalístico.

Após chamar a atenção para o surgimento do *ambient journalism*, Hermida (2012) salientou que "a emergência do Twitter como fonte para *breaking news* e a velocidade na qual a informação é distribuída em rede estão inserindo tensão nas práticas jornalísticas estabelecidas" (HERMIDA, 2012, p. 661). Ele observou que esta tensão estava gerando uma negociação entre "verificação e publicação" (2012, p. 663) nas organizações jornalísticas. Outros artigos analisados reforçam esta percepção a partir das discussões que orbitam a expressão "*breaking news*". Mortensen (2014) demonstrou como os profissionais do fotojornalismo tendem a ter aversão ao fotojornalismo cidadão. Smith e Sissons (2016) procuraram entender os desafios da apuração jornalística na era digital a partir de um erro cometido por um jornal neozelandês. Brandtzaeg et al. (2016), por sua vez, chegaram à conclusão que os jornalistas precisam de ajuda para atualizar suas rotinas de verificação e para organizar a avalanche de conteúdo oriundo das redes sociais. Já Johnston (2016) demonstrou como o conteúdo de usuários moldou o trabalho dos jornalistas da *BBC* durante a cobertura da guerra na Síria, exigindo atualização das técnicas de verificação.

Embora não necessariamente relacionados a um processo evenemencial de um *breaking news*, esses trabalhos contextualizam o "conflito" entre o jornalismo e os sentidos oriundos de outros sistemas de significação, que circulam na semiosfera durante um cibercontecimento. Além disso, (re)atualizam a crítica que Lewis e Cushion (2009) e outros pesquisadores fizeram ao processo de aceleração do noticiário alguns anos antes.

Mas nem sempre essa tensão é necessariamente ruim. O caos, como uma guinada ao diferente, também pode ajudar a reinventar e aperfeiçoar as práticas jornalísticas com vias de atuar em um ambiente marcado pela complexidade. A pulsação que desterritorializa o jornalismo também oferece elementos para uma reterritorialização, clama por devires narrativos atentos às possibilidades e demandas deste ambiente, como foi demonstrado no Movimento 3 do processo evenemencial do cibercontecimento *breaking news* (item 2.2.5).

A tensão que estrutura o cibercontecimento *breaking news* (Linha 1) atravessa, dessa forma, sua anatomia e marca a sua dinâmica (Linha 2) ao evidenciar a dificuldade do jornalismo em estabelecer as mediações que dele se espera no complexo cenário de um *breaking news*. Esta tensão expõe as entranhas do jornalismo, abre a caixa-preta que estabelece suas práticas. Na Linha 3, busco evidenciar, a partir dos trabalhos analisados, como o jornalismo responde a esta tensão ao encontrar novas possibilidades narrativas que considerem novas táticas de mediação.

7.3.3 Linha 3, a cartografia

Ao descrever a dinâmica do ciberacontecimento *breaking news* (Linha 2), observei que a velocidade com que uma grande quantidade fragmentos informacionais vêm à tona durante momentos de *breaking news* faz este momento se assemelhar a uma pulsação. Em sua totalidade, este pulso possibilita a formação de uma *situational awareness* sobre o desenrolar do acontecimento. Este "retrato mental" do processo evenemencial é formado pelo grande fluxo de informações em circulação. Essas informações podem (ou não) ter interesse jornalístico. Podem (ou não) ajudar a saber e compreender o que está acontecendo.

Por sua natureza volátil, esse fluxo de informações coloca em xeque uma abordagem jornalística baseada na ideia de *event-as-news* e inviabiliza a utilização do formato clássico de notícia como suporte narrativo. O encontro da natureza dinâmica do *breaking news* com um ambiente propício à circulação acelerada de pequenos pedaços de informação não obtém, em geral, respaldo em estratégias pré-concebidos de aproximações ao acontecimento e nem no produto notícia em seu formato mais tradicional. A *cristalização* da ideia do triângulo invertido em *um texto* que procura gerar um entendimento sobre um evento que já está no passado perde força, ou se transforma⁹⁷, pois o jornalismo precisa dar conta do evento no presente, enquanto ele acontece, em um processo evenemencial cujo rumo é imprevisível.

A Linha 3 busca localizar, nos estudos analisados, indícios do definido no capítulo 4 como “agir cartográfico”. Uma prática que, a partir do reconhecimento da inserção do jornalismo na produção dos acontecimentos, busca dar conta das diferenças que emergem em um ciberacontecimento. Essa prática se baseia no conceito de *gatewatching* e tem na curadoria de conteúdo seu paradigma de atuação. A análise quer perceber como o jornalismo busca estabilização sistêmica procurando adaptar seus valores em práticas capazes de dar conta desse ambiente conturbado que emerge durante um processo evenemencial em rede.

Assim como nas outras Linhas, o método que conduz a costura da Linha 3 foi procurar, nas discussões que orbitam a expressão *breaking news* nos artigos, conexões com um determinado tipo de fazer jornalístico capaz de dialogar com a proposta desenvolvida na primeira parte da tese. Nesse sentido, os trabalhos de Muthukumaraswamy (2010), Saltzis (2012), Heinrich (2012), Kristensen e Mortensen, e Marchionni (2013) aparecem como eixos

⁹⁷ Não que o triângulo invertido deixe de existir. É a sua cristalização em determinado formato (texto, áudio) que perde importância. Em função disso, o seu pressuposto, ou seja, a lógica de ordenamento das informações que possibilitam a compreensão de determinado fato, se fragmenta e perde materialidade devido à natureza do processo evenemencial em rede.

da discussão. Nesta Linha, mais do que nas outras, faz sentido uma abordagem cronológica, já que é possível notar uma evolução das técnicas narrativas e das ferramentas utilizadas.

O artigo de Muthukumaraswamy (2010), por exemplo, não trata diretamente de *breaking news*, sequer de coberturas jornalísticas ao vivo na internet. Mas sua contribuição ajuda a pensar sobre o agir cartográfico a partir da sua proposta de tipificação dos primeiros experimentos de *crowdsourcing on-line* para notícias. Ao analisar iniciativas jornalísticas de coleta de informações do dia a dia até esforços mais especializados, a autora demonstra como essa prática pode fazer diferença para uma cobertura e para as pessoas. À época, pulsava a ideia de que a sabedoria da multidão é potencialmente maior do que o conhecimento de um especialista ou jornalista. Caberia ao jornalismo desenvolver a capacidade de acioná-la.

Em sua análise, Muthukumaraswamy (2010) explorou os resultados de cinco diferentes projetos de *crowdsourcing* (quatro norte-americanos e um britânico) entre 2006 e 2007. Em geral, os projetos demonstraram um amadurecimento da participação do público (2010, p. 58), mas ela notou que o trabalho de "juntar as peças" (2010, p. 59) ainda era do jornalista. E também que, "mesmo implementado com sucesso, o jornalismo *crowdsourcing* levanta questões sobre o compromisso com a precisão e com a credibilidade, em função do envolvimento de não-profissionais" (MUTHUKUMARASWAMY, 2010, p. 59).

Embora ainda centralizado no jornalista e levantando questões a respeito da credibilidade, a participação do público através de iniciativas *crowdsourcing* já apontava indícios das características que seriam importantes nos momentos de *breaking news on-line*.

No seu esforço de tipificação, Muthukumaraswamy analisou iniciativas de coleta de informações do dia a dia, como um mapa com preços de determinado alimento em uma região de Nova York (MUTHUKUMARASWAMY, 2010, p. 51), até esforços mais especializados, como o realizado pelo *Talking Points Memo (TPM)*. Em 2006, o blog fundado seis anos antes por Joshua Marshall pediu que sua audiência ajudasse a mapear demissões de procuradores em estados norte-americanos, o que resultou em um furo envolvendo a administração Bush (MUTHUKUMARASWAMY, 2010, p. 52).

Em comum, os resultados mostraram o poder que a consolidação de partículas de informação pode ter em uma cobertura jornalística. Além disso, dão indícios de características importantes para o desenvolvimento desse tipo de atuação por parte dos profissionais. Ao analisar o esforço de *crowdsourcing* conduzido pelo blog *TPM*, por exemplo, a autora sintetiza uma habilidade de Marshall, descrita por um dos seus editores da época, que viria a ser determinante na evolução da relação do jornalismo com o público.

[Marshall] tem uma relação com os seus leitores que é bem diferente da relação de um jornal com seus leitores. É bem menos abstrato. É mais pessoal, o que eu quero dizer é que não só tem relação com a sua vida pessoal - ele posta fotos dos seus filhos, por exemplo -, mas também que os leitores acabam conhecendo [e confiando] no seu julgamento. (MUTHUKUMARASWAMY, 2010, p. 53).

A análise mostra que o uso de um método de trabalho, privilegiando o saber de outras pessoas "reforça a ideia de que parte do trabalho dos jornalistas num esforço *crowdsourcing* é organizacional na medida em que eles buscam conteúdo de múltiplas fontes" (MUTHUKUMARASWAMY, 2010, p. 56). Além disso, sublinha a importância de determinada postura do profissional jornalista responsável por realizar essa mediação, como deixa evidente a descrição do perfil de Joshua Marshall.

É verdade que Muthukumaraswamy se debruçou sobre esforços pontuais e controlados de *crowdsourcing* jornalístico. As iniciativas analisadas por ela buscaram o auxílio do público a partir de práticas jornalísticas estabelecidas. Já no ambiente que emerge de um *awareness system*, como é o Twitter, essas práticas perdem força porque a participação de múltiplos sujeitos ocorre não só em um produto, como uma reportagem ou uma notícia, mas nos momentos anteriores à cristalização de uma narrativa jornalística. E sem que a sua participação tenha sido solicitada ou induzida por alguma prática jornalística.

A lógica, portanto, se inverte. Ao invés de pensar o *crowdsourcing* a partir dos processos jornalísticos, a ideia de *ambient journalism* sugere um tensionamento e uma consequente adaptação das práticas e dos produtos a partir do que acontece no *awareness system*. Especialmente durante *breaking news*, que já havia encontrado neste ambiente um local ideal para propagação, onde o público ajudava a acelerar ainda mais o noticiário.

A desestabilização causada por essa aceleração atingiu não apenas o processo de produção da notícia, mas também o seu formato tradicional. Foi essa a conclusão a que chegou Saltzis (2012) ao analisar 252 atualizações de 44 acontecimentos *event-driven* noticiados por seis veículos *on-line* britânicos, entre 2009 e 2011. Ele verificou que, "apesar do argumento de que as notícias *on-line* possuem um caráter mais permanente do que suas versões em rádio e TV, elas parecem estar sendo tratadas como itens com vida curta pelas organizações de notícias" (SALTZIS, 2012, p. 708). As atualizações se davam, em geral, nas primeiras horas de cobertura, e de maneira abundante, às vezes minuto a minuto, em um ritmo difícil ser notado pela audiência (SALTZIS, 2012, p. 709). Depois, eram deixadas de lado.

Saltzis sugere que a notícia, transposta para o *on-line* da maneira como era produzida e desenhada no papel, estava obsoleta (2012, p. 703) e diz que o jornalismo *on-line*, até aquele momento, não havia se dedicado muito à noção de que ela estava mudando para algo em

fluxo, contínuo. Era preciso rever o que o jornalismo considera uma "*final news story*" (2012, p. 703). Além disso, no meio *on-line*, o produto jornalístico deixaria de ser uma entidade fixa, tornando-se, muitas vezes, não algo certo e confirmado, mas o que os jornalistas sabem ou não em determinado momento da cobertura - especialmente durante eventos *breaking news*.

O diagnóstico de Saltzis encontra uma constatação de Newman (2009) retomada por Hermida (2012): a emergência do *live blog* como uma adaptação encontrada pela prática jornalística para dar conta do fluxo informacional do *ambient journalism*. O formato procura cristalizar o "modelo mental" de notícia que circula em um *awareness system* como o Twitter. Hermida ressaltou que o formato *live blog*, tido como uma das grandes inovações de 2010 segundo Nic Newman, seria a alternativa melhor para dar conta do *ambient journalism*:

o formato é mais colaborativo, distribuído, fluido e menos centrado no autor que os outros formatos de jornalismo. O intento jornalístico por trás de uma página de ao vivo não é produzir uma versão definitiva e autoritária de um evento, mas fornecer um mecanismo para refletir sobre 'a verdade em desenvolvimento e todas as suas formas'. (HERMIDA, 2012, p. 664).

Citando uma entrevista com o Matthew Weaver, editor do *live blog* do *The Guardian* durante a cobertura do terremoto do Haiti, realizada por Bruno (2011), Saltzis apontou que as audiências têm uma expectativa diferente do *live blog* quando comparado ao formato de notícia tradicional. "Em um *live blog* você está deixando o leitor a par do que está acontecendo, dizendo o seguinte: 'olha, nós vamos deixar você acompanhar o processo de apuração. Tem um senso de fluidez no que está acontecendo'"⁹⁸ (BRUNO, 2011, p. 44).

Com tais características, o formato *live blog* acabaria por ressaltar as constatações de Muthukumaraswamy (2010) a respeito do perfil do jornalista envolvido em esforços de *crowdsourcing*. Alguém capaz de organizar informações e principalmente disposto a estabelecer relações com atores querendo ajudar a compor a construção noticiosa. Especialmente, dividindo e distribuindo os processos que esse tipo de construção acarreta.

No entanto, diz Hermida, não havia indícios de que o jornalismo estava abrindo mão da jurisdição sobre a produção noticiosa. Havia, sim,

⁹⁸ Mais tarde, esse *modus operandi* evoluiu para conteúdos em que os jornalistas relatam "o que sabem" e "o que não sabem" a respeito do evento em andamento. As experimentações narrativas e de tratamento das informações ainda não confirmadas têm no *live blog* o seu *habitat* natural. Mas também apareceram em outros formatos, como a matéria do site Quartz que o texto muda de cor de acordo com o grau de precisão das informações a respeito de um serviço da HBO. Embora não se trate um evento extraordinário, o exemplo do Quartz ilustra a maneira como o jornalismo vem tratando a necessidade de lidar com a flutuação dos níveis de certeza em relação a determinadas informações que circulam na rede durante o desenrolar dos acontecimentos em rede. O conteúdo do Quartz pode ser encontrado na URL: <http://bit.ly/2EoGSVn>. Acesso em 13 fev 2018.

poucos sinais de que os jornalistas, como profissão, tenham abraçado a noção de compartilhamento de jurisdição sobre as notícias e sobre o processo de verificação. Em vez disso, pesquisas apontam que os veículos tradicionais adotaram um modelo oportunista, colocando informações de mídias sociais para preencher uma necessidade informacional de um local até que um profissional chegue em cena, horas ou dias depois. (HERMIDA, 2010, p. 664).

A crítica de Hermida era oriunda de outra percepção em relação ao ambiente informacional que tem no *live blog* o seu formato narrativo. A de que, com a consolidação de sites de redes sociais como o Twitter, a tarefa do jornalismo de cristalizar os fatos em uma narrativa que tenta dar conta da realidade ficaria mais complexa. A interface leve e dinâmica do Twitter e a possibilidade que ele oferece de replicação de postagens potencializou a capacidade já existente de pessoas comuns e vozes alternativas difundirem suas percepções do mundo. Se a internet ofereceu um canal e ferramentas para qualquer pessoa falar o que quisesse, o Twitter permitiu que essas falas deixassem seus guetos digitais e fizessem parte de uma discussão potencialmente global. Para Hermida, seria interessante que o jornalismo abraçasse as possibilidades oferecidas por esse cenário.

Ao jornalismo, defendeu Hermida, o Twitter permitiu o acompanhamento de acontecimentos e a construção das notícias a partir de um número maior de vozes do que tradicionalmente. O "jornalismo tradicional define fato como informações e aspás oriundas de fontes oficiais, o que, por sua vez, forma a maioria da vasta quantidade de notícias e conteúdo informativo" (HERMIDA, 2010, p. 298). Com a nova possibilidade aberta pelo Twitter, ganhava espaço uma noção de fato jornalístico construída com uma variedade maior de fontes, não apenas as oficiais, e cujo *modus operandi* salientava a capacidade que o jornalista teria de circular por entre essas fontes e organizar as informações por elas disponibilizadas. Ferramentas como o Twitter permitiram facilitar "a disseminação não mediada de fragmentos digitais de notícias e informações de fontes oficiais e não oficiais a uma variedade de sistemas e aparelhos" (HERMIDA, p. 298). Isso forneceria "aos jornalistas formas mais complexas de compreensão e divulgação sobre as sutilezas da comunicação pública" (HERMIDA, p. 298).

Heinrich (2012) ratificaria a impressão de Hermida ao refletir sobre a cobertura internacional em tempos de jornalismo em rede (HEINRICH, 2011). Pensando a partir de uma mudança de paradigma em relação ao local e o global baseada em Castells (1999), no sentido que nada, daquele momento para frente, no planeta seria limitado a um evento local, Heinrich afirma que isso escancarou a dificuldade da mídia tradicional de oferecer variados pontos de vista, de visões de mundo. Já não bastaria a ideia da imprensa baseada no conceito estado-nação, aquela que noticia um evento global a partir das perspectivas dos seus

concidadãos. A emergência de ambientes como o Twitter adicionaria um elemento de caos nas práticas jornalísticas. Mas seria um caos bom, pois demandaria abertura dos veículos, o que significa transformar as aproximações tradicionais quanto a apuração, produção e disseminação de informações, além de acelerar a competitividade e a cooperação.

Ela usa como exemplo as manifestações na praça Tahrir, no Egito, durante a Primavera Árabe. Naquele momento, diversos tipos de atores estavam reunidos em um mesmo local, noticiando os acontecimentos a partir de pontos de vista diferentes. Havia veículos internacionais, como a *CNN* e *BBC*, redes de TV da região, como a *Al Jazeera*, e também blogueiros e ativistas locais. Todos lançando informações no Twitter. "Todos contribuíram para um mix de perspectivas ao contextualizar os eventos. Cada um adicionou uma peça a uma história complexa e em desenvolvimento. [...] colocadas juntas, essas peças formam um mapa complexo do evento noticioso" (HEINRICH, 2012, p. 768).

Heinrich cita o jornalista Andy Carvin como alguém que entendeu a dinâmica informacional emergente das possibilidades oferecidas pelo Twitter, incorporando e fazendo avançar as características de um jornalismo relacional apontadas por Muthukumaraswamy (2010). Ao cobrir os levantes no norte da África a partir do escritório da Rádio Pública dos Estados Unidos (*NPR*) utilizando basicamente a sua conta no Twitter, Carvin adaptou suas práticas à natureza da plataforma e às circunstâncias de trabalho para dar vida à ideia de jornalismo transnacional. Longe do local dos fatos, Carvin buscou, nas informações que emergiam nas redes, subsídio para construir sua própria narrativa. Essa narrativa foi construída conectando os nós das redes que se formavam a partir do pulsar dos ciberacontecimentos *breaking news* em cada país, em cada cidade, cada bairro envolvido no levante. Ao fazer essas conexões, sua narrativa se incorporava à dos participantes, trazendo para dentro do discurso jornalístico construído em tempo real o flerte com o caos e a possibilidade de renovar a si próprio. Para Carvin, a Primavera Árabe, para além do cenário geopolítico,

foi também uma revolução impressionante na maneira como um *breaking news* é noticiado ao redor do mundo – e sobre quem controla as notícias. Com incontáveis revolucionários usando a Internet como parte dos seus protestos, qualquer um *on-line* poderia ter acesso direto às notícias, momento a momento – sem filtros, sem rodeios, sem atraso. Os veículos de mídia não tinham mais o monopólio da reportagem internacional; as pessoas no Twitter ou no Facebook poderiam se conectar diretamente à revolução de sua escolha (CARVIN, 2012, posição 122 de 8520).

A isto, ele acrescenta: para aqueles que “trabalham na mídia *mainstream*, o desafio foi combinar as forças do jornalismo tradicional com a natureza ‘Velho Oeste’ e em tempo real do cenário das mídias sociais” (CARVIN, 2012, posição 122 de 8520).

A atuação de Carvin, segundo Heirinch (2012, p. 773), levou a “prática jornalística na esfera do jornalismo em rede a um novo patamar: as fontes encontradas por meio das mídias sociais se tornam nós de integração informacional que potencialmente contribuem para um complexo mapa global noticioso”. Esse mapa é a materialização jornalística do estado de entendimento possível de um evento em desenvolvimento.

Sob o ponto de vista da análise aqui proposta, o exemplo de Carvin é a evolução da constatação de Muthukumaraswamy (2010) a respeito do perfil de Joshua Marshall à frente do blog *Talking Points Memo*, e da de Saltzis (2012) a respeito da desmaterialização do formato noticioso durante coberturas de *breaking news*. Isso porque Carvin abre mão da sua autoridade narrativa, preferindo ligar os pontos ao invés de construir uma narrativa da maneira tradicional. A desmaterialização da notícia em prol do “jornalismo de atmosfera” (HERMIDA, 2010), propiciado pelo Twitter, abre espaço para a narrativa dos outros, ou seja, de quem está envolvido diretamente com os acontecimentos. Nesse cenário, o jornalista Andy Carvin assume uma postura mais relacional, organizadora, do que propriamente de alguém autorizado, como profissional, a descrever o que acontecia durante a Primavera Árabe.

Vê-se, na dinâmica sublinhada por Heinrich a respeito do trabalho de Carvin, um paralelo com a resposta do jornalismo à tensão diagnosticada por Kristensen e Mortensen (2013) ao analisar a cobertura da morte de Gaddafi. Sem conseguir “controlar” o processo evenemencial a partir de uma lógica *event-as-news*, a cobertura *on-line* e impressa dos dois jornais dinamarqueses analisados pelas pesquisadoras (*Politiken* e *B.T.*) cedeu espaço, ao menos em termos de importância, para fontes amadoras. Por terem acesso a imagens e informações de primeira mão, elas se tornaram o pivô para a reconstrução do evento (KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013, p. 354). As “fontes de elite” (ou fontes institucionais, como especialistas e autoridades) foram incluídas como “metafontes”, em uma estratégia de “comentar, verificar e legitimar a informação visual e verbal fornecida por amadores” (2013, p. 354). Ainda que mais numerosas na análise (KRISTENSEN; MORTENSEN, 2013, p. 365), o principal objetivo dessas “metafontes” foi dar credibilidade às informações fornecidas pelas fontes amadoras, ajudando os jornalistas a verificarem a validade dessas fontes.

Ao mediar este diálogo, a prática jornalística acabou por estabelecer uma conexão entre as lógicas *event-driven-news* (a observação dos sinais oriundos do acontecimento) e *event-as-news* (a utilização de fontes institucionais para enquadrar o acontecimento) de

maneira a reconstruir o evento a partir da complexidade imposta pelo cibercontecimento *breaking news* da morte de Muammar Gaddafi – descrito na seção anterior.

Mas para conseguir noticiar eventos em tempo real a partir dessa complexidade, o jornalismo acaba, às vezes, flexibilizando alguns de seus valores básicos. Brandtzaeg et al. (2016), ao entrevistarem 24 jornalistas de 5 países diferentes a respeito do processo de apuração de informações oriundas das redes sociais, identificaram a existência de um dilema entre precisão e velocidade. Embora os entrevistados tenham afirmado a importância da apuração, "com a pressão para publicar notícias enquanto os eventos acontecem, a verificação nem sempre é considerada factível" (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 10).

Sobre isso, novamente o exemplo de Carvin é capaz de ilustrar o “agir cartográfico”. Impossibilitado de verificar por si as informações que emergiam dos confrontos da Primavera Árabe, o jornalista transformou a própria rede do cibercontecimento *breaking news* em um instrumento de verificação. Carvin utilizou as diferenças encontradas nas partículas individuais de informação, mesmo que ligadas à maneira como cada sujeito enxergava e/ou experienciava determinado acontecimento, como elementos que pudessem tecer uma narrativa comum, carregada de valores universais. Em outras palavras, ancorou a verificação, um dos principais ativos jornalísticos, no *crowdsourcing* – sem que isso significasse flexibilizá-la⁹⁹.

O que ele fez foi adaptá-la ao Twitter e o seu “jornalismo de atmosfera” (HERMIDA, 2010), como exemplifica Jarvis no texto que abre o livro *Distant Witness*, em que Carvin (2012) relata sua experiência na Primavera Árabe. Neste prólogo, Jarvis (CARVIN, 2012, posição 69 de 8520) afirma que Carvin soube usar seu contato nos países em conflito para ajudá-lo verificar quem estava *in loco* e quais informações poderiam ser confiáveis. Soube diferenciar o que é um nó e o que é a rede: “a pessoa que ele conhecia era o nó e as pessoas que essas pessoas conheciam eram a rede” (CARVIN, 2012, posição 69 de 8520). Dizendo de outro modo, adaptou seus métodos de investigação à natureza do Twitter, fazendo as práticas jornalísticas emergirem do contexto oferecido pelo “jornalismo de atmosfera”. Isso fica mais claro quando Jarvis diz que Carvin o ensinou que quando alguém tuíta que algo está

⁹⁹ Mais tarde, o Eliot Higgins consolida em uma iniciativa chamada jornalística *Bellingcat* o que viria a se chamar *open source intelligence* (inteligência em código aberto, ou OSINT, na sigla em inglês). Em uma trajetória muito parecida com a de Andy Carvin, Higgins construiu uma trajetória como jornalista cidadão e blogueiro (originalmente, ele era um analista do mercado financeiro desempregado) ao cobrir a Guerra na Síria a partir de informações disponibilizadas nos sites de redes sociais, especialmente no Twitter, onde ele atuava sob a alcunha de Brown Moses. Mais tarde, já conhecido mundialmente, ele fundou o *Bellingcat*. Desde então, vem realizando um jornalismo cujo objetivo é realizar checagem de fatos utilizando técnicas de OSINT. Seu resultado mais reconhecido é um relatório que atribuiu aos rebeldes russos a responsabilidade pela queda do voo MH17, abatido em julho de 2014, durante os conflitos na Ucrânia. O relatório pode ser lido nesta URL: <http://bit.ly/1L8kywT>. Acesso em: 13 fev 2018. Mais informações sobre o *Bellingcat*: <https://www.bellingcat.com/>. Acesso em: 13 de fev 2018.

CONFIRMADO, assim, em caixa alta, como se gritasse, isso significa que esse sujeito deseja que este algo seja verdade (CARVIN, 2012, posição 81 de 8520).

Isso leva à outra grande habilidade de Carvin no Twitter: mobilizar sua comunidade para trabalhar em conjunto com ele. [...] ele é rápido em pedir aos seus seguidores no Twitter para traduzir vídeos de testemunhas; para confirmar a localização e o horário de um protesto; ou para cavar um conhecimento específico sobre, por exemplo, armamentos utilizados de um lado e de outro do conflito. Ele constrói uma rede de especialistas. (CARVIN, 2012, posição 81 de 8520).

Outro caso paradigmático para refletir sobre o agir cartográfico é o apresentado por Marchionni (2013). O artigo sobre a atuação do *Seattle Times* ao noticiar o assassinato de quatro policiais em 2009, vencedor do Pulitzer na categoria *breaking news* em 2010, já citado neste trabalho, foi uma tentativa de construir a cobertura aproximando a prática jornalística do público. A autora propôs uma teoria sobre o jornalismo conversacional ao aproximar o caso empírico de uma proposta experimental de análise criada pela própria autora em trabalhos anteriores. Segundo ela, o

jornalismo-como-conversaço se coloca em contraste à décadas de jornalismo tradicional como uma palestra, no qual o jornalista sozinho presumidamente sabe o que é notícia e conduz um monólogo junto ao público sobre assuntos que importam, ou talvez dialogue com fontes oficiais ou outros membros da elite. (MARCHIONNI, 2013, p. 253).

Uma das principais conclusões do estudo foi a necessidade de os jornalistas demonstrarem para o público a sua presença social, ou seja, que eles são pessoas de carne e osso. Isso significa, segundo a pesquisadora, saírem de trás do "véu da autoridade", assumindo menos uma postura de professores oferecendo um monólogo e mais um sujeito que esteja interessado em conversar e trocar informações com o público.

7.3.4 Linha 4, a expansão

A quarta categoria de segmentação tem inspiração nas linhas de fuga do rizoma de Deleuze e Guattari. Ela aparece quando as discussões e as definições orbitando a expressão “*breaking news*” nos artigos analisados flertam com a imprevisibilidade e com a criação, com a invenção. Quando elas aparecem, apontam para a desterritorialização do jornalismo. Remetem para um devir que escapa da hierarquização dos valores (valores-notícia, profissionais) e da estruturalidade das práticas. Por essa razão, causam tensão e incerteza.

Em um cibercontecimento *breaking news*, as linhas de fuga remetem, dependendo do ponto de vista, à expansão ou à porosidade das fronteiras do jornalismo. Remetem a uma ideia de jornalismo na qual a constante negociação dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos, entre diversos tipos de atores em rede, flexibiliza seus critérios; na qual a rápida pulsação do processo evenemencial em rede põe em xeque suas estratégias narrativas constituídas historicamente; e na qual a apropriação de um *modus operandi* midiático por atores conectados em plataformas dispersa suas práticas. A expansão ou porosidade de suas fronteiras depende da rigorosidade da definição de jornalismo, tanto em relação à ampliação de suas práticas, rotinas e formatos, no caso da primeira, quanto em relação à ampliação do número atores que narram e participam dos cibercontecimentos, no caso da segunda.

Em relação aos segmentos dos textos analisados, eles muitas vezes são o resultado do diálogo entre as três linhas anteriores, mas tem um tom analítico, conclusivo. Ou seja, podem falar sobre rotinas, práticas, formatos e plataformas narrativas ou sobre a aceleração do noticiário. A diferença em relação ao anotado nas outras três linhas é que, em geral, os segmentos da Linha 4 traçam determinadas considerações a partir do cenário exposto e/ou analisado nos artigos, projetando definições ou juízos em relação ao jornalismo.

Em função de apresentar caráter projetivo que flerta com o caos, fugindo do estabelecido, do estruturado, esses segmentos aparecem em menor número. E estão localizados na parte final do decênio analisado, muito em função da relação entre jornalismo, plataformas tecnológicas e os diversos atores conectados em rede. Possuem, em geral, um juízo de valor crítico, de alerta, característica que atribuo ao fato de se originarem, muitas vezes, das observações feitas por jornalistas cujo trabalho foi analisado pelos autores dos artigos, e também das considerações dos próprios autores.

Mais do que as outras linhas, a conexão dos segmentos da Linha 4 com a proposta teórico-metodológica do cibercontecimento *breaking news* não está dada, é, sim, construída a partir da inferências capazes de conectá-los à proposta do *Beyond Journalism*, apresentada no capítulo 5. A ideia é demonstrar como as constatações e as tensões que emergem dos trechos selecionados projetam um devir jornalístico que possui as características da abordagem desenvolvida pelos pesquisadores Mark Deuze e Tamara Witschge.

Em geral, essas linhas de fuga correm em paralelo com trechos dos artigos cuja natureza se aproxima da Linha 1, ou seja, fazem observações que remetem à estrutura do cibercontecimento *breaking news*. São as inferências que possibilitam visualizar essas linhas se despreendendo e projetando um determinado tipo de jornalismo que busca reequilíbrio

sistêmico, a partir de uma postura mais aberta em relação ao ambiente midiático predominante.

O estudo de Hatcher e Thayer (2016) é um exemplo. Os autores analisaram o ecossistema midiático de uma região que abrange duas cidades de médio porte do meio-oeste americano (Duluth, em Minnesota, e Superior, em Wisconsin), considerando-as como uma espécie de microcosmo do cenário jornalístico contemporâneo. Neste cenário, segundo os autores, a definição de jornalista se amplia para os indivíduos que “produzem informação pública de qualquer tipo”, no qual a definição de organização de notícias aponta para entidades que “produzem informação pública de qualquer tipo”, e onde a ideia de ecossistema midiático contemple uma “área geograficamente definida onde todos esses atores formam uma intrincada rede de informações” (HATCHER; THAYER, 2016, p. 1).

Os autores tinham basicamente três objetivos (HATCHER; THAYER, 2016, p. 2): 1) verificar como os jornalistas desse ecossistema enxergavam sua própria audiência; 2) observar de que maneira os jornalistas avaliavam as outras organizações jornalísticas, e se eles apontam variação nessa percepção a partir do tipo de organização (mídia tradicional *versus* jornalistas cidadãos, por exemplo); e 3) entender o quão receptivos os jornalistas eram em relação à ideia de colaboração, e quais fatores ajudariam a ampliar a rede do ecossistema.

Após mapearem as organizações, os autores promoveram, durante dois anos, encontros com os jornalistas da região para discutir colaboração. Na terceira fase do estudo, nove jornalistas foram entrevistados em profundidade. Esses jornalistas faziam parte de organizações de notícias regionais, controladas por grandes grupos midiáticos, até projetos editoriais pequenos, controlados por uma pessoa (HATCHER; THAYER, 2016, p. 7).

Os resultados demonstraram a relação entre a “estrutura” e a “fuga”. Em geral, os jornalistas se mostraram dispostos “a explorar maneiras de colaboração que permitissem suas organizações prosperar” (HATCHER; THAYER, 2016, p. 13). No entanto, características de um perfil profissional associado à construção histórica do jornalismo apareceram como fatores que travavam a possibilidade de construir um ecossistema midiático mais interconectado e colaborativo na região investigada – especialmente entre os representantes da mídia tradicional. Os fatores apontados foram competição entre organizações, preocupação com a credibilidade, medo de perder audiência e disputa por publicidade.

Para Hatcher e Thayer, “o desafio que existe neste ecossistema midiático é convencer as organizações de notícias que possuem as maiores audiências, a mídia tradicional, de que elas beneficiariam seus leitores ao informá-los a respeito de conteúdos produzidos por outras pessoas que não eles mesmos” (HATCHER; THAYER, 2016, p. 15). Os autores dizem que os

“proponentes de um jornalismo aberto”, por sua vez, estavam convencidos de que abraçar um jornalismo em rede seria uma maneira de gerar lealdade e engajamento por parte da audiência, o que, conseqüentemente, se converteria em mais fontes de receita e de publicidade. (HATCHER; THAYER, 2016, p. 15). Esse ecossistema em rede seria formado pela conexão entre pequenos veículos de nicho e os grandes veículos tradicionais, que se propõem a oferecer uma cobertura mais ampla da região e que, por essa razão, poderiam se beneficiar de conteúdos de assuntos específicos produzidos pelas organizações menores.

A linha de fuga para um jornalismo mais aberto estaria nas mãos dessas organizações especializadas e alternativas. Para os autores, essas mídias especializadas apresentam contextos e pontos de vista alternativos, inclusive durante eventos de *breaking news*, que a mídia tradicional em geral não aborda (HATCHER; THAYER, 2016, p. 16).

O descolamento de uma linha de fuga que vai para além de uma definição dura de jornalismo pode ser observada traçando um paralelo entre as conclusões de Hatcher e Thayer (2016) e as observações de Siegelbaum e Thomas (2016) a respeito de o quanto a realidade atual da profissão permite aos jornalistas exercerem a função social que eles consideram ter.

Em um trabalho que identificou a percepção que 15 jornalistas do meio oeste norte-americano tinham em relação à sua função social e o quanto a sua atuação conseguia cumprir essa função, Siegelbaum e Thomas (2016) apontam para a necessidade de se “observar para além das rotinas jornalísticas e em direção a uma estrutura que pode facilitar ou dificultar o tipo de jornalismo que a democracia exige” (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016, p. 15).

Essa conclusão vem da percepção dos entrevistados de que, da maneira como a atividade jornalística é realizada, está cada vez mais difícil cumprir a função normativa do jornalismo. Essa função normativa está ligada, em resumo, à proteção da democracia e do interesse público. E as causas dessa dificuldade, por sua vez, são atribuídas a fatores econômicos e tecnológicos, tais como demissões e diminuição das redações – esta justificada tanto pela questão financeira quanto pelas “reestruturações” exigidas pela digitalização.

Siegelbaum e Thomas refutam a ideia de que jornalistas têm dificuldades de se adaptar às mudanças. Eles os veem, na verdade, como a parte frágil de um sistema que dá, cada vez mais, oportunidades aos executivos que controlam o ambiente de trabalho jornalístico e as atividades nele realizadas – em detrimento da autonomia defendida pelos jornalistas para exercer sua função social. Esses profissionais seguem acreditando na sua função normativa, mas se veem incapazes de executá-la, o que leva os autores a constatarem uma quebra de unidade entre concepção e execução dessa função. (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016, p. 2)

Um editor assistente lamentou a constante atualização da pauta, composta principalmente de assuntos do dia e de *breaking news*, explicando: ‘Eu gostaria de não precisar mais cobrir essas histórias e focar nas minhas histórias de impacto. [...]’ Outro jornalista com cinco anos de experiência lamentou que o jornalismo contemporâneo estivesse focado demasiadamente em ‘histórias que geram muitos cliques e *page views*’. Essas histórias ‘não são, em geral, as histórias que me levaram à profissão’. (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016, p. 14).

A expressão “*breaking news*”, neste segmento, aparece relacionada ao contexto que impede os jornalistas de desempenharem sua função. Aqui, antes de adjetivar uma condição de trabalho lamentada pelos jornalistas entrevistados, ela aponta para uma das discussões sugeridas pelo artigo. É aí que entra, como linha de fuga gerada pela desterritorialização do jornalismo que emerge da fala do jornalista entrevistado, a necessidade de se rever rotinas e estruturas para que o jornalismo siga cumprindo sua função social. “Em outras palavras, nós precisamos dedicar nossas energias em descobrir uma estrutura que facilite a unidade entre percepção e execução da função normativa” (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016, p. 15).

A inferência feita aqui, utilizando para isso a discussão que orbita a expressão *breaking news* no artigo de Siegelbaum e Thomas, aponta para a necessidade de buscar uma definição de jornalismo capaz de facilitar a “unidade” entre a percepção que os jornalistas possuem da profissão (e da função social que ela deve exercer, segundo eles) e a prática dessa profissão (cujo objetivo é cumprir determinada função social).

Nas palavras de Witschge e Deuze, trata-se de aproximar a ideia que se tem de jornalismo da realidade da prática profissional. Mesmo que isso afrouxe o nó que mantém jornalismo e democracia, fazendo com que a definição da profissão se amplie, e muitas vezes apareça ligada às *smiling professions* (profissões felizes/sorridentes) de Hartley (2000, p. 44-45) – algo que não aparece nas conclusões de Siegelbaum e Thomas.

O que fica das observações colocadas por esses dois trabalhos é uma ponta solta que escapa dos cenários analisados por Hatcher e Thayer e por Siegelbaum e Thomas. Em ambos, as discussões em órbita da expressão *breaking news* apontaram para a existência de uma lacuna entre a percepção que os jornalistas entrevistados possuíam da sua própria atividade e as demandas impostas pelo contexto no qual eles estavam inseridos. Dessa lacuna emerge uma linha de fuga que vai para além da ideia estabelecida de jornalismo. No primeiro caso, é a emergência da colaboração. No segundo, a distância entre expectativa dos profissionais em relação à sua função social e as condições que o meio profissional oferece para realizá-la.

Implícita nessa linha de fuga há uma ampliação das fronteiras do jornalismo. Um alargamento que flexibiliza as amarras do discurso coerente que considera que o jornalismo é

algo bem definido. O que fica explícito, por sua vez, é a tensão que emerge das conclusões dos artigos em relação ao jornalismo estar *se tornando* algo diferente do que deveria.

Talvez o aspecto que mais evidencie a relação entre tensão e expansão gerando uma linha de fuga que desterritorializa o jornalismo seja a verificação/apuração – especialmente com a ascensão e a consolidação dos sites de redes sociais digitais como plataforma de distribuição de informações jornalísticas ou potencialmente jornalísticas. Tal constatação já aparecia nas discussões sobre *breaking news* realizadas ainda sob o âmbito da cobertura televisiva, como demonstra um trecho do artigo Marriott (2007).

Se de fato há uma tensão durante *breaking news* entre precisão e velocidade, entre verificação e declaração, então nós devemos esperar encontrar nessas circunstâncias que anúncios sejam gerados antes que eles possam ser sustentados pelo desenrolar dos acontecimentos ou pela propagação dos dados. (MARRIOTT, 2007, p. 700).

Nesse sentido, retomo a discussão proposta por Brandtzaeg et al. (2016), citada na seção anterior. Os autores observam que, em situações controversas, tais como *breaking news*, “as mídias sociais são particularmente propensas a serem usadas para propaganda e para a propagação de desinformação” (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 323-324). A cobertura do conflito na Ucrânia, em 2014, foi um exemplo dos desafios dessa ordem:

A tensão entre a necessidade de noticiar o *breaking news* enquanto ele acontece e a necessidade de verificar fontes e identificar seus papeis em um conflito é profunda. Os entrevistados descrevem como eles cruzam as informações com pesquisas no Google, investigam contas do Facebook e Twitter, e novamente consideram reforçar a confiabilidade de uma fonte nas mídias sociais se, por exemplo, um veículo credível e com reputação, como a *AP*, *New York Times* e/ou *BBC* incluem a mesma voz ou vozes similares em suas notícias. (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 330).

Essa realidade tensiona as rotinas de verificação consolidadas historicamente pelo jornalismo – sua prática se mostra limitada em um ambiente de rede em que as informações circulam em alta velocidade, desequilibrando a atuação jornalística, como demonstra o trecho acima. Um dado trazido por Brandtzaeg et al. (2016, p. 324), por exemplo, diz que 49% das pessoas nos EUA já haviam recebido uma informação sobre *breaking news* via redes sociais que veio a se mostrar falsa. Hermida (2010, p. 299) também sublinhou essa realidade ao relatar a preocupação de jornalistas com o fato de que “muitas das mensagens no Twitter são rumores sem substância e imprecisões absurdas emergem quando há um grande *breaking news*”. Mais tarde, Hermida confirmaria essa inquietação, destacando a emergência da tensão antecipada por Marriott. “O desenvolvimento do Twitter como um canal para *breaking news* e

o uso do material oriundo do público em publicações editadas profissionalmente colocam um dilema para uma profissão baseada na disciplina da verificação”. (HERMIDA, 2012, p. 663).

Dessa tensão emerge a necessidade de inovação, de reequilíbrio sistêmico, tal como constatam Brandtzaeg et al. na conclusão do artigo.

[...] nós acreditamos que as mídias sociais podem moldar a cultura jornalística, devido não apenas às demandas de publicação em um ritmo acelerado e à emergência de estratégias de verificação, mas também a como rumores e informações falsas transitam velozmente nas mídias sociais. Consequentemente, pode haver menos tempo para verificação de fontes, mas o risco de distribuir informações falsas ou imprecisas deve **forçar o jornalismo a uma direção de um entendimento e uma padronização maior das suas rotinas de verificação.** (BRANDTZAEG et al., 2016, p. 339, grifos meus).

O “forçar o jornalismo a uma direção” expõe a linha de fuga que emerge da relação entre tensão e expansão do jornalismo. A tensão fica explícita quando a limitação das rotinas se evidencia na descrição dos métodos de trabalho dos jornalistas entrevistados. A expansão pode ser acessada a partir de uma inferência que retoma a discussão sobre o trabalho de Andy Carvin da seção anterior. Isso porque a proposta de verificação colaborativa colocada em prática por Carvin rompe com a ideia de apuração tradicional ao dividir com atores da sua rede a tarefa de checagem. Essa linha de fuga encontra a proposta de Deuze e Witschge quando pensada a partir da perspectiva da “explosão” da redação: o centro nervoso onde o jornalismo acontece se distribui em uma rede pulsante que extrapola qualquer limite físico. A notícia, no caso, a confirmação do *breaking news*, se materializa a partir de uma série de relações, ou de associações em rede. O *breaking news* emerge como uma rede ator-rede.

Aciono o caso de Andy Carvin novamente porque ele é a cristalização de uma linha de fuga que rompe com o estabelecido e projeta um devir. Não por acaso, a experiência de Carvin durante a Primavera Árabe aparece citada em vários dos trabalhos artigos analisados aqui (ARTWICK, 2013; VIS, 2013; ARTWICK, 2014; BARNARD, 2016). Heinrich (2012), em seu trabalho sobre a reportagem internacional em tempos de jornalismo em rede, também já citado na seção anterior, diz que, “na época, a rede de fontes de Carvin bateu veículos de notícias tradicionais em *breaking news* e a profundidade da sua cobertura é admirável por ele trazer uma vasta variedade de perspectivas”. (HEINRICH, 2012, p. 773).

A experimentação de Carvin ganhou um nível de institucionalização no reported.ly, veículo cujo objetivo era realizar uma cobertura de assuntos globais a partir das conversações realizadas nas redes sociais digitais, citado no capítulo 5. Com o reported.ly, Carvin transferiu para a definição de um veículo de notícias o entendimento sobre a necessidade de abrir a

caixa-preta do jornalismo. Para ele, em um ambiente em que jornalistas e público potencialmente possuem condições semelhantes para acompanhar um fato, principalmente em coberturas globais, encarar a narrativa jornalística como uma conversação é um caminho natural. Impõe-se a necessidade de expor o processo de construção da notícia, inclusive deixando claro quais foram os erros cometidos no caminho. A diferença em relação ao seu trabalho durante a Primavera Árabe, é que agora não se tratava mais do “*one-man Twitter news bureau*” (FARHI, 2011), e sim de uma organização jornalística.

Na época do lançamento do reported.ly, Carvin escreveu um texto em que procurou explicitar os valores que guiariam as coberturas do novo veículo (CARVIN, 2014).

Nós acreditamos que convidar vocês para observar e participar do nosso processo de apuração ajuda a fortalecer nossos laços e criar um jornalismo melhor. [...] Nós vamos compartilhar nossas habilidades, nossa bagagem, nossas experiências e nosso conhecimento de braços abertos, e esperamos construir uma comunidade baseada na confiança, e que possa oferecer o mesmo também. [...] Seremos claros quando algo não estiver confirmado. O que nós discutimos nas mídias sociais não deve ser visto como as conclusões de uma reportagem; ao invés disso, é a abertura de uma conversa pública que nós esperamos que nos auxilie a separar fatos da ficção. Quando houver um rumor ou uma informação viral, nós não vamos fingir que eles não existem. Nós vamos abordá-los e explorá-los juntos. (CARVIN, 2014).

Pensando a partir da proposta teórico-metodológica do cibercontecimento *breaking news*, o reported.ly de Carvin aparece como a "franja de pré-individualidade" (KASTRUP, 2015, p. 96) do próprio jornalismo. Trata-se de uma reação do jornalismo às desterritorializações causadas pelas tensões que estruturam o cibercontecimento *breaking news* (flutuação dos níveis de extraordinariedade em função da ação de múltiplos atores na constituição do cibercontecimento e compreensão da limitação de determinadas práticas jornalísticas para dar conta deste cenário) cujo fim é a busca de reequilíbrio sistêmico. O efeito colateral desse flerte com o caos é a dificuldade de normalizá-lo. A institucionalização do tipo de jornalismo baseado em uma apuração centralizada durou pouco mais de um ano.

O que fica da experiência, e o que particularmente interessa a esta tese, é a expansão do jornalismo propiciada pela experiência de Andy Carvin durante a Primavera Árabe e depois à frente do reported.ly. Expansão que abre mais um ponto de conexão da evolução da expressão “*breaking news*” nos artigos analisados com a proposta de *Beyond Journalism* como parte da construção do cibercontecimento *breaking news*.

Essa conexão fica mais clara ao se observar o método de Carvin a partir da perspectiva da sociedade redacional (HARTLEY, 2000). O esforço para compartilhar a apuração jornalística, integrando nas rotinas de verificação atores não jornalistas, pode ser considerado

uma tentativa de integrar uma habilidade necessária para a “sobrevivência de qualquer pessoa na era digital” (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 9) às práticas profissionais consolidadas.

Nesse sentido, Carvin pode ser considerado um exemplo paradigmático em função da institucionalização desse comportamento. Mas o cerne da ideia de o jornalismo dialogar com a “sociedade redacional” de maneira mais sistemática pode encontrar no *live blog* uma linha de fuga. O princípio de funcionamento desse formato insere na prática jornalística tradicional uma semente de potencial disrupção. Potencial porque nem sempre consegue colocar em prática as possibilidades existentes na teoria.

Bennett, por exemplo, analisou o uso de páginas de ao vivo pela *BBC* britânica durante os ataques terroristas em Mumbai, em 2008, e durante a ação terrorista de Anders Breivik na Noruega, em 2011. Seu objetivo era verificar se a possibilidade de se realizar um “jornalismo ‘multiperspectivo’ (GANS, 2004) por meio da inclusão de fontes ‘não oficiais’” (BENNETT, 2016, p. 861) havia evoluído nos três anos que separam uma cobertura da outra.

A hipótese que guia o seu trabalho – e cuja discussão orbita a expressão “*breaking news*” no texto – é de que o formato *live blog* poderia significar a cristalização de uma forma de jornalismo em rede por parte das organizações de notícias tradicionais, tais como a *BBC*. Ele lembra que as páginas de ao vivo haviam se consolidado nos últimos anos como uma maneira de cobrir *breaking news*, permitindo a inclusão de contribuições do público (BENNETT, 2016, p. 862). Por meio delas, portanto, a prática jornalística nos meios tradicionais estaria aberta a um número maior de perspectivas em relação aos acontecimentos, ao menos os que possuíam um caráter urgente e extraordinário.

Sua conclusão, no entanto, não confirma sua hipótese. Segundo Bennett, embora o número de fontes “não oficiais” citadas tenha crescido levemente de uma cobertura para outra, ele chama a atenção para o crescimento do uso de sites de redes sociais, especialmente o Twitter, por instituições e fontes consideradas oficiais. A “ocupação” do Twitter por esses atores fez com que o uso desses canais por parte do jornalismo perdesse o caráter de prioritário de conexão com a audiência. Consequentemente, os atores jornalísticos acabaram por reforçar os valores organizacionais e a cultura de redação como fatores importantes para a escolha das fontes, independentemente das plataformas usadas para a distribuição de notícias (BENNETT, 2016, p. 871). Ou seja, a possibilidade de disrupção e desterritorialização perdeu espaço quando o jornalismo reencontrou suas tradicionais fontes em um espaço antes considerado como propício à renovação das vozes que compõem as narrativas jornalísticas.

Embora as formas as quais os jornalistas estão acessando e apresentando as notícias tenham evoluído significativamente como consequência das tecnologias digitais e das mídias sociais, seu entendimento do que é ‘notícia’ e quem são as fontes utilizadas para construí-las parecem ter se mantido relativamente inalteradas – ao menos no contexto de notícias *hard news*, como ataques terroristas. (BENNETT, 2016, p. 871).

Há no cenário observado por Bennett uma relação possível com o Movimento 3 desenvolvido no capítulo 3. A prática jornalística, buscando afirmar relevância, pretere a incorporação de possíveis “atos jornalísticos aleatórios” em função da segurança das práticas e rotinas consolidadas. Com o enrijecimento de sua posição, afasta a possibilidade de uma cobertura multiperspectiva. “Se os *lives blogs* da mídia tradicional se mantêm como um importante local para se obter notícias sobre ataques terroristas”, diz Bennett, o “entendimento público a respeito desses eventos não será construído por nenhuma diversidade maior de perspectivas ideológicas, políticas ou culturais” (BENNETT, 2016, p. 872).

Retirando o estudo de Bennett do seu contexto original e trazendo-o para a perspectiva desta tese, ou seja, da construção da proposta teórico-metodológica do cibercontecimento *breaking news* a partir das discussões que orbitam a expressão “*breaking news*”, é possível sugerir o caráter de potência não realizada do formato *live blog* para a cobertura de eventos extraordinários. Nesse sentido, ele aparece como uma linha de fuga interrompida. Uma possibilidade não concretizada de estabelecer um diálogo entre as práticas jornalísticas e a ideia de sociedade redacional tal como apresentada por Hartley (2000) e utilizada por Deuze e Witschge (2016) para pensar o jornalismo contemporâneo.

Ainda que não aponte para uma realização plena de uma expansão do jornalismo, o estudo de Bennett ajuda a compor um mosaico que ilustra a proposta de Deuze e Witschge como o resultado das linhas de fuga capazes de desterritorializar o jornalismo durante eventos urgentes e extraordinários. Esse mosaico é composto pela inferências realizadas a partir da discussão sobre colaboração entre jornalistas (HATCHER; THAYER, 2016), da observação sobre a necessidade de se equilibrar a ideia de função normativa com a possibilidade de realizá-la (SIEGELBAUM; THOMAS, 2016) e de fazer evoluir as práticas de apuração jornalísticas das informações oriundas das redes sociais. (BRANDTZAEG et al., 2016).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do doutorado, o projeto de pesquisa que resultou nesta tese possuiu uma proposta de pesquisa empírica distinta da realizada aqui. Desde o começo, a minha ideia era analisar um (ou mais de um) evento *breaking news*, acompanhando um determinado número de veículos e/ou jornalistas em suas atuações e em suas conexões em rede. *Desenhar* a rede do evento em questão, de maneira a analisar a *reação imediata* do jornalismo ao acontecimento, era o maior objetivo. Instigava-me como, na era das redes sociais digitais, a prática de cobertura de um evento urgente, catastrófico, às vezes imponderável, se transformava muito rapidamente. Eu enxergava essa transformação a partir de um protagonismo maior da tecnologia nas narrativas jornalísticas e da relação do jornalismo com as audiências – proporcionada por essa mesma tecnologia. O relatório de qualificação apresentou, em caráter exploratório, uma proposta de construção de uma rede dessa natureza, fruto da observação do *breaking news* dos ataques de 13 de novembro de 2015, em Paris.

Este texto não aparece na redação final da tese, mas foi útil para a reformulação do projeto. Da maneira como estava sendo pensada, a pesquisa empírica teria uma dimensão não recomendável para um empreendimento individual. Também porque, já naquele momento, me parecia interessante que a pesquisa assumisse um caráter temporal abrangente. Do contrário, ela tenderia a se desenhar como um estudo de caso típico, ou uma análise comparativa. Ao preterir aquele método de trabalho, entendi que ele não seria o mais interessante para o tipo de aproximação por mim imaginada à ideia de *breaking news*. Não se trata de ignorar a validade e a importância desse método. Mas a abrangência da expressão “*breaking news*” conduziu este trabalho naturalmente a um esforço panorâmico e, conseqüentemente, mais abstrato.

A nova pesquisa empírica tomou forma durante o meu estágio na University of Groningen (RUG), na Holanda, sob orientação da professora Tamara Witschge, pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Capes. Em vez de acompanhar a reação do jornalismo a um evento *breaking news* determinado, optei por observar a evolução da expressão “*breaking news*” na teoria contemporânea do jornalismo. A observação de um fenômeno *breaking news* deu lugar à análise de textos. Esses textos são o resultado de observações de fenômenos que, se não são *breaking news* propriamente ditos, são capazes de dizer algo sobre a ideia de *breaking news* para o jornalismo contemporâneo. Assim, a

pesquisa empírica adquiriu um caráter de metaobservação: observar trabalhos de quem observou a realidade e, de alguma maneira, a classificou como *breaking news*.

Uma pesquisa empírica de tal natureza conduziu este trabalho a um método de trabalho mais exequível e, embora o período analisado seja abrangente, passível de aplicação dentro do prazo estabelecido para a entrega da tese. A ideia básica de observar a evolução do *breaking news* durante um determinado período de tempo – já presente em outras versões do projeto de pesquisa empírica – emergiu naturalmente. A que tipo de discussão, na teoria contemporânea do jornalismo, a expressão “*breaking news*” esteve relacionada no decênio 2007-2016?

O estágio na RUG me proporcionou livre trânsito a um acervo de publicações científicas cujo acesso é, em sua boa parte, restrito, disponível apenas mediante assinatura ou por meio de pagamento por artigo. O acesso a este material abriu a possibilidade de analisar um conhecimento jornalístico produzido em língua inglesa, mas que se pretende global, dada a diversidade de nacionalidades dos autores e de suas respectivas perspectivas em relação ao campo. O resultado da incursão ao material fornecido por este conjunto de dados ofereceu, no meu entendimento, subsídios teóricos interessantes para os objetivos desta tese.

Evidentemente, como toda escolha, a opção por esse tipo de análise e especificamente pela base de dados utilizada, gerou ao menos um efeito colateral e duas limitações que eu gostaria de mencionar. Em seguida, aponto o que julgo ser algumas contribuições deste trabalho para o campo jornalístico, especialmente no que concerne ao tipo de atuação profissional e de pesquisa abordado, apontando para novos horizontes, quiçá abertos pelo esforço realizado aqui.

8.1 DAS LIMITAÇÕES

O efeito colateral foi deixar de fora discussões a respeito do tema que não apareceram nas publicações analisadas. Procurei amenizá-lo a partir de caminhos apontados pelos próprios artigos integrantes do corpo empírico. Sempre que uma ideia relevante desenvolvida por um trabalho exterior ao corpo empírico era citada pelos artigos analisados, ela era trazida à reflexão proposta por esta tese. Ademais, é sabido que uma tentativa de delimitação temática praticamente nunca consegue dar conta de todo o material produzido a respeito do assunto em questão. Sempre será necessário fazer escolhas, portanto.

A primeira limitação do tipo de pesquisa realizada é o distanciamento da realidade empírica propriamente dita. Ao escolher a análise documental, eu coloquei ao menos uma

instância entre os fenômenos passíveis de serem analisados como um *breaking news* em um trabalho que busca justamente formular uma determinada compreensão sobre esse tipo de fenômeno. Esta instância é justamente o corpo empírico, os artigos selecionados. Ou seja, em vez de tomar determinados fenômenos *breaking news*, e os atores que dele participam e o constroem, como corpo empírico, optei por me debruçar sobre trabalhos que tomaram, de alguma maneira, esses fenômenos como parte do *seu* trabalho empírico. A aproximação à ideia de *breaking news* realizada nesta tese está, portanto, localizada em um momento anterior à observação propriamente dita de um *determinado* evento *breaking news*, o que pode parecer um contrasenso para um trabalho que se propõe a investigar um momento tão específico quanto importante para a prática jornalística.

Entretanto, essa opção foi emergindo naturalmente, não apenas como resultado de circunstâncias várias, algumas exteriores ao percurso de pesquisa, como já salientei. À medida que a tentativa de analisar um ou mais *breaking news* avançava, crescia a minha preocupação com o método que organizaria a observação, bem como a teoria que a sustentaria. Toda vez que eu fazia um movimento de partir para a análise, o objeto de pesquisa parecia me puxar de volta para as suas entranhas teóricas e metodológicas, pedindo compreensão e delimitação. Este empuxo acabou fazendo a pesquisa empírica *servir* a uma proposta teórico-metodológica – esta, sim, o cerne da tese. Como já foi dito, a pesquisa, assim, buscou sistematizar apropriações recentes à expressão “*breaking news*”, fazendo-as dialogar com o empreendimento teórico desenvolvido nos primeiros cinco capítulos.

O intuito desse esforço foi nutrir o ciberacontecimento *breaking news*, a principal proposta deste trabalho: a construção de entendimento sobre *breaking news* mais sólido do que as abordagens de cunho mercadológico emergentes da proliferação do seu uso como rótulo em tempos de aceleração do noticiário. Ao dar estofamento teórico à expressão, a construção teve como objetivo proporcionar não apenas uma definição, mas também um modo de enxergar e de abordar esse tipo de acontecimento. Daí o seu caráter teórico-metodológico.

Nesse sentido, o ciberacontecimento *breaking news* aparece como uma preparação de terreno para futuras pesquisas empíricas, baseadas na observação de acontecimentos urgentes. É o resultado da minha inquietação de tentar observar esse tipo de acontecimento e interromper o esforço por falta de parâmetros capazes de distingui-lo em meio a uma diversidade de apropriações. Esboçado o seu contorno, acredito que o ciberacontecimento *breaking news* pode ser utilizado como pressuposto teórico e como um método capaz de guiar futuras investigações mais próximas da realidade empírica – ideia original deste projeto. Ele se coloca, portanto, como um ponto de partida para futuras investigações a respeito do

breaking news. Especialmente para mim, por motivos óbvios, mas também para o campo de estudos de jornalismo.

Acioná-lo, no entanto, exige, no meu entendimento, aprofundamentos de alguns dos seus aspectos. E aqui eu destaco a segunda limitação deste trabalho. Seu caráter panorâmico e amplo, tanto em relação à janela temporal analisada quanto em relação às teorias acionadas para a construção do modelo teórico-metodológico, pode deixar a impressão de que os tópicos que o sustentam mereceriam um aprofundamento maior. Inclusive, diante da sua envergadura, poderiam, cada um deles, ser a sustentação de trabalhos diferentes. Refiro-me, especificamente, aos capítulos 2, 3 4 e 5. Apropriar-se, tensionar e fazer dialogar, respectivamente, conceitos jornalísticos relacionados a eventos imprevisíveis, Teoria Ator-Rede/cartografia, curadoria de conteúdo e a proposta do *Beyond Journalism* oferecem, por certo, margem para uma investida mais exaustiva do que a realizada aqui.

Ciente de que um trabalho panorâmico pode deixar a desejar em profundidade, prefiro encarar tal característica como um reforço à ideia de ponto de partida possível para futuros estudos. Ainda mais levando em conta que três dos quatro pilares/capítulos (delimitação teórica da expressão “*breaking news*”, Teoria Ator-Rede e cartografia, curadoria de conteúdo e *Beyond Journalism*) citados para a construção desta tese trabalham com tópicos relativamente novos no campo da comunicação e do jornalismo.

O primeiro desses três pilares são os pressupostos da Teoria Ator-Rede (TAR), que, aos poucos, vêm sendo moldados às características da área. Ainda é necessário, julgo, compreender melhor como as ideias de Latour, e os pesquisadores que junto dele vêm aperfeiçoando a TAR, podem ajudar a teorizar o jornalismo contemporâneo. Creio ser possível dizer o mesmo em relação à cartografia. Rosário chama a atenção para a falta de maturidade do uso da temática no campo da comunicação (2016, p. 177).

Nesse sentido, destaco a apropriação da Cartografia Sentimental. O deslocamento da proposta de Rolnik (2014) para compreender como o jornalismo é *afetado* pelo processo evenemencial realizado em rede convida a um aprofundamento da relação interdisciplinar entre jornalismo e a psicologia social¹⁰⁰. Especialmente no que concerne ao desenvolvimento de um método de observação específico para o *breaking news* em rede, visto como um rizoma

¹⁰⁰ Uma das possibilidades nesse sentido é o entendimento do compartilhamento de informações como parte do processo de constituição dos sujeitos (DIAS; COUTO, 2011). Ou seja, para as pessoas, divulgar um conteúdo nas suas redes tem uma importância maior para afirmar ao mundo quem elas são do que propriamente para contribuir com o debate público. Nesse cenário, a atuação do jornalismo em rede, ou seja, de uma prática jornalística que está intrinsecamente ligada a essa circulação de informações, é ameaçada a todo momento pelos processos de desinformação, onde as notícias falsas (*fake news*) são a manifestação mais usual. Evidentemente, a questão da desinformação é muito mais ampla.

pulsante. Os três movimentos que buscam descrever essa pulsação, bem como os três parâmetros que sustentam a proposta do agir cartográfico (seção 4.1), foram transferidos do seu contexto original ao coração desta tese. Cabe observar novamente que os Movimentos 1, 2 e 3, (descritos nas seções 3.2.2.1, 3.2.2.2 e 3.2.2.3) procuram descrever a pulsação do rizoma cibercontecimento *breaking news*, da fagulha de intensidade do fenômeno inicial à sua cristalização narrativa em rede. Os parâmetros oriundos da cartografia, por sua vez, orientam uma possibilidade de adaptação do jornalismo em meio a esses movimentos ao sugerir o desenvolvimento de um comportamento que procure o conceito de comum.

Trata-se de um deslocamento ambicioso. Por essa razão, precisa ser feito de maneira cuidadosa. Os conceitos que sustentam esses movimentos e esses parâmetros foram tensionados, mas entendo que pode haver um aprofundamento maior. Esse aprofundamento pode ser obtido por meio de um trabalho realizado à luz da prática jornalística, e que ultrapasse a espessa camada de abstração que emerge de tais propostas, camada esta que acaba por caracterizar a abordagem realizada aqui. Por essa razão, volto a destacar o caráter experimental da Cartografia Sentimental neste trabalho.

O segundo dos três pilares é a curadoria de conteúdo. Em especial a problematização sugerida por Gonring (2015). O que significa, para o jornalismo, oferecer a sistematização de conteúdos produzidos por diferentes atores, estejam eles dentro ou fora do sistema jornalismo? Entendo que essa questão merece uma dedicação maior em função do seu potencial e da relação cada vez mais estreita (e tensa) entre a seleção de conteúdos (jornalísticos ou não) realizada por complexos algoritmos, como é o News Feed do Facebook. Embora não tenha sido o foco desta tese, a curadoria algorítmica é um dos temas que já conduz a discussão geral sobre curadoria no campo da comunicação e do jornalismo.

Por fim, a proposta de *Beyond Journalism*, capitaneada por Tamara Witschge e Mark Deuze, é o terceiro pilar que ainda está em desenvolvimento. O que foi apresentado nesta tese é basicamente resultado de três artigos publicados a partir de 2015 onde os pesquisadores esboçam um entendimento sobre este jornalismo que está além do que historicamente a teoria e a prática profissional entendem como tal (DEUZE; WITSCHGE, 2015, 2016, 2018). O resultado mais substancial daquele empreendimento teórico deve ser publicado em livro – e isto, por sua vez, convidará a um aprofundamento e a um entendimento maior do que propõem os pesquisadores holandeses, possibilitando a expansão das suas formulações a diferentes abordagens em relação ao campo jornalístico.

As limitações apontadas ilustram o caráter panorâmico e abrangente desta tese: o delineamento do cibercontecimento *breaking news* como conceito é feito de maneira

tracejada. Ou sugestiva, dizendo de outro modo. O fortalecimento das propostas construídas aqui é, portanto, necessário para o seu deslocamento a outras instâncias de pesquisa. Essas limitações, por outro lado, podem ser vistas como projeções futuras, como já salientei. É preciso testar o cibercontecimento *breaking news*. Tensionar suas propostas a partir de uma pesquisa empírica menos abstrata e mais próxima do fazer jornalístico pode fortalecer sua delimitação, o que é necessário para afirmá-lo como conceito e fazê-lo evoluir.

8.2 DAS CONTRIBUIÇÕES

A apropriação de tópicos historicamente extrínsecos ao jornalismo e cuja robustez convidam a um tensionamento mais exaustivo evidencia um caráter panorâmico que pode ser compreendido como uma limitação do esforço de pesquisa realizado por esta tese. Por outro lado, o diálogo interdisciplinar estabelecido entre esses tópicos e o jornalismo pode ser considerado a sua principal fortaleza. As potencialidades de contribuição e a limitação das apropriações, neste trabalho, andam lado a lado, em uma relação que força os limites do campo jornalístico e pode abrir possibilidades para pensá-lo de outra forma.

Nesse sentido, gostaria de refletir especialmente sobre dois pontos trabalhados nesta pesquisa, e que, no meu entender, são centrais para definir a especificidade do cibercontecimento *breaking news*, bem como para sublinhar seu potencial como pressuposto teórico-metodológico capaz de pensar determinado tipo de prática jornalística. Esses pontos estão relacionados à anatomia e à dinâmica do cibercontecimento *breaking news*.

Primeiro ponto: o fato de a anatomia do cibercontecimento *breaking news* ser pensada a partir de proposições da Teoria Ator-Rede (TAR). Essa aproximação lhe dá especificidade, possibilitando diferenciá-lo das demais categorias de cibercontecimento propostas por Henn (2015). Essa especificidade é determinada pelo que caracteriza a natureza do seu processo evenemencial. Parte-se de uma definição geral de um cibercontecimento em direção a uma compreensão própria do cibercontecimento *breaking news*. A TAR contribui para isso. A ideia de redes heterogêneas que funcionam a partir do princípio de simetria entre os atores envolvidos é fundamental para enxergar de maneira específica o acontecer de um *breaking news* em rede.

Trata-se, para começar, de levar em consideração a capacidade de ação de determinados atores. Os sites de redes sociais, por exemplo, apresentam características que fazem a circulação de informações ter uma determinada natureza, que é diferente da natureza da circulação realizada em outros ambientes. Isto é óbvio. Mas não é óbvio perceber a

instância que permite essa diferente circulação como um ator também participante do processo, e que o influencia decisivamente. Este é o princípio da simetria a partir de como a Teoria Ator-Rede o entende. Tal característica, é verdade, poderia fazer parte de uma ideia mais geral do cibercontecimento. Henn (2013), embora não trabalhe com a Teoria Ator-Rede, ressalta que o cibercontecimento tem nos sites de redes sociais o seu *habitat* natural. Portanto a sua natureza é intrínseca à lógica dos sites de redes sociais. No caso do cibercontecimento *breaking news*, a diferença se mostra mais clara quando este ator não humano, os sites de redes sociais, ou melhor, a sua lógica, entra em associação com o tipo de acontecimento que caracteriza um *breaking news*, cujos níveis de extraordinariedade desafiam as rotinas jornalísticas, tal como definido no capítulo 2. É neste ponto que emerge a sua especificidade. Não é a lógica dos sites de redes sociais nem a natureza do acontecimento que fazem emergir o cibercontecimento *breaking news*: é a associação entre ambos.

Essa associação pode ser considerada uma rede heterogênea. Uma rede formada por atores de diferentes naturezas que, em associação, traçam os contornos de determinado fenômeno. Não se trata de perceber um fenômeno necessariamente novo, inédito. Antes, trata-se de adaptar a abordagem aos fenômenos de maneira a desvelar sua especificidade. Uma das contribuições desta tese é, portanto, evidenciar a possibilidade de fazer dialogar a concepção de um tipo de acontecimento jornalístico, o *breaking news*, com o modo como a TAR vê a constituição dos fenômenos sociais. Por meio da análise da evolução da expressão “*breaking news*”, no decênio 2007-2016, procurei demonstrar como o jornalismo contemporâneo pode, de diferentes maneiras, confirmar esse diálogo. A aceleração do noticiário e a tensão verificada por uma maior participação de narrativas diversas na composição dos acontecimentos, sem excluir as demais razões apontadas pelos autores que as constataram, podem ser abordadas dessa maneira. Assim, por meio desse esforço, acrescento, talvez seja possível compreender melhor as modificações pelas quais está passando o jornalismo.

Exemplo disso é o colocado na página 166 a respeito da dificuldade de se aproximar do tipo de acontecimento em questão a partir de estratégias pré-concebidos, bem como a limitação para narrá-lo usando formatos jornalísticos tradicionais, tal como a cristalização da pirâmide invertida em um texto que procura entender um fenômeno que está no passado. Isso porque o cibercontecimento *breaking news* incorpora os pressupostos do *event-driven news* (LAWRENCE, 2000) sob a lógica da conversação em rede (RECUERO, 2012). O resultado é um processo evenemencial veloz e recheado de pontos de propulsão narrativos e informacionais potencialmente relevantes. Acompanhar o ritmo e avaliar as manifestações –

que muitas vezes desafiam as narrativas estabelecidas e rotinizadas pelo jornalismo – desafiam veículos e profissionais responsáveis por esse tipo de cobertura.

Novamente reforço que não se trata de descartar o que pressupõe a pirâmide invertida, e sim entender que determinada forma de utilizá-la talvez seja ineficiente para narrar um ciberacontecimento *breaking news*. Algo que o próprio jornalismo foi percebendo à medida que as circunstâncias impunham adaptações às suas práticas, como os artigos analisados acabaram por demonstrar. O que procurei fazer foi sistematizar essa evolução, nomendo-a e sugerindo uma forma de percebê-la que pode servir para observar situações semelhantes.

Segundo ponto: a descrição dessa forma de perceber o tensionamento pelo qual passa o jornalismo em um momento de *breaking news* em rede por meio dos três movimentos do pulsar do rizoma ciberacontecimento *breaking news* (seção 3.2.2).

Os Movimentos 1, 2 e 3 são uma abstração cujo objetivo é gerar um entendimento a respeito do movimento de composição da rede heterogênea formada pelos diversos atores que associam-se mutuamente, durante o processo evenemencial de um *breaking news*. Eles possibilitam, no meu entendimento, compreender o que está em jogo, para a epistemologia do jornalismo, durante a “explosão” informacional ocorrida durante um acontecimento urgente, potencialmente catastrófico. Como lentes especiais cujo grau fosse composto pelos recursos teóricos acionados especificamente para tentar compreender momentos desta natureza. Através destas lentes seria possível enxergar as mudanças das práticas jornalísticas ao longo do tempo para além de uma reação às circunstâncias impostas pelos contextos onde elas estão inseridas e são praticadas. Daí o seu caráter teórico-metodológico.

Tal característica, aliás, possibilita reforçar a escolha da pesquisa empírica tal como ela foi realizada. Os trabalhos analisados tendem, em seus resultados, a oferecer reflexões e teorizações sobre uma realidade próxima do cotidiano profissional. Por exemplo, sobre como veículos, jornalistas e outros atores envolvidos com as práticas jornalísticas enxergam, recebem, entendem a sua própria realidade. Mas, por resultarem de uma observação específica, seu grau de generalização é baixo. Um exercício etnográfico que se propõe a observar a realidade de um jornal de médio porte cujas rotinas de cobertura de *breaking news* foram adaptadas em função da ascensão das redes sociais diz, sim, algo sobre o atual momento do jornalismo realizado em tempo real. Os desafios enfrentados diariamente pela redação, por exemplo. Mas não consegue, em geral, propor um entendimento sobre o que isso pode significar para a maneira como a prática jornalística é compreendida epistemologicamente.

Os Movimentos que buscam descrever o pulsar do ciberacontecimento *breaking news* têm justamente essa pretensão. Eles oferecem uma maneira de perceber a tensão que paira sobre um jornalismo em adaptação. Mas não a tensão cotidiana infiltrada na prática profissional, e sim a tensão que balança os pilares constituintes dessa prática. Ou seja, a forma como acontece o processo evenemencial de um *breaking news* tensiona o jornalismo epistemologicamente quando impõe mudanças às práticas e às rotinas profissionais. O que os Movimentos procuram explicitar, por meio de metodologias de observação, é *como se dá* essa dinâmica acontecimental que é capaz de impor ao jornalismo mudanças perceptíveis.

A tentativa de desvelar essa pulsação do rizoma se conecta diretamente com a mudança de escala e de cadência introduzida pelo ciberacontecimento *breaking news* na cobertura jornalística de acontecimentos urgentes e imprevisíveis. Na página 158, com base em McLuhan (1964), afirmei que a mensagem do meio Twitter é *breaking news*. Nesse sentido, a modificação que o Twitter¹⁰¹ introduz nas “coisas humanas”, no caso, no tipo de prática jornalística que interessa a esta tese, faz girar uma engrenagem cuja lógica de operação está ancorada nos três Movimentos sugeridos. Eles constituem o motor da rede heterogênea que desafia o jornalismo, e da qual ele também é parte constituinte.

8.3 PROJEÇÕES PARA O JORNALISMO

Partindo dos dois pontos destacados, é possível projetar questões mais gerais desta tese para a área. A mais evidente é a desejada oferta de uma teorização sobre o processo evenemencial de um acontecimento urgente – momento que talvez melhor ilustre o posicionamento do jornalismo em relação à realidade – na contemporaneidade.

Se a construção da notícia passa pelo destaque da singularidade do fenômeno (GENRO FILHO, 2012), nada melhor para a prática jornalística do que trabalhar com os mais singulares dentre todos os fenômenos. A complexidade destacada e abordada por este trabalho emerge das características que esse tipo de processo evenemencial possui na atualidade. Aqui está, acredito, a contribuição que fundamenta esta tese.

Ao oferecer uma definição mais substancial para uma expressão intensamente utilizada pela prática jornalística nos anos recentes, este trabalho delinea uma base para refletir sobre a construção da notícia em tempos de redes sociais digitais. Não a notícia em

¹⁰¹ Aqui, é possível transcender o site de redes sociais Twitter e ampliar a afirmação para a *lógica de funcionamento* das redes sociais. O Twitter foi mantido no texto por uma questão de congruência, além de ser o site de rede social cuja capacidade de ação tem uma interface maior com o tipo de acontecimento tratado nesta tese, como já foi dito algumas vezes ao longo do texto.

sua materialização clássica, esta inadequada em função da relação entre o tipo de acontecimento estudado aqui com a natureza dos meios utilizados para narrá-lo. Notícia, aqui, é tratada como a “unidade básica de informação do jornalismo” (GENRO FILHO, 2012, p. 194), e como tal segue essencial para identificar possíveis mudanças na forma como a realidade é construída pelo jornalismo. O que eu procuro destacar com o ciberacontecimento *breaking news* representa a complexidade que caracteriza a construção da notícia atualmente, algo que está subjacente, por sinal, não só nos trabalhos analisados na pesquisa empírica, mas na pesquisa científica sobre jornalismo nas últimas duas décadas. A diferença aqui é a especificidade do evento que origina a notícia e o contexto onde se dá a sua construção.

Como foi destacado ao longo do trabalho, o tensionamento gerado pelo protagonismo crescente de atores de outras naturezas durante um *breaking news* pressiona as práticas jornalísticas, descentralizando a construção da notícia. Essa dispersão, e a velocidade com a qual ela acontece, é o ponto crucial para o entendimento do ciberacontecimento *breaking news*. O que ele procura fazer é oferecer uma abordagem a essa dinâmica e, conseqüentemente, uma chave de compreensão à sua lógica. Entendo esse movimento como importante não apenas para oferecer à pesquisa em jornalismo ferramentas para compreender este momento específico, mas para que a própria prática jornalística se reacomode e se reafirme como um mediador importante para a construção social da realidade.

E aqui gostaria de fazer outra projeção possível. A compreensão a respeito dessa reacomodação e dessa reafirmação passa por incorporar certa dispersão da construção noticiosa, e, de certa maneira, por uma superação do que foi considerado jornalismo até então – principal sugestão da proposta do *Beyond Journalism*. Não se trata, no entanto, de entregar a construção da notícia à audiência ou de dar ênfase em demasia às tecnologias envolvidas. Mas de procurar, na relação com o público e com os ambiente tecnológicos onde ela acontece, uma condução atualizada do processo que culmina no que entendemos como notícia e, conseqüentemente, como jornalismo. Da identificação da singularidade do fenômeno à projeção de sua universalidade, passando pela caracterização das suas particularidades (GENRO FILHO, 2012), atores jornalistas, não jornalistas e não humanos necessariamente atuam em conjunto. Nessa rede heterogênea, a capacidade de ação de cada uma das partes envolvidas não pode ser pré-determinada. Não se trata de excluir as relações de poder, ou de enxergar todos os atores de maneira igual, e sim de compreender que todos são capazes de influenciar, às vezes decisivamente, o processo de construção da realidade.

Ao jornalismo, abraçar tal compreensão significa ir além de si próprio. Significa ampliar o leque de atores capazes de contribuir para a construção da notícia.

No caso dos atores oriundos do público, levar em consideração narrativas e pontos de vista historicamente preteridos por uma prática jornalística dependente em fontes oficiais e em rotinas de redação baseadas em critérios limitados e muitas vezes ancoradas em visões de mundo que não privilegiam a pluralidade como horizonte. Em outras palavras, incorporar à sua lógica os “múltiplos pontos de propulsão de sentido” mencionados por Henn (2013).

Aqui talvez seja importante destacar que não se trata de ampliar a definição de quem é jornalista, como alerta Moretzsohn (2014). Os “atos jornalísticos aleatórios” (LASICA, 2003), citados aqui como participações importantes – às vezes decisivas – para a cobertura de acontecimentos urgentes em rede, não significam a conversão de não jornalistas em jornalistas. Os trabalhos analisados, aliás, muitas vezes apontaram para uma autopercepção desses atores que confirma isso. Dessa maneira, talvez possamos encarar esse tipo de participação não apenas como uma multiplicação de fontes (pontos de propulsão de sentido), mas como uma multiplicação de fontes capazes de exercer um papel mais ativo nos processos jornalísticos, ou seja, na construção da notícia. O tipo de relação que caracteriza o ambiente em rede dá a oportunidade de moldar a narrativa jornalística de maneira direta.

No caso de atores não humanos, entender que sua capacidade de ação potencializa determinadas características dos processos informacionais. É elevar o papel do que foi até então considerado ferramentas ou meios pelos quais a informação circulava. É reafirmar, por um lado, que o resultado do trabalho jornalístico sempre foi moldado pelas tecnologias utilizadas. Por outro, é incorporar a noção de que, com o atual desenvolvimento tecnológico, a capacidade de influenciar alcança outro patamar, e se transforma em capacidade de ação. A saliência da tecnologia a colocou no centro dos processos jornalísticos.

Ter essa compreensão é fundamental para preservar o caráter humano das relações que estão por trás da construção da realidade, a despeito de qualquer determinismo tecnológico que uma reflexão realizada a partir da Teoria Ator-Rede, por exemplo, possa suscitar. É da associação com esses atores não humanos, inclusive, que necessariamente pode emergir uma comunicação mais dialógica entre os atores humanos e suas respectivas manifestações em rede. Os atores jornalísticos seguem com potencial para conduzir essa mediação, desde que entendam os mecanismos necessários para regê-la. O ciberacontecimento *breaking news* procura fornecer os subsídios para tatear essa compreensão durante um momento específico dessa associação, o processo evenemencial em rede de acontecimentos urgentes.

REFERÊNCIAS

- ABRAS, Fernanda; PENIDO, Pedro. De Gatekeeper a Cartógrafo da Informação: a reconfiguração do papel do jornalista na web. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (Intercom Sudeste), 12., 2007, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Intecom, 2007. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0098-1.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- AGARWAL, Sheetal D.; BARTHEL, Michael L. The friendly barbarians: Professional norms and work routines of online journalists in the United States. **Journalism**, v. 16, n. 3, p. 376-391, 2015.
- AGUIAR, Lisiane Machado. Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2011. Disponível em: <
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2997>>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- AHMAD, Ali Nobil. Is Twitter a useful tool for journalists? **Journal of Media Practice**, v. 11, n. 2, p. 145-155, 2010.
- AHVA, Laura; PANTTI, Mervi. Proximity as a journalistic keyword in the digital era: A study on the “closeness” of amateur news images. **Digital Journalism**, v. 2, n. 3, p. 322-333, 2014.
- ALLAN, Stuart; PETERS, Chris. The “public eye” or “disaster tourists”: Investigating public perceptions of citizen smartphone imagery. **Digital Journalism**, v. 3, n. 4, p. 477-494, 2015.
- ALTHEIDE, David. Reflections: Ethnographic Content Analysis. **Qualitative Sociology**, v. 10, n. 1, p. 65-77, 1987. Disponível em: <
<https://link.springer.com/article/10.1007/BF00988269>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- ANANNY, Mike. Networked news time: How slow—or fast—do publics need news to be? **Digital Journalism**, v. 4, n. 4, p. 414-431, 2016.
- ANDERSON, C.W. Blowing up the newsroom: Ethnography in an Age of Distributed Journalism. In: Domingo, David; Paterson, Chris. (Org.). **Making Online News - Volume 2: Newsroom Ethnographies in the Second Decade of Internet Journalism (Digital Formations)**. New York: Peter Lang, 2011a.
- ANDERSON, C.W. Between creative and quantified audiences: Web metrics and changing patterns of newswork in local US newsrooms. **Journalism**, v. 12, n. 5, p. 550-566, 2011b.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo da ESPM**, São Paulo, ano 2, n. 5, abr/mai/jun, 2013. Disponível em: <

http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ANDERSON, C. W. **Rebuilding the news**: metropolitan journalism in the digital age. Philadelphia: Temple University Press, 2013. Documento disponível para Kindle.

ANTUNOVIC, Dunja; PARSONS, Patrick; COOKE, Tanner R. Article 'Checking' and googling: Stages of news consumption among young adults. **Journalism**, First Published August 8, 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884916663625>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

ARCE, Tacyana; ALZAMORA, Geane; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. Mediar, verbo defectivo: contribuições da Teoria Ator-Rede para a conjugação da mediação jornalística. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 3, p. 495-511, 2014.

ARTWICK, Claudette, G. Reporters on Twitter: product or service? **Digital Journalism**, v. 1, n. 2, p. 212-228, 2013.

ARTWICK, Claudette G. News sourcing and gender on Twitter. **Journalism**, v. 15, n. 8, p. 1111-1127, 2014.

AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BARDOEL, Jo. Beyond Professionalism: A Profession between Information Society and Civil Society. **European Journal of Communication**, London, Thousand Oaks, New Delhi, v. 11, n. 3, p. 283-302, 1996.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.

BARNARD, Stephen R. 'Tweet or be sacked': Twitter and the new elements of journalistic practice. **Journalism**, v. 17, n. 2, p. 190-207, 2016.

BASTOS, Marco Toledo; RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Encontros e desencontros entre TAR e ARS: o laço fraco entre teoria e método. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 3, p. 576-594, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143- 164.

BENNETT, Daniel. Sourcing the BBC's live online coverage of terror attacks. **Digital Journalism**, v. 4, n. 7, p. 861-874, 2016.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERKOWITZ, Dan. Non-Routine News and Newswork: Exploring a What-a-Story. **Journal of Communication**, v. 42, n. 1, p. 82-94, 1992.

BERKOWITZ, Dan. Professional views, community news: Investigative reporting in small US dailies. **Journalism**, v. 8, n. 5, p. 551-558, 2007.

BERKOWITZ, Dan; LIU, Zhengjia Michelle. Media errors and the ‘nutty professor’: Riding the journalistic boundaries of the Sandy Hook shootings. **Journalism**, v. 17, n. 2, p. 155-172, 2016.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos: um modelo teórico para o design do sistema narrativo no jornalismo digital**. 2013. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-21092015-122011/pt-br.php>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Mídiação do ativismo no jornalismo digital: o impacto dos filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.12, n. 22, 2015.

BIVENS, Rena Kim. The internet, mobile phones and blogging: how new media are transforming traditional journalism. **Journalism Practice**, v. 2, n. 1, p. 113-129, 2008.

BØDKER, Henrik. Journalism as cultures of circulation. **Digital Journalism**, v. 3, n. 1, p. 101-115, 2015.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

BOSCH, Tanja. Social Media and Community Radio Journalism in South Africa. **Digital Journalism**, v. 2, n. 1, p. 29-43, 2014.

BRADSHAW, Paul. **Dashboards and journalism: why we need to do better**. Birmingham, 1 jul. 2015. Disponível em: <<https://onlinejournalismblog.com/2015/07/01/dashboards-and-journalism-why-we-need-to-do-better/>>. Acesso em: 13 mar. 2018. Blog: Online Journalism Blog.

BRANDTZAEG, Petter Bae; LÜDERS, Marika; SPANGENBERG, Jochen; RATH-WIGGINS, Linda; FØLSTAD, Asbjørn. Emerging journalistic verification practices concerning social media. **Journalism Practice**, v. 10, n. 3, p. 323-342, 2016.

BRENNEN, Bonnie; BRENNEN, Scott J. Taking our pictures: Citizen photojournalism in traditional US news media. **Journalism Practice**, v. 9, n. 4, p. 520-535, 2015.

BRITO, Maria dos Remédios de. Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada. **Alegrar**, n. 9, 2012. Disponível em: <
http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando_com_gilles_maria_brito_alegrar9.pdf>. Acesso em 28 fev. 2018.

BRUNS, Axel. *Gatewatching, Not Gatekeeping: Collaborative Online News*. **Media International Australia**, v. 107, n. 1, p. 31-44, 2003.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**: collaborative online news production. New York: Peter Lang, 2005.

BRUNS, Axel. *Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo*. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 11, p. 119-140, 2011.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Revista Famecos**, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012.

BUNGE, Mario. **Sistemas sociales y filosofia**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

CANAVILHAS, João. Do *gatekeeping* ao *gatewatcher*: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. In: II CONGRESO INTERNACIONAL COMUNICACION 3.0, 2010, Salamanca, Espanha. **Anais eletrônicos...** Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010. Disponível em: <
<http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

CANTER, Lily. The source, the resource and the collaborator: The role of citizen journalism in local UK newspapers. **Journalism**, v. 14, n. 8, p. 1091-1109, 2013.

CANTER, Lily; BROOKES, Daniel. Twitter as a flexible tool: How the job role of the journalist influences tweeting habits. **Digital Journalism**, v. 4, n. 7, p. 875-885, 2016.

CAOS. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

CARVIN, Andy. **Distant witness**: social media, the Arab Spring and a Journalism Revolution. CUNY Journalism Press, 2012. Documento disponível para Kindle.

CARVIN, Andy. **Welcome to reported.ly!** São Francisco, 8 dez. 2014. Disponível em: <
<https://medium.com/reportedly/welcome-to-reported-ly-3363a5fb7ea5>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CASELLA, Peter A. Breaking news or broken news? Reporters and new directors clash on “black hole” live shots. **Journalism Practice**, v. 7, n. 3, p. 362-376, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Carlos A. V.; COELHO, Christianne C. S. Reinish. Curadoria de notícias e jornalismo na produção de conhecimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 1, p. 305-313, 2014.

CHALMERS, Matthew. Awareness, Representation and Interpretation. **Computer Supported Cooperative Work (CSCW)**, v. 11, n. 3-4, p. 389-409, 2002. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1021209028381>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHIA, Robert. From modern to postmodern organizational analysis. **Organization Studies**, v. 16, n. 4, p. 579-604, 1995. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/017084069501600406>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CHO, Young Ji; LEE, Eun-Hee. Reducing Confusion about Grounded Theory and Qualitative Content Analysis: Similarities and Differences. **The Qualitative Report**, v. 19, n. 32, p. 1-20, 2014. Disponível em: < <http://nsuworks.nova.edu/tqr/vol19/iss32/2>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

CHOI, Sujin; KIM, Jeongseob. Online news flow: Temporal/ spatial exploitation and credibility. **Journalism**, v. 18, n. 9, p. 1184-1205, 2016.

CORRÊA, Elizabeth Saad; BERTOCCHI, Daniela. O algoritmo curador – o papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação. In: Encontro Anual da Compós, 11., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Compós, 2012. Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1796.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2018.

COTTLE, Simon. Ethnography and news production: new(s) developments in the field. **Sociology Compass**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2007. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1751-9020.2007.00002.x>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

COULDRY, Nick. **Media Rituals: a critical approach**. London: Routledge, 2003.

COZMA, Raluca; CHEN, Kuan-Ju. What's in a tweet? Foreign correspondents' use of social media. **Journalism Practice**, v. 7, n. 1, p. 33-46, 2013.

CURA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

CRAWFORD, Kate. News to me: Twitter and the personal networking of news. In: MEIKLE, Graham; REDDEN, Guy. (Orgs.). **News Online: Transformations & Continuities**. New York: Palgrave Macmillan, p. 115–131, 2011.

CRUZ, Diego. **Journalist uses algorithm to gather earthquake data and write reports in minutes**. Austin, 13 mar. 2014. Disponível em: < <https://knightcenter.utexas.edu/blog/00-15305-journalist-uses-algorithm-gather-earthquake-data-and-write-reports-minutes>>. Acesso em: 13 mar. 2018. Blog: Journalism in the Americas Blog.

D'ANDRÉA, Carlos. Controvérsias midiáticas no Twitter durante transmissões televisivas ao vivo: a rede “exoesqueleto” na abertura da Copa 2014. In: Encontro Anual da Compós, 24., 2015, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Compós, 2015. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/carlos-textocompleto_2743.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2018.

DALEN, Arjen van. The algorithms behind the headlines: How machine-written news redefines the core skills of human journalists. **Journalism Practice**, v. 6, n. 5-6, p. 648-658, 2012.

DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **Media events: The live broadcasting of history**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DEUZE, Mark. What is Journalism? Professional Identity and Ideology of Journalists Reconsidered. **Journalism**, v. 6, n. 4, p. 443-465, 2005.

DEUZE, Mark. O jornalismo, a vida na mídia e a sociedade empreendedora. **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/238>>. Acesso em 9 mar. 2018.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, n. 4, p. 1-31, 2015. Disponível em: < <http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74> >. Acesso em: 18 mar. 2018.

DEUZE, Mark. WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. **Revista Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 8-21, 2016. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. **Journalism**, v. 19, n. 2, p. 165-181, 2018.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias.

Linguagem em (Dis)curso, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a09v11n3.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

DOMINGO, David; LE CAM, Florence. Journalism in dispersion: exploring the blurring boundaries of newsmaking through a controversy. **Digital Journalism**, v. 2, n. 3, p. 310-321, 2014.

DOMINGO; David; MASIP, Pere; MEIJER, Irene Costera. Tracing Digital News Networks: Towards an integrated framework of the dynamics of news production, circulation and use. **Digital Journalism**, v. 3, n. 1, p. 53-67, 2015.

ERICSON, Richard; BANAREK, Patricia; CHAN, Janet. **Visualizing Deviance: A Study of News Organisation**. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

ESCÓSSIA; Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.

ESPÍRITO SANTO, Paula do; SOARES, Isabel. Meeting the loose ends with ethnographic content analysis. **Revista Debates**, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <
<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/download/51337/33510>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FAHRI, Paul. NPR's Andy Carvin, tweeting the Middle East. **The Washington Post**, Washington, abr. 2011. Disponível em: <
https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/npr-andy-carvin-tweeting-the-middle-east/2011/04/06/AFcSdhSD_story.html?utm_term=.71b91fff8ce3>. Acesso em: 30 mar. 2018.

FERREIRA, Flavia Turino. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 28-40, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FRANCISCATO, Carlos. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREIRE, Leticia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropolgia simétrica. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, p. 46-65, 2006.

GANS, Herbert. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. Evanston (EUA): Northwestern University Press, 1994.

GAUNTLETT, David. **Making is connecting**: The Social Meaning of Creativity, from DIY and Knitting to YouTube and Web 2.0. Cambridge: Polity Press, 2011.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GONRING, Gabriel Menotti. (O que) pode a curadoria inventar? **Galaxia**, São Paulo (Online), n. 29, p. 276-288, 2015.

GREENWOOD, Keith; THOMAS, Ryan J. Locating the journalism in citizen photojournalism: The use and content of citizen-generated imagery. **Digital Journalism**, v. 3, n. 4, p. 615-633, 2015.

GROFF, Fábio de Carvalho. **Contribuição ao estudo da curadoria de bens de execução: O Curator Bonorum da Bonorum Venditio**. 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pós-graduação em Direito, Faculdade de Direito Largo São Francisco, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-13122010-160122/pt-br.php>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

GROHMANN, Rafael; ROXO, Michelle. Os discursos sobre o jornalista-empresendedor em sites especializados na cobertura do campo profissional. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 471-486, 2015. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13524>>. Acesso em 20 mar. 2018.

GUERRINI, Federico. **Newsroom curators & independent storytellers**: content curation as a new form of journalism. Oxford University: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2013. Disponível em: < <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/newsroom-curators-and-independent-storytellers-content-curation-new-form-journalism>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

GUPTA, Aditi; LAMBA, Hemank; KUMARAGURU, Ponnurangam; JOSHI, Anupam. Faking Sandy: Characterizing and Identifying Fake Images on Twitter during Hurricane Sandy. In: SCHWABE, Daniel; ALMEIDA, Virgilio; GLASER, Hartmut; BAEZA-YATES, Ricardo; MOON, Sue. **Proceedings of the IW3C2 WWW 2013 Conference**. Rio de Janeiro, Brasil, 2013. P. 729-736.

GUPTA, Aditi; KUMARAGURU, Ponnurangam; CASTILLO, Carlos; MEIER, Patrick. TweetCred: A Real-time Web-based System for Assessing Credibility of Content on Twitter. In: AIELLO, Luca Maria; McFARLAND, Daniel. **Proceedings of the 6th International Conference on Social Informatics (SocInfo)**. Barcelona, Espanha: Springer, 2014. P. 326-335.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HADDOW, George; HADDOW, Kim. **Disaster Communications in a Changing Media World**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2014.

HALL, Jim. **Online Journalism: A Critical Primer**. London; Sterling, Virginia: Pluto Press, 2001.

HARTLEY, Jannie Møller. The online journalist between ideals and audiences: Towards a (more) audience-driven and source-detached journalism? **Journalism Practice**, v. 7, n. 5, p. 572-587, 2013.

HARTLEY, John. Communicative democracy in a redactional society: The future of journalism studies. **Journalism**, v. 1, n. 1, p. 39-48, 2000. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/146488490000100107>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

HATCHER, John A.; THAYER, Dana. Assessing Collaboration in One Media Ecosystem. **Journalism Practice**, v. 11, n. 10, p. 1283-1301, 2017.

HEINRICH, Ansgard. Foreign reporting in the sphere of network journalism. **Journalism Practice**, v. 6, n. 5-6, p. 766-775, 2012.

HELLMUELLER, Lea; LI, You. Contest over content: A longitudinal study of the CNN iReport effect on the journalistic field. **Journalism Practice**, v. 9, n. 5, p. 617-633, 2015.

HEMMINGWAY, Emma. **Into the newsroom: exploring the digital production of regional television news**. London: Routledge, 2007.

HENN, Ronaldo; Salet, Beatriz. Novas narrativas fotográficas no ciberjornalismo: O acontecimento no campo do sensível. **Revista Eco-Pós**, v. 15, n. 1, p. 92-112, 2012. Disponível em: < https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1194/pdf>. Acesso em: 26 fev. 2018.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisi, MEDITSCH, Eduardo, e SILVA, Gislene (Org.). **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 21-34.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVEIRA, Felipe Moura de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 3, p. 77-95, 2015.

HENN, Ronaldo. Seis categorias para o ciberacontecimento. In: NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; SILVA, Alexandre Rocha da (Org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015. p. 208-227. Disponível em: < <http://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Semiotica-da-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

HEPP, Andreas; COULDRY, Nick. 2010. Introduction: Media Events in Globalized Media Cultures. In: COULDRY, Nick; HEPP, Andreas; KROTZ, Friedrich (Orgs.). **Media Events in a Global Age**. New York: Routledge, 2010. P. 1–20.

HERMIDA, Alfred. Twittering the news: the emergence of ambient journalism. **Journalism Practice**, v. 4, n. 3, p. 297-308, 2010.

HERMIDA, Alfred. Tweets and Truth: Journalism as a discipline of collaborative verification. **Journalism Practice**, v. 6, n. 5-6, p. 659-668, 2012.

HERMIDA, Alfred. Reconfiguring journalism research about Twitter, one tweet at a time. **Digital Journalism**, v. 1, n. 3, p. 295-313, 2013.

HOLANDA, André; QUADROS, Claudia; SILVA, Jan Alyne Barbosa Silva; PALACIOS, Marcos. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 57-76, 2008.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha. Jamais fomos autônomos. Mídia para além da purificação moderna. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 3, p. 478-495, 2014a.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha. **Traduzindo o jornalismo para tablets com a Teoria Ator-Rede**. 2014b. 309 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014. Disponível em: < <http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Andr%C3%A9-Holanda1.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

HOLTON, Avery E.; LAWSON, Sean; LOVE, Cynthia. Unmanned aerial vehicles: Opportunities, barriers, and the future of “drone journalism”. **Journalism Practice**, v. 9, n. 5, p. 634-650, 2015.

HUXFORD, John. The proximity paradox: Live reporting, virtual proximity and the concept of place in the news. **Journalism**, v. 8, n. 6, p. 657-674, 2007.

JAVA, Akshay; SONG, Xiaodan; FININ, Tim; TSENG, Belle. WhyWe Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities. In: ACM SIGKDD International Conference on Knowledge Discovery and Data Mining, 13., 2007, San Jose (EUA). **Anais eletrônicos...** Nova York: AMC, 2007. Disponível em: < <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1348556>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

JOHNSTON, Lisette. Social news = journalism evolution? How the integration of UGC into newswork helps and hinders the role of the journalist. **Digital Journalism**, v. 4, n. 7, p. 899-909, 2016.

JU, Alice; JEONG, Sun Ho; CHYI, Hsiang Iris. Will social media save newspapers? Examining the effectiveness of Facebook and Twitter as news platforms. **Journalism Practice**, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2014.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 80-91.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

KATZ, Elihu. The End of Journalism? Notes on Watching the War. **Journal of Communication**, vol. 42, n. 3, 1992.

KIM, Jooho; HASTAK, Marakand. Social network analysis: Characteristics of online social networks after a disaster. **International Journal of Information Management**, v. 38, n.1, p. 86-96, 2018.

KRACAUER, Siegfried. The Challenge of Qualitative Content Analysis. **Public Opinion Quarterly**, v. 16, n. 4, p. 631-642, 1952. Disponível em: <
<https://academic.oup.com/poq/article-abstract/16/4/631/1864191>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

KRISTENSEM, Nete Nørgaard; MORTENSEN, Mette. Amateur sources breaking the news, metasources authorizing the news of Gaddafi's death. **Digital Journalism**, v. 1, n. 3, p. 352-367, 2013.

LASICA, Joseph D. Blogs and Journalism Need Each Other. In: **Nieman Reports**, Cambridge, v. 57, n. 3, 70-74, 2003. Disponível em: <
<http://1e9svy22oh333mryr8314s02.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2014/04/03fall.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.

LAWRENCE, Regina. **The Politics of Force: Media and the Construction of Police Brutality**. Berkeley, University of California Press, 2000.

LEMOS, André. Espaço, mídia locativa e Teoria Ator-Rede. **Galáxia**, n. 25, p. 52-65, 2013.

LEMOS, André; HOLANDA, André. Do paradigma ao cosmograma: sete contribuições da Teoria Ator-Rede para a pesquisa em Comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 22., 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Compós, 2013. Disponível em: <
http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2050.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2018.

LEUVEN, Sarah Van; DEPREZ, Annelore; RAEYMAECKERS, Karin. Towards more balanced news access? A study on the impact of cost-cutting and Web 2.0 on the mediated public sphere. **Journalism**, v. 15, n. 7, p. 850-867, 2013.

LEWIS, Justin; CUSHION, Stephen. The Thirst To Be First: An analysis of breaking news stories and their impact on the quality of 24-hour news coverage in the UK. **Journalism Practice**, v. 3, n. 3, p. 304-318, 2009a.

LEWIS, Justin; CUSHION, Stephen. Towards a 'Foxification' of 24-hour news channels in Britain? An analysis of market-driven and publicly funded news coverage. **Journalism**, v. 10, n. 2, p. 131-153, 2009b.

LEWIS, Seth C.; WESTLUND, Oscar. Actors, Actants, Audiences, and Activities in Cross-Media News Work. **Digital Journalism**, v. 3, n. 1, p. 19-37, 2015.

LIVINGSTON, Steven. Beyond the "CNN Effect": The Media-Foreign Policy Dynamic. In: NORRIS, Pippa. (Org.). **Politics and the press: the news media and their influences**. London: Lynne Rienner, 1997.

LIVINGSTON, Steven; Bennett, Lance W. *Gatekeeping, Indexing, and Live-Event News: Is Technology Altering the Construction of News?* **Political Communication**, v. 20, n. 4, 2010.

LONGHI, Raquel; SOUSA, Maíra Cássia de. A dinâmica da notícia na internet: organizações jornalísticas e atores da rede. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, p. 511-529, 2012.

LOPES, Marcelo J. A. Epistemologia do jornalismo litigioso. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 10., 1997, Santos (SP). **Anais eletrônicos...** Santos: Universidade Católica de Santos e Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, 1997.

Disponível em: <

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4d2f8b69a46a75c61662da5ffa1f85b3.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera**. Madri: Cátedra, 1986.

_____. **Cultura y explosión, Lo imprevisible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

LUND, Maria Konow; OLSSON, Eva-Karin. When routines are not enough: Journalists' crisis management during the 22/7 domestic terror attack in Norway. **Journalism Practice**, v.10, n. 3, p. 358-372, 2015.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. **BOCC**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MAGALHÃES, Daniel Lima. Precisão, rapidez, robôs: um panorama atual do jornalismo algorítmico. **Temática**, v. 13, n. 8, 2017.

MAIN, Angus; FASS, John. Revealing the news: How online news changes without you noticing. **Digital Journalism**, v. 2, n. 3, p. 366-382, 2014.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MARCHETTI, Rita; CECCOBELLI, Diego. Twitter and television in a hybrid media system: The 2013 Italian election campaign. **Journalism Practice**, v. 10, n. 7, p. 844-855, 2016.

MARCHIONNI, Doreen. Conversational journalism in practice: A case study of The Seattle Times' 2010 Pulitzer Prize for Breaking News Reporting. **Digital Journalism**, v. 1, n. 2, p. 252-269, 2013.

MARKOPOULOS, Panos; DE RUYTER, Boris; MACKAY, Wendy. **Awareness Systems: advances in theory, methodology and design**, Dordrecht: Springer, 2009.

MARRIOTT, Stephanie. American election night and the journalism of assertion. **Journalism**, v. 8, n. 6, p. 698-717, 2007.

MAST, Jelle; HANEGREEFS, Samuel. When news media turn to citizen-generated images of war: Transparency and graphicness in the visual coverage of the Syrian conflict. **Digital Journalism**, v. 3, n. 4, p. 594-614, 2015.

McGUIGAN, Jim. **Cool Capitalism**. New York: Pluto Press, 2009.

McLEAN, Hamish; POWER, Mary R. When minutes count: Tension and trust in the relationship between emergency managers and the media. **Journalism**, v. 15, n. 3, p. 307-325, 2013.

McLUHAM, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

McQUAIL, Denis. **Journalism and Society**. London: Sage, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, 1998.

MEIJER, Irene Costera; KORMELINK, Tim Groot. Checking, sharing, clicking and linking: Changing patterns of news use between 2004 and 2014. **Digital Journalism**, v. 3, n. 5, p. 664-679, 2015.

MELLO, Aline Ferreira de. **A curadoria de informação aplicada ao jornalismo: Uma análise comparativa de aplicativos móveis**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7429>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

MENDOZA, Marcelo; POBLETE, Barbara; CASTILLO, Carlos. Twitter Under Crisis: Can we trust what we RT? In: Workshop on Social Media Analytics (SOMA), 1., 2010, Washington (EUA). **Anais eletrônicos...** Washington: ACM, 2010. Disponível em: <http://snap.stanford.edu/soma2010/papers/soma2010_11.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MISCHAUD, Edward. Twitter: **Expressions of the Whole Self: An investigation into user appropriation of a web-based communications platform**. 2007. 50 f. Dissertação (Mestrado em Politics and Communication) - Department of Media and Communications, London School of Economics and Political Science, Londres, 2007. Disponível em: <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/mediaWorkingPapers/MScDissertationSeries/Past/Mishaud_Final.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MORAGAS, Nádia Silva. **O texto jornalístico no Twitter**: nomeação interativa e creditação interativa se apresentam como novas competências numa análise do The Guardian e El País. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013. Disponível em: < <http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Nadia-Moragas.pdf> >. Acesso em: 28 mar. 2018.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O “jornalismo cidadão” e o mito da tecnologia redentora. **Brazilian Journalism Review**, v. 10, n. 2, p. 248-271, 2014.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan; TEIXEIRA, Felipe Pontes. A integração da redação de *O Globo*: questões sobre o jornalismo na era da incerteza. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 10., 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: SBPJor, 2012. Disponível em: < http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/10encontro/sylvia_debossan_moretzsohn_felipe_pontes_teixeira.pdf >. Acesso em: 1 mar. 2018.

MORTENSEN, Mette. Conflictual media events, eyewitness images, and the Boston marathon bombing (2013). **Journalism Practice**, v. 9, n. 4, p. 536-551, 2015.

MORTENSEN, Tara Marie. Blurry and centered or clear and balanced? Citizen photojournalists and professional photojournalists’ understanding of each other’s visual values. **Journalism Practice**, v. 8, n. 6, p. 704-725, 2014.

MUDHAI, Okoth Fred. Immediacy and openness in a digital Africa: Networked-convergent journalisms in Kenya. **Journalism**, v. 12, n. 6, p. 674-691, 2011.

MUTHUKUMARASWAMY, Karthika. When the media meet crowds of wisdom: how journalists are tapping into audience expertise and manpower for the processes of newsgathering. **Journalism Practice**, v. 4, n. 1, p. 48-65, 2010.

NETTO, Andrei. **O silêncio contra Muamar Kadafi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NEWMAN, Nic. **The Rise of Social Media and Its Impact on Mainstream Journalism**. Oxford: Oxford University: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2009. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/rise-social-media-and-its-impact-mainstream-journalism>>. Acesso : 30 mar. 2018.

NEWMAN, NIC (2010) “Journalism and Technology Predictions 2011”, The Media Briefing, <http://www.themediabriefing.com/resource/media-market-journalism-and-technology-predictions-2011-by-nic-newman>, accessed 15 July 2011.

NILSSON, Maria; WADBRING, Ingela. Not good enough? Amateur images in the regular news flow of print and online newspapers. **Journalism Practice**, v. 9, n. 4, p. 484-501, 2015.

NGUYEN, An. Harnessing the potential of online news: Suggestions from a study on the relationship between online news advantages and its post-adoption consequences. **Journalism**, v. 11, n. 2, p. 223-241, p. 2010.

NOLAN, Markham. **How to separate fact and fiction online**. Google, 2012. (13 min 29 s). Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=sNV4yIyXXX0>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, Jacques. **Fazer História**. São Paulo: Bertrand, 1974.

PANTTI, Mervi; SIRÉN, Stefanie. The fragility of photo-truth: Verification of amateur images in Finnish newsrooms. **Digital Journalism**, v. 3, n. 4, p. 495-512, 2015.

PAPADOPOULOS, Kari Andén; PANTTI, Mervi. Re-imagining crisis reporting: Professional ideology of journalists and citizen eyewitness images. **Journalism**, v. 14, n. 7, p. 960-977, 2013.

PAULUSSEN, Steve; HARDER, Raymond A. Social media references in newspapers: Facebook, Twitter and YouTube as sources in newspaper journalism. **Journalism Practice**, v. 8, n. 5, p. 542-551, 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O jornalista on-line: um novo status profissional?** Uma análise sobre a produção da notícia na internet a partir da aplicação do conceito de 'jornalista sentado'. 2003. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2003. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-jornalista-on-line-novo-status.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

PEREIRA, Fábio Henrique. A produção jornalística na internet e a construção da identidade profissional do webjornalista. In: Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, 5., 2004, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2004. Disponível em: < <http://www.ca.ubi.pt/~webjornalismo/sections.php?op=viewarticle&artid=98>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

PFAUTH, Ernst-Jan. **Here's what happened to that world-record in journalism crowdfunding**. São Francisco, 30 set. 2014. Disponível em: <<https://medium.com/de-correspondent/heres-what-happend-to-that-world-record-in-journalism-crowdfunding-cc5bac50b812>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

PHILLIPS, Angela. Sociability, speed and quality in the changing news environment. **Journalism Practice**, v. 6, n. 5-6, p. 669-679, 2012.

PICARD, Robert G. Twilight or New Dawn of Journalism? **Digital Journalism**, v. 2, n. 3, p. 273-283, 2014.

POEL, Thomas; BORRA, Erik. Twitter, YouTube, and Flickr as platforms of alternative journalism: The social media account of the 2010 Toronto G20 protests. **Journalism**, v. 13, n. 6, p. 695-713, 2012.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, 2013.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo (UFF)**, v. 14, p. 37-56, 2006.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, 2012.

PRIMO, Alex; ZAGO, Gabriela. Who and what do journalism? An actor-network perspective. **Digital Journalism**, v. 3, n. 1, 38-52, 2015.

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **Profissão Jornalista: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia**. 2005. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2005. Disponível em: < <https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/michelleroxo.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2018.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A semiose da notícia em ambiente de crise: movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea**. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2016. Disponível em: < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5372>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

OLSSON, Eva-Karin. Rule regimes in news organization decision making: Explaining diversity in the actions of news organizations during extraordinary events. **Journalism**, v. 10, n. 6, p. 758-776, 2009.

OLSSON, Eva-Karin. Defining Crisis News Events. **Nordicom Review**, v. 31, n. 1, p. 87-101, 2010.

ONTOLOGIA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OSÓRIO, Moreno Cruz. Usos da razão no jornalismo em rede: uma proposta de reflexão para as coberturas de breaking news online. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 12., 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos...** Santa Cruz do Sul: SBPJor, 2014. Disponível em: < http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/12encontro/comunicacoes_individuais/3871.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

OSÓRIO, Moreno Cruz. O jornalismo em meio à crise sistêmica: uma proposta de observação a partir da Teoria Ator-Rede. In: Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015, 14., 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ECA-USP, 2015. Disponível em: < http://www.assibercom.org/download/Ibercom_2015_Anais_Completo.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

RAMOS, Daniela Osvald. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In: CORRÊA, Elizabeth Nicolau Saad (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. Livro eletrônico. p. 11-21.

REESE, Stephen. The New Geography of Journalism Research: levels and spaces. **Digital Journalism**, v. 4, n. 7, p. 816-826, 2016.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. **Revista Líbero**, v. 12, n. 24, p. 81-94, 2009. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%9CCredes-que-importam%E2%80%9D.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre, Sulina, 2015.

REDAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

REINO, Lucas Santiago Arraes. **Jornalismo baseado em localização**: uma análise das potencialidades na produção e no consumo de notícias. 2015. 248 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7814> >. Acesso em: 28 mar. 2018.

REZENDE, Ivan Satuf. **Aplicativos agregadores de informação jornalística para dispositivos móveis**: Uma exploração pela Teoria Ator-Rede. 2016. 289 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Universidade da Beira Interior (Artes e Letras), Covilhã, 2016. Disponível em: < <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4364>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

RIEGERT, Kristina; OLSSON, Eva-Karin. The importance of ritual in crisis journalism. **Journalism Practice**, v. 1, n. 2, p. 143-158, 2007.

ROBINSON, Piers. **The CNN Effect**: The myth of news, foreign policy and intervention. New York: Routledge, 2002.

ROCHA, Jorge. O papel dos jornalistas nos processos interacionais do Participatory Journalism. **Mediação**, Belo Horizonte, n. 5, p. 52-62, novembro de 2006.

ROCHA, Jorge. Por uma Cartografia da Informação Funções do webjornalista no ciber mundo colaborativo. In: Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 12., 2009, Belo Horizonte.

Anais eletrônicos... Belo Horizonte: Pitágoras, Una e Uni-BH, 2009. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=514&cf=18>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

ROSÁRIO, Nísia Martins do: Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In MALDONADO, Alberto. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins (Orgs.): **Perspectivas metodológicas em Comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 195-220.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na Comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

ROCHA, Israel Jesus. Teoria-ator-rede e práticas de pesquisa: Notas sobre alguns usos nas pesquisas em comunicação. **Verso e Reverso**, v. 29, n. 71, p. 115-122, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

RUSSEL, Adrienne. Innovation in hybrid spaces: 2011 UN Climate Summit and the expanding journalism landscape. **Journalism**, 14, n. 7, p. 904-920, 2013.

RUSSEL, Frank Michael; HENDRICKS, Marina A.; CHOI, Heesook; STEPHENS, Elizabeth Conner. Who sets the news agenda on Twitter? Journalists' posts during the 2013 US government shutdown. **Digital Journalism**, v. 3, n. 6, p. 925-943, 2015.

SALLES, Cecilia Almeida. Jornalismo em processo. In: Encontro Anual da Compós, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1677.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SALTZIS, Kostas. Breaking news online: How news stories are updated and maintained around-the-clock. **Journalism Practice**, v. 6, n. 5-6, p. 702-710, 2012.

SCHIAVONI, Jaqueline Esther. **Vinheta institucional**: uma análise sobre o processo de construção da identidade audiovisual da Rede Globo de Televisão. 2014. 159 f. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-30012015-101702/pt-br.php>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SCHIFFERES, Steve; NEWMAN, Nic; THURMAN, Neil; CORNEY, David; GÖKER, Ayse; MARTIN, Carlos. Identifying and Verifying News through Social Media. **Digital Journalism**, v. 2, n. 3, p. 406-418, 2014.

SCHIFFRIN, Anya; FAGAN, Ryan. Are we all Keynesians now? The US press and the American Recovery Act of 2009. **Journalism**, v. 14, n. 2, p. 151-172, 2012.

SCHMIDT, Kjeld; HEATH, Christian; RODDEN, Tom. Preface. **Computer Supported Cooperative Work (CSCW)**, v. 11, n. 3-4, p. 3-4, 2010. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1021259125503>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SCHOLL, Armin; WEISCHENBERG, Siegfried. **Journalismus in der Gesellschaft: Theorie, Methodologie und Empirie**. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1998.

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SCHWALBE, Carol B.; SILCOCK, B. William; CANDELLO, Elizabeth. Gatecheckers at the visual news stream: a new model for classic *gatekeeping* theory. **Journalism Practice**, v. 9, n. 4, p. 465-483, 2015.

SHOEMAKER, Pamela; REESE, Stephan **Mediating the Message in the 21st Century: A Media Sociology Perspective**. New York: Longman, 2014.

SEIBT, Taís. **Redação Integrada: a experiência do jornal Zero Hora no processo de convergência jornalística**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4276>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

SIEGELBAUM, Sasu; THOMAS, Ryan J. Putting the work (back) into newswork: Searching for the sources of normative failure. **Journalism Practice**, v. 10, n. 3, p. 387-404, 2016

SILVERMAN, Craig. **Verification Handbook**. Maastricht: European Journalism Centre, 2014. Disponível em: < <https://verificationhandbook.com/>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SILVERMAN, Craig. **Lies, damn lies, and viral content: how news websites spread (and debunk) online rumors, unverified claims and misinformation**. Columbia University: Tow Center for Digital Journalism, 2015. Disponível em: < http://towcenter.org/wp-content/uploads/2015/02/LiesDamnLies_Silverman_TowCenter.pdf>. Acesso em 13 mar. 2018.

SINGER, Jane B. Still Guarding the Gate? The Newspaper Journalist's Role in a On-line World. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 3, n. 1, p. 72-89, 1997.

SINGER, Jane B. Community service: Editor pride and user preference on local newspaper websites. **Journalism Practice**, v. 5, n. 6, p. 623-642, 2011.

SMITH, Philippa K.; SISSONS, Helen. Social media and a case of mistaken identity: A newspaper's response to journalistic error. **Journalism**, Article first published online: December 15, 2016. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884916683551>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SONVILLA-WEISS, Stephan. **Mashup Culture**. Mörlenbach, Alemanha: Springer-Verlag, 2010.

STEARNS, Josh. **Acts of Journalism: Defining Press Freedom in the Digital Age**. Nova York: Free Press, 2013.

THURMAN, Neil; SCHIFFERES, Steve; FLETCHER, Richard; NEWMAN, Nic; HUNT, Stephan; SCHAPALS, Aljosha Karim. Given computers a nose for news: Exploring the limits of story detection and verification. *Digital Journalism*, v. 4, n. 7, p. 838-848, 2016.

TORRES, Vitor. **O curador de informação em produtos agregadores de notícias**. 2013. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14588>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

TREMAYNE, Mark; CLARK, Andrew. New perspectives from the sky: Unmanned aerial vehicles and journalism. *Digital Journalism*, v. 2, n. 2, p. 232-246, 2014.

TUCHMAN, Gaye. Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 79, n. 1, p. 110-131, Jul. 1973.

TUGGLE, C. A.; HUFFMAN, Suzanne. Live News Reporting: Professional Judgment or Technological Pressure? A National Survey of Television News Directors and Senior Reporters. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 43, n. 4, p. 492-505, 1999.

TUMBER, Howard; BROMLEY, Michael; ZELIZER, Barbie. Editorial. *Journalism*, v. 1, n. 1, p. 5-8, 2000.

VASCELLARO, Jessica E. Twitter Trips on Its Rapid Growth. *Wall Street Journal*. Nova York, mai. 2009. Disponível em: < <https://www.wsj.com/articles/SB124329188281552341>>. Acesso em 30 mar. 2018.

VEENSTRA, Aaron S.; IYER, Narayanan; PARK, Chang Sup; ALAJMI, Fawaz. Twitter as “a journalistic substitute”? Examining #wiunion tweeters’ behavior and self-perception. *Journalism*, v. 14, n. 4, p. 488-504, 2015.

VIEWEG, Sarah; HUGHES, Amanda L.; STARBIRD, Kate; PALEN, Leysia. Microblogging During Two Natural Hazards Events: What Twitter May Contribute to Situational Awareness Sarah. In: ACM Conference on Human Factors in Computing Systems, 28., 2010, Atlanta, EUA. *Anais eletrônicos...* Nova York: ACM, 2010. Disponível em: < <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1753486>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

VIS, Farida. Twitter as a reporting tool for breaking news. *Digital Journalism*, v. 1, n. 1, p. 27-47, 2013.

WALL, Melissa; ZAHED, Sahar El. Embedding content from Syrian citizen journalists: The rise of the collaborative news clip. *Journalism*, v. 16, n. 2, p. 163-180, 2015.

WAHL-JORGENSEN, Karin. News production, ethnography, and power: On the challenges of newsroom-centricity. In: Bird, S. Elizabeth (Ed.). **The Anthropology of News and Journalism: Global Perspectives**. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

WARDLE, Claire; Derakhshan, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível

em: < <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation-1.pdf?x69924>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

WEAVER, David H.; WILLNAT, Lars. Changes in U.S. Journalism: How do journalists think about social media? **Journalism Practice**, v. 10, n. 7, p. 844-855, 2016.

WEICK, Karl E.. The Collapse of Sensemaking in Organizations: The Mann Gulch Disaster. **Administrative Science Quarterly**, v. 38, n. 4, p. 628-652, 1993.

WEINBERG, David. **Too Big to Know**. Basic Book, 2012. Documento disponível para Kindle.

WEINGRILL, Nina. **Falta diversidade no jornalismo brasileiro**. São Paulo, 17 mar. 2017. Disponível em: < <https://enoisconteudo.com.br/testimonial/falta-diversidade-no-jornalismo-brasileiro/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

WEISS, Amy Schmitz; DOMINGO, David. Innovation processes in online newsrooms as actor-networks and communities of practice. **New Media & Society**, v. 12, n. 7, p. 1156-1171, 2010.

WIDHOLM, Andreas. Tracing online news in motion: Time and duration in the study of liquid journalism. **Digital Journalism**, v. 4, n. 1, p. 24-40, 2016.

WILLNAT, Lars; WEAVER, David; CHOI, Jihyang. The Global Journalist in the Twenty-First Century: a cross-national study of journalistic competencies. **Journalism Practice**, v. 7, n. 2, p. 163-183, 2013. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2012.753210>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ZAGO, Gabriela. **Recirculação jornalística no twitter**: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. 2011. 201 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28921>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

ZAGO, Gabriela. **Circulação e Recirculação de Narrativas do Acontecimento no Jornalismo em Rede**: A Copa do Mundo de 2014 no Twitter. 2014. 2017 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/109008>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

ZELIZER, Barbie. Os Jornalistas enquanto Comunidade Interpretativa. **Revista Comunicação & Linguagens**, v. 27, p. 33-61, 2000.